



Da mesma  
autora de  
*Bem  
profundo*

PORTIA DA COSTA

# O desconhecido





Da mesma  
autora de  
*Bem  
profundo*

PORTIA DA COSTA

# O desconhecido

 Planeta



**PORTIA DA COSTA**

O desconhecido

TRADUÇÃO

Júlio de Andrade Filho

Copyright © Portia Da Costa, 1997

Publicado originalmente pela Virgin Books' Black Lace. Virgin Books é um selo da Ebury Publishing House, Ran-dom House Group Company.

*Título original:* The Stranger

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

[www.editoraplaneta.com.br](http://www.editoraplaneta.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

Preparação: Olga Sérvulo

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Projeto gráfico: Julia Riveh

Projeto de capa: Julia Riveh

Capa: Leslie Morais

Imagens de capa: © Michael Heissner/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

C875d

Costa, Portia Da

O Desconhecido / Portia Da Costa ; [tradução Júlio de Andrade Filho]. - São Paulo : Planeta, 2013.

304 p. : 23 cm

Tradução de: The stranger

ISBN 978-85-422-0171-0

1. Ficção inglesa I. Andrade Filho, Júlio de. II. Título.

13-1410. CDD: 823 CDU: 821.111-3

PORTIA DA COSTA é uma das autoras mais renomadas da literatura erótica. Ela escreveu *Continuum*, *Entertaining Mr. Stone*, *Gothic Blue*, *Gothic Heat*, *Hotbed*, *Kiss it Better*, *Shadowplay*, *Suite Seventeen*, *The Devil Inside* e *The Tutor*, além de *Bem Profundo*, *best-seller* no mercado brasileiro.

## CAPÍTULO UM

### O HOMEM NO RIO

Ali estava, aquilo era uma tempestade chegando.

Cláudia Marwood olhou para o céu e, vendo apenas sua alta abóboda azul encoberta por uma fina camada de nuvens, como se fosse uma gaze, perguntou-se por que achava tão agourenta aquela vista maravilhosa. Era um dia de verão perfeito – um daqueles dias clássicos –, mas algo dentro dela sentiu a ameaça distante do trovão. Ela não podia ouvir ou ver a tempestade, mas sabia que estava a caminho.

Idiota!

Fez uma pausa na copa, olhando para seu guarda-chuva e seu casaco leve de algodão que, às vezes, usava no jardim em dias mais frios. *Não seja covarde!*, disse a si mesma com firmeza, pegando apenas um amplo chapéu de sol de palha, com uma fita amarela amarrada, antes de sair para o pátio azulejado na parte de trás da casa. *Se chover, você vai se molhar. Então, qual o problema? Isso não vai te matar!*

Enquanto cruzava o gramado, ajustando o ângulo do chapéu conforme caminhava, Cláudia analisou sua súbita e pequena bravata. Ela se sentia selvagem, de alguma forma, e um pouco ousada até.

De repente, ocorreu-lhe que estava se sentindo realmente muito feliz.

Que alívio! Finalmente! Caminhando mais depressa, quase saltando, ela gostava da elasticidade que sentia sob suas sandálias e que emanava do gramado impecavelmente cortado, e de repente sentiu-se levemente tonta por um segundo, quando inalou os ricos odores de seus canteiros abundantemente guarnecidos. As rosas, as ervilhas-de-cheiro, os arbustos perfumados.

Bom Deus, era verão, ela estava totalmente em forma, não tinha compromissos e não havia nada que *tivesse* que fazer! Os pombos estavam arrulhando enquanto as abelhas pairavam sobre as rosas e os gerânios, e ela também compartilhou de sua inquestionável alegria.

Na parte inferior do jardim, um pequeno portão com um alpendre conduzia ao bosque que ficava atrás, e o caminho que o cruzava descia em direção ao rio. Conforme Cláudia passou pelo portão, sentiu outra onda de satisfação. Esta era também sua propriedade e podia desfrutar de seu passeio em paz sem encontrar outros caminhantes. Essa nova sensação tinha uma qualidade delicada, e ela queria examinar e analisar o sentimento, não desejando que ele estourasse em sua cara de repente, como um balão, antes de poder saboreá-lo. Ela iria querer novas pessoas a seu redor em breve, tinha certeza disso, mas por enquanto sentia-se mais confortável sozinha ou apenas com seus amigos mais próximos.

O bosque em uma tarde de verão era um lugar mágico para se ficar sozinho. Aquela sombra mesclada era verde e fresca; viva, mas tranquila e densa, com uma qualidade amimada de esperança.

Era o tipo de lugar em que se poderiam imaginar duendes e elfos, embora apenas os pombos, as folhas farfalhantes e o rio próximo estivessem conversando entre si.

Não que aquele não fosse um ótimo lugar para se partilhar com alguém, pensou ela, esperando por uma pontada de dor, e então voltou a sorrir quando, felizmente, a dor não veio. Apenas lembranças felizes vieram à tona. Ela e Gerald, em outra caminhada no verão, após a refeição, os dois meio tontos e de pilequinho por causa de um bom vinho. Eles tinham rolado na vegetação rasteira e dado uma bela trepada aqui, debaixo de uma árvore antiga que estava à sua direita. Eles haviam gozado ruidosamente entre as formigas, os galhos e a lama.

*A gente fazia as coisas direito juntos, pensou, a gente se entendia completamente.* Seu sorriso se tornou melancólico. Claro, havia algumas rugosidades – a diferença de idade e a devoção de Gerald a seus negócios significavam que aquelas transadas frenéticas nos arbustos eram bastante raras –, mas apenas os momentos felizes é que ficaram impressos em sua memória. Ela imaginou estar vendo onde a grama e as samambaias tinham sido esmagadas e sentindo a terra sob suas costas enquanto celeb-rava a vida com seu amor, seu marido.

Mas a próxima vez não seria com Gerald, não é? Seu querido esposo tinha falecido havia oito meses. Ela iria encontrar um novo amante no bosque um dia desses, quando fosse o momento certo.

E a sombra sorridente de seu marido iria torcer por eles.

Não seja esquisita, Cláudia, ela ordenou a si mesma, caminhando com ousadia para a frente, e tropeçando ocasionalmente nas raízes das árvores ou nas trepadeiras que apareciam pelo caminho.

No relativo silêncio daquela parte do bosque, ela gradualmente tornou-se consciente de que o som da água ali adiante estava um pouco mudado. O fluxo tranquilizante do rio ainda era um calmante sussurro, mas havia um ruído arrítmico de água sendo espirrada também, o som causado por uma ocupação

humana. No local onde o leito do rio se dividia, desviado por uma ilha de pedras, havia uma lagoa, ampla e convidativa, e, pelo som que ela conseguia ouvir, alguém estava tomando banho lá.

Cláudia franziu o cenho. Não que ela se ressentisse do acesso das pessoas a sua propriedade, até porque não estava claramente marcada como propriedade privada ou cercada de alguma forma. Mas é que ela se sentia protegida por aquela pequena reserva de equilíbrio tão duramente conquistada, e seu súbito e renovado broto de felicidade.

Apesar de suas dúvidas, porém, ela seguiu em frente. Você vai ter que sair da toca em algum momento, dona Marwood, disse Cláudia a si mesma, e bem que poderia ser agora. Ela quase podia sentir Gerald atrás dela, empurrando-a para a frente.

Mas, quando estava prestes a sair na clareira e revelar-se, uma dose de sexto sentido lhe disse para se segurar. Tirando o chapéu, manteve-se quieta, respirando bem devagar, e então se arriscou a esticar a mão e afastar um pouco a vegetação para o lado e dar uma espiada na área aberta mais adiante.

Sentado em uma pedra, onde muitas vezes ela mesma se sentara para balançar os pés na lagoa, estava um homem nu, balançando os pés na água. Alto e parecendo jovem, tinha cabelo castanho comprido e encaracolado, e estava olhando atentamente para baixo, para a área tranquila da água em torno de seus tornozelos. O que quer que estivesse vendo, aquilo o fazia franzir as sobrancelhas.

Logo que superou o choque inicial de ver a nudez do jovem, Cláudia se permitiu respirar plenamente de novo e estudar sua aparência com mais atenção. Ele era muito bonito, ela logo percebeu isso. Muito bonito, de um tipo incomum, diria. Mas havia algo de errado, algo perturbador nele. Obviamente tinha sido esse homem o responsável pelo som de água sendo espirrada que tinha ouvido, porque sua pele branca e pálida estava molhada com os respingos, mas agora ele observava seu próprio reflexo, como que esquecido de tudo. Seu rosto anguloso e de certa forma juvenil era certamente uma visão que Cláudia ficaria olhando alegremente por todo o tempo que ele permitisse, mas a maneira pela qual o rapaz estava se contemplando não era de forma nenhuma narcisista. Na verdade, ele parecia muito preocupado, quase como se estivesse com medo de suas próprias características tão atraentes.

*E você levou uma surra também, não é, desconhecido?* , pensou Cláudia, notando que o liso e musculoso corpo do jovem exibia alguns hematomas espetaculares na área das costelas e coxas. Quando ele levantou o braço e afastou o cabelo selvagem que caía sobre a testa, ela viu que também havia uma mancha de um vermelho desagradável na fronte. Quando ele tocou essa área e estremeceu, ela estremeceu com ele, mas quando, depois de uma pausa, o rapaz levantou-se lenta e graciosamente, e ficou de pé, o que ela viu a fez esquecer todos os pensamentos de dor.

Oh sim! Oh sim, sim, sim!

Cláudia sentiu uma vontade louca de uivar como uma loba, mas manteve o som como um tributo silencioso dentro de sua mente. Quem quer que fosse esse misterioso desconhecido, seu corpo era familiar a seus sentidos. Ele tinha exatamente o tipo de corpo que Cláudia sempre preferira em um homem. Magro e elegante, mas parecendo forte, com membros firmes e bonitos e um peito que era profundamente bem definido e livre de pelos. Seu pênis oscilante era considerável e claramente atrevido. Cláudia teria gostado de olhar mais de perto essa parte especial do corpo dele, mas o rapaz escolheu esse momento para pular de volta para dentro da água.

Sob o pretexto da comoção aquática, Cláudia se arrastou um pouco para mais perto e se agachou de uma forma mais confortável. Apesar de sua preocupação com os ferimentos do jovem, sua emoção enquanto o observava era avassaladora, um sentimento clandestino e delicioso que se acelerava dentro do corpo como um vinho fortificante. Ele era tão lindo, tão atraente, tão inconsciente da presença dela. Ela sentia como se estivesse roubando o prazer de seu corpo jovem e cativante.

*Você deveria ter vergonha de si mesma, mulher*, Cláudia repreendeu-se, sorrindo bastante e sentindo-se ainda melhor do que antes. Ela era viúva, e chegando perto demais da meia-idade para seu gosto, mas a visão desse homem, tão inocentemente vulnerável e ainda assim tão tentador, encheu sua vagina com um choque súbito de desejo.

*Quem é você, desconhecido?*, pensou ela, sentindo seu próprio corpo ganhando vida sob o vestido de algodão e as mínimas roupas de baixo, que usava por causa do verão. *E o que você está fazendo aqui no meu pedacinho de rio?*

Depois de alguns instantes, o que ele estava fazendo dentro d'água tornou-se bastante evidente.

Enquanto Cláudia assistia de seu esconderijo, seu coração martelando loucamente e as pontas dos dedos formigando com a impossibilidade de tocá-lo, o jovem começou uma improvisada, estranha, mas rigorosa toalete.

Primeiro ele mergulhou a cabeça, depois se levantou novamente, esfregando seu cabelo despenteado e fazendo os movimentos como se estivesse esfregando-os com xampu. Lavou o rosto com cuidado também, passando os dedos sobre o queixo como se estivesse monitorando o comprimento de sua barba. Seu encolher de ombros desapontado indicou que ele provavelmente preferia ter se barbeado, mas como claramente não havia nada que pudesse fazer quanto a isso, deixou correr água sobre os braços e costas e ombros, de novo e de novo e de novo; tanto que Cláudia quis dar uma corrida de volta para casa e voltar com toalhas e xampu e gel, e todos aqueles caros e perfumados produtos de beleza que um homem tão meticuloso quanto aquele certamente apreciaria. Ele estava até mesmo esfregando freneticamente seus dentes e suas gengivas com a ponta do dedo indicador.

Quando achou que tinha cuidado o suficiente da parte superior do corpo, o jovem se deslocou para as margens, em águas mais rasas, a fim de lavar-se abaixo da cintura.

Cláudia prendeu a respiração novamente. Acreditando-se sozinho, o seu jovem deus estava completamente desinibido, e, depois de limpar bem suas pernas e coxas, começou a massagear livremente com água suas nádegas e seus genitais. Cláudia assistiu com os olhos arregalados enquanto ele meticulosamente se examinava e mexia em si mesmo, e então compartilhou seu sorriso irônico e inesperadamente ensolarado quando a inevitável reação física ocorreu.

Ela se esforçou para não suspirar e engasgar quando o pênis do jovem desconhecido inchou em uma ereção longa e dura entre os dedos. Enquanto ele lidava com isso, seu rosto magro e jovem tornou-se mais tranquilo, perdendo aquela expressão de medo e de tristeza preocupada que parecia assombrá-lo. Em meio à sua própria excitação – uma onda de calor úmido entre as pernas, que era tão repentina e tão abundante que chocou Cláudia –, ela percebeu que acariciar a si mesmo era um conforto para aquele rapaz, tanto quanto o próprio ato sexual. Ele parecia mais calmo pelas respostas de seu corpo.

Mas isso não tirava nada do erotismo de seu desempenho.

Enquanto os olhos dele se fechavam e a cabeça se inclinava para trás, Cláudia sentiu como se uma porta que vinha empurrando finalmente tivesse ficado completamente aberta. As sensações que estavam gradualmente voltando eram de fato intensas. Observando os dedos brilhantes do jovem no rio, ela deu permissão a si mesma para esticar a mão e agarrar sua virilha.

Ela queria rir. Ela queria chorar. Queria se deitar no chão, abrir totalmente as pernas e gozar até que não conseguisse mais enxergar direito. Mas, acima de tudo, queria agradecer ao seu místico jovem desconhecido.

Aquele broto de felicidade era agora uma flor aberta.

## **CAPÍTULO DOIS**

### **UM BELO DIA**

A tempestade tinha chegado. Ou, pelo menos, os relâmpagos e trovões estavam ali, e a chuva purificadora não devia estar muito atrás deles.

Não que Cláudia estivesse muito preocupada com isso. Essas tempestades violentas às vezes a perturbavam, especialmente se fossem daquele tipo wagneriano. Mas, nesta noite, sua mente estava totalmente ocupada, principalmente com aquele jovem desconhecido e nu que descobrira no rio.

Ela não conseguia afastar de sua mente a imagem do rapaz. Era como se fosse um filme com um foco suave que se reproduzia continuamente dentro de sua cabeça. Primeiro ele observava a si mesmo, então se lavava e depois se masturbava. Ela ainda conseguia ouvir seu grito sufocado de triunfo quando seu sêmen atingiu a água como fios de seda branca; ela ainda podia ver quando o rapaz vacilou e então desmoronou sobre a terra macia da margem, com os olhos fechados e o peito pálido se elevando e descendo com a doce liberação da tensão.

*Você devia ter saído de trás daquele arbusto e se apresentado, sua idiota,* disse Cláudia a si mesma, embalando-se na água perfumada de sua banheira e pensando no quanto ele teria adorado aquele seu sabonete cremoso e o perfume de seu óleo de banho aromaterapêutico. Cláudia tentou imaginar o rapaz dentro da banheira com ela (era uma banheira grande e com espaço suficiente para os dois), as mãos *dele* acariciando seu corpo, e não as mãos dela.

Sua própria mão derivou até a virilha, e ela estava prestes a abrir aquele tapete louro de seus pelos pubianos e tocar-se uma vez mais quando um estrondo especialmente alto de trovões deteve seus dedos.

– Tudo bem... Agora já chega – disse ela, rindo baixinho e concordando com o moderador celestial que havia decretado, através do ruído trovejante dos elementos, que se masturbar até chegar ao orgasmo por três vezes durante o banho já era mais do que suficiente, muito obrigado, garota! Haver-

ia um montão de outras oportunidades mais tarde, se ela ainda sentisse essa velha necessidade, tão familiar.

*Sem chance de não sentir tesão,* pensou Cláudia, saindo da água e alcançando uma toalha do suporte aquecido, *já que não consigo parar de pensar no meu delicioso desconhecido do rio.*

Ela havia se contido naquela hora, com medo de perturbar o rapaz. Ela era uma daquelas amantes barulhentas, com a tendência de gritar quando a paixão a dominava, e fazia tanto tempo desde que sentira orgasmo pela última vez que não achava que conseguiria vivenciar mais um em silêncio.

Depois de seu próprio orgasmo, ele parecia ter caído no sono, seu corpo comprido tão imóvel como se tivesse desfalecido, e os braços esticados numa posição vagamente cruciforme. Cláudia ficou observando o jovem durante algum tempo, sentindo uma sensação de alívio quando viu o peito do rapaz se movimentando lentamente para cima e para baixo enquanto respirava. Ele não estava morto, afinal, apenas dormindo.

*Quem diabos é você, meu garotinho perdido ?*, perguntou-se ela, afofando o cabelo louro e curto com mechas, e pensando nos revoltos cabelos castanhos cacheados do homem.

*Quem é você?*, ela pensou novamente, e começou a se perguntar por onde andaria agora aquele belo adormecido. Ele poderia muito bem estar por perto. Ela odiou a ideia de que ele pudesse agora estar dormindo ao relento, mas concluiu que, se o rio era seu banheiro, então o teto de seu quarto provavelmente seria o céu.

*E o que é você?*, perguntou a ele silenciosamente, enquanto ficava de pé nua diante do espelho e espalhava um leve creme nutritivo no rosto. Parte de sua atenção estava voltada para seu próprio corpo, *carne firme*, que era um pouco mais curvilíneo do que gostaria que fosse, mas, para uma mulher na casa dos quarenta anos, era ainda tranquilizadamente feminino. A outra parte, maior, ainda ponderava sobre o enigma daquele desconhecido.

Sim, o que era ele?

Um vagabundo, um viajante da Nova Era, talvez?

Ele parecia jovem demais, no entanto, para ser o primeiro, e limpo demais para ser o segundo.

As caravanas da Nova Era passavam pela cidade algumas vezes, a caminho dos antigos menires do terreno próximo, mas eram grupos grandes. Aquele seu forasteiro que se banhava no rio viajava definitivamente sozinho.

Mas, e se ele fosse um prisioneiro foragido? Ou um paciente mental fugitivo de alguma instituição? Cláudia tremeu, mesmo naquele banheiro quente e úmido. Ela se perguntou novamente se aquele homem poderia estar por perto.

Rosqueando firmemente a tampa do pote do hidratante, ela descartou aquelas hipóteses mais ameaçadoras. Aquele homem misterioso parecia alguém confuso, quase que desorientado, mas aparentemente sabia muito bem o que estava fazendo. E as roupas dele que viu de relance – um casaco comprido e escuro e calças de um cinza claro pendurados num arbusto, e as meias, camisa e cueca secando sobre uma pedra – não se pareciam com uniformes de prisão e nem de qualquer instituição.

A menos, claro, que tivessem sido roubadas.

Um trovão resmungou de novo, como gigantescas rochas rolando por um barranco, e Cláudia esticou a mão para pegar seu quimono de seda vermelho, deslizando para dentro dele. Esta noite ela havia

rejeitado sua camisola atalhada de costume, desalinhada e sem graça, e aquele robe vermelho cintilante, um presente que Gerald lhe trouxera de uma viagem de negócios ao Oriente, lhe parecia a escolha apropriada para seu estado de humor autoindulgente. A seda era fria em contato com a pele, ainda excitada, e, enquanto descia as escadas para fazer seus preparativos para uma noite de mimos sensuais, o robe balançava e se agitava em torno de suas coxas como uma brisa fresca.

*Além disso, ele era bonito demais para ser um criminoso*, ela pontuou para si mesma, pegando uma garrafa de vinho branco da geladeira, um bom Auslese 1990, pelo qual realmente ansiava. *Embora pudesse ser uma pessoa perturbada*, acrescentou, escolhendo um de seus copos de vinho de *sommelier* favoritos, um Riedel, e levando este e mais a garrafa escura do vinho alemão para a sala de estar. Não era uma coisa rigorosamente normal alguém tomar banho num rio.

*Seja como for, todas essas reflexões são agora puramente acadêmicas*, ponderou Cláudia, enquanto se servia de vinho, recostava-se no sofá e colocava um CD para tocar. Ela nunca mais o veria novamente. E nunca iria saber sua aparência quando estava vestido.

A inefável melodia de *Madame Butterfly* preencheu a sala ao mesmo tempo que o primeiro gole daquele doce vinho abençoou seu paladar. Ele era uma escolha acertada, e frutado como ela esperava que fosse, e com seu sabor veio também uma racionalização reconfortante. Aquele jovem do rio não era provavelmente nada próximo da presença romântica e misteriosa que idealizara para ele, mas ainda assim poderia preservá-lo dessa forma em suas fantasias. E ela iria colocar essa fantasia para trabalhar a seu favor até que um amante de carne e osso surgisse em seu caminho.

Um trovão ecoou novamente, e o rapaz parecia estar com ela, ao lado dela, movendo-se agora sobre ela, seu corpo frio, mas ainda viril. Ela colocou o copo de vinho de lado para que suas mãos pudessem ser dele. Cláudia o imaginou tocando o pescoço, e depois os ombros, e então seu peito, os longos dedos se curvando para moldar o contorno arredondado, deslizando o tecido brilhante do robe sobre os mamilos. As pequenas cristas de carne endureceram imediatamente, e ela pareceu ouvir o riso de satisfação do jovem, embora não tivesse ideia de como ele pudesse soar. Abrindo o robe de seda, ela manteve o corpo erguido numa posição que seria como ele iria segurá-la, circulando o polegar em um ritmo lento e suave. Cláudia desejou ter ouvido a voz do homem, para poder imaginá-lo agora sussurrando palavras carinhosas de admiração. Em sua fantasia, ela parecia a mulher certa para ele.

Movendo suas pernas com inquietação, deixou que suas coxas se abrissem totalmente, como se fosse ele quem as empurrava, impaciente para alcançar seu centro quente e melado. Ele iria acariciar sua barriga por alguns poucos momentos, provocando-a, girando em seus dedos alguns fios de seus pelos púbicos; e então, iria sondar delicadamente entre seus lábios e encontraria o clitóris.

Respirando fundo, Cláudia repetiu os movimentos de seu amante simulado e, no mesmo instante, trovões rasgaram o céu e a voz soprano fluida de Butterfly lançou-se soberbamente na ária “Un bel di vedremo” .

“Um belo dia...”

Cláudia sorriu enquanto girava o dedo, criando sensações luminosas que ondulavam e dançavam em seu ventre. A letra falava sobre o retorno de um amante – o superficial e infiel Pinkerton – mas, para Cláudia, falava mais de uma chegada. Alguém havia chegado em sua vida hoje, mesmo que ele estivesse destinado apenas a ser uma sombra, um ícone do prazer solitário, um presente mágico de que pudesse desfrutar.

Suspirando, ela mudou seu traseiro de posição no sofá, sentindo a deliciosa excitação

concentrando-se sob seu dedo em seus quadris. Em breve. Em breve ela iria se permitir gozar mais uma vez.

O trovão rolou e a voz doce da ópera subiu... E de repente alguém estava martelando furiosa e repetidamente na porta da frente.

Com o coração batendo tão alto quanto os punhos desconhecidos que esmurravam a porta, Cláudia arrancou os dedos da virilha e saltou sobre seus pés, quase derrubando o copo de vinho com esse movimento.

Ela olhou para o relógio. Eram quase 10. Quem diabos estava tentando derrubar sua porta a essa hora da noite? Fechando as duas partes do robe e atando-o protetoramente, ela disparou para o corredor e ficou ali a tremer.

Outro trovão rebentou e, por cima do som do vento que crescia rapidamente, o som das pancadas nos painéis da porta redobrou.

Ela soube instintivamente quem é que estava do lado de fora.

*Isso é loucura*, pensou, enquanto caminhava de pés descalços ao longo do corredor. Ele poderia ser perigoso. Violento. Homicida. Estes poderiam ser os seus últimos momentos de vida.

Ignorando tudo isso, ela girou a maçaneta e abriu a porta.

E lá, com seu cabelo castanho selvagem voando em torno do rosto por causa do vento forte, seus impressionantes olhos azuis arregalados de medo e vestindo a mais bizarra e inesperada combinação de roupas que ela já tinha visto, estava seu enigmático e encantado desconhecido do rio.

– Por favor, me ajude! – gritou ele freneticamente, no mesmo instante em que outro repique dos trovões e relâmpagos bifurcados de um azul elétrico rasgaram o céu, parecendo vir na direção deles.

E então, acompanhados por seu grito de puro terror, seus olhos giraram para cima e ele desmaiou.

Inclinando-se para a frente, ele desabou como uma trouxa de roupas nos braços de Cláudia.

Sem tempo para ficar fazendo perguntas a ele, ou a si mesma, ela o agarrou e, pressionada por aquele peso, sentou-se no piso do corredor. Por sorte, ela conseguiu de algum jeito dobrar as pernas sob o corpo, e acabou meio sentada e meio ajoelhada sobre o capacho, com a cabeça do desconhecido acomodada em seu colo.

*Maravilha, Cláudia*, pensou ela. *Agora você se superou. E então, que diabos pretende fazer com ele?* Ela observou aquele rosto familiar, embora desconhecido.

Olhando assim mais de perto, aquele refugiado errante parecia um pouco mais velho do que ela havia imaginado de início. Ao redor dos trinta anos, estimou, um pouco mais. Mais novo do que ela, mas não muito.

*Não muito para quê?*, perguntou aquele advogado do diabo dentro dela, surpreso com o fato de que ela ainda podia estar mantendo pensamentos eróticos com o pobre homem quando ele estava lá fora, com frio.

E, no entanto, ela estava *sim* mantendo esses pensamentos eróticos. Não dava para controlar. A cabeça dele, coroada por aquela tempestade de cachos, estava aninhada muito perto do púbis, e ela podia sentir o hálito quente do desconhecido em sua coxa através do fino tecido do robe.

Assim como suas rumações em frações de segundo sobre a idade do desconhecido, ela também percebeu que ele tinha uma aparência muito melhor quando visto mais de perto. O cabelo era muito macio e seu rosto inconsciente parecia tão sereno quanto o de um arcanjo. *O homem certo na hora errada*, pensou melancolicamente, seus dedos pairando timidamente sobre seus lábios esculpidos e a mandíbula forte. *Ou, acrescentou ela, o homem errado na hora errada*, o que continuava sendo ruim...

Mas essa coisa de hora, era sempre a hora certa ou a errada?

Cedendo à tentação, Cláudia acariciou a cabeça dele, deixando que seus dedos penteassem suavemente aqueles cabelos e afastassem os cachos da testa, de forma que pudesse examinar o ferimento dele. Quase que imediatamente ele respondeu, mexendo-se um pouco e gemendo baixinho.

– Tudo bem, tudo bem – disse Cláudia, tentando acalmar o homem e agarrando seus ombros. –

Você está bem, está em segurança. Ninguém vai machucar você.

Afastando-a com facilidade, o desconhecido sentou-se com os olhos ainda fechados, enquanto tentava cautelosamente sentir a sua cabeça. Quando um relâmpago brilhou novamente, ele soltou um grito de medo e se jogou de volta para os braços de Cláudia.

– Ei, ei, ei – disse ela suavemente, acariciando as costas do homem e deslizando seus dedos sobre o casaco de veludo negro que ele estava vestindo. – Não se preocupe, não está assim tão perto – *men-tiu*. – Estamos bem seguros aqui – a forma como o desconhecido continuava a tremer indicou que ele não acreditava totalmente no que Cláudia estava dizendo.

Apesar de seus esforços contínuos para acalmar o recém-chegado, ela sentiu-se bem longe de estar calma. Ali estava ela, sentada na porta de casa, nos primórdios de uma tempestade que estava prestes a desabar, com seu quimono de seda deixando metade dela despida, segurando contra si, firmemente, seu novo objeto de desejo. Ele tinha balbuciado apenas quatro rápidas palavras para ela, mas Cláudia já tinha o rosto trêmulo dele ligeiramente pressionado intimamente contra a curva nua de seu seio.

– Calma, está tudo bem – repetiu novamente, sem saber direito o que fazer em seguida. Havia coisas que ela queria muito fazer, como beijá-lo e tocá-lo muito, muito, mas isso vinha de seus sonhos, e o que estava acontecendo agora era muito real.

Um trovão ressoou de novo e o homem em seus braços gritou.

– Não! Oh, não! – e tentou cobrir seus ouvidos com as mãos, desarrumando o quimono de Cláudia ainda mais com seu movimento brusco. Bem inutilmente, ela tentou fechar a peça, sem afastar seu recém-chegado em pânico. – Não! Não! – gritou ele, balançando a cabeça como se o trovão estivesse dentro de

seu crânio e ele estivesse procurando ejetá-lo. Por um momento fugaz, os lábios entreabertos do homem roçaram a pele de Cláudia.

Eles não poderiam ficar mais tempo onde estavam, porque a chuva, fria e refrescante, começara a cair pesadamente agora. Assim, ainda puxando seu quimono, ela conseguiu de algum jeito ficar de pé, tentando ao mesmo tempo ajudar o desconhecido a se levantar.

– Venha! Vamos entrar, vamos? – sugeriu Cláudia a ele, alarmada pelo modo como ele estava agitado. Ele parou por um instante, as mãos pressionadas sobre os ouvidos e os olhos fechados com força, e então pareceu que tinha conseguido se recompor, e assentiu silenciosamente com a cabeça.

Depois de empurrar a porta e fechá-la atrás dos dois, Cláudia ficou aliviada ao notar que o homem a seguiu ao longo do corredor até a sala de estar.

Surpreendentemente, quando chegaram até, “Un bel di” ainda estava tocando. Toda aquela cena melodramática na porta de entrada não deveria ter demorado mais do que um minuto.

– Sente-se aqui – disse ela a seu inusitado refugiado, apontando para o sofá, e ele atravessou a sala e sentou-se obedientemente. Inclinando o corpo para trás, ele fechou os olhos e suspirou, cansado, o peito arfando como se tivesse acabado de completar uma maratona.

Cláudia apenas ficou olhando para ele.

*Quem é você?*, era a pergunta que ela queria fazer, mas ele parecia estar em tal estado de choque e de angústia que seria indelicado interrogá-lo imediatamente. Mesmo assim, ela quase deixou escapar a pergunta sobre a maneira como ele estava vestido.

Perto do rio, Cláudia tinha ficado tão extasiada com aquele homem nu que tinha prestado apenas atenção superficial às roupas dele espalhadas na margem e sobre as pedras. Mas, agora, suas estranhas vestimentas a intrigavam.

Aquilo que ela havia tomado por um paletó era de fato um longo casaco eduardiano de veludo negro, que ele usava combinando com uma calça cinza, com um colete de brocado listrado de preto e cinza e uma camisa de colarinho alto que estava desabotoada e mostrava seu peito. Ao redor do pescoço se via uma tira bastante descaracterizada de seda cinza escuro, que parecia ser o que sobrara de uma gravata. O conjunto todo estava bastante amassado e empoeirado, especialmente a camisa, e havia restos de grama presos a suas calças, mas ele ainda projetava uma aura de desamparada elegância. Não, ele não podia ser um desses viajantes da Nova Era. Parecia mais um fugitivo do Museu Victoria e Albert, ou um manequim do Madame Tussaud, tocado por Deus e ganhando vida.

De repente, ele sentou-se e então estremeceu mais uma vez, como se aquele movimento tivesse feito sua cabeça doer.

– Eu... Sinto muito – murmurou. – Estou sendo um intruso... Melhor eu ir embora e...

Ele fez uma meia tentativa de se levantar, mas começou a oscilar perigosamente de novo e deixou-se cair. Cláudia correu em sua direção e ajoelhou-se a seu lado.

– Você se machucou – disse ela, observando seu rosto. Ele estava claramente muito confuso, mas

continuava parecendo angelical. Cláudia desejou que ele abrisse os olhos novamente, mas o homem parecia estar entrando e saindo de um estado de consciência. Ela tocou em seu braço. – É melhor eu chamar uma ambulância, um médico... Alguma coisa, você precisa de cuidados.

Ele abriu os olhos de novo. Eles eram de um azul claro, pálido, quase transparente, e, quando se fixaram nela, uma pontada de prazer se agitou dentro dela.

– Por favor, não se envolva em problemas, por favor, eu imploro. – Ele cobriu a mão dela com a sua e a pontada de prazer tornou-se uma serpente retesada de desejo. – Eu vou ficar bem... Só preciso de um momento para ficar sentado e... Vou embora logo, não vou incomodar mais.

Cláudia mordeu seu lábio quando ele desabou novamente, as pálpebras tremendo quando fechadas. Era evidente que ele precisava de auxílio médico, mas no fundo do seu coração ela realmente não queria telefonar pedindo ajuda. Ela queria ficar sozinha com ele, só ele e ela, pelo menos por mais um pouquinho de tempo. Queria ficar olhando e desfrutando daquele deleite precioso.

*Mentirosa!*, disse a voz da luxúria serpenteante. *Você não quer ficar só olhando! Você quer tocá-lo! Quer fazer amor com ele! Tirar proveito de sua beleza enquanto ele estiver vulnerável!*

*Pare com isso!*, ordenou ela a suas emoções subversivas, mesmo sabendo que aquilo que a voz lasciva tinha dito era verdade.

– Posso lhe oferecer alguma coisa? – perguntou ela em voz baixa. Olhando para a garrafa de vinho, percebeu que álcool não seria uma boa opção naquele momento. – Café? Um copo de água? Uma xícara de chá?

Os olhos azuis cristalinos se abriram novamente e fizeram parte de um dos mais doces sorrisos que Cláudia já tinha visto, um daqueles de fazer derreter o coração.

– Chá seria maravilhoso – respondeu ele, em tom sincero. – Eu adoraria um pouco de chá... Por favor.

– É pra já – disse ela, levantando-se um pouco trêmula. – Você quer que eu desligue a música? – perguntou, enquanto ele parecia prestes a cochilar mais uma vez.

– Oh, não... – murmurou o homem, abrindo os olhos novamente e olhando para ela, suplicante. –

Eu gosto muito. É uma de minhas... – ele parou de falar, franzindo a testa. – Eu adoraria ouvir “Un bel di” outra vez... Se você não se importar, claro.

Ainda se recuperando mentalmente daquele sorriso, Cláudia teria cantado a ária inteira para ele se tivesse voz para tanto, mas se contentou em pôr para tocar novamente. Ainda sentindo-se um pouco confusa por conta daquilo tudo, ela o deixou ouvindo a música e se dirigiu para a cozinha.

*Essa deve ser a coisa mais idiota que já fez em sua vida*, disse a si mesma, enquanto fervia a água na chaleira e montava as coisas para o chá. *Convidou um desconhecido para entrar em sua casa à noite, e, mesmo que não seja um assassino ou um estuprador, acaba de deixar esse desconhecido completamente sozinho em uma sala cheia de antiguidades e coleções valiosas. A esta altura, ele já*

*pode ter fugido com aquele vaso Moorcroft ou a caixa de rapé de casco de tartaruga, a favorita de Gerald. Pode ser que ele goste de coisas mais modernas, e dê sumiço em seu aparelho de som Bang Olufsen!*

*Ora, não seja ridícula*, rebateu a si mesma imediatamente. Ainda se podia ouvir claramente o lamento da *Madame Butterfly!*

Colocando a louça de porcelana chinesa, leite, açúcar e alguns biscoitos em sua melhor bandeja de prata, Cláudia encontrou-se de repente suspensa entre a realidade e seus sonhos.

Ela estava preparando o chá como se a esposa do vigário a estivesse esperando na sala de estar, enquanto, na verdade, seu convidado era um homem cujo nome ela não sabia e sobre o qual nunca

tinha posto os olhos antes desta tarde, quando ela o vira pelado no rio, esfregando seu pênis sensacional até chegar ao clímax. Cláudia não conseguia imaginar uma situação mais bizarra.

No entanto, quando voltou para a sala de estar, seu convidado ainda estava lá, embora agora parecesse ter caído no sono novamente. Tinha tirado seu par de sapatos modernos e bem desgastados, que não pareciam fazer parte daquele extravagante traje que vinha usando, e estava enrolado em posição fetal no sofá, com as mãos apertadas debaixo da bochecha, como um querubim cochilando.

Deve haver uma relação inversa entre a vulnerabilidade e a sensualidade, pensou Cláudia, querendo tanto tocar nele que balançou a bandeja nas mãos e as xícaras e colheres sacudiram violentamente. A música ainda estava tocando ao fundo, mas o barulho da louça acordou o dorminhoco.

– Oh, puxa... – disse ele suavemente, endireitando-se e deslizando seus pés calçados com meias pretas de volta para os sapatos. – Sinto muito, devo ter cochilado. Perdoe-me, por favor.

– Está tudo bem – respondeu Cláudia, apoiando a bandeja na mesa e de repente muito consciente da maneira como seu quimono era capaz de flutuar e de revelar partes de sua pele nua enquanto se movimentava. Além disso, a seda era tão fina que seus mamilos se destacavam claramente. – Você...

Você está obviamente exausto.

Refugiando-se nos pequenos rituais de uma cerimônia de chá tipicamente inglesa, ela não sabia mais o que dizer. Será que podia perguntar diretamente se ele era algum vagabundo que vivia pelas ru-as? E, caso ele não fosse, como poderia perguntar o que ele estivera fazendo no rio naquela tarde sem revelar o fato de que estivera por ali, espionando? Aquela pobre alma não estava dando explicações sobre si mesma pela simples razão, suspeitava Cláudia, de que estava muito abalada e confusa demais para perceber que isso lhe seria exigido.

Decidiu, então, não tocar no assunto, por enquanto.

– Leite e açúcar? – perguntou.

Em vez da resposta direta que ela estava esperando, o desconhecido aparentemente teve que pensar muito sobre a maneira como ele tomava o seu chá. Cerrou os punhos contra as coxas e olhou fixamente para o nada por alguns segundos, e, em seguida, voltou para ela seu bonito rosto ferido, com perplexidade.

– Não sei... – respondeu finalmente, balançando a cabeça e fazendo com que seus cachos macios balançassem.

Cláudia olhou para ele e teve um pressentimento de algo inquietante. Poderia ser realmente *isso*?

Poderia este adorável e confuso rapaz ser vítima de algo tão sério e assustador?

– Experimente apenas com leite e veja se gosta – disse ela, derramando o líquido na primeira xícara de chá e oferecendo-a a ele. Enquanto ela o observava tomar um gole e suspirar com apreço, como se fosse a primeira bebida decente que havia provado em um milênio, a mente de Cláudia retro-cedeu ao longo dos anos de sua infância, até um incidente que tinha ocorrido durante suas primeiras tentativas de aprender a montar um cavalo.

Ela tinha sido uma cavaleira natural, praticamente desde nascença, mas um dia ficou muito segura de si e foi lançada longe, caindo de cabeça no chão. Felizmente não sofreu nenhuma fratura, e nenhum dano permanente, mas por uma quinzena verdadeiramente aterradora ela não tinha a menor ideia

de quem era, e nenhuma lembrança de sua vida antes da queda. A sorte tinha estado do lado dela, no entanto, e, após essas duas semanas de terror, ela acordara uma manhã e de repente lembrara-se de tudo, voltando ao normal.

Bebendo um pouco de chá e observando o desconhecido agarrar sua xícara e olhar para ela, como se alguma profunda e eterna verdade pudesse ser encontrada boiando no chá inglês, ela considerou a importância daquele feio machucado na testa, parcialmente oculto pelos cachos dependurados.

Será que aquele seu lindo homem do rio estava sofrendo de amnésia?

E, caso fosse isso, o que ela poderia fazer para ajudar?

*Ajudá-lo? Você deve estar brincando! O que você pretende é estuprá-lo!*

Sentindo-se horrorizada com suas vontades sediciosas, mas também reveladoras, ela olhou para as longas pernas vestidas pelas calças cinza vincadas. Suas coxas eram fortes e ágeis, ela as tinha visto.

E, em seu ápice, o pênis era vital e tentador.

Oh, Deus, foi tudo tão repentino! Ela havia começado o dia de hoje na mais perfeita normalidade, não se sentindo tão mal sobre si mesma e sobre sua viuvez, e agora era uma predadora erótica à es-preita. Ou quase isso. E fora ele, seu lindo desconhecido, bastante confuso e vestindo roupas antiquadas, o catalisador de tudo aquilo. Cláudia nem ousou levantar os olhos, porque seu sexto sentido a tinha avisado de que agora ele estava olhando para ela.

*Mas, que diabos!* Seus olhos se encontraram com os dele. Ela estava certa: o rapaz estava olhando para ela.

– Você é muito gentil – disse ele, dando-lhe um pequeno mas, mesmo assim, excepcional sorriso.

– Este chá está maravilhoso, exatamente o que eu precisava. Eu.. Eu não percebi quanto gostava disso. –

Seus olhos brilhantes se nublaram outra vez, como se ele estivesse pensando.

– Você está se sentindo bem? – perguntou Cláudia, colocando a xícara na bandeja e se levantando, para se aproximar dele como uma mariposa atraída pelo perigo de uma chama. – Não pude deixar de notar que você machucou a testa. Está sentindo dor de cabeça? – ela sentou-se ao lado do homem no sofá e, antes que pudesse se conter, já estava afastando o cabelo da marca na testa.

Dessa vez foi ele que deixou tremer a xícara no pires.

– Desculpe – disse Cláudia, puxando sua mão de volta. – Não queria assustá-lo, mas esse machucado parece bem desagradável... Deve doer.

– Está tudo bem, obrigado – disse ele, colocando a xícara e o pires na mesa e, em seguida, fazendo menção de se levantar. – Você está sendo muito gentil – continuou. – Mas eu não devo abusar mais de sua bondade.

*Não! Você não pode sair daqui!*, gritou Cláudia em silêncio, enquanto, na realidade, disse:

– Imagine, não é abuso de forma nenhuma.

Ele estava já meio que levantando, mas ela o pegou pela manga de veludo e o puxou para baixo novamente. Ele a obedeceu com um pequeno e perplexo contorcer dos lábios lindamente modelados.

– Na verdade – continuou Cláudia, sem vontade de nem mesmo largar a manga do casaco –, você está obviamente muito cansado. Devia descansar um pouco... – *Aqui vamos nós! Diga, Cláudia, fale!*,

pensou ela. – Por que você não passa a noite aqui? Eu tenho um quarto de hóspedes que está sempre arrumado. Você será muito bem-vindo se quiser dormir lá.

Uma sucessão de emoções atravessou o rosto dele: tentação, medo, gratidão, outras menos definíveis.

– Eu... Eu – começou ele e, em seguida, fechou os olhos, esfregando o rosto com a mão. – Se você tiver certeza de que isso não será um problema... Eu ficaria muito grato. Estou tão cansado... – e isso era verdade, ele parecia totalmente exausto.

– Não é problema nenhum, eu garanto – respondeu ela, com o coração cantando por ele ter sido conquistado tão facilmente. Levantando-se do sofá, Cláudia estendeu a mão para tomar-lhe o braço e conduzi-lo. – Venha, vou mostrar onde fica o quarto. Você parece que vai dormir imediatamente assim que deitar a cabeça no travesseiro.

– Obrigado, muito obrigado, acho que é isso que vai acontecer, mesmo – respondeu ele, a voz suave, mas estranhamente ressonante.

Ele se permitiu ser levado da sala.

Era tanta emoção que Cláudia mal conseguia falar enquanto acompanhava o seu inesperado hóspede ao andar de cima. *Calma*, disse a si mesma. *Ele está muito cansado. Esta é apenas uma boa ação de uma*

*boa samaritana. Nada mais do que isso. Nada vai acontecer.*

– Existe algum lugar onde eu possa me lavar, por favor? – pediu ele, ao mesmo tempo que Cláudia abria a porta do quarto de hóspedes, que estava sempre arrumado para ser ocupado. Nos dias que se seguiram à morte de Gerald, sua amiga mais próxima, Melody, muitas vezes tinha passado algumas noites ali para lhe fazer companhia, e Cláudia então adquiriu o hábito de manter a cama feita.

– Não se preocupe, este quarto tem um pequeno banheiro anexo – ela acendeu a luz e apontou para a outra porta no quarto. – Lá você vai encontrar toalhas, sabonete e tudo o mais que precisar. –

E por alguma razão que ela não sabia explicar, talvez fosse algum apego sentimental, não sabia, também havia colocado um ou dois itens de toalete de Gerald no armário do banheiro. – Vou lhe trazer um dos pijamas de meu marido e um roupão.

– Mas ele não vai se importar? – perguntou o desconhecido, parecendo de repente muito alerta e um tanto alarmado.

– Não, tenho certeza que não. Se estivesse aqui... – o hóspede pareceu ainda mais alarmado. – Sou viúva, meu marido morreu há oito meses. – Agora, o queixo do desconhecido havia caído e seu rosto era um retrato de angústia empática. – Mas não se preocupe, o pior já passou – ela continuou, subitamente percebendo que naquele momento, tendo em conta todos os dias, isso era inequivocamente verdade. – O tempo tem o hábito de fazer com que as coisas fiquem melhores.

O desconhecido ainda parecia um pouco desanimado, mas, assim que ela se virou para ir buscar o pijama, ele se lançou à frente, agarrou a mão dela, ergueu-a até a altura de seus lábios e a beijou profundamente.

– Muito obrigado – disse ele e, em seguida, beijou-lhe a mão de novo antes de liberá-la. – Você não sabe o que isso significa para mim. Eu não sei o que eu teria feito. Eu...

– Está tudo bem, vou buscar o pijama.

Cláudia se virou e quase saiu correndo do quarto, de repente, com medo da dramática resposta que havia evocado nele. Ele era muito bonito mas, se fosse alguém sofrendo de amnésia, poderia ser mentalmente instável de outras maneiras. Ela perguntou-se de novo o que diabos era aquilo que havia começado.

Quando voltou com o pijama de Gerald, de cor azul-escura, e mais um roupão e chinelos, o quarto estava vazio, mas o redingote, a calça e a camisa estavam cuidadosamente dobrados sobre uma cadeira, com os sapatos colocados um ao lado do outro sob ela. Havia o som de água corrente vindo do banheiro.

Ele está nu novamente, ela pensou, dando-se ao luxo de lembrar da cena no rio. Nu na minha casa, um homem tão jovem e bonito. Seu coração começou a bater e ela começou a se sentir meio tonta.

O quimono de seda parecia fogo contra sua pele, e ela queria arrancar o robe porque o seu peso mínimo era sufocante. Uma grande onda, algo como destino ou inevitabilidade, parecia estar correndo em direção a ela. Largando as coisas sobre a cama, ela correu para fora do quarto, quase com medo do que estava acontecendo com seu corpo.

Estranhamente, logo recobrou a compostura. Deu uma geral na casa, trancando tudo e se preparando para

dormir. Foi para seu próprio banheiro em seu quarto, escovou os dentes e penteou os cabelos. Então, viu-se passando um pouco de perfume, mirando-se atentamente no espelho, examinando-se para ver se não havia falhas ou qualquer coisa que pudesse...

*Pudesse o quê?*, ralhou consigo mesma, dando as costas para sua imagem no espelho e caminhando resolutamente para o quarto e em direção à fotografia de Gerald. *Deixar um amante mais novo para uma velha?*

O sorriso de seu marido na foto parecia saber das coisas, parecia encorajador. Quando colocou o retrato de volta no aparador, algum efeito da luz no vidro fez com que ele parecesse estar dando uma piscadela para ela.

Quando Cláudia saiu para a varanda, o trovão retumbou. Estava longe agora, mas ainda poderoso e simbólico.

Era isso! Lá estava sua desculpa, como se ela precisasse de uma... Seu hóspede tinha medo de tempestades, e os relâmpagos o assustavam.

## **CAPÍTULO TRÊS**

### **O HOMEM SEM NOME**

Ele estava acordado e sentado na cama, na verdade observando a tempestade. Já não parecia mais estar com tanto medo.

– Olá, está tudo bem? – perguntou Cláudia, espiando cautelosamente pela porta quando ele respondeu à sua batida. Ela apontou para o céu lá fora, que se iluminou suavemente com o brilho distante de um raio.

– A tempestade ainda continua o incomodando?

– Nem tanto, obrigado – respondeu o rapaz com uma ligeira versão de um sorriso tímido, que a fez tremer ainda mais. – Acho que tanto ela quanto eu estamos bem mais calmos agora.

Sabendo exatamente como estava sendo tola, porque nesse novo estado, mais racional, ele poderia achar que todas aquelas atenções seriam um pouco embaraçosas, Cláudia fechou a porta e caminhou até a cama. O desconhecido deu-lhe um olhar insondável quando ela se aproximou, o que quase a fez virar e correr para longe, mas, quando ela chegou mais perto, o jovem alisou com a mão a colcha ao seu lado. Cláudia tomou isso como um convite e acomodou-se, olhando-o de frente, com seu quimono arranjado com cuidado sobre suas coxas. Uma exposição muito grande de pele poderia alarmá-lo.

Sua cadela idiota!, disse a si mesma, enquanto o desconhecido a olhava nos olhos de um jeito que a fez sentir como se seus quadris estivessem derretendo como mel sobre um fogão. Ele é jovem e é lindo. Mesmo que seja um fugitivo de algum tipo, ou *alguém mentalmente perturbado, por que diabos iria querer você?* Mas alguma coisa em seu coração lhe disse que ela estava cometendo uma tremenda injustiça contra si mesma, uma das grandes. Sua autoconfiança nascente a fez lembrar de seus poderes.

– Você deve estar se perguntando que diabos está acontecendo comigo – disse seu companheiro suavemente. – Esmurrando a porta no meio da noite... Gritando, chorando, desmaiando e se encolhendo... Espero não ter assustado muito você.

– Não, não muito – respondeu Cláudia com sua pulsação e hormônios em polvorosa. O pijama de Gerald parecia se encaixar perfeitamente no jovem, e seu esplendoroso azul-escuro era, sem dúvida, a cor que melhor combinava com ele. Fazia com que a pele parecesse mais suave e cremosa, quase luminescente devido à luz do abajur, e seus olhos se transformassem em joias de água-marinha. Contra os travesseiros brancos, o cabelo úmido pareceu preto.

– Você é certamente algo como um “acontecimento” – disse ela, apertando todos os músculos do seu corpo para se controlar. Ela queria ser penetrada por ele, beijá-lo e acariciá-lo. – Não é toda noite que um belo jovem vestido como um poeta do amor eduardiano joga-se em meus braços.

O desconhecido riu, um ato simples que afetou Cláudia profundamente. Ela sabia que a qualquer momento iria fazer algo impensável, como arrancar seu quimono e se jogar em seus braços. Se ele a quisesse.

– Eu gostaria de explicar tudo – disse ele, dando de ombros. – As roupas, os gritos. Tudo. Mas não posso.

Ele olhou para Cláudia com um ar sério, seu rosto era uma mistura complexa de emoções. Ela percebeu que ele tinha ficado genuinamente lisonjeado por sua referência a ele como “bonito”, mas também ainda estava um pouco desesperado e confuso.

– O trovão foi apenas a gota d’água – Ele endireitou-se e, em seguida, estendeu a mão e agarrou a mão dela. – Eu não sei o que aconteceu comigo... É... É tudo um grande vazio... Um borrão. – Seus dedos eram como garras de aço ao redor dos dedos de Cláudia, mas até mesmo a dor de seu aperto era excitante. – Lembro-me de pedaços de ontem e de hoje. Tudo misturado... Mas eu não posso, não tenho como me lembrar de mais nada! De nada, de coisa nenhuma!

Seus olhos estavam brilhando agora e sua boca trabalhava com esforço para deter a sua angústia.

– Isso deve parecer tão estúpido! Você não vai acreditar em mim... Mas eu nem lembro o meu próprio nome!

– Mas eu acredito em você – disse Cláudia, torcendo a mão e soltando-se da pressão da mão do desconhecido, para logo em seguida reverter o processo e buscá-la de novo. – A mesma coisa aconteceu comigo uma vez. Eu caí de um cavalo, bati minha cabeça e fiquei sem saber quem era por duas semanas – Ela fez uma pausa, sentiu seu corpo tremer e, em seguida, olhou para baixo e percebeu que estava acariciando a mão dele com o polegar. – Mas depois tudo voltou ao normal... E tenho certeza de que a mesma coisa vai acontecer com você.

– Espero que sim – disse ele, de repente parecendo um pouco melhor. Ele olhou para o polegar de Cláudia, ainda se movendo contra a sua pele. – Eu gostaria de, pelo menos, ter sido capaz de me apresentar a você.

Ah, as sutilezas sociais... Sua mente era puro vermelho de luxúria e ela havia quase se esquecido disso.

– Meu nome é Cláudia Marwood – respondeu ela, virando o punho e curvando os dedos no gesto convencional de saudação, e seu companheiro fez as honras, cumprimentando-a.

– E eu sou... – sorriu ele e deu de ombros.

– O homem sem nome – disse Cláudia.

Ele sorriu novamente, e então franziu o rosto, como se estivesse fazendo um esforço físico indescritível.

– Como naquele filme?

Cláudia assentiu.

– Ei, acabo de ter minha primeira lembrança. Obrigado!

O homem inclinou-se para a frente, e de repente tocou os seus lábios nos dela.

Foi como ser atingida pelos raios lá de fora. O contato fugaz de sua boca foi elétrico, e encheu Cláudia com tal onda de paixão que ela ficou sem ar por alguns momentos.

Isso é loucura!, pensou. Estou agindo como uma completa idiota.

– É melhor eu ir agora e deixar você descansar um pouco – disse, e fez como se fosse levantar-se da cama e correr para fora.

O aperto sobre a sua mão tornou-se como de aço novamente. Garras suavemente revestidas de veludo, mas ainda de aço.

– Fique – disse ele, mudando o tom da sua voz, agora quase rouca. – Por favor, fique.

Ela deveria ter perguntado por que, mas sabia o motivo. Na penumbra, seus olhos azuis eram de aço também, e vivos com uma mensagem que era inconfundível.

– Você tem certeza? – disse Cláudia, e então teve que sorrir, sabendo que em nenhuma circunstância essa seria uma pergunta que um homem faria.

O desconhecido acenou com a cabeça, respondendo seu sorriso com outro, seu próprio e masculino sorriso.

– No momento, é a única coisa no mundo de que eu tenho certeza.

Cláudia foi presa por ele. No centro da sua quietude, ela sentiu que perdia o ponto de equilíbrio de poder; seu garoto perdido havia encontrado o caminho e assumido o comando.

– Deixe apagar a luz – disse ela fracamente.

– Você precisa mesmo fazer isso? – perguntou ele, com a voz assumindo outro tom agora: profundo e intenso, mas flertando com ela.

– Sim, eu acho que deve ser assim – insistiu Cláudia, lutando para não desabar completamente.

Respirou fundo quando ele a soltou, então estendeu a mão e apagou a lâmpada.

– Eu posso imaginar você – disse ele, quando ela tirou o quimono, sentindo-se feliz pelo fato de a escuridão esconder sua confusão. Fazia muito tempo não se desnudava para um homem, e ainda mais tempo desde a última vez que tinha ficado nua em frente a um novo amante em vez de seu marido.

O desconhecido levantou as cobertas e ela, tremendo tanto de nervosismo quanto de desejo, deslizou na cama ao lado dele.

– Não tenha medo – disse ele.

E então ela já estava em seus braços, sua pele nua contra o algodão do seu pijama, sua boca procurando pelo primeiro beijo verdadeiro.

Prevendo a pressa, a aceleração característica de um rapaz, ela ficou surpresa quando ele começou a beijá-la bem devagar. Seus lábios eram suaves e flexíveis contra os dela e a pressão que exerciam, complexa. Sem pensar, ela abriu a boca e a sua língua se lançou para a frente, aceitando o seu

presente, procurando e encontrando a língua dele com a ponta. Ele tinha sabor de hortelã, a pasta de dentes que Cláudia tinha deixado no banheiro, e ela se perguntou por que nunca tinha percebido como um sabor tão comum poderia parecer tão exótico.

O domínio dele sobre ela era pensado também, as mãos flexionando apenas o suficiente para mantê-la contra si, sem agarrar, sem tatear, sem fazer nenhuma força. Seu corpo estava quente e firme através do algodão que o cobria, sua ereção uma marca quente contra a coxa dela.

De repente, seu autocontrole pareceu arrancar fora os anos que vivera. Ela se tornou a adolescente impaciente, avançando contra ele, ansiosa para explorar aquele corpo e tocá-lo e acariciá-lo. Ela se enroscou nos botões de seu paletó de pijama, tentando deixar aquele homem nu. Ela queria prová-lo e devorá-lo.

– Calma! – sussurrou ele, enfiando o braço entre eles e segurando ambas as mãos de Cláudia nas suas. – Não há pressa... Eu não vou a lugar nenhum.

Ele deu um pequeno apertão em suas mãos, então a deitou de costas, fazendo-a ficar quieta e com os braços esticados ao lado do corpo.

– Você é muito linda, Cláudia – disse ele, deixando sua mão apoiar-se contra o seu peito. – Tão macia e quente. Você me faz sentir tão seguro aqui.

Seus dedos deslizaram pelas curvas, um primeiro, depois o outro, como se estivesse pesando e avaliando a mulher, o toque leve e irritantemente brincalhão. Cláudia desejou que ele a esmagasse; queria que ele fosse áspero e contundente, para tirar-lhe o fôlego, para violentá-la. Ela mudou as coxas de lugar, tentando esfregar-se contra ele.

O desconhecido riu suavemente.

– Eu nunca percebi que era tão desejável. Será que você me queria tanto assim quando estava me olhando no rio?

Chocada até a medula, Cláudia começou a lutar para se libertar, mas o desconhecido foi rápido demais

para ela, detendo a sua boca com os lábios e acalmando o corpo dela pelo simples expediente de pressionar sua parte de baixo poderosamente contra ela. Em algum lugar, a quilômetros de distância, um trovão ribombou novamente.

*Ele sabe que eu o estava observando! Como ele poderia saber isso? Quem é ele?*, pensou Cláudia, aceleradamente. Sentiu medo, mas o medo a excitava ainda mais. Seu corpo parecia estar queimando por baixo do desconhecido e seus mamilos estavam tão inchados que estavam doendo, sendo roçados pelo peso e, apesar disso, enviando choques sublimes até sua virilha.

O desconhecido poderia ser um malandro consumado, ela percebeu, e essa confusão e amnésia apenas um fingimento convincente e muito inteligente. E ainda assim ela não se importava. Sua vulva estava em chamas por ele, quente como o inferno e inundada por um fluido sedoso. A coxa dele estava entre as dela agora, e a perna do pijama estava molhada no lugar onde pressionava sua virilha.

Era óbvio que ela estava tão excitada que não conseguia pensar direito. Ele riu novamente, o som vibrando na boca de Cláudia.

Ela se afastou.

– Como você sabia que era eu? Por que não me chamou? Diga alguma coisa!

– Não tinha certeza se eu estava certo ou não – disse ele baixinho, quase arrependido. – Foi apenas uma sensação... Eu não *sabia com certeza* que havia alguém lá – suspirou e ficou parado. – Foi tudo tão estranho... Eu poderia estar tendo apenas uma alucinação... Imaginando coisas.

O garoto perdido estava de volta, embora seu pênis encostado contra a perna dela fosse mais o de um homem de ferro.

– Eu não deveria ficar espiando você – murmurou Cláudia, colocando os braços em volta dele e sentindo-o tremer em resposta e se apertar contra ela. – Eu deveria ter feito algum barulho ou alguma coisa assim... Aí teria dado chance de você se cobrir.

– Eu provavelmente teria fugido e corrido um quilômetro – respondeu ele, seu equilíbrio, momentaneamente perdido, agora voltando. Ele balançou um pouco, acariciando-a com sua ereção e deslizando o pênis para mais perto de seu sexo. – Mas eu me sinto muito melhor agora. Mais junto.

Mais acostumado com você.

Foi a vez de Cláudia rir.

– Sim, eu acho que você pode ser de alguma utilidade para mim – ela estendeu a mão e apertou-o através do pijama de algodão, sentindo uma onda de luxúria e de confiança, quando ele engasgou.

O jovem era maior e mais duro do que Gerald jamais fora, embora seu falecido marido possuísse um pênis para se orgulhar. Cláudia tremeu por dentro. Sua vagina vibrou como se para expressar a sua fome, exigindo que ela começasse com o entretenimento que havia prometido.

Quão delicioso poderia ser este homem que surgira em sua vida fugindo da tempestade? Era facilmente perceptível a ela que, entre os lençóis, pelo menos, ele era um sujeito surpreendentemente seguro de si,

tinha a graça natural e o corpo de um bom amante. E ele não era um garoto imaturo, apesar de seu comportamento desatento e aéreo quando tinha caído em seus braços. Cláudia sentiu mais uma vez que ele poderia muito bem ser mais velho do que parecia, e excitadamente experimentado nos caminhos do amor físico.

Já era hora de descobrir.

Liberando o pênis, ela tomou sua mão e puxou-a para baixo, entre as pernas. O rosto dele estava contra o pescoço dela, e Cláudia sentiu-o sorrir, lenta e deliberadamente, contra sua pele. Na sua virilha, os dedos longos e afilados do desconhecido começaram delicadamente a pentear o pelo macio sobre sua genitália, separando-o cuidadosamente, e em seguida pressionando para dentro, entre os lá-

bios macios que antes estavam cobertos.

Ele tocou muito de leve, pouco mais que uma pincelada, no clitóris – e Cláudia gritou, o pequeno órgão tão sensibilizado como estava. Ela sabia que o desejava, mas não sabia quanto. O contato quase etéreo a tinha levado vertiginosamente perto do orgasmo, e ela ficou lá ofegante, surpresa com sua própria reação.

– Mais? – perguntou o desconhecido, com voz sufocada contra a sua garganta.

Cláudia ouviu a nota familiar de arrogância masculina em sua voz, e ela queria rir com prazer por causa daquela abordagem tão completa e tão diversificada. Em quase um instante, ele pareceu ter passado de um rapaz enjeitado para um superamante.

– Sim! Muito mais! – respondeu ferozmente e então agarrou sua cabeça, cravando os dedos nos cachos macios, despenteados, e puxou seu rosto para baixo e perto do dela, para que ele pudesse beijá-

la enquanto acariciava seu sexo.

Uma vez mais, o toque delicado; novamente a resposta fora de proporção. Seu dedo demorou mais tempo dessa vez, tempo demais para que Cláudia pudesse ser capaz de se conter, mesmo que quisesse.

Alcançando rapidamente o clímax, ela gritou com alegria contra seus lábios suaves e sentiu a vagina pulsar no ritmo de um coração acelerado. Ele circulou o dedo, fazendo-a estender o orgasmo como uma nota longa e requintada, como a cadência de um tenor. Ela gritou de novo, empurrando seu corpo enquanto apertava a mão contra a dele, sentindo os tendões se flexionarem no minuto em que ele habilmente a acariciou.

– Você... Você... – ela ofegou, arqueando para cima, cavalcando aquela onda fabulosa. – Maldito seja! Quem diabos é você?

– Eu não sei! Realmente eu não sei!

O desconhecido riu, olhando para o rosto que estava apenas a alguns centímetros abaixo do dele, seus olhos como fogo pálido na escuridão.

– E, neste exato minuto, eu não posso dizer que me importo com isso!

E quando ela gozou uma vez mais, e ainda mais intensamente, ele a beijou novamente.

Momentos – ou talvez possam ter sido horas – mais tarde, Cláudia gemeu:

– Basta! Eu preciso de um minuto ou vou ter um ataque do coração!

Obedientemente, o desconhecido retirou a mão e deixou-a descansar na curva molhada de suor de seu ventre. O toque parecia compassivo, quase de proteção, as pontas de seus dedos repousando sobre a cicatriz da operação que estava mascarada por seus pelos pubianos. Em outra situação, Cláudia poderia ter ficado um pouco ansiosa quando ele seguisse seu comprimento levemente enrugado com o dedo, mas ela ainda estava flutuando demais para se preocupar com esse tipo de coisa. Então, levantou suas pálpebras pesadas e olhou para cima.

O desconhecido tinha afastado as cobertas e estava deitado de lado, meio apoiado no cotovelo, estudando o movimento de sua mão sobre sua carne. Seus olhos se ajustando à penumbra, viu sua expressão séria, e a linha muito brilhante de seu torso onde o paletó do pijama tinha sido desabotoado.

– Isso deve ter doído – disse ele, apontando para a pequena cicatriz.

– Sim, doeu, mas não por muito tempo... Eu nem tenho como pensar nisso agora.

– Fico contente de ouvir isso – disse ele, observando-a com atenção de novo, seus olhos azuis tão vívidos que quase a assustavam. Então, inclinando-se, beijou a pequena cicatriz e os pelos macios emaranhados que caíam sobre ela como um véu.

Cláudia estremeceu e ele imediatamente se endireitou novamente.

– Você quer que eu...? – deixando a pergunta pairando no ar, mas ela sabia o seu significado.

Ela queria, mas também podia ver o estado de excitação de seu corpo, sua ereção pressionando duramente contra o algodão azul da calça do pijama. Era a sua vez, decidiu, estendendo a mão para tocá-lo.

– Vamos deixar esse assunto para depois e nos concentrar *nisto* – disse ela, correndo o dedo sobre a dura longitude de sua carne sob a proteção do algodão fino.

– Eu ficaria encantado... – disse ele maliciosamente, soltando o botão da calça e deixando livre seu pau duro. – Que tal, de perto ele é tão impressionante quanto era à distância?

O desconhecido levantou-se alegremente, como se estivesse oferecendo a sua masculinidade para ela como um objeto de arte para a sua aprovação.

– Claro que é, seu vaidoso! – disse ela, rindo e estendendo a mão para ele, puxando-o pelo pênis

– muito suavemente – em sua direção. O homem deu-lhe um sorriso maravilhoso, e então fechou os olhos, suspirando. – Mas, você sabe o que fazer com ele?

– Isso é uma coisa da qual ainda me lembro – respondeu, habilmente desembaraçando-se da mão de Cláudia e depois deslizando sobre ela novamente. – Como fazer as coisas está voltando para mim muito claramente agora – disse erguendo-se e pairando sobre ela, a glândula de seu pênis apenas tocando a entrada de sua vagina. – Isso está certo? – perguntou, empurrando um pouco, a ponta encontrando o seu

nicho com perfeita facilidade. Ele balançou os quadris e deslizou um pouco mais para dentro dela. Enquanto mantinha-se acima dela, seu rosto era como uma máscara, pálida e maravilhosa na escuridão: seus olhos sem piscar, os lábios entreabertos, sua expressão feroz, meio amorosa. Ele parecia um deus, um amante demoníaco; transcendental.

Congelada no ato de ser possuída, Cláudia sentiu uma irrealidade vertiginosa alcançá-la.

Mas e se o adorável desconhecido fosse mesmo aquele acontecimento, e muito mais do que havia imaginado? E se ele fosse um anjo, um alienígena? Um ser sobrenatural enviado para encantá-la e enchê-la de prazer? Ele tinha a aparência exata para desempenhar esse papel, tinha a mística. E até mesmo as suas roupas possuíam essa aura romântica, parecia coisa de outro mundo...

– Oh, por favor! – disse para si mesma, um pouco murmurando, empurrando para cima, agarrando-o, querendo-o ainda mais por sua estranheza.

Ele escorregou para dentro um pouco mais, sua presença no comando e o pênis desafiando o aperto úmido de seu canal. Os olhos dele ainda estavam abertos, observando o rosto dela e lendo os contornos de sua alma enquanto a possuía.

– Por favor, me fode, seja lá quem você seja! – gritou ela, morrendo de desejo que ele a invadisse com seu pênis.

– Com prazer – rosnou ele, quando completou sua penetração.

Não houve nada de irrealidade quanto ao pênis do desconhecido dentro dela. Ele era muito real.

Cláudia sentiu uma súbita vontade de gritar de novo, a mesma que teve perto do rio. Finalmente! Ela estava com um homem dentro dela. Vivo, respirando, quente e duro. Ela não sabia o seu nome, mas seu corpo parecia conhecer o dele desde sempre. Eles se encaixavam com tanta precisão que parecia que ele tinha sido feito para ela; parecia combinar melhor com ela do que o de Gerald, embora seu marido nunca a tivesse desapontado.

Deliciosamente empalada, ela tentou se mover sob seu amante sem nome, mas ele a segurou quieta e domesticada. Cláudia se agitou desordenadamente, querendo abraçá-lo mais apertado e explorar o corpo daquele homem, mas, por algum passe de mágica e de corpo, algum truque físico que

ela não pôde desvendar, ele reprimiu seus intentos. Ele prendeu suas mãos acima da cabeça, com apenas uma das suas, e usou a outra, que estava sob ela, para puxá-la para mais perto.

– Calma – murmurou ele de novo, beijando-a no pescoço e, em seguida, no ombro. – Fique quieta.

Deixe que nossos corpos possam se conhecer.

*Mas o meu corpo já conhece o seu!*, ela queria gritar. Mas, de qualquer forma, tudo o que podia fazer era ofegar. Ele a subjugou apenas segurando-a e metendo dentro dela. Sua inação era de certo modo vigorosa e envolvente. Ele só tinha que estar lá, não parecia precisar se mover.

– Você é maravilhosa! Você é maravilhosa! – cantou ele bem baixinho, sua voz acatando um tom como se

ele também estivesse sentindo uma vontade feliz de chorar. Cláudia sentiu seus longos cílios escovando levemente seu rosto quando ele beijou o seu queixo, e o seu ouvido.

E então ele começou a se mover, tão lentamente, muito lentamente, permitindo que ela pudesse sentir toda aquela extensão deslizando suavemente para dentro e para fora dela. Cláudia saboreava a estranha mistura de atrito e maciez que era a sua própria essência em movimento contra seu corpo.

Como pode um jovem exercer tal controle sobre o seu próprio e tão óbvio desejo? Ela esperava pressa, falta de jeito, impulsos frenéticos e desajeitados, mas ele era tão deliberado, tão no controle de si e do outro. Ela percebeu que estava começando a sentir vontade de gozar de novo, os quadris derretendo na implosão tão inconfundível. Perdendo o domínio de si mesma, ela se debatia em seu desejo, o corpo preenchido por uma violência cegante e deliciosa; mas ele a acalmou, detendo seus gritos com a boca e tapando o fogo que queimava dentro de Cláudia para aumentá-lo e enriquecê-lo.

Mas quando ela chegou ao ápice, relaxando em um orgasmo de sonhos, que parecia ampliado e estendido mais do que um evento, o desconhecido pareceu engatar outro movimento. Flexionando seu corpo, ele começou a empurrar com mais autoridade, martelando nela com uma força deliciosa e cheia de fúria. Seus beijos se tornaram poderosos e devoradores.

– Oh! – gritou, liberando as mãos dela para poder deslizar as suas para baixo dela e agarrar suas nádegas, mergulhando como se estivesse tentando fazer parte daquele corpo.

Envolta em paixão, Cláudia sentiu-se conscientemente fragmentada. Ela era como uma pena em meio a um turbilhão, uma dançarina girando em direção ao infinito. Mas, assim que a escuridão aveludada reclamou sua presença, ela sentiu a sensação de umidade em seu rosto. Lágrimas. Não dela, mas do homem, lágrimas quentes e salgadas, o choro feliz de uma doce alma sendo liberada.

– Oh, Cláudia! – gritou, e gozou dentro dela.

O desconhecido acordou na escuridão e, pela primeira vez em horas – ou dias, ou semanas? –

suas emoções predominantes não eram o terror e uma vaga sensação de deslocamento. Sua primeira pergunta não era a angustiante *Quem sou eu?*

A questão agora era outra, e ele percebeu. *Quem é ela?*

Ele estava deitado em uma cama larga e confortável, envolto em lençóis limpos frescos, que tinham o cheiro floral de algum amaciante de roupas, e vestindo um pijama de algodão igualmente limpo, mas um pouco largo demais. Ao lado dele estava uma mulher, profundamente adormecida.

E ele tinha lembranças! Recentes, porém, mas ainda assim lembranças que o preencheram daquele tão esperado contentamento.

– Cláudia – disse em voz baixa, não querendo acordá-la.

Sim, o nome dela é Cláudia.

Ele se virou para sua companheira, que estava dormindo, e descobriu que ela era bonita. A luminosidade do amanhecer filtrava-se através das cortinas e caía sobre um rosto de traços bem definidos e sereno,

emoldurado por um cabelo curto e com várias mechas de tons de loiro, cabelo denso e de boa textura, com um corte benfeito.

Sentando-se com muito cuidado, ele olhou para ela. Tinha minúsculas linhas nos cantos dos olhos, a marca de um sorriso nos cantos da boca e, embora não fosse uma jovem garota, era requintada e não aparentava a idade. O lençol afastado para o lado revelava seus lindos seios bem arredondados.

*Nós fizemos amor*, pensou ele, reflexivo. Então sorriu, sentindo – sabendo, na verdade – com satisfação que o sorriso que brincava nos cantos de seus lábios se devia a ele. Sua vontade era a de beijá-

la, mas parecia um crime perturbar seu descanso. Ele queria fazer amor com ela, mas preferia que a mulher estivesse acordada e realmente o desejando quando a penetrasse. Não queria roubar o prazer como se fosse uma criança surrupiando doces da lata.

O aposento acolhedor em torno dele parecia familiar apenas no fato de que era onde havia adormecido. Esta era a casa de Cláudia, sabia disso. Lembrou-se de chegar ali ontem à noite, lembrou-se de uma tempestade, e de uma horrível crise cegante de pânico, que parecia mais como a resposta de um animal aos elementos do que a de um ser humano racional. Lembrou-se do calor de Cláudia e de sua bondade, e de seu tesão imediato e bastante alarmante ao vê-la.

Mas, quando tentou visualizar o que havia além do quarto e da casa, o medo e a sensação de vazio se fecharam novamente em torno de sua mente. Havia apenas fragmentos confusos disponíveis, e a maioria trazia dor em seu rastro.

Apenas uma lembrança era agradável. Lembrou-se de estar ao lado de um rio e vendo a luz solar refletindo na água. Com a imagem da luz dançando no rio veio uma curiosa sensação erótica. Teve um desejo selvagem de rir, mas colocou a mão na boca para contê-lo, não querendo acordar sua linda Cláudia de seu sono. Ele sorriu, no entanto, lembrando-se do que tinha feito e sentido às margens daquele rio.

Era estranho como o sexo parecia tão definitivo, tão constante, tão reconfortante, quando tudo o mais no seu presente e no seu passado se mostrava insubstancial, na melhor das hipóteses, e efetivamente inexistente, na pior. Ao experimentar o prazer – e dá-lo também, reconheceu com um sorriso –, ele tinha substância, sentia-se ele próprio. Um homem. Uma pessoa. Mesmo que não tivesse a mínima ideia de quem pudesse ser essa pessoa.

Cobriu o rosto com as mãos. Uma coisa que tinha aprendido durante aquele emaranhado de horas passadas foi que, quando ele se forçava, se pressionava duramente para lembrar de alguma coisa, sempre se sentia pior – e terrivelmente cansado. O cansaço de repente se abateu sobre ele novamente, e, nesta cama macia e convidativa, parecia não haver nenhuma razão sobre a face da Terra para resistir a seu chamado.

Tinha muito menos medo da inconsciência agora, percebeu, quando se deitou de novo e virou a cabeça no travesseiro para encarar a amante que também era, literalmente, sua salvadora.

Ele poderia não ter um nome, mas pelo menos agora não estava mais sozinho.

– Cláudia – suspirou, depois se uniu a ela no reconfortante domínio dos sonhos.

# CAPÍTULO QUATRO

## O HÓSPEDE

Cláudia levou todo o tempo do mundo para não acordá-lo assim que despertou.

Quando um raio do sol da manhã caiu sobre seu rosto e a tirou do sono, ficou parada ali por alguns segundos, perguntando-se se os seus sentidos estavam por acaso brincando com ela. Então beliscou a própria coxa, em vez da do anjo que estava deitado a seu lado na cama.

Seu belo e desconhecido jovem – seu amante, pensou, rolando durante algum tempo aquela palavra inofensiva na boca – estava estendido na cama, o cabelo todo despenteado e o rosto suave e pálido sorrindo levemente. Ele tinha adormecido rapidamente, e ainda continuava dormido, um ícone perfeito da tentação inocente. Cláudia teve que se beliscar de novo, para ter certeza de que tudo aquilo era real, e ainda tinha na perna a marca roxa do último beliscão.

*Você estava dentro de mim ontem à noite*, disse ao rapaz silenciosamente. *Você me tocou. Você fez amor comigo. Eu adoro você.*

*Oh, querida, ainda é muito cedo para isso, muito drástico*, pensou, enquanto colocava alguma roupa limpa para ele no pé da cama. Felizmente, o recém-chegado tinha um feitio de corpo muito similar ao de Gerald, e, embora seu falecido marido estivesse bem entrado nos 50 anos, tinha um gosto de um homem muito mais jovem por roupas esportivas; sem contar que possuía boa aparência suficiente para usá-las. Como Cláudia ainda não tinha tido a coragem de doar tudo para uma casa de caridade, havia muita coisa para escolher para seu hóspede. A seleção tinha sido jeans e uma camisa branca macia, além de uma cueca boxer, meias limpas e um par de mocassins.

Fechando a mão para evitar acariciar o rapaz, Cláudia demorou-se ansiosamente olhando o amante adormecido. Seu rosto comprido, mas elegante, seu cabelo macio e revoltado, seus lábios mais parecendo ter sido esculpidos. Aqueles lábios a tinham beijado com total segurança na noite passada, embora, apenas algumas poucas horas antes, os mesmos lábios tivessem se moldado em um grito de medo.

E ela ainda conseguia ouvir seu gemido sincero quando ele havia gozado.

*Vá embora, sua velha sanguessuga*, disse Cláudia a si mesma, recolhendo as roupas com as quais o desconhecido havia chegado para levar à lavanderia, e então dando as costas para a própria imagem da tentação.

Ela quase desceu as escadas correndo, com passos leves. Não tinha ideia se aquela agitada sessão de amor tinha feito algum bem para seu hóspede com amnésia, mas os benefícios para ela mesma eram evidentes.

Sua energia estava ainda maior do que na véspera e, quando ela se postou nua diante do espelho, depois do banho, teve a certeza de que dava para ver um brilho em sua pele. Havia uma luz imperceptível em seus olhos castanhos e um recorrente sorriso em seus lábios, e ela exibia a aura de uma mulher que tinha sido bem, muito bem comida. Ela era um clichê ambulante, mas certamente não estava reclamando.

*Você está maluca, Cláudia*, pensou, enquanto enfiava a camisa, as meias e a cueca do desconhecido na

máquina de lavar, imaginando essas roupas se agitando com intimidade com suas próprias calcinhas, enquanto ela correria de volta escada acima para se enrolar intimamente com o dono delas.

Sim, era uma espécie de loucura feliz, mas se tivesse a chance de voltar no tempo até o dia anterior e mudar as suas escolhas, ela não teria mudado uma vírgula. Nem um segundo. Mesmo se o desconhecido se revelasse um tremendo de um ator e um vigarista – o que ainda era uma possibilidade, seu lado cauteloso alertou, apesar de seu ar de total plausibilidade. Ela era uma viúva rica e vivendo sozinha, no final das contas. Uma presa perfeita para alguém jovem, inteligente e tão lindo quanto ele.

Ignorando seus receios, e ainda revivendo as maravilhas da noite anterior, Cláudia fez café e em seguida sentou-se à mesa da cozinha para desfrutá-lo. Pouco tempo depois, decidiu que levaria ao homem um pouco do chá de que ele tanto gostara – e serviria a si mesma como acompanhamento, esperava! – Mas por enquanto iria deixar que ele dormisse um pouco mais.

Terminou o café e começou a examinar o casaco de veludo com que ele chegara.

Era um casaco muito benfeito, e exibia a etiqueta de “costurado a mão por Hawkes, Saville Row”, o que sugeria que poderia ser uma peça de roupa antiga verdadeiramente bem conservada, e não uma fantasia. Estava bastante empoeirada e parecia ter sido usada para dormir em diversas ocasiões, o que provavelmente tinha acontecido, mas se fosse levada a alguém especializado nesse tipo de limpeza de roupa, poderia ficar como nova.

Enquanto deslizava os dedos sobre a exuberante textura do veludo, ela sentiu algo duro sob a superfície, perto da costura da bainha. Virando o casaco do outro lado, descobriu um pequeno rasgo no forro do bolso interno, e quando conseguiu tirar aquele objeto duro, viu que era um relógio. Um reló-

gio de bolso antigo, um daqueles lindos e que parecia ser feito de ouro. Não havia nada nos outros bolsos que ajudassem a identificar o desconhecido, nem no casaco, nem na calça ou no colete, o que sugeria que ele poderia muito bem ter sido roubado ou assaltado ou coisa parecida, mas esses ladrões hipotéticos tinham obviamente deixado passar esse tesouro escondido. Ele tinha se infiltrado naquele rasgo do forro e se separado de alguma forma de sua corrente.

A curiosidade fez com que Cláudia abrisse a tampa e ela sorriu quando ele começou a tocar uma melodiosa, mas tilintante, versão de “Danúbio Azul”. Virando-o do outro lado, ela descobriu subitamente que havia uma mensagem gravada:

*Para o meu querido filho Paul, por ocasião de seu aniversário de 21 anos. Com amor, papai.*

Paul! O nome de seu amante misterioso era Paul!

– Paul, oh Paul...

Sussurrou, desejando que o relógio fosse mágico e a levasse de volta para aquelas horas durante as quais pudesse suspirar “Paul” enquanto seu desconhecido a estivesse penetrando. Para que pudesse gemer “Paul” quando ele a acariciava tão lindamente que ela gozou repetidas vezes. Assim ela poderia gritar “Paul!” em exultação, quando os dois estivessem gozando juntos.

Um súbito “Cooeee!” e um som de pancada quase a fizeram derrubar o relógio. Ela o enfiou rapidamente

no bolso do jeans ao mesmo tempo que uma figura familiar entrava, abrindo a porta da cozinha.

Melody Truebridge era a amiga que, com extrema bondade, tinha arrancado Cláudia dos primeiros momentos de sua viuvez precoce e agora estava tentando persuadi-la a reencontrar as alegrias da vida. Parecia irônico que todas as tentativas de Melody, por melhores intenções que ela possuísse, tivessem falhado e que ontem à noite Cláudia tivesse alcançado esse mesmo objetivo por outros meios, divinamente concedidos a ela.

– Ei, o que é isso? – exigiu saber Melody, brincando em direção a Cláudia e puxando acusad-amente a confortável camiseta creme que ela estava usando com a calça jeans. – Pensei que fosse encontrar você toda arrumada pra gente ir ao shopping e passar um dia de peruas.

Embora ela sempre estivesse bem arrumada, o rosto jovem e suave de Melody estava todo ma-quiado, seu cabelo louro platinado estava cuidadosamente puxado num elegante coque. Sua roupa era bonita e feita sob medida, e os saltos eram altos, mas chiques.

*Quase uniformizada*, pensou Cláudia amargamente por um momento, desejando que Richard, o marido de Melody, parasse de uma vez por todas de enxergar sua esposa como um acessório para seus negócios. Ele fazia duras críticas se Melody estivesse nem que fosse um centímetro desarrumada.

– Tudo bem? – perguntou Melody.

– Sinto muito, eu me esqueci... – respondeu Cláudia, sorrindo timidamente.

Com sua desaprovação permanente em relação ao casamento de Melody, e sua recente e muito mais prazerosa ocupação, era óbvio que ela parecesse desatenta.

– Está tudo bem, Cláudia? – perguntou Melody, com os olhos arregalados e cuidadosamente ma-quiados encarando a amiga enquanto se sentava.

– Sim, estou bem, era só uma coisa que eu estava pensando – respondeu Cláudia rapidamente, e então olhou para baixo para ver se ainda estava segurando o casaco de veludo. – Um tipo de imprevisto...

– Imprevisto de que tipo? – perguntou Melody, sua expressão ficando mais aguçada. Por trás de toda aquela amabilidade e gentileza, a jovem mulher era muito esperta e podia detectar rapidamente

lorotas. – E o que é isso? – acrescentou, estendendo a mão para pegar uma ponta do casaco. – Não se parece em nada com o tipo de coisa que Gerry usava. Parece mais uma fantasia...

Cláudia se viu imediatamente em um dilema. O que poderia responder a Melody? Poderia contar tudo a ela? Elas já tinham compartilhado tantas coisas... Cláudia conhecia todas as alegrias e problemas da jovem tanto quanto conhecia os seus. Mas Paul era uma novidade tão drástica em sua vida, que a fez ficar de repente se sentindo culpada, como se tivesse deixado de lado a sua confidente em troca de uma intimidade com um desconhecido, alguém em quem não sabia se podia confiar.

– Ele pertence a... um amigo.

– Um amigo? – os bonitos olhos cinzentos de Melody estavam ainda mais arregalados.

Cláudia ainda hesitou. Ela queria muito compartilhar isso, mas...

– Ahá! Um amigo, hein? – disse Melody triunfante, segurando a mão de Cláudia. – E você está ficando vermelha! Ora, vamos lá! Conte-me tudo, dona malandrinha!

– Menos com esse negócio de “dona”, por favor... – protestou Cláudia, percebendo que já estava de um rosa brilhante no rosto, corando rapidamente como se a amiga tivesse chegado e a encontrado transando com Paul na mesa da cozinha.

– Não mude de assunto... Agora, vamos! Desembuche! – insistiu Melody, forçando Cláudia a olhar para ela. – Quando você o conheceu? Estive aqui há apenas dois dias e você não me disse nada, então.

Mais uma vez, Cláudia se perguntou o que poderia contar à amiga. E será que ela teria o direito de contar alguma coisa a alguém? Afinal, existiam duas pessoas nesse tango da meia-noite.

O problema é que ela se sentia compelida a falar. Melody não era apenas uma relação casual, ela era uma companheira confiável. Sua presença discreta e pacificadora mantivera Cláudia inteira quando seu mundo inteiro estava a ponto de ruir.

– Bem, isso vai parecer um pouco maluco... Aliás, um bocado maluco, mas pode acreditar, é tudo verdade...

Cláudia começou a descrever, de forma criteriosamente editada, a chegada do misterioso e excêntricamente vestido Paul em sua vida. Ela não entrou em detalhes sobre suas atividades na margem do rio, tentando sugerir que ele tinha estado meramente nadando na água, e tampouco mencionou o fato de que ela fora visitá-lo no quarto na noite passada. As sobrancelhas retocadas a lápis de Melody se ergueram, porém, e sua expressão cética revelou que ela não acreditava que Cláudia estivesse revelando tudo.

– Bem, eu diria que você está completamente louca! – disse ela a Cláudia, finalmente, sorrindo e balançando a cabeça. – E em vários aspectos. Um deles – ela de repente parecia mais séria –: o que você fez é muito, muito perigoso. Convidar um assaltante ou um estuprador em potencial para ficar em sua casa, tarde da noite. E depois – ela se iluminou, seus olhos brilhando –, se esse Paul é de boa-fé, e adorável como você diz que ele é, eu não consigo entender por que você não encostou um dedo nele! Esse cara parece exatamente o que eu tinha em mente para você quando sugeri que devia sair com Tristan.

– Não seja ridícula. Só deixei o Paul ficar aqui por uma noite – disse Cláudia rapidamente. – E

você sabe que tenho minhas dúvidas sobre esse Tristan.

Tristan Van Dissell era – ou tinha sido – um dos sócios de Gerald, um homem bonito e um pouco mais novo que Cláudia. Apesar disso, Melody tinha sugerido o rapaz para um primeiro encontro, quem sabe um estímulo para a volta da amiga ao mundo do romance e dos relacionamentos.

– Deixe pra lá, não pense nele agora – disse Melody, deixando de lado esse assunto como se fosse um advogado rejeitando uma pista frágil e circunstancial. Ela agarrou a mão de Cláudia. – Agora, prestando mais atenção em você, você está brilhando! Ninguém fica com esse ar de satisfeita apenas por bancar a

boa samaritana! – Melody puxou Cláudia mais para perto. – Você agarrou o cara, não é mesmo? Confesse!

Ainda com tons de rosa no rosto, Cláudia olhou para longe. Ela estava tentando elaborar algum tipo de resposta, quando percebeu um indício de movimento na periferia de sua visão. E, quando esse sinal ganhou uma voz, ela girou em sua cadeira de frente para ele.

– Bom dia – disse Paul timidamente da porta da cozinha. Ele tornou-se imediatamente o foco de atenção de Melody.

Ao vê-lo novamente, aquele seu desconhecido amante requintado, Cláudia se sentiu um pouco tonta. Mesmo naquele par de jeans perfeitamente comum e vestindo uma camisa branca simples, ele estava tão exótico e “diferente” como quando se apresentava em sua elegância eduardiana. E o fato de seu cabelo, encaracolado e despenteado, ainda estar úmido e mostrando ter sido enxugado com uma toalha recentemente, e da camisa emprestada estar desabotoada e solta, por fora do cós dos jeans, implicava exatamente o grau de familiaridade com sua anfitriã que Melody estava tentando fazer Cláudia admitir. Ele se parecia, em cada centímetro do corpo, com um gigolô; não havia como negar.

Não que ela pretendesse negar isso, especialmente depois que ele lhe deu um sorriso caloroso, cúmplice e estranhamente intrincado, que expressava tanto nervosismo quanto a bravata que era a quintessência masculina. O orgulho fez Cláudia querer cantar, mesmo que ele estivesse com ela apenas pelo dinheiro!

Ela percebeu o olhar de seu amante para sua amiga. Melody observava para Paul com indisfarçável interesse sexual, e sua boca pintada de batom rosa estava aberta. Cláudia estava a ponto de apresentá-los quando a amiga tomou a iniciativa.

– E bom dia para você também – respondeu ela, sorrindo. – Sou Melody, amiga de Cláudia, e ela estava me falando de você.

Paul deu um passo adiante para a cozinha e apertou a mão estendida de Melody. Durante todo o tempo, ele exibia aquele sorriso tímido e glorioso que já estava se tornando inebriantemente familiar para Cláudia, e que agora parecia ter tido um efeito repentino e entorpecedor sobre Melody também.

– Eu sou... – ele franziu a testa por um segundo, claramente lutando para tentar arrancar pelo menos o seu nome do fundo de sua memória.

– Paul – ajudou Cláudia, dizendo o nome suavemente, levantando-se da cadeira e movendo-se em direção a ele, pescando o relógio do bolso da calça enquanto fazia isso. – Acho que seu nome deve ser Paul. Encontrei isto preso no forro de seu casaco. – Quando alcançou o amante misterioso, ela abriu

a tampa e colocou a peça na mão aberta dele. Ele sorriu ao ouvir a valsa e então olhou mais de perto para ler a inscrição.

– E então, faz você se lembrar de alguma coisa? – perguntou ela quando ele não disse nada, mas apenas olhou para as palavras gravadas no ouro.

– Não tenho certeza – disse ele finalmente, fechando a tampa e abrindo de novo, depois fechando mais uma vez, como se aquele movimento em si pudesse desencadear alguma lembrança. – Paul...

Paul... – entou lentamente, pensativo. – Não me parece errado, mas... – parou por um momento e depois continuou a falar –, mas eu não poderia honestamente dizer que esse seja o meu nome.

– Eu gosto – disse Cláudia, ao perceber que gostava muito, muito desse nome. – Combina com você.

– É, é um nome bonito – concordou Melody, aparentemente se livrando de seu torpor e encontrando a voz novamente. – Você se parece exatamente como um Paul deveria ser.

Houve um silêncio breve, mas intenso, durante o qual Cláudia sentiu que a frágil confiança de Paul começava a oscilar. Afinal, fazia menos de um dia que ele chegara de sua vida de confusão e terror.

– Que tal uma xícara de chá, Paul? – disse, puxando uma cadeira para ele. Enquanto ele se sentava, Cláudia deu um olhar significativo para Melody.

– Bem, você quer alguma coisa do shopping, Cláudia? – perguntou Melody, dando a entender que captara a mensagem. – Talvez eu possa deixar isso na lavanderia para você. – Ela apontou com a cabeça em direção ao casaco, ao colete e às calças, que estavam dobrados sobre outra das cadeiras da cozinha. – A Taylors é muito boa com esses tecidos especiais. E posso também pedir que entreguem aqui assim que estiver pronto, o que acha?

Um ou dois minutos mais tarde, depois de uma conversa leve e inconsequente e de várias trocas de olhares cheios de significado entre as duas amigas, Melody se foi, levando as roupas de Paul com ela para deixar na lavanderia. No hall de entrada da casa, ela reiterou suas advertências:

– Tome muito cuidado! – disse, apertando a mão de Cláudia. – Ele pode parecer lindo como um anjo, mas ainda assim pode ser um louco perigoso.

– Sinto muito, foi difícil para você? – perguntou Cláudia quando voltou para a cozinha, depois de acompanhar Melody até a porta. Paul ainda estava sentado no mesmo lugar onde ela o havia deixado, olhando fixamente para o relógio enquanto tocava “Danúbio Azul”.

Ele levantou os olhos e olhou para ela, e o coração de Cláudia pareceu se revolver dentro do corpo.

Ele estava sorrindo, aquele sorriso especial entre eles, que parecia ser ao mesmo tempo cúmplice e irrepreensivelmente puro. Cláudia estava presa a ele, completamente presa. Ela sentia um grande e irresistível desejo de revelar-se totalmente para ele, abrir sua alma e seu corpo, em um instante de cegueira catártica. Ela simplesmente não conseguia acreditar que ele fosse outra coisa que não honesto.

Corando mais uma vez, seus olhos se dirigiram para o peito dele, ainda nu, e ela se lembrou da sensação desse peito comprimido contra seus seios enquanto ele se deitava sobre ela e seu pênis abria caminho dentro de seu corpo.

– Um pouco, mas não tão ruim quanto teria sido se fosse ontem – respondeu ele, fechando a tampa do relógio e depositando-o sobre a mesa. Cláudia piscou, tentando se lembrar de qual pergunta ela tinha feito. – Sua amiga é legal. Ela parece estar muito preocupada com você.

– Ah, sim, ela é – disse Cláudia, trêmula, afastando-se dele antes que fizesse algo imprudente, como implorar que ele fizesse amor com ela novamente. – às vezes eu me pergunto como eu teria conseguido sem a Mel para me ajudar, quando meu marido morreu. Ela me manteve caminhando. Ela me manteve sã.

Cuidou de mim.

– Sua amiga obviamente tem um bom coração – observou Paul, com voz pensativa. – Mas, ainda assim, ela está infeliz com alguma coisa...

– O que fez você dizer isso? – Cláudia virou-se para encará-lo novamente, e o viu esfregando o dedo indicador cuidadosamente ao longo do lábio inferior. Era um gesto contemplativo, mas de algum modo era também profundamente erótico.

– Não sei... Talvez seja uma coisa de “alma perdida”? Talvez seja preciso ser uma para reconhecer a outra?

*Talvez*, pensou Cláudia, perguntando-se sobre os poderes de percepção desse desconhecido.

– De fato, ela não é exatamente feliz o tempo todo – disse Cláudia, não querendo detalhar as dificuldades conjugais de sua melhor amiga a alguém que nenhuma das duas realmente conhecia. –

Acho que você poderia dizer que tomo conta dela um pouco, também...

– Não consigo imaginar que exista uma pessoa que não queira cuidar de qualquer uma de vocês –

disse Paul em voz baixa, levantando-se da cadeira e encaminhando-se para onde ela estava tentando encher a chaleira para o chá, e não fazendo isso muito bem. Quando a chaleira bateu contra a torneira, Paul a pegou, colocou-a no escorredor e, em seguida, estendeu as mãos para a cintura de Cláudia, puxando-a contra si. – Quero lhe agradecer por fazer a mesma coisa por mim – sussurrou, beijando-a no pescoço com os lábios suaves, mas cheios de significado.

Cláudia sentiu como se seus joelhos tivessem se transformado em geleia. Ela se curvou para trás, o fôlego de repente vindo em suspiros agressivos e profundos. Tudo o que ele precisava fazer era chegar perto e tocá-la da forma mais inocente e ela ficaria tão louca por ele quanto uma cadela ofegante no cio.

Não que seu toque fosse totalmente inocente. Entre suas nádegas, ela podia sentir o volume do órgão genital dele, pressionando-se contra ela através de várias camadas de tecido. Ele estava ereto novamente, tão duro e tão fabuloso como na noite anterior. Incapaz de resistir, ela empurrou-se de costas contra ele.

Sentindo-se um pouco tonta, levantou o olhar e viu seus reflexos espectrais no vidro da janela sobre a pia. Sua própria imagem tinha olhos vidrados e promíscuos; os lábios estavam separados e os mamilos eram duas manchas claras e evidentes sob a camiseta clara e o sutiã de algodão fino. Ela não podia ver Paul tão distintamente. Seu rosto era apenas uma pálida impressão, que se via inclinado sobre o ombro enquanto apertava seus lábios contra sua garganta, e seu cabelo parecia uma massa selvagem, mais escura, um emaranhado de serpentes contra a loura elegância de seus cabelos. Seus

longos cílios eram dois crescentes, um par de leques sedosos e negros, e a boca, uma linha flexível enquanto a beijava.

– Você me deu isso – disse ele, seus dentes explorando a pele enquanto esfregava seu membro duro contra a fenda do traseiro de Cláudia. – Eu me sinto inteiro de novo, e nem preciso saber o meu nome quando estou com você.

Cláudia pulou em seus braços quando ele deslizou a mão para baixo e prendeu a virilha através dos jeans que ela usava. Era como ser enrolada por uma cerca elétrica; onde quer que ele a tocasse, seu corpo crepitava com energia. Ele riu em voz alta quando ela se apertou contra ele, um riso intenso e perverso enquanto ele a amassava impiedosamente entre suas pernas.

– Você deixa tudo tão simples para mim – murmurou ele, quase devorando seu pescoço enquanto a esfregava e esfregava. A costura da calça jeans apertada foi pressionada contra o clitóris dela, e Cláudia sabia que seu diabólico amante estava ciente disso.

– Oh Paul, Paul... – suspirou, saboreando o seu nome enquanto aumentava aquela adorável tensão entre suas pernas. Ele a estava estimulando com os dedos e massageando seu traseiro com seu pênis.

*Quão perto você está do orgasmo?*, perguntou Cláudia a si mesma com ar sonhador, quando seus espasmos culminantes começaram a fazer seu corpo ondular e, então, ela gritou como se toda aquela potência a dominasse. Sua vulva estava pulando e pulsando sob os dedos daquele homem, e ela sabia que Paul devia ser capaz de sentir sua reação através do jeans. Ele riu de novo, como se confirmando sua suposição.

– Paul, oh, Paul, seu desgraçado, você é adorável! – gritou Cláudia. Ela pareceu gozar e gozar e gozar por vários minutos.

Quando seus olhos se abriram e ela recuperou a capacidade de se sustentar sozinha, a primeira coisa que viu foi a chaleira.

– E o seu chá? – disse fracamente, tentando endireitar-se.

– Daqui a pouco – respondeu ele com a voz rouca, sua voz soando mais dominadora e mais velha do que tinha se mostrado até então. Com um pequeno movimento de sua pélvis, lembrou Cláudia de sua ereção, e depois, deslizando as mãos para baixo até o quadril, ele a segurou quieta enquanto apertava seu pênis contra o traseiro dela.

– Há algo que eu preciso agora muito mais do que uma xícara de chá – disse ele, e logo em seguida riu de sua declaração absolutamente óbvia. Soltando-a, suas mãos foram para o botão e o zíper da calça jeans de Cláudia.

Uma enorme quantidade de pensamentos inconsequentes zuniu através de sua mente enquanto Paul lidava com a calça.

Ele estava prestes a possuí-la contra a pia da cozinha! Que clichê – mas que excitante!

E que horas eram agora? Oito? Nove? Dez? Se fossem dez horas, ela já deveria ter tomado seu café da manhã e estaria lavando a louça antes que a faxineira chegasse. Oh, Deus, e se senhora Tisdale entrasse direto, como sempre fazia, e encontrasse sua patroa sendo comida na pia da cozinha por um completo desconhecido? A senhora Tisdale era muito boa e muito querida e, assim como Melody,

vivia dizendo quanto estava preocupada por Cláudia estar vivendo tão sozinha, tão por conta própria.

Ela provavelmente teria ligado para a polícia antes que Paul tivesse terminado!

E nenhum dos dois tinha tomado o café!

Mas essas considerações mundanas foram logo sopradas para longe com o impacto dos dedos de Paul em sua bunda nua. Em poucos segundos, ele tinha afrouxado seu jeans e agora enfiava as duas longas mãos por dentro deles, e por dentro de sua calcinha também. Por alguns momentos, ele ficou apenas segurando suas nádegas, uma mão segurando cada lado, e então começou a apertá-las e a afastá-las lentamente.

Cláudia suspirou, segurando a borda da pia e preparando-se para ele. Ela estava totalmente desperta de novo por causa dos carinhos de Paul. Ele agarrara o traseiro dela na noite passada, enquanto faziam amor, mas de alguma forma, agora, na presença de roupas e de pias e chaleiras, as carícias íntimas pareciam muito mais lascivas e ousadas. Ela sentiu quando Paul ficou circulando os montes gêmeos de sua carne, abrindo a fenda macia entre eles, e seus dedinhos se esfregando rudemente contra seu ânus.

– Você é tão adorável, Cláudia – murmurou ele em seu ouvido, ao mesmo tempo que segurava mais firme lá embaixo.

Cláudia estava excitada demais para se manter imóvel. Ela contraiu as coxas, agitou os quadris, pressionou sua bunda contra as mãos que a continham, esperando que uma delas fosse para baixo e atacasse a sua boceta. A melhor coisa, pensou, seria se ele deslizasse uma das mãos para a frente da calça jeans, enquanto ainda a acariciasse com a outra por trás. Queria pedir-lhe para fazer isso, mas a relação entre eles ainda era muito incomum, muito tênue. Se ela quebrasse o feitiço, ele poderia desaparecer como num sonho.

Mas um sonho com poderes especiais, era isso o que parecia. Talvez, pensou ela quando a mão dele se dirigiu habilmente para, exatamente, a parte de seu corpo que ela queria, aquela perda de memória houvesse criado um espaço mental para outras habilidades? Ele tinha poderes telepáticos ou era apenas muito, muito hábil? Ela movimentou as coxas bem depressa quando, dentro da calcinha, ele tocou seu clitóris.

– Mais uma vez? – perguntou ele, e sem esperar pela resposta, pressionou suavemente aquele inchado botão de carne.

Cláudia deixou escapar um grito alto e agudo e gozou com uma força que era tão penetrante quanto. Pulsando com prazer, ela reteve noção suficiente apenas para manter seus braços apoiados na borda e evitar que fosse lançada para dentro da pia, cheia de água e sabão. Caso contrário, ela estaria indefesa; um fantoche de seu amante.

Enquanto ainda estava pulsando, ainda ofegando, ainda gozando, Cláudia sentiu que ele estava puxando rapidamente sua calcinha e seu jeans para baixo, e então, com igual destreza, lançando seu pênis para fora da roupa. Ela ainda estava no orgasmo quando ele rapidamente deslizou para dentro dela.

Paul não foi gentil dessa vez, e não foi lento. Como se tivesse sido estimulado pela novidade e pelo perigo da situação, ele transou rapidamente com ela e com força. *Você leu a minha mente de novo*, pensou Cláudia, a vulva pulsando.

Seu orgasmo, louco e assustador, continuou, cresceu de novo, e seus braços doíam com o esforço de se manter na posição. Ela estava suportando o peso e a força de ambos, porque Paul estava ocupado demais com seus seios e seu clitóris. Depois de alguns minutos de comoção, ele gritou de forma incoerente, com

as mãos convulsionando o corpo dela enquanto seu pênis pulsava dentro. Cláudia mordeu o lábio quando suas próprias sensações duplicaram.

Eles deveriam ter terminado no chão, mas, de alguma forma, um milagre de recuperação prevaleceu. Eles se viram rindo como adolescentes quando começaram a recolher as roupas.

– Eu nunca serei capaz de pensar em lavar as louças com essa mesma luz de novo! – disse Cláudia, olhando a espuma, cuja silenciosa deliquescência tinha acompanhado seu coito. A chaleira estava abandonada no corredor, mas quando foi pegá-la, lembrando-se do chá que havia oferecido um século atrás, Paul pegou-a pela mão e levou-a de volta para a mesa da cozinha. Puxando uma cadeira para ela, ele a fez sentar-se.

– Permita-me – disse ele, voltando para a pia e para a chaleira, disparando em direção a Cláudia um daqueles doces e ensolarados sorrisos. – É o mínimo que posso fazer nas atuais circunstâncias.

Cláudia ficou observando enquanto ele se movia ao redor de sua cozinha como se fosse o dono do lugar. *Muito seguro de si agora, não, rapaz?*, pensou ela, assistindo àqueles movimentos precisos e econômicos enquanto ele arrumava as louças e fazia o chá com a segurança de quem preparou tal coisa todos os dias de sua vida. A quantidade correta das folhas de chá e o tempo certo de deixá-las na água em ebulição parecia ser algo que tinha permanecido em sua memória quando o nome e a identidade aparentemente tinham desaparecido. As advertências sussurradas por Melody voltaram. Será que aquele seu menino-perdido era na verdade apenas isso? Uma atuação premiada e muito inteligente?

Ela esperou até que ele tivesse servido chá para ambos, e provado o dela – que se mostrou ainda melhor do que aquele que ela havia preparado –, antes de abordá-lo.

– Então, Paul, o que vamos fazer com você?

Ele lhe devolveu um olhar muito direto, completamente sem malícia. Isso a fez corar, como se ela fosse a pessoa sob os holofotes da suspeita.

– Eu não sei – respondeu Paul lentamente, e então, inesperadamente, começou a brincar com a xícara e com a colher. O retorno repentino de sua confusão deixou Cláudia fora de equilíbrio também.

Ele era tão mutável; isso a deixava sem saber onde estava pisando.

– Eu não sei por onde começar – continuou –, ou para onde ir. Eu nem sei onde estou, realmente...

– deixando a colher de lado, levantou a xícara aos lábios e tomou um gole. Um olhar fugaz de prazer cruzou seu rosto.

– Bem, o que sabemos sobre você até agora? – disse Cláudia, depositando sua xícara e apoiando as palmas das mãos sobre a mesa. Ela iria ser firme, assumir o controle da conversa. – Seu nome é Paul, você tem mais de 21 anos, e gosta de chá, de Madame Butterfly e de sexo.

– Oh, acho que é um pouco mais do que isso – respondeu Paul, seus olhos claros brilhando. – Eu gosto de música clássica, acho... Adoro chá, e adoro fazer amor. Parece ser a única coisa que posso fazer, e em que sei que sou bom! – O pêndulo de sua confiança havia balançado novamente.

Cláudia tentou aproveitar rapidamente desse momento para ser objetiva, embora a resposta imediata de seu corpo tenha feito com que isso fosse complicado. É que ele, recentemente saciado, só agora começara a reagir novamente.

– Sobre onde você está agora... – ela olhou em volta, o que era bem mais fácil do que olhar para Paul, e fez um gesto amplo que abrangia os arredores. – Esta é a minha casa, Perry House, e está situada no número 162 da Green Giles Lane, Rosewell com Berfield, em Oxfordshire. Estamos a cerca de 90 quilômetros de Londres, a 10 de Oxford, e o rio onde você estava nadando ontem é o Little Ber, que eventualmente flui para o Tâmisia.

– E de cujas margens você ficou me olhando – lembrou ele, parecendo um pouco brincalhão.

– E você estava em minha propriedade, é bom que saiba disso – devolveu Cláudia. – Invadindo.

Eu diria que tinha todo o direito de vigiar você. – Ela podia se sentir sucumbindo cada vez mais à presença dele a cada segundo que passava. Era assustador, mas ainda assim, continuou a lutar. – Pare de tentar me distrair – reclamou. – Agora, você sabe *quando* é hoje? Qual é a data, a época?

Ele franziu a testa, ainda parecendo lascivo.

– Não tenho ideia... No meio do verão? – sugeriu.

Cláudia lhe disse a data, e Paul encolheu os ombros:

– Tudo bem, parece correto...

– Existe mais alguma coisa da qual você se lembre? Algo específico? Um evento, um nome... Qualquer coisa?

Paul colocou a xícara na mesa novamente, respirou fundo e pareceu se esforçar para buscar todas as faculdades mentais que ainda lhe estivessem disponíveis. Cláudia sentiu uma pontada de remorso por pressioná-lo tanto assim, e mais para sanar suas próprias dúvidas... O estresse visível no rosto de Paul fez seu coração se contorcer.

– Só posso me lembrar de pedaços de coisas – disse ele finalmente, a voz áspera, como se estivesse muito perto de verter lágrimas de frustração. Começou a brincar com a bainha da camisa; primeiro alisando o tecido e depois a amassando entre os dedos longos e elegantes. – Impressões.

Fragmentos... Eu me lembro de alguém me bater. E me chutar – Paul largou a camisa e pressionou a mão rapidamente no lado do corpo, onde Cláudia sabia que havia um hematoma extenso e bastante roxo. – Lembro-me de um lugar com muitas pessoas... Carros em um estacionamento. Todo mundo estava olhando para mim. Seus olhos pareciam enormes... Desconhecido. Como se estivessem fora de foco.

– E isso foi recente? Ou você acha que é algo que aconteceu antes do que ocorreu com você? –

a preocupação de Cláudia se aprofundou. Paul estava tremendo visivelmente agora, e, enquanto ela o observava, ele cobriu o rosto com as mãos.

– Sim. Eu acho – as palavras eram um pouco abafadas. – E eu me lembro de estar em algum tipo de

lanchonete. Eu devia estar com algumas moedas no meu bolso. Acho que comi alguma coisa...

Bebi um pouco de chá... – Ele deixou cair as mãos e lhe deu um sorriso torto. – Sim, eu me lembro claramente. Era nojento. Então, depois que eu lavei meu rosto... Eu estava em um vestiário. Assustei-me para valer, olhando em um espelho. Meu rosto... Ele não significava nada para mim.

Aquele rosto sem nenhum significado para Paul estava angustiado agora, e sentindo pena dele, Cláudia estendeu sua mão e pegou a dele. Estava bastante fria. E aquela narração confusa e fragmentada continuou:

– Depois disso, eu me lembro de andar e andar. Talvez eu tenha parado em algum lugar para dormir, não sei... A próxima coisa de que me lembro é de estar no rio, e a partir daí tudo parece mais claro. Tomei banho e... – Ele olhou diretamente para ela, e conseguiu dar um sorriso. – Quando as minhas roupas ficaram secas, eu as vesti de novo, me enrolei e fui dormir novamente. Quando acordei, já estava escuro e pareceu que eu tinha me colocado no epicentro de uma tempestade. Quando vi as luzes de sua casa, corri para cá.

Então, poderia ter sido qualquer casa, pensou Cláudia, olhando para o rosto bonito e o belo corpo do homem que havia literalmente caído a seus pés, em seguida ressuscitado e a revitalizado.

Foi tudo por puro acaso...

E, ainda assim, ela não acreditava naquilo. O destino, carma, sorte, qualquer que fosse o nome, tinha trazido esse homem para ela, precisamente no momento em que ela mais precisava dele. Ele era seu catalisador, ele tinha *sido feito* para regenerar a sua sexualidade.

– E o resto você já sabe – disse ele simplesmente, sua mão mexendo na dela.

Cláudia sentiu sua alma se mexendo também, quando seus longos dedos se fecharam em torno dos dela, evocando outras curvas e outras coisas sendo envolvidas. Por praticamente nada, ela o teria atraído para perto de novo e o encorajado a fazer aquilo que ele fizera com tanta confiança. Mas havia questões práticas a considerar.

– Bem, me parece que há duas coisas que devemos fazer com você agora – disse ela, tentando parecer pelo menos mais focada, se não estritamente profissional. – Você obviamente não tem se alimentado corretamente há algum tempo, então, primeiro, preciso lhe preparar um saudável café da manhã. A segunda coisa é que eu acho que você deve se consultar com um médico. E rapidamente.

Você evidentemente sofreu algum tipo de lesão na cabeça – Ela olhou rapidamente para o machucado na testa de Paul, que ainda parecia bastante assustador. Estava parcialmente escondido por seu cabelo encaracolado, mas o seu perigo potencial não poderia ser ignorado. – Isso pode ser algo bastante sério.

Paul examinou as mãos dadas.

– Um médico? – perguntou, franzindo a testa como se essa palavra fosse completamente desconhecida para ele, ou tivesse algum significado especial, ameaçador. – Não acho que gostaria de conversar com um médico. Pelo menos, não agora. Minha cabeça não está doendo, nem nada – continuou, lembrando o jeito de uma criança teimosa que não queria deixar que a tia limpasse o joelho esfolado.

– Você mesma não disse que sua memória voltou sozinha depois de duas semanas? Pode acontecer a mesma coisa com a minha...

– E pode não acontecer – contrapôs Cláudia, a suspeita começando a se desenrolar de novo.

– Não quero ser picado e cutucado e questionado. Tratado como uma aberração! – disse Paul com uma súbita veemência, arrancando sua mão das dela.

– Não seria assim – disse Cláudia, pensando em seu próprio clínico geral, que era um médico excelente, mas um sujeito de idade e brincalhão, e que costumava ir direto ao ponto fazendo muitas perguntas de forma direta e, por vezes, cáustica.

Então, assim que ela começou a considerar a possibilidade de ir para um hospital, onde o atendimento seria igualmente rápido, mas muito mais impessoal, outra opção de repente se apresentou.

Ela lembrou-se de uma breve conversa no funeral de Gerald, e um agradável, mas bastante estranho telefonema que ocorreu não muito tempo depois. “Eu sei que não sou o seu médico de família, mas, se precisar de alguém para conversar, por favor, não hesite em me chamar. Seja na casa de campo ou em meu consultório em Londres. Mesmo que seja apenas para um bate-papo... Eu posso ajudar.”

E ela pode fazer isso, pensou Cláudia, agarrando a mão de Paul novamente e fazendo com que ele olhasse para ela.

– Olhe. Pode ser que exista outra maneira – disse ela com sinceridade, pensando rapidamente enquanto falava. – Conheço uma pessoa... Ela é médica, mas é uma espécie de amiga também. Se eu telefonar, você vai pelo menos concordar em conhecê-la? Prometo que ela não vai tratá-lo como uma aberração.

## **CAPÍTULO CINCO**

### **ORDENS MÉDICAS**

O problema é que o médico, ou no caso a médica, poderia muito bem vir a ser mais estranhado

que o seu paciente em potencial, pensou Cláudia, alisando a frente de sua saia de algodão macio, de cor ocre, enquanto se apressava pelo corredor depois do almoço.

Sempre houve muita conversa e muita fofoca sobre a doutora Beatrice Quine na cidadezinha de Rosewell e, quando ela abriu a porta da frente, foi fácil para Cláudia entender por que as pessoas gostavam tanto de especular e contar incríveis histórias sobre a mulher.

– Ora, ora! Olá! Eu sempre soube que você iria me ligar um dia, mas não esperava que estivesse tão bem assim – disse a médica, lançando um olhar acolhedor e prolongado para Cláudia, e depois convidando-se a entrar. – O que posso fazer por você? Conte-me tudo sobre o seu tal desconhecido bonito.

Fechando a porta, Cláudia de repente se viu bem perto da doutora Quine, um tanto a mais do que esperava estar. A outra mulher tinha parado, se virado e agora estava de pé a não mais que alguns centímetros de distância, sorrindo. Antes que Cláudia pudesse recuperar o fôlego, já estava sendo beijada profundamente em ambas as faces, no estilo continental, e suas narinas foram vertiginosamente inundadas com um perfume exótico. Depois de um segundo, e tendo cumprimentado – e desorientado!

– sua anfitriã, a médica deu um passo atrás, com um olhar malicioso e inquisidor no rosto.

A única coisa convencional na aparência da doutora Beatrice Quine nesta tarde era sua antiga e bastante desgastada maleta de médico. Era uma maleta bem comum, muito normal e muito reconfortante, enquanto sua dona estava bem longe disso. A médica era uma pessoa extraordinária, e Cláudia sentiu-se subitamente intimidada, mas de uma maneira estranhamente agradável.

Beatrice Quine era uma mulher de beleza incomum. Provavelmente beirando a idade de Cláudia, ou possivelmente um pouco mais velha, a médica tinha escolhido evitar o habitual estilo sóbrio e adequado a uma mulher séria e profissional, e preferira vestir uma regata branca fina e um extravagante

par de calças de couro acamurçado lilás. Seus pés magros estavam com uma exótica sandália, uma pesada pulseira de prata abraçava seu braço, e ela usava um relógio enorme – obviamente masculino –

no pulso. Seu longo cabelo luxuriante, quase violentamente vermelho, estava puxado em uma trança que descia quase até a cintura, e dizer que ela causava um impacto seria passar longe da definição de sua presença.

– Por favor... doutora Quine, por aqui – gaguejou Cláudia, sentindo-se ridícula por se mostrar tão óbvia e embaraçosamente impressionada. Afinal, Beatrice Quine era apenas outra “mulher de certa idade” como ela mesma, apenas outra fêmea com todos os mesmos apetrechos e penduricalhos. Por que, então, aquela bonita médica lhe fazia sentir um frêmito tão grande?

– Oh, por favor, é Beatrice! – disse a médica alegremente. Cláudia acompanhou-a até a sala de estar, ainda sentindo-se completamente abalada por suas próprias respostas involuntárias.

*Isso tudo é tão estranho! , pensou. Inacreditável. A maneira como eu estou reagindo é a mesma de quando coloquei os olhos sobre Paul. O que está acontecendo comigo? Isso tudo é completamente louco!*

– Que sala divina! – exclamou Beatrice, caminhando para o centro da sala de estar, dando um meio giro e fazendo a longa trança balançar em um arco atrás dela. – Você tem tantas coisas lindas –

continuou ela, tomando um lugar no sofá sem ser convidada. Estava claro que a bela médica estava acostumada a ser aceita de braços abertos e com íntima familiaridade onde quer que fosse.

– Eu gosto dela – disse Cláudia com certa dose de incerteza, sem saber se devia sentar-se ao lado de sua convidada tão cheia de si. Beatrice pareceu estar totalmente relaxada, ela já havia colocado de lado sua maleta e se acomodado confortavelmente nas almofadas, cruzando uma perna coberta do couro acamurçado sobre a outra e esticando o braço pelo comprimento do encosto do sofá. E Cláudia, presumivelmente, devia se sentar ao lado dela.

– E então, esse nosso “paciente” – encorajou Beatrice Quine enquanto Cláudia sentava-se cautelosamente. – Onde ele está? Como se sente? Está na cama?

– Er... Não, não – murmurou Cláudia, mais desconcertada do que nunca pela ênfase perturbadoramente não profissional da médica em relação à última palavra. Os cintilantes olhos de Beatrice brilhavam bastante significativamente também. Era como se ela já soubesse sobre todos os eventos que ocorreram

desde a chegada de Paul, incluindo os encontros em sua cama e na cozinha. Mas Cláudia estava bastante convicta de que não tinha revelado nenhuma pista sobre nenhum incidente mais...

pessoal.

– Não, ele está tirando um cochilo no solário – continuou ela, não sendo capaz de continuar encarando os penetrantes olhos verdes de sua visitante. – Ele parece precisar de muito descanso e sono... – E se ela tivesse cometido novamente um erro? Poderia implicar em alguma coisa? Ela sentiu um aumento de interesse por parte da médica. – Ele está bem, porém, quando está acordado. Ele não parece mal, nem muito desorientado... Bem, pelo menos agora não. Mas estava bastante abalado quando chegou.

– Bem, isso é um bom sinal – respondeu Beatrice, sua voz de repente com um tom mais eficiente de novo. – A necessidade de sono pode ser resultado de um trauma... Mas, novamente, como você

me disse que é possível que ele tenha vagado pelo campo por alguns dias, pode ser apenas simples exaustão – Quando Cláudia arriscou uma olhada para a médica, ela, de fato, parecia muito séria, a testa bem franzida em concentração. – Você diz que ele tem um ferimento na cabeça?

– Sim, um esfolado desagradável, mas não há hematomas ou inchaço evidentes.

– Hum... Ao que parece não é muito sério, mas nunca se pode ter certeza absoluta de nada. O

cérebro é um órgão curioso. Pode suportar o que parece ser uma lesão horrível, e o paciente se recuperar completamente... E uma batida leve pode ter graves repercussões – disse Beatrice, que estancou diante do olhar aterrorizado de Cláudia. – Não se preocupe! – disse a médica rapidamente, colocando os dedos longos, bonitos e claramente muito bem cuidados no braço nu de Cláudia. – Tenho certeza de que não é o caso aqui. Se houvesse um problema muito grave, já teria aparecido.

Cláudia sentiu-se confusa – e horrorizada consigo mesma. Paul poderia estar no meio de uma convulsão cerebral terminal neste exato momento, e ainda assim tudo o que ela conseguia pensar era no toque delicado dos dedos de Beatrice Quine em seu antebraço. Aquele contato foi como fogo, uma descarga estática. Foi algo especial à sua maneira, algo como a primeira vez em que Paul colocara as mãos sobre ela na noite anterior.

– Está tudo bem com você? – perguntou Beatrice, inclinando a cabeça um pouco para o lado. –

Eu não queria assustá-la, sinto muito.

Cláudia não estava nada bem, mas balançou a cabeça e sorriu, muito consciente de que a mão de Beatrice ainda descansava levemente sobre seu braço, os dedos curvados, a pele excitantemente quente e macia. Ela também estava ciente de que a proximidade da médica aumentara, assim como a proximidade de seus seios tão bem moldados, tão perfeitamente exibidos por trás da regata branca, com uma óbvia falta de sutia.

Como seria receber carícias dela, pensou Cláudia de forma sonhadora, como se estivesse flutuando no ar, numa nuvem do perfume espetacular que exalava de Beatrice.

Ela levantou os olhos, quase em câmera lenta, e encontrou Beatrice franzindo a testa.

– Tem certeza de que você está bem, Cláudia? – perguntou a médica.

– Sim, obrigada – gaguejou Cláudia, desejando poder se livrar do toque ardente das pontas dos dedos de Beatrice. – Eu acho que estou sofrendo de um pouco de falta de sono, também. Era bem tarde quando consegui arrumar as coisas para acolher Paul ontem à noite... E eu estava preocupada com ele.

– É claro que sim – disse Beatrice, seu tom um pouco questionador quando finalmente retirou a mão e pegou sua bolsa preta. – Mas de fato, Paul é realmente um homem afortunado. Uma pessoa menos hospitaleira poderia ter se afastado, ter soltado os cachorros em cima dele e chamado a polícia.

– Ela levantou-se do sofá e, com sua mão livre, fez um gesto elegante ao redor. – Mas em vez disso, ele encontrou você. E você o trouxe para a sua bonita casa e lhe deu as boas-vindas. Se eu estivesse perdida em uma tempestade, este é exatamente o tipo de lugar que eu gostaria de encontrar para me abrigar.

Uma visão de Beatrice completamente molhada, em um fino vestido de cetim e desmaiada na porta de entrada deixou Cláudia ainda mais confusa, e foi só com uma força de vontade suprema que ela não se desequilibrou ao ficar de pé.

–Você seria muito bem-vinda – disse ela, sem pensar, depois corou quando a médica maliciosamente sorriu.

– Obrigada! Que coisa boa! – disse Beatrice suavemente. – Agora posso ver meu paciente?

– Claro – respondeu Cláudia, muito consciente de que a sua voz estava saindo um pouco mais rouca do que pretendia. – Eu vou lhe mostrar onde ele está – disse, fazendo um gesto brusco e caminhando na frente, ficando irritada com ela mesma por suas próprias reações. Era tudo muito estúpido.

O que, diabos, estava acontecendo com ela?

*Um desconhecido perfeito, era isso que tinha acontecido com ela*, disse a si mesma pesarosamente enquanto mostrava o caminho para o solário. Paul não tinha apenas “entrado” nela no sentido mais cru e primitivo da expressão, mas tinha também entrado em sua vida simultaneamente em outros níveis. Ele a havia reativado de alguma forma, completado um circuito que estava prestes a se fechar. Ele tinha sido o choque que fizera com que seus sentidos voltassem a entrar em movimento.

E lá estava ele. Com o maior cuidado, ela abriu a porta do solário e prendeu a respiração, enquanto Beatrice meio que engasgava atrás dela.

– Deus meu, mas ele é um anjo! – a doutora suspirou, descansando a sua mão no ombro de Cláudia enquanto as duas mulheres avaliavam o jovem deitado.

Assim como Cláudia, Paul havia tomado banho e trocado de roupa depois de seu encontro

selvagem na pia da cozinha. Ele agora usava um par de calças cáqui de Gerald e uma camisa simples, mas muito branca, que por algum motivo tinha deixado aberta e desabotoada novamente. Seus longos e delgados pés estavam descalços, também, com os dedos apontando carinhosamente para Cláudia e Beatrice, enquanto estava completamente esticado, e aparentemente dormindo, em uma surrada chaise-longue colocada ao lado de uma janela aberta. Um quadro mais completo de sedução, Cláudia não podia imaginar. Ela queria acariciar seu cabelo revolto, beijar seu peito nu, afagar seu pênis.

– Eu consigo entender por que você tomou conta dele, você é uma mulher de sorte – continuou Beatrice em um sussurro. – Bem que gostaria que ele aparecesse na minha casa...

Não parecia haver nenhuma resposta realmente adequada para esse desejo, por isso, caminhando tão silenciosamente quanto possível em seus suaves mocassins, Cláudia acompanhou sua sensibilizada companheira até o lado da espreguiçadeira – e daquele homem de beleza quase sobrenatural que estava lá deitado. Parecia um sacrilégio interromper seu sono tranquilo.

– Paul – sussurrou Cláudia, inclinando-se sobre ele e apertando seu ombro com cautela. – Paul, acorde!

Os olhos azuis se abriram, e todo o seu rosto tranquilo e esculpido se iluminou com a visão dela.

Ele sorriu seu sorriso bonito e, em seguida, antes que ela pudesse protestar, aproximou-se, curvou a mão ao redor da nuca e puxou-a para que pudesse beijá-la nos lábios.

Por um instante, ela enrijeceu o corpo, encolhendo os músculos e pronta para lutar contra ele, mas, um segundo depois, relaxou e deixou-se dominar, apreciando a emoção que invadiu seu corpo

inteiro e que veio apenas a partir de seu beijo. Enquanto a língua do rapaz brincava dentro de sua boca, Cláudia imaginou Beatrice a observá-los, e sentiu seu tesão se incendiar com esse pensamento.

*Deixe a médica sexy ver que ela não é a única mulher madura da região a satisfazer os excessos de uma sexualidade maliciosa. Por que deveria Beatrice Quine ser a única a ficar com todo o mercado de amantes mais jovens?*

Quando o braço livre de Paul serpenteou à sua volta e ela se sentiu quase caindo em cima dele, Cláudia decidiu relutantemente que já era hora de conter seu entusiasmo.

– Espere, calma – murmurou em seu ouvido, libertando-se. – Há alguém aqui para te ver... É minha amiga, a médica.

Para seu crédito, Beatrice não tinha feito um som durante o breve e incendiário enredamento de Cláudia com Paul, e agora sua expressão permanecia bastante neutra. Mas, quando ela se aproximou, seu rosto ficou todo sorrisos.

– Beatrice Quine. Médica... Para pagar os meus pecados... Prazer em conhecê-lo – disse ela, estendendo a mão.

Uma confusão total passou como um eclipse pelas belas feições do rosto de Paul, mas com um equilíbrio surpreendente, ele rapidamente substituiu-a por um largo sorriso. Erguendo-se agilmente, ele segurou a mão estendida da médica e apertou-a.

– Paul... – disse ele, liberando a mão de Beatrice, sendo que no mesmo instante encolhia os ombros. – Bem, Paul ou qualquer outra coisa que seja... Eu não consigo me lembrar de mais nada por enquanto.

– Oh, a sua memória vai voltar logo, não se preocupe – disse Beatrice; sua voz soava tranquilizadora e confiante, embora Cláudia quisesse saber como a outra mulher poderia estar tão certa, mesmo sendo uma

médica. *Os médicos são assim mesmo*, ela refletiu. *E eles se saem bem com isso porque você quer acreditar neles.*

– Muito bem – disse a médica, depositando sua maleta sobre a mesa de ferro trabalhado que estava ao lado e, em seguida, pôs-se a abri-la. – Sente-se Paul... Eu gostaria de dar uma examinada em você.

*Eu estava apostando que você faria isso!*

A réplica veio a Cláudia espontaneamente, embora, para seu alívio, ela não tivesse expressado nada em voz alta. Vendo Paul instantaneamente cumprir as ordens da médica, experimentou uma estranha nuvem de emoção passar através dela. Sentiu-se rejeitada e excluída. Com ciúmes. Para piorar as coisas, o sentimento de ciúmes era desfocado. Ela poderia facilmente estar com ciúmes de Paul ou de Beatrice.

– Estarei na cozinha, se você precisar de alguma coisa, me chame... – disse ela, forçando sua voz a assumir um tom agradável e receptivo enquanto caminhava até a porta.

– Obrigada. Isso não deve demorar muito – disse Beatrice com um aceno de concordância. Ela já estava sentada e procurando seu estetoscópio na maleta.

Quando Cláudia parou na porta, ela cruzou seu olhar com o de Paul e notou um pequeno e estranho sorriso no rosto dele, uma expressão que refletia a sua própria e curiosa mescla de sentimentos. Ela viu culpa e excitação. O poder masculino, e o medo de um jovem perdido e assustado. E

de repente ela não se sentia tão mais ciumenta assim. Qualquer coisa que Beatrice fizesse com ele, qualquer liberdade sensual e sem cerimônia que aquela médica tomasse com ele no decorrer de seu exame, havia uma essência de Paul que permaneceria exclusivamente sendo de Cláudia.

Ao chegar ao paraíso de sua cozinha, teve um desejo súbito por uma dose de conhaque. Seus sentimentos e suas reações eram por demais inquietantes. Servindo-se, em vez disso, de um pouco de água mineral, e colocando alguns cubos de gelo e limão, pôs o copo sobre a mesa da cozinha, depois sentou-se numa cadeira invertida, os braços apoiados nas costas da cadeira, o queixo sobre os braços, e tentou se concentrar observando as bolhas subindo no líquido. Era uma atividade estranha, mas observar as minúsculas esferas de gás desafiando a gravidade tinha muitas vezes lhe trazido um pouco de tranquilidade no passado.

Não funcionou hoje, no entanto. Em vez disso, ela viu seus devaneios em sua água mineral.

O primeiro foi uma lembrança, e não um voo imaginário.

Paul tinha feito amor com ela ali, perto da pia que agora brilhava e cheirava a limpeza com aroma de pinho. Ela ainda podia sentir sua presença dentro dela, seu jovem pênis feroz entrando e saindo triunfante. Em retrospectiva, ela viu seu coito como uma cena de uma novela ou um filme de televisão. Um belo jovem transa com uma quarentona gostosona no meio das panelas e frigideiras. Era uma situação já passada, mas oh, como ela havia gostado...

*E você faria isso de novo, agora, se ele estivesse aqui, não é?* – ela se acusou, muito consciente da tensão erótica em seu corpo. Inclinando-se um pouco para trás, tocou seu mamilo através do algodão fino de seu corpete, sentindo o prazer explodir através de seu corpo e fazendo-a ofegar. Aquela pontinha do

seio estava tão dura como a semente de uma fruta rara e exótica. Ela podia sentir o mamilo explodindo através daquele tecido ralo.

Ela estava molhada demais, percebeu; molhada e pronta. Balançando um pouco, para lá e para cá, no assento de madeira dura, experimentou outro espasmo delicioso, dessa vez no nicho úmido entre suas pernas.

– Oh! Oh! – ela sussurrou, deslizando a mão para baixo e pressionando a palma da mão contra a sua virilha.

O que estava acontecendo com ela? Nunca tinha estado tão acesa, com o desejo tão constante, nem mesmo em seus agitados primeiros dias com Gerald. Era como se o corpo de Paul estivesse chamando por ela no momento em que pensasse nele, confundindo seus sentidos, quase como se a estivesse tocando.

E não apenas o corpo de Paul. Ela podia ver, não, ela podia quase sentir, Beatrice também.

Provando a vitalidade dela. Sentindo-se uma só, imersa na natureza voluptuosa daquela mulher.

Mas, o que exatamente a querida doutora estaria fazendo com Paul? – perguntou-se Cláudia. Racionalmente, ela sabia que Beatrice estaria realizando um perfeito exame médico padrão, porém certas facetas de sua mente estavam sugerindo cenários muito diferentes – procedimentos mais estranhos, e talvez até mesmo proibidos.

Ela parecia ver Beatrice e Paul, mas não em seu solário banhado de sol. Com os olhos concentra-dos naquelas bolhinhas ondulantes, ela imaginou um consultório completamente branco em algum

lugar, seu chão e paredes de azulejos antissépticos. Beatrice estava sentada atrás de uma mesa fu-turista de vidro e metal, e Paul sentado diante dela em uma cadeira de aço e plástico rigidamente moldado. Ainda vestido com a camisa branca e a calça cáqui, ele parecia nervoso e requintada-mente juvenil, enquanto as roupas da médica tinham mudado, seu semblante majestático e impassível.

Gentilmente, como se fizesse isso para ajudar a melhorar a visão de Cláudia, ela se levantou de sua cadeira, e então deslizou detrás da mesa.

*Não seja boba*, Cláudia disse a si mesma, piscando em sua própria imaginação. *Ela não usaria aquilo em uma consulta!*

Beatrice usava um jaleco longo e branco, o traje universal de todos os médicos, mas por baixo vestia um qipao justo, de seda branca, realçando as curvas do seu corpo. A luminescência macia do tecido oriental levemente brocado deu-lhe uma aura tanto de pureza quanto de algo mundano, e, enquanto sua saia na altura do joelho parecia modesta, o traje agarrado era arrebatador e descaradamente sensual, especialmente quando combinado com as meias pretas sete oitavos e um par de elegantes sapatos de salto alto de pelica. O efeito daquele discreto glamour era ao mesmo tempo irresistível e elétrico, e dentro do sonho, os selvagens olhos azuis de Paul estavam famintos.

Nenhum dos dois protagonistas imaginários disse uma só palavra, como era frequentemente o caso em tais devaneios, mas, da parte de Cláudia, qualquer conversa seria supérflua. Em pé diante de Paul, Beatrice inclinou-se para a frente, as mãos apoiadas nos braços dele, e pareceu sussurrar alguma coisa em seu ouvido. Sua resposta imediata foi corar vividamente e mover-se inquieto em sua cadeira, e quando Beatrice o liberou e se encostou de volta contra a mesa, ele levantou-se, o movimento cauteloso e meio trêmulo. Depois de uma pausa de um segundo, ele começou a tirar a roupa.

Primeiro a camisa branca, que jogou no encosto de sua cadeira, então tirou os sapatos e as meias que estava usando. Cláudia perguntou-se momentaneamente de onde tinham vindo aqueles sapatos, já que não os estava usando agora, no mundo real, mas depois se concentrou firmemente sobre o resto que o jovem ia despir.

Sua face ainda com tom rosado, Paul hesitou novamente, seus longos dedos brincando nervosamente com o cinto fino que segurava as calças cáqui, mas, com um sorriso lento, Beatrice acenou com a cabeça que ele deveria continuar o procedimento.

A garganta de Paul ficou de um tom carmesim, mas mesmo assim ele obedeceu à médica, atrapalhando-se um pouco ao desafivelar o cinto, então deixou as calças caírem aos seus pés e logo, pisando graciosamente para fora delas, jogou-as sobre a cadeira, para junto de sua camisa. Ele deu uma olhada suplicante para Beatrice num último relance, mas ela balançou a cabeça novamente, e ele, hesitantemente, escorregou sua cueca.

A condição do pênis de Paul claramente traiu o seu estado de espírito. Sua intumescência mostrou quanto a presença deslumbrante de Beatrice o afetava, mas o fato de ele ainda não estar totalmente ereto claramente ilustrava seu estado de nervos, e seu temor pela médica vestida de branco.

*Você não é assim tão tímido comigo, meu rapaz*, pensou Cláudia, momentaneamente distanciando-se de sua própria fantasia visual. Será que isso indicava algum desejo secreto dentro dela? Por exemplo, a necessidade de ser dominante com ele?

Ela fez uma anotação mental para explorar essa nova e promissora porta mais tarde, mas, naquele

momento, estava apreciando o estranho cenário entre seu jovem amante e Beatrice.

A querida doutora começou seu exame da maneira mais inócua e comum, usando o estetoscópio e ouvindo atentamente o coração do paciente. Era apenas a nudez completa de Paul que distinguiu esses procedimentos da pura rotina.

Ou assim parecia no início, porque, depois de alguns poucos momentos, Cláudia percebeu quanto os dedos de Beatrice se demoravam enquanto alisavam o corpo do jovem. Ela estava testando a suavidade da pele, tanto quanto a regularidade do seu batimento cardíaco; a resiliência de sua musculatura, tanto quanto a profundidade de sua respiração. Era só uma questão de tempo antes de seu pênis ficar sob o escrutínio da doutora.

E, quando isso aconteceu, Paul soltou um suspiro de choque. Ainda não havia palavras, apenas uma exalação animada quando sua carne firme pulou e endureceu. No copo de Cláudia, as pequenas bolhas continuavam a subir.

*Ah sim, eu sei muito bem o que a gente sente ao ver isso*, pensou, quando a imagem de Beatrice também deixou escapar um som sutil de satisfação. Era fácil lembrar a sensação daquela jovem e alegre vara pulsando suavemente em seus dedos, era fácil sentir o seu calor e a textura aveludada da pele que a encobria. Gemendo silenciosamente, Paul jogou a cabeça para trás e mostrou os dentes, com os punhos cerrados a seu lado, enquanto a mulher vestida de branco manipulava o pênis dele. Beatrice sussurrou algo no ouvido dele novamente e, apesar de Cláudia não saber o que a médica havia dito, sentiu que devia ser alguma coisa tentadora e obscena, porque Paul tremeu levemente e balançou seus cachos desgrehados.

Beatrice murmurou de novo, dando um aperto no pau de Paul, uma pequena persuasão enquanto seus lábios se moviam silenciosamente contra sua orelha, e, um segundo depois, seu belo rosto se re-torceu no que parecia ser tanto mortificação quanto êxtase.

*Eu não posso!*, ele parecia dizer, embora em seu estado de sonho Cláudia ainda não tivesse ouvido nenhum enunciado mais estruturado.

Beatrice parecia ser persistente em seu encorajamento, e depois de um momento ela soltou sua mão daquele aperto tão íntimo, pegou a mão direita de Paul na dela e, em seguida, dobrou-a firmemente em torno de seu pênis. Paul hesitou, e então relutantemente começou a se masturbar.

Cláudia já tinha visto isso, é claro, na vida real, mas mesmo assim o prazer de Paul era algo encantador, e mais ainda na presença simulada da bela Beatrice. Lambendo os lábios cor de framboesa enquanto o observava, a médica postou-se por trás de seu agora ocupado “paciente” e olhou para baixo, por cima dos ombros dele, para ver como estavam indo suas atividades. Como ela era uma mulher alta, e ainda tinha seus saltos muito altos para ajudar, Beatrice não precisou se esticar para observá-lo facilmente. Com suas mãos finas e brancas, começou a acariciar as coxas de Paul.

Era como observar uma exótica dança latina, pensou Cláudia, se perguntando de onde tinha tirado todas aquelas ideias. O que ela havia evocado era o movimento circular de dois corpos em perfeita harmonia, uma rumba picante, ou uma salsa que rudemente imitava um pervertido ato sexual. Paul empurrou seus quadris estreitos no ritmo do movimento de seus dedos – e logo atrás dele a pélvis de

Beatrice se combinou com seu ritmo. Ela estava batendo sua virilha coberta de seda contra as nádegas dele.

Os lábios de Paul se moviam silenciosamente enquanto ele claramente se aproximava de seu clímax, e sua algoz ainda murmurava e o atormentava contra seu pescoço pálido. Beatrice estava sorrindo, seu próprio rosto tão contorcido quanto o de Paul. Cláudia se perguntou que prazeres a médica estava experimentando. Seus mamilos duros se esfregando contra as costas musculosas de Paul? O

monte púbico dela batendo contra a traseira dele, produzindo um estímulo indireto, mas insistente?

Ou seria mais uma sensação mental do que física? Uma onda de força bruta induzida por seu controle completo sobre Paul – um prazer corporal que estava enraizado profundamente dentro de sua psique?

*Isso é uma insanidade!* , dizia Cláudia em seu pensamento, ainda balançando e ainda esfregando o seu próprio sexo. *Está na minha psique, não na de Beatrice. Sou eu quem está controlando esse rapaz e obrigando-o a fazer essas coisas.*

Mas por que ela continuava a ter essas visões? A visão do corpo nu de Paul se contorcendo de tesão. O brilho de suor em sua pele pálida enquanto a mão de Beatrice deslizava sobre seus quadris, sua barriga e seu peito. A trepidação agonizante de sua pélvis quando ele chegou ao orgasmo. Aquela maneira praticamente impossível como Beatrice encerrou o saco de Paul em seus dedos no mesmo instante em que o sêmen jorrou do pau. O jeito que ela pegou cada gota de sua essência e, quando os joelhos de Paul começaram a ceder, ela as levou aos lábios de Paul e, silenciosamente, ordenou que ele as consumisse.

*Socorro! Eu estou ficando maluca!* , pensou Cláudia em um súbito ataque de pânico, tirando a mão de entre as pernas e, na sua pressa, derrubando o copo de água.

Que loucura pensar nisso...

*Você é uma pervertida, sua vaca velha,* disse para si mesma, enxugando o líquido que estava vazando da mesa e colocando o copo milagrosamente intacto dentro da pia. *Você deve ter atingido uma idade muito engraçada.*

Mas enquanto se dirigia escada acima, para trocar a saia e a blusa encharcadas de água, ela sorriu para si mesma. A ideia de convencer Paul a provar de seu próprio sêmen era diferente de qualquer desejo erótico que já tivesse sentido, mas não havia como negar o fato de que isso, e atos similares de leve coerção, se mostrava um poderoso meio de excitação. Se não tivesse derrubado aquele copo de água, Cláudia não tinha dúvidas de que se levaria a um orgasmo naquela hora. Tanto por causa do atrito provocado por sua mão como pela excitação causada pela pura fantasia.

*E eu ainda estou excitada,* reconheceu, enquanto estava no banheiro, tirando a saia molhada e se preparando para vestir uma roupa seca e uma calcinha limpa. A calcinha minúscula que acabara de tirar estava manchada onde o néctar de seu corpo fluíu em resposta aos seus devaneios, o fino algodão revelando seu tesão. Ela estava a ponto de tocar aquela mancha e provar de seu próprio fluido, assim como o Paul de seus sonhos havia feito, quando de repente lhe ocorreu perguntar-se por quanto tempo tinha ficado fantasiando. Pareciam horas.

*Beatrice vai querer saber o que diabos eu estou fazendo,* pensou desesperada, esfregando uma toalha

sobre o corpo nu, não só para secar a pele de seu ato estabonado de derrubar o copo, mas tam-

bém para enxugar o suor picante de sua excitação. Rapidamente, Cláudia debateu a ideia de tomar um banho, e então imaginou a médica saindo do solário em busca de sua anfitriã, passeando curiosamente pela casa e descobrindo-a aqui em cima, livrando-se do odor traidor de sua culpa.

Cláudia esfregou a toalha com ainda mais força, estremeando de alegria quando o tecido aveludado passava sobre seus mamilos endurecidos e enviava impulsos de sensações picantes diretamente ao clitóris. Sem parar para censurar a si mesma, ou até mesmo para pensar direito, ela posicionou a toalha dobrada entre suas coxas e começou um movimento constante para frente e para trás.

– Oh, oh, oh – gemeu, enquanto o tecido aveludado se movia sem parar, para trás e para a frente, entre seus lábios genitais. A ação foi rude e bruta, mas era exatamente disso que ela precisava. Depois de alguns segundos, ela caiu em um orgasmo ofuscante, a carne inchada de sua vulva bem esfregada pulsando com prazer.

E enquanto ela estava ofegante caída no chão do banheiro, Cláudia ouviu seu nome sendo chamado.

## **CAPÍTULO SEIS**

### **CASSIS E OUTRAS INTOXICAÇÕES**

– Você deve achar que eu estou sendo extremamente presunçosa – disse Beatrice alegremente

quando Cláudia finalmente entrou na sala espaçosa, mas aconchegante. A médica estava segurando um copo de cristal em forma de tulipa contendo o que era, obviamente, uma dose generosa de xerez, e mais uma vez recostando no sofá, sentindo-se completamente em casa. – Vim até aqui procurar por você e aconteceu de eu notar a garrafa – continuou alegremente, tomando um gole do profundo líquido caramelo. – E então me lembrei de como era sensacional a adega de Gerald... – a linda médica deu um sorriso envergonhado para Cláudia. – Sinto muito, sei que avancei em muito os limites. Isso ainda vai me causar problemas terríveis um dia desses...

– Não tem problema. Eu ia perguntar se você queria uma bebida de qualquer maneira – respondeu Cláudia, atravessando a sala para onde estavam as garrafas arranjadas em sua bandeja de prata. Ela tinha ficado nervosa com a ideia de ter que enfrentar Beatrice novamente, e possivelmente ter que explicar por que estava vestindo agora uma malha de ciclista pink e camiseta, em vez de sua outra roupa, mas aquela contrição da médica parecia lhe dar uma certa vantagem psicológica. A confiança de Cláudia floresceu, e ela sentiu-se preparada para se divertir um pouco, mas, assim que se serviu de um pouco de xerez e estava prestes a se juntar a Beatrice no sofá, um choque súbito de culpa a assaltou.

– Paul! – exclamou ela, voltando-se rapidamente e derramando um pouco de xerez na bandeja. –

O que houve com ele? Como está ele, onde está Paul? – deu um golinho na bebida e depois, sentindo-se reconfortada, foi rapidamente em direção ao sofá.

– Não se preocupe. Ele está bem – disse Beatrice suavemente, colocando seu copo de lado e pegando as mãos trêmulas de Cláudia. – Ele ainda está um pouco sonolento, mas eu não acho que exista algo com que se preocupar.

– Nada de grave? – protestou Cláudia, sentindo um tipo diferente de culpa. Ela pensou nos esforços que tinha realizado para atraí-lo e no incentivo que havia lhe dado. – Mas é óbvio que ele sofreu um ferimento na cabeça... E perdeu a memória, pelo amor de Deus! Isso não é bastante grave?

Beatrice avaliou a outra mulher firmemente, e Cláudia sentiu não só o aperto daqueles dedos longos e graciosos da médica aumentar, mas também o poder calmante de seus cintilantes olhos verdes.

– Eu concordo. Nós não podemos desconsiderar essas coisas – respondeu a médica em voz baixa, seu belo rosto composto –, mas também não devemos exagerar quanto a elas. Eu examinei Paul tão completamente quanto pude nestas circunstâncias, e com o melhor do meu julgamento, e não consegui enxergar qualquer indicação de um grande problema. – Dizendo isso, Beatrice passou a detalhar alguns dos testes que havia feito, e, embora os próprios procedimentos lhe parecessem um pouco superficiais, Cláudia teve que admitir que ficou um pouco mais tranquila. Ela não possuía, de fato, nenhuma informação sobre quanto Beatrice seria boa médica, mas de alguma forma seu instinto feminino lhe garantia que ela mostrava ser capaz.

– É minha convicção de que a memória de Paul irá retornar por sua própria vontade, e com bastante rapidez – continuou Beatrice –, mas eu certamente não acho que devamos deixar por isso mesmo. – Ela fez uma pausa, como se estivesse hesitando sobre como proceder. – Olha, eu faço parte do conselho de um pequeno hospital particular que não fica muito longe daqui. Eu poderia reservar um horário lá para que Paul fizesse um check-up completo... E conheço um ótimo neuro, que me deve um favor. – Ela deixou escapar um pequeno sorriso, como o de uma gata, e por um momento Cláudia se distraiu imaginando qual seria esse favor. – Eu poderia levar Paul e fazer com que passasse por todos os exames. O hospital é pequeno, mas está muito bem equipado. Seu aparelho de ressonância magnética nos daria uma ideia muito mais clara se há alguma coisa com a qual a gente deva se preocupar.

Parecia a solução ideal, mas, mais uma vez, Cláudia experimentou uma série de dúvidas.

Por um lado, Paul tinha expressado uma forte relutância em ser examinado e passar por testes clínicos; ele poderia se recusar a ir ao hospital e ponto final. E essa relutância em si acabava levantando outra possibilidade, uma que Cláudia percebeu que vinha mantendo convenientemente escondida em um canto escuro de sua mente. Mas como essa possibilidade voltou à luz, Cláudia foi obrigada a enfrentá-la.

Será que Paul vinha contando a verdade? Será que aquela amnésia, e tudo o mais que derivava dela, era de fato autêntica? Ou ele era apenas um jovem extremamente astuto que estava tirando vantagem de uma mulher de meia-idade que estava vulnerável, e ansiosa por criar uma ligação com alguém?

*Mas eu não sou da meia-idade!*, pensou ferozmente, livrando sua mão da de Beatrice e pegando sua taça de xerez. Concentrando-se nela, levou-a aos lábios, agudamente consciente de que a médica estava observando cada movimento seu.

*E que diabos importa se ele é um vigarista ou um gigolô?*, reclamou interiormente, saboreando o impacto do sabor rico e quase queimado daquele vinho. *Ele não me magoou e, caramba, eu posso sustentar Paul!*

– Meu Deus, eu daria um monte de dinheiro para saber o que está se passando agora em sua mente!

Sacudida para longe de suas deliberações, Cláudia olhou nos olhos verdes de Beatrice, que se ilu-

minaram com curiosidade.

– O que diabos você estava pensando? – insistiu a médica, erguendo-se rapidamente em um lampejo de lilás e branco e, em seguida, voltando a se recostar no sofá com a garrafa de xerez nas mãos, quase antes de Cláudia poder elaborar uma resposta. – Primeiro você parecia preocupada, depois me pareceu triste e sombria, e depois me pareceu desafiante. – A médica encheu as duas taças.

– Deve ter alguma coisa a ver com Paul... Conte-me o que é. – Ela depositou a garrafa num ponto onde poderia facilmente alcançá-la de novo e depois riu baixinho e consciente. – Eu sei que isso é um clichê... Mas pode confiar em mim, eu sou médica!

Cláudia se viu sorrindo por causa da audácia da outra mulher. Suas dúvidas e sua confusão começaram a parecer misericordiosamente menos pesadas.

– Você lembra que disse que, provavelmente, não havia nada de grave com Paul – começou ela, ainda se perguntando como enquadrar a possibilidade de que seu misterioso jovem amante poderia estar usando.

Parecia muito importante não deixar que Beatrice pensasse que ela era uma pessoa crédula e in-gênua. Por alguma razão, a qual ainda se sentia um pouco relutante em nomear, Cláudia realmente desejava que a vistosa médica a admirasse e a achasse tão impressionante, sexy e fascinante quanto Cláudia achava Beatrice.

– Bem, você acha que existe a possibilidade de que não tenha *nada* de errado com ele? – continuou. – Que ele esteja apenas jogando areia nos meus olhos... Se aproveitando... – ela fez outra pausa, olhando em torno da sala esplendidamente decorada com seus bem-amados tesouros. – Afinal de contas, Gerald deixou-me bastante bem em termos de posses. E eu estou sozinha. E Paul é... Bem, você já o viu, pelo amor de Deus! Ele é espetacular, obviamente, muito inteligente.

Beatrice não respondeu por alguns momentos. Em vez disso, ela afundou-se um pouco mais no sofá, levantou a taça de xerez diante dela e parecia estar procurando uma resposta e, talvez, a diplomacia no líquido âmbar. Por um instante, um estranho instante de iluminação, Cláudia se lembrou que estivera olhando para seu copo de água mineral, de volta à cozinha, procurando – e de certa forma encontrando – suas próprias respostas, ou assim pareciam. Então, numa visão dentro de uma visão, ela viu o jaleco branco, o vestido chinês de cetim branco, e as longas e bem torneadas pernas de Beatrice em meias pretas muito finas; e de repente, parecia mais importante do que nunca não parecer uma tonta aos olhos da médica.

Quando finalmente respondeu, a voz de Beatrice era suave e desafiadora.

– Seria um desastre se ele estivesse perfeitamente bem?

*Ela sabe!*, pensou Cláudia, sentindo uma sensação de calor repentina, mas estranhamente bem-vinda. *Ela sabe exatamente o que eu estava pensando agora, e concorda comigo!* Uma lenta espiral de desejo se desdobrou agitadamente dentro dela, mas ela não conseguia diferenciar se esse desejo

era por Paul ou pela mulher que se sentava a seu lado. A coisa mais excitante de todas era que ela não conseguia se preocupar em saber em relação a qual dos dois sentia esse desejo...

– Talvez não – respondeu Cláudia com cautela, observando Beatrice dar um gole em seu xerez, e sentindo seu coração disparar enquanto observava a maneira como a esguia e elegante garganta da médica ondulava sensualmente. – Vai depender de descobrir se ele é apenas um malandro, ou um criminoso de verdade... O que você acha? Seja honesta. Será que ele realmente se machucou, ou é tudo fingimento? Ele é mesmo autêntico ou é... uma má pessoa? – aquilo parecia melodramático demais, mas era difícil colocar seus pensamentos em outras palavras.

– Bem, não há nada de falso em relação ao machucado na testa – disse Beatrice, ainda reclinada no sofá. Ela cruzou de novo suas longas pernas cobertas pela calça de couro acamurçado e esticou o pé calçado em uma sandália, como se estivesse observando o trabalho da pedicure. Cláudia notou que suas unhas estavam pintadas de vermelho fogo. – Eu não sou a melhor juíza de caráter do mundo, muitas vezes... – acrescentou a médica, sua boca torcendo com a ironia –, mas ele me pareceu sincero, pelo menos para mim.. E, de qualquer maneira, reconheço que tenho uma fraqueza fatal por meninos maus. Eu acho que há muito mais oportunidades com eles do que com os bonzinhos. – Ela se virou e deu uma piscadela, saboreando outro gole de xerez, com óbvio prazer.

Cláudia riu. Quanto mais tempo passava com Beatrice, mais gostava dela – de mais de uma maneira.

– Eu vou dar a ele o benefício da dúvida, então.

– Espero que não seja apenas isso que esteja dando a ele – disse Beatrice, lançando a Cláudia um olhar perscrutador sob seus longos e espessos cílios.

Cláudia estava a ponto de dizer “Eu não sei do que você está falando”, mas logo percebeu que seria redundante. Ela sabia o que Beatrice estava tentando pescar com isso, e também sabia que a outra mulher sabia que ela sabia. Cláudia ofereceu à médica seu mais cândido e sincero olhar e então disse:

– Não, na verdade, não é...

– Ahá! Foi como eu pensei! – gritou Beatrice triunfante. – Eu suspeitei disso quando conversamos ao telefone, e quando vi vocês dois juntos, bem, aquele abraço apaixonado denunciou as coisas, entendeu? Eu sabia que você ia agarrar o moço.

Agarrar o moço? Cláudia supôs que era mais ou menos isso o que tinha acontecido, embora fosse meio difícil de definir exatamente quem agarrara quem. Era meio como dizer que ela tinha meia dúzia e ele tinha seis...

– Bem, como você disse – observou ela calmamente –, ele é espetacular, mesmo... E eu suponho que seja suscetível como qualquer mulher... – Dizendo isso, foi sua vez de encher as taças de xerez até a boca, e não se surpreendeu quando Beatrice não mostrou nenhum sinal de recusa. Ela assumiu que a outra mulher tinha caminhado a curta distância entre a cidadezinha ali perto e sua casa de campo. –

Eu não me senti interessada em ninguém por um longo tempo após a morte de Gerald. Na verdade, eu não tinha certeza se me interessaria por alguém novamente... Mas agora estou pronta para isso, e sei que Gerald seria a última pessoa a esperar que eu me tornasse uma viúva velha e seca pelo resto de meus dias.

– Você jamais seria seca! – proclamou Beatrice alegremente, levando seu copo para brindar com o de

Cláudia, e chegando um pouco mais perto no sofá ao fazer isso. – O que é provavelmente um dos motivos pelos quais Gerald adorava tanto você... Ele era um homem especial. O tipo de homem que sabia apreciar uma mulher especial.

– Obrigada – murmurou Cláudia, confusa de novo, e não menos pelo sentido muito concreto de uma “história” na sala. Gerald não fizera segredo da vida sexual aventureira que ele tinha levado antes do casamento, e estava perfeitamente claro que Beatrice – em algum momento – fizera parte dessa vida. O que surpreendeu Cláudia foi a falta de uma sensação de ciúme a essa ideia. Ela sentiu-se quase eufórica por ter uma ligação tão íntima com Beatrice. Afinal, não tinha achado tão fácil e tão excitante imaginar aquela médica eroticamente envolvida com Paul, também?

– Esta foi a primeira vez que arranjou um amante mais jovem? – a pergunta de Beatrice era ao mesmo tempo uma afirmação de fato e uma provocação, e um arquear de suas sobrancelhas finamente delineadas fez com que Cláudia começasse a rir de novo. – Sinto muito, eu sou uma vadia terrivelmente intrometida – desculpou-se a médica quase que imediatamente, soltando uma risada rouca. Foi uma coisa de “meninas”, de união feminina, mas, mesmo assim, Cláudia não pôde reprimir uma pontada de luxúria com a forma como o riso desinibido de Beatrice fez tremer os seios sem sutiã sob sua regata.

*Você é uma vadia muito bonita, doutora Quin*, pensou Cláudia, ainda olhando maliciosamente para o corpo da outra mulher, maduro e exuberante. Foi incrível quão confortáveis tais sentimentos de repente começaram a parecer.

– Está tudo bem, Beatrice – disse ela, correndo o dedo ao redor da borda do copo. – Eu não me importo. Acho que tudo isso começou, em primeiro lugar, comigo mesma.

Beatrice não falou nada, mas seus olhos verdes brilhantes imploravam por segredos de forma impertinente.

– Sim, Paul é o primeiro homem mais jovem com quem dormi – continuou Cláudia. – Mas na verdade não existiram tantos homens assim, independentemente da idade. Acho que foi um pouco essa coisa de ter começado tarde, entendeu?

– Comigo também, você acredita? – disse Beatrice com um sorriso. – Embora eu tenha com-pensado bastante o tempo perdido desde então...

*Aposto que sim!*, pensou Cláudia, desejando ser tão descaradamente curiosa como sua convidada.

– Mas há algo excepcionalmente satisfatório nessa coisa de fazer amor com alguém mais jovem que você, não acha? – disse Beatrice, pensativa, depois de alguns segundos. – Sabia que ainda consigo me lembrar do primeiro? Vividamente. – Sua voz era sonhadora, e potencialmente promissora. Cláudia teve a nítida impressão de que sua mente tinha sido lida novamente.

– Você quer dizer que, sendo mais velha, você se sente mais no controle? – perguntou ela, admitindo silenciosamente que, em seu caso, “fora de controle” teria resumido melhor a situação.

Apesar de sua suposta fraqueza, ou talvez até mesmo por causa dela, Paul tinha controlado tudo sem esforço em ambas as ocasiões.

– Em termos gerais, eu diria que sim – respondeu Beatrice pensativa –, mas para mim não chegou a acontecer dessa forma. Foi, de fato, mais ao contrário... Embora fosse o que eu queria, por isso acredito que eu tenha tomado a iniciativa.

Intrigada, confusa, sem pensar, Cláudia disse:

– Então me conte.

– Bem, o nome dela era Cassis – disse Beatrice, seu rosto oval iluminado com essas memórias.

– O nome *dela*?

Beatrice sentiu o familiar *frisson* sexual que invariavelmente experimentava quando conseguia chocar alguém. Ela vinha se encaminhando para o tema do lesbianismo de uma maneira sutil até então, pensou, e seus instintos finamente afiados sobre esses assuntos lhe disseram que Cláudia estava quase *no ponto*. Mas a articulação final sempre tinha um grande impacto.

– Ah, sim, perdão... Eu nunca pensei que... – disse a médica, dando de ombros levemente e desfrutando dos olhos bem abertos de Cláudia. – Cassis era uma garota, é claro. Eu sempre esqueço que nem todo mundo... – e deixou que a explicação se desvanecesse delicadamente, e então armou seu olhar com um ar de preocupação. – Eu não perturbei você, não é? Algumas pessoas acham repelente a ideia de fazer amor com o mesmo sexo, então...

– Não, tudo bem... – disse Cláudia, tomando um gole rápido de seu xerez. Beatrice notou que um rubor vinha subindo pelo pescoço e pelo rosto da outra mulher. – Eu não tenho preconceitos, por favor, vá em frente... Cassis é um nome tão incomum, era o nome verdadeiro dela?

Ótimo ! , pensou Beatrice exultante. O momento ainda não estava maduro o suficiente para fazer abertamente uma proposta a essa mulher encantadora e tão promissora, mas pelo menos o caminho que se mostrava adiante estava longe de ser pedregoso...

– Eu acho que não – respondeu Beatrice, lembrando outra mulher promissora, embora de uma natureza bem diferente da natureza afetuosa de Cláudia. – Ela era uma garota meio punk na época, com uns 19 ou 20 anos, e o cabelo era tingido com um tom selvagem de roxo groselha. Ela trabalhava em um bar e seu drinque marca registrada era um kir verdadeiramente maldoso... – quase que imediatamente, Beatrice imaginou-se sentindo o gosto poderoso e frutado do licor de cassis, apenas para substituí-lo pelo sabor inebriante da própria Cassis, e o tempero picante de sua exigente e jovem vagina.

– Como vocês se conheceram?

De fato, como elas tinham se conhecido? Beatrice se viu tentada, pela simples razão de ter uma boa imagem perante os olhos de Cláudia, a glamorizar a sequência de eventos, mas no final decidiu ser honesta. Bem, bastante honesta.

– Eu a vi uma noite, quando fui até seu bar para uma bebida. Eu tinha passado por um dia longo e cansativo, fazendo visitas domiciliares a alguns pacientes bastante ricos e desagradáveis, e realmente precisava soltar a franga e relaxar.

A doutora tinha atendido, em sua maioria, senhoras idosas, algumas viúvas ricas de cabelos azulados e

persistentes hipocondríacas, um grupo de pessoas completamente indesejável com quem ela tinha sido obrigada a ser estritamente profissional e diplomática. Quando todas já tinham ficado para

trás depois das visitas, Beatrice estava ansiosa pela companhia de um tipo muito diferente de mulher, e mudou de caminho, dirigindo-se para seu bar de lésbicas favorito, com seus ânimos e sua libido aumentados rapidamente.

– Ela quase não falou comigo daquela primeira vez – disse, dando a Cláudia um olhar quase tímido. – Mas me apaixonei no momento em que a vi... E me sentindo uma idiota. Estava com 35 anos então, bem-sucedida, próspera, supostamente segura sobre o que eu queria... E de repente lá estava eu, praticamente babando por uma ninfeta desmazelada que não se incomodava em me dar um pouco de prazer. Fiquei convencida de que a garota me achava patética.

E assim foi durante um bom número de semanas. Beatrice voltando ao Bar Sappho vezes e vezes sem conta, tentando agir como se nada estivesse acontecendo, mas terminando por ficar de queixo caído por Cassis – enquanto ela desfilava levemente e de maneira eficiente por trás do balcão do bar

–, como um cão faminto babando por um pedaço de carne particularmente suculento. A médica havia recebido a recompensa ocasional de um sorriso frio, e uma ou duas palavras trocadas, quando pegava sua taça de kir, mas isso servira apenas para deixá-la com mais e mais tesão.

– Então, um dia houve uma briga no bar – disse Beatrice, já emocionada com o ponto até onde suas lembranças a tinham levado. – Alguns homens, daquele tipo *hooligan*, entende? Com uma cerveja na mão, sabe como é... Eles entraram no bar, já bastante bêbados, e quando perceberam que tipo de lugar era, ficaram bem agressivos. Eu estava a ponto de escapar silenciosamente até o telefone público e chamar a polícia quando Cassis saltou por cima do balcão e deu uma surra neles. – Ela ainda podia ver aquele corpo magro e elegante e a maneira como Cassis tinha se lançado atleticamente para o outro lado do salão. – Ela foi magnífica! Jogou para fora do bar cada um deles. Cassis plantou o temor de Deus naqueles homens, como se fosse uma daquelas arremessadoras de peso russas com quatro vezes seu tamanho. Mas em algum momento da confusão, ela se machucou. Torceu o pulso, e bem feio. E era seu pulso direito, o que ela usava para preparar os drinques. Alguém gritou “Tem algum médico por aqui?” e, naquele instante, eu soube que todas as minhas orações tinham sido atendidas!

Depois, ela se viu sozinha com Cassis em um pequeno apartamento acima do bar, e aquele minúsculo espaço só fez com que a doutora se tornasse cada vez mais consciente do corpo esbelto da garota, seus peitos firmes e redondos, e do prêmio delicioso que jazia escondido no espaço entre aquelas coxas inigualáveis encerradas em meias-arrastão.

– Eu podia sentir o cheiro de seu sexo – Beatrice ouviu-se deixar escapar, discorrendo sobre esses detalhes muito antes de ter a intenção de fazê-lo. A médica tinha a vaga consciência da presença de Cláudia, de boca aberta. Mas era tarde demais para se segurar agora. O poder da memória a impelia a seguir em frente.

– Ela não usava perfume, eu percebi, e acho que isso foi deliberado. Ela queria que as mulheres conseguissem sentir o cheiro de sua excitação. Para que a desejassem – Beatrice tomou um gole de sua recém-reabastecida taça. – E foi o que certamente aconteceu comigo.

Cassis estava perfeitamente consciente desse desejo, também, lembrou Beatrice. A jovem se divertia

com isso, e enquanto de início tivesse ficado agradecido pela perícia médica de Beatrice e seus cuidados ao pulso machucado, logo se tornou mais e mais imperiosa.

– Me arranje um drinque, Beatrice... Afrouxe as minhas botas, Beatrice... Leve-me ao banheiro...

Tire as minhas meias e a minha calcinha, preciso mijar...

Recordando das ordens de Cassis, Beatrice achou difícil de acreditar em seu próprio servilismo.

Na quase dolorosa estimulação que recebera ao subordinar sua própria vontade e executar as tarefas mais servis e íntimas para aquela jovem deusa de rosto de porcelana e cabelos góticos. Ela havia experimentado um tremor aflitivo em sua própria vagina quando tinha passado papel higiênico macio entre os lábios da vagina de Cassis para limpá-la. E quase gozou sozinha quando a garota ordenou, com uma voz suave, mas implacavelmente rouca por causa do cigarro, que a masturbasse até o orgasmo.

– Vamos, Beatrice... Você é tão inteligente. Tão conhecedora do funcionamento do corpo humano. Mostre-me a brilhante terapeuta que você é. Coloque sua mão branquinha entre as minhas pernas e me faça gozar!

– Nossa!

A exclamação de Cláudia trouxe Beatrice de volta para o presente com um sobressalto repentino –

de volta ao presente e em um estado de grande excitação. Por um momento, ela foi tentada a apenas se inclinar, pressionar seus lábios aos da bela viúva sentada ao lado dela, e esquecer-se do passado. Ela estava com uma vontade louca de expurgar todas as suas lembranças de Cassis e alcançar o espaço entre as coxas macias de Cláudia. Ela estava com uma sensação poderosa de que esse movimento seria bem-vindo, e que lá estava bem úmido.

Mas por mais raro que fosse, Beatrice admitiu, seu bom senso prevaleceu. O momento perfeito para isso seria aqui, e muito em breve, estava certa disso, mas ainda não tinha chegado.

– Eu tinha sido escravizada, não conseguia escapar – disse ela, voltando à sua narrativa. – Eu fiz exatamente como ela ordenou. E ela estava tão molhada. Tão exuberante como um pêssigo... Tinha a boceta mais suculenta de todas as mulheres que eu já havia tocado.

Beatrice conseguia praticamente ouvir a pergunta de Cláudia, mesmo que a outra mulher não tivesse dito nada. Quantas mulheres então você já tocou? Ela decidiu não elucidar a questão que não tinha sido explicitada, e continuou sua história sobre o que tinha acontecido no acanhado banheiro de Cassis.

– Ela estava sentada no assento do toalete, e eu tinha de me ajoelhar ao lado dela no linóleo que cobria o chão. Não havia praticamente nenhum espaço, e eu estava usando uma saia muito apertada.

Era frio e desconfortável, e o lugar estava sujo... Mas eu estava tão obcecada, e tão completamente excitada, que era difícil até de respirar.

Tinha sido estranho cultivar o santuário de feminilidade de Cassis, mas ela conseguiu de alguma forma, torcendo o braço e a mão em um ângulo quase impossível, e ultrapassando o estreito emaranhado de meia e calcinha empurradas para baixo que havia sido oferecido a ela.

– Mais! Mais forte! Isso! Mais – aquela magrela tirânica e sombria ordenava, bombeando os quadris e fazendo com que a tarefa de Beatrice ficasse ainda mais difícil. Entre o movimento violento e a carne escorregadia e extremamente lubrificada de Cassis, tinha sido difícil manter a pressão e o atrito naqueles pontos deliciosos: o clitóris rechonchudo da menina e sua abertura vaginal macia. Beatrice sorriu para si mesma, lembrando sua falta de jeito inicial – e a expressão de desprezo evidente no rosto de Cassis – e, em seguida, a rapidez com que ela tinha conseguido estabelecer um ritmo mais hábil. Não foi à toa que Beatrice um dia havia decidido se tornar cirurgiã, porque tinha mãos rápidas e músculos e ossos muito precisos.

– E ela logo gozou – disse a médica, sua voz calma desmentindo o furor que sentia por dentro.

Entre suas memórias vívidas de Cassis e a presença quente e perfumada da mulher extasiada a seu lado, Beatrice sentia-se carregada com um campo de força vívido de quente desejo. Seus seios estavam formigando, e entre suas pernas, sua calcinha fio-dental tinha se enfiado naquele nicho sensível que ficava entre os lábios vaginais. Não ia levar mais do alguns meneios para que ela chegasse a seu clímax.

*Contenha-se, Bea*, disse a si mesma severamente. *Ainda é muito cedo!* Assim como ela estava morrendo de vontade de gozar, de aliviar a tensão que crescia a cada minuto, sabia que, se fizesse isso, não teria nenhum modo de esconder o que estaria sentindo. Havia mulheres de seu relacionamento que poderiam ter um orgasmo monumental em um lugar público sem mexer nem mesmo um único músculo facial, mas Beatrice sabia que ela não era assim. Ela era uma daquelas que gemia, que se descabelava no êxtase, uma exibicionista de nascença.

E, assim, ela ficou quieta e continuou a contar a sua história. E era tentador perceber quão perto de gozar Cláudia também estava.

– Um orgasmo não foi o suficiente para aquela madame, porém – continuou Beatrice, ciente de que sua voz tinha vacilado um pouco ao dizer essa palavra mais significativa. Mas em todos aqueles anos, a voz de Cassis tinha feito mais do que vacilar. Ela gritava tão alto quanto Beatrice gostava de fazer; ela tinha gritado, bradado ordens e amaldiçoado e blasfemado enquanto seu corpo magro e ágil se sacudia com o arrebatamento.

– Me mostre seu cabelo, sua linda cadela! – a garota gótica ordenou, e Beatrice tremeu agora com a forma como ela obedeceu na época, sem contestar. Com alguns movimentos rápidos, ela liberou o cabelo de seu confinamento temporário em um coque, consciente dos fluidos de Cassis que havia em seus dedos enquanto fazia isso.

Em alguns poucos segundos, havia mais do que a essência de Cassis no cabelo da médica. Puxando selvagemmente os cabelos de Beatrice, a jovem agarrou uma espessa madeixa vermelha com sua mão não machucada e a enfiou em sua própria vagina. Com uma série de movimentos bruscos, ela usou a madeixa para limpar a vulva, arrastando cruelmente a cabeça de Beatrice para a frente e para trás no processo.

– Mas por que você a deixou te machucar? Certamente você poderia ter detido essa menina...

A voz calma de Cláudia soou diferente, nova, quase que desconhecida de alguma forma, e Beatrice percebeu que aquela era praticamente a primeira vez que sua anfitriã havia falado durante a narrativa.

– Mas eu não queria que ela parasse – disse Beatrice, virando-se para olhar os olhos castanhos e

perplexos de Cláudia. – E o fato de que ela estava me machucando era parte da emoção. Uma grande parte dela – estava claro que, quaisquer que tivessem sido os jogos eróticos que Gerald Marwood houvesse praticado com sua esposa durante sua vida juntos, os dois nunca tinham progredido tão longe a ponto de vivenciarem o sadomasoquismo. – Embora eu deva admitir que não seja meu cabelo que eu escolheria para ser punido... Mas foi uma variação interessante.

– Oh, entendo... – disse Cláudia, brincando com sua taça de xerez, um sorriso meio nervoso, meio animado, meio horrorizado brincando em seus lábios.

*Mas você entende mesmo, Cláudia? , Beatrice sentiu vontade dizer. Você consegue imaginar como é querer que alguém que você deseja, que esse alguém a faça derreter por dentro, e seja essa a pessoa a puni-la? Que a castigue, seja de modo frívolo ou com absoluta severidade, por uma transgressão totalmente imaginária? Você iria desnudar sua bunda para mim – e eu sei que deve ser maravilhosa*

*– para que eu a espancasse? Ou me deixaria bater em você com alguma coisa? Com uma régua?*

*Uma escova de cabelo? Uma cinta de couro?*

Mas talvez não fosse Cláudia aquela que deveria sofrer... Beatrice teve uma visão momentânea, mas que a abalou, de sua nova amiga pronta para fazer descer uma longa e fina chibata nas nádegas musculosas do pálido e misterioso Paul.

A imagem foi fugaz, mas quase representou a ruína para Beatrice. Ela mordeu o lábio e respirou fundo para resistir a seu prazer acumulado.

Foi um alívio, e também um sinal de boa sorte, talvez um pouco de decepção, quando um sinal sonoro forte, mas melodioso – vindo do seu pulso esquerdo – de repente quebrou aquele momento delicado. O alarme de seu relógio estava exigindo atenção...

Cláudia deu um salto e quase derramou seu xerez. Estava tão absorta com a bizarra narrativa de Beatrice sobre a dominadora Cassis, e tão ansiosa por ouvir mais, que aquela invasão do mundo real sob a forma do alarme do relógio da médica foi um choque tão forte que ela até sentiu um aperto físico na hora.

– Oh, mas que merda! Sinto muito! Eu tenho que ir agora – exclamou Beatrice. Engolindo o último gole de seu xerez, a médica se pôs de pé e foi procurar sua surrada maleta preta. Quando a viu, hesitou por um segundo, e em seguida deu um rápido e apaixonado abraço em Cláudia, antes de pegá-

la.

– Olha, eu realmente sinto muito, mas tenho uma consulta agora. E... bem... – ela abaixou os olhos e analisou sua roupa com certo toque boêmio. – Não posso ir vestida deste jeito. – E, como se estivesse eletrizada, caminhou até a porta, o saguão de entrada, e para o mundo que existia além da sala de estar de Cláudia, seu casulo mágico de intimidade feminina.

Cabisbaixa e estranhamente desolada, embora Beatrice realmente ainda não tivesse ido embora, Cláudia seguiu atrás da médica e da aura de seu forte e almiscarado perfume.

Na porta da frente, Beatrice se voltou e disse:

– Não se preocupe muito em relação ao Paul. Se ele estiver genuinamente sofrendo de amnésia, ele é jovem e, basicamente, saudável, e as chances são de que vai conseguir uma recuperação completa antes do tempo. – Ela fez uma pausa, dando um sorriso conspiratório e feroz a Cláudia, e depois deslizou gentilmente seus dedos pelo rosto dela, deliciosamente frescos, embora incendiários. – E se não há nada de errado com ele... Bem, então significa que ele está ainda mais saudável e em forma, por isso exorto você a aproveitar ao máximo! Ligarei para você assim que tiver notícias sobre os exames no hospital, quem sabe amanhã mesmo... Se eu passar a lábia em uma ou duas pessoas, devo conseguir uma janela para ele nos próximos dias. – Beatrice desceu a mão pelo pescoço e pelo ombro de Cláudia, e depois acariciou a extensão total do seu braço nu e deu-lhe um aperto de mão. – *Ciao*, Cláudia, foi maravilhoso ter conhecido você. E espero que a gente venha a se conhecer melhor em breve.

E, com isso, a doutora Beatrice Quine seguiu seu caminho, sua trança comprida e vermelha pulando sobre as costas de acordo com a cadência feminina de sua confiante caminhada com as longas pernas. Assim que fechou o portão da casa às suas costas, ela olhou em volta, sorriu uma vez e depois seguiu em disparada pela rua sem olhar para trás.

*Meu Deus! Dois estranhos sedutores no espaço de poucos dias. O que é que está acontecendo comigo?* , Cláudia pensou, olhando para o ponto em que Beatrice tinha desaparecido na curva da Green Giles Lane. As mudanças que começaram na tarde de ontem, como tinha previsto em sua fatídica caminhada até o rio, ainda estavam se desenrolando e se tornando cada vez mais radicais; e quer gostasse disso ou não, ela estava experimentando todo um novo conjunto de códigos.

Com o coração batendo forte, ela se virou e caminhou em direção ao solário. E a Paul.

## **CAPÍTULO SETE**

### **O PACIENTE E SEU TRATAMENTO**

Começo, Paul conseguiu manter-se imóvel. Ele não podia imaginar nada pior do que Cláudia

descobrir que ele havia se esgueirado para espia-la. Isso seria uma afronta tanto à bondade dela quanto à sua intimidade. Mas depois de ter encontrado a doutora Quine, tinha sido dominado por um sentimento de curiosidade. Precisava saber como é que as duas mulheres se comportariam quando estivessem a sós.

O exame tinha sido bastante rápido, e apesar de sua aparência exterior, parecia que Beatrice Quine era uma médica séria e eficiente, com uma maneira de tratar seus pacientes que era tanto inquestionavelmente profissional como quase maternalmente reconfortante. Ouvindo a sua voz baixa, adocicada, e sentindo o toque de seus dedos longos e habilidosos, tinha sido quase possível ignorar que ela era uma mulher perturbadoramente adorável, e que seus mamilos estavam claramente visíveis através de sua fina e branca regata. *Quase* possível. A forma como respondera a ela o havia feito sentir-se quente e culpado, e mais do que isso, vilmente traidor. Apenas algumas horas antes ele estava fazendo amor com Cláudia.

Para afastar sua mente do sexo, Paul tentou ancorar a atenção na avaliação de sua saúde que estava sendo feita pela médica, e ouvir suas sugestões. A perspectiva de exames, exames e mais exames foi certamente algo que arrefeceu o seu ardor, e a única compensação seria que ele não teria de enfrentar os rigores e a indignidade do Serviço Nacional de Saúde. Beatrice iria mover alguns pauzinhos para ele, aparentemente, o que parecia ótimo, além do fato de que se perguntava como poderia retribuir a ela por

isso. Ele já tinha uma dívida enorme com Cláudia.

Quando o exame terminou, ele fingiu estar fatigado para permitir-se um tempo sozinho, de forma que pudesse meditar sobre a sua situação, mas, assim que a médica saiu, Paul percebeu que formular uma solução para seu caso era uma tarefa árdua demais. Seu cérebro parecia estar enevoado e in-tratável; o único tema sobre o qual ele conseguia se concentrar claramente era mesmo o sexo.

Ele se viu então relembrando a sensação de estar metendo no corpo acolhedor de Cláudia naquela manhã, quando estavam encostados à pia da cozinha, e então passou a especular se Beatrice seria tão apertada e deliciosa quanto a amiga. Como seria primeiro experimentar uma mulher, e depois a outra?

E, em seguida, ter o par suntuoso de mulheres ao lado dele, deitados em uma cama dupla e larga!

*Oh, Deus... Cara, tenha dó, o que deu em você?*, ele se cobrou. Por que só consegue pensar em transar, homem? Será porque está com a mente tão confusa?

*E o que vai acontecer se eu nunca mais me lembrar de nada?*, pensou, levantando-se, sacudindo as pernas e observando com tristeza que estava com uma enorme ereção. *Eu vou ter que ser um gigolô*, disse a si mesmo quase histericamente, deixando sua mão baixar inevitavelmente contra sua virilha.

*Parece que essa será a única coisa que serei capaz de fazer!*

No entanto, apesar de seus escrúpulos, havia um consolo em sua excitação, uma vez mais. Em um mundo de iminentes ressonâncias magnéticas, de vastidões brancas onde a memória deveria estar e rostos que pareciam belos, mas completamente desconhecidos, era de fato um consolo poder tocar um volume conhecido, sua rígida masculinidade. Parecia ser um dos poucos processos físicos e mentais que não tinham sido comprometidos ou alterados. Ou se tornado inquietantes e estranhos para ele.

Impaciente com a sensação de desamparo que o afligia quando se via distante de Cláudia – e, de repente, da doutora Beatrice também –, ele passou a caminhar pelo solário com os pés nus e silenciosos. Sua virilha dolorida o incomodava, mas ele se sentia inquieto e incapaz de simplesmente se deitar, relaxar e se masturbar. Sua mente nublada foi preenchida com imagens das duas mulheres que ele sabia que estavam agora juntas, presumivelmente discutindo sobre ele. Paul tentou justapor as duas: Cláudia, a loura, com seus traços característicos benfeitos compondo um rosto enigmático, e com um delicioso corte de cabelo; e a dramática Beatrice, com sua trança vermelho-fogo e seu olhar desafiador. As duas eram fabulosas e dolorosamente desejáveis para ele, apesar de suas diferenças, embora, por alguma razão, não conseguisse colocá-las juntas num mesmo quadro. Cada uma delas era suficiente para saciar sua fome, mas, combinadas, eram provavelmente um evidente caso de sobre-carga.

Ainda assim, ele tinha que ver as duas juntas.

Cada porta e cada tábuia do assoalho pareciam ranger enquanto ele avançava em direção ao lugar onde seu instinto lhe dizia que as duas mulheres estariam, embora seu instinto lhe dissesse que esse lugar seria onde sua imaginação e suas fantasias estivessem. Ele estava descalço e tentava não fazer ruído. Quando chegou à sala de estar, a porta havia sido deixada um pouco entreaberta. Ele conseguia ouvir Beatrice falando suavemente lá dentro.

A médica estava contando uma história que, pelo que conseguia entender, era alguma lembrança de seu

passado, sobre alguém com quem ela estivera sexualmente envolvida. Depois de um momento, ficou evidente que esse alguém era uma mulher.

*Sim!*, pensou Paul, transpirando alegria enquanto suas esperanças e suspeitas estavam sendo confirmadas. Ao mesmo tempo que seus dedos trêmulos escorregavam até a virilha, ele se concentrou em Cláudia.

Sua salvadora estava sentada quieta e absorta, a uma distância surpreendentemente casta da figura bem mais animada de sua companheira, a contadora de histórias. Os olhos de Cláudia brilhavam e tinham uma expressão chocada, mas curiosa.

*Ela não está horrorizada*, pensou Paul, e essa constatação o deixou ainda mais excitado. *Ela gosta disso*, pensou, dando um aperto sutil em seus genitais.

A narrativa da doutora era bem quente, completamente explícita, sem deixar de lado nenhum detalhe mais chocante. Paul ficou pensando por alguns instantes se Beatrice não estaria criando um mito dela mesma, uma história exótica inventada para capturar a mulher extasiada a seu lado, embora, levando-se em conta toda a selvageria da narrativa, ela pudesse realmente ser o registro de um acontecimento verdadeiro. Ele não conhecia Beatrice melhor do que qualquer outra pessoa naquele momento, mas seu instinto lhe dizia que aquela mulher vivia sua vida sexual no limite. E, também, que ela estava profundamente atraída por Cláudia e planejava seduzi-la.

*Mas isso não vai acontecer hoje*, pensou Paul com algum pesar. Estava patentemente claro que a linda médica controlava seus impulsos.

E o que será que sua pretensa vítima estaria pensando? Será que estava pronta? Estava impaciente ou apreciava o autocontrole de Beatrice?

Paul notou que Cláudia não estava mais usando a roupa leve que vestira antes, de manhã, e se perguntou, por um segundo, por qual motivo. Agora ela estava usando uma camiseta rosa berrante e agasalho de ciclista, e seu cândido desejo sugeriu que o motivo teria sido porque ela e Beatrice já tinham feito amor, e sua meticulosidade a tinha impelido a tomar banho e se trocar. Mas, confusos como estavam os processos mentais de Paul, ele sabia que suas esperanças eram uma impossibilidade, porque apenas alguns minutos tinham se passado desde que a médica saíra do solário. Não teria havido tempo para as duas mulheres se despirem, se emaranharem, se beijarem e acariciarem, suspirarem e se contorcerem, e gozarem gloriosamente!

*Não! Não faça isso!*, disse Paul desesperadamente a si mesmo, e então mordeu o lábio enquanto, sob os seus dedos, o pênis inchado vibrou. Mas o estrago já estava feito. Enquanto a voz rouca de Beatrice descreveu o restante de seu encontro erótico com a garçonete Cassis, foi outro primeiro contato que Paul pareceu assistir.

O lugar era a cama no andar de cima, onde ele dormira e onde tivera prazer na noite passada; o tempo era no futuro, com esperança de que fosse um futuro próximo; e os dois amantes na cama, juntos, abraçados e se acariciando, eram Cláudia e Beatrice. Eram lábios sobre lábios, seios sobre seios, púbis sobre púbis; as mãos delas estavam explorando os corpos freneticamente, os dedos se movendo sem parar. Enquanto ele parecia assistir à cena, elas se separaram, como se fossem as duas metades de uma concha bem justa, apenas para se recombinarem em um padrão no qual a boca de cada uma estava nos genitais da outra,

fazendo sexo oral simultâneo. Os corpos das duas estavam convulsionados em paixão, quando de repente alguma coisa soou.

Paul quase cambaleou, o choque e a sensação de deslocamento, ambos grandes demais. Ele percebeu que o som era de um alarme de relógio, mas não ficou esperando para ter essa confirmação. No

momento em que o alarme foi desligado, ele já estava correndo, suave mas silenciosamente, para o paraíso do solário.

E aqui estava ele, alguns minutos depois, tentando passar a impressão de um homem profundamente adormecido no sono dos inocentes, enquanto os suaves passos da benfeitora que ele tinha tão descaradamente espionado chegavam mais perto e mais perto e mais perto...

Paul parecia estar dormindo quando Cláudia entrou no solário banhado pelo sol. Ele continuava deitado na mesma posição quase fetal e vulnerável, da mesma forma que ela o havia encontrado na noite passada, depois de ter feito o chá e voltado para o quarto. Estava descalço, o cabelo desganhado e o rosto seráfico.

*Ele está fingindo*, pensou Cláudia, sorrindo para si mesma, enquanto se aproximava da velha espreguiçadeira. Ela não sabia dizer como tinha percebido isso, porque o rosto bonito do desconhecido estava perfeitamente tranquilo, mas o mesmo instinto – possivelmente equivocado – que continuava a cutucar sobre a pretensa amnésia dele, ou a falta dela –, agora lhe dizia que Paul estava escondendo alguma coisa dela.

Estranhamente, a ideia dessa duplicidade do rapaz lhe parecia excitante. Era como se o jogo sexual arriscado que tinha jogado com Beatrice a tivesse deixado inspirada. Havia muito a ser dito sobre caminhar na estreita linha do perigo.

– Eu sei que você está acordado – disse ela, de pé diante dele, sentindo-se extraordinariamente poderosa.

Os olhos de Paul se abriram imediatamente, e ele dobrou suas longas pernas e sentou-se na espreguiçadeira, abrindo automaticamente um espaço para que Cláudia pudesse sentar-se ao lado dele.

Nada disse, nem ofereceu nenhuma desculpa esfarrapada; apenas olhou para ela com cautela, como se à espera de um julgamento.

– Então, como você está se sentindo? – perguntou ela, desfrutando de sua expressão de ligeira perplexidade quando ouviu uma pergunta que ele não esperava.

– Bem, eu acho... – ele olhou para seus pés descalços e mexeu os dedos, como se estivesse verificando suas habilidades motoras. – Um pouco apreensivo quanto a esses exames que tenho que fazer.

Mas eu suponho que seja melhor saber o pior. Eu posso estar sentado aqui com uma bomba-relógio na minha cabeça. Tudo bem num minuto... E no minuto seguinte, BUM! Tudo terminado.

Ele parecia genuinamente preocupado. Havia medo em seu rosto, e seu corpo estava tenso. Apesar de suas suspeitas de um momento atrás, Cláudia colocou a mão em seu braço e deu um apertão tranquilizador.

– Bom, a Beatrice não parece pensar assim. Tenho certeza de que os exames são apenas uma pre-caução.  
– Ela sentiu um tremor passar através do corpo de Paul, mas não poderia dizer se ele ainda estava com medo ou se seu toque o tinha afetado. A sensação de sua carne firme através da manga da camisa certamente a estava afetando. – Eu mesma fiquei com medo quando perdi minha memória, mas acabou tudo bem no final. Posso não ser Einstein – e sorriu de forma encorajadora –, mas certamente não sou um vegetal!

– Mas é deliciosa – disse ele, virando-se um pouco, para ficar de frente para ela, e a observando maliciosamente através de seus cílios grossos e escuros. Ele colocou a mão livre sobre a dela em seu braço.

O coração de Cláudia bateu descontroladamente. Ele tinha mudado da consternação à sedução em um piscar de olhos. Ela estava em perigo de novo e achou isso divertido. Lutando para se acalmar de novo, devolveu o olhar.

– Você se lembra de alguma coisa? – perguntou Cláudia, mantendo a voz o mais serena possível.

– Teve algum lampejo? Sobre quem é você, o que faz, quantos anos tem?

Paul deu seu sorriso devastador em um claro sinal de *touché*.

– Nada... – respondeu ele, a mão ainda curvada possessivamente sobre a dela, como se não estivesse preparado para ceder terreno totalmente – ... E eu tentei lembrar. Honestamente.

– Eu acredito em você – disse ela, libertando a mão, com medo de que o fato de que ela estivesse tremendo agora fosse minar a sua confiança. – Deve estar sendo mais difícil para você do que foi para mim... Eu era apenas uma criança. Tinha menos coisas para lembrar. E as crianças se contentam em apenas *ser*. Elas não se consideram definidas por sua ocupação na vida. Não têm necessidade de possuir um “objetivo”, uma “direção” e coisas desse tipo.

– E qual é o seu propósito na vida, então? – desafiou Paul, o queixo levantado.

*Seu bastardo!*, pensou Cláudia, forçando um sorriso. Ele era tão afiado quanto uma faca. Sua confusão mental claramente não se estendera sobre a sua percepção da natureza humana.

– Eu não tenho muita certeza de que já o defini – respondeu ela honestamente, experimentando uma curiosa falta de angústia com sua declaração. Alguns dias atrás, ela havia se sentido afundando na futilidade. – Mas alguma coisa vai aparecer em breve. Eu posso sentir isso.

Sentada ali no solário com aquele belo jovem, iluminados pelo sol, e cercados pelos arbustos e pelas flores cuidadosamente escolhidas entre azul, branco e amarelo, Cláudia subitamente sentiu-se estar em uma encruzilhada. Seus impulsos estavam divididos.

Por um lado, ela sabia que eles poderiam passar o restante da tarde em uma conversa reveladora e reconfortante; que ela poderia compartilhar seus piores medos e suas esperanças mais tímidas com ele, e que Paul iria compreender e ajudá-la tanto quanto Cláudia poderia e faria para ajudá-lo.

Mas o outro veio daquela encruzilhada que conduzia a uma forma completamente diferente de terapia, uma que ela sentia que seria tão eficaz quanto, e talvez menos prematura do que, “uma cura pela

conversa”. Cláudia observou os dedos longos e finos de Paul, sua boca esculpida e sua pálida, mas poderosa, musculatura do peito nu, revelada pela camisa aberta. Ela olhou também para a virilha dele, e percebeu uma perturbação crescente sob o tecido creme de suas calças.

O caminho tinha sido escolhido por ela. Estendendo a mão, ela a deslizou por seu cabelo castanho encaracolado, pela nuca, e puxou-o para perto dela.

A boca de Paul cedeu instantaneamente, apesar de Cláudia saber que seus lábios eram fortes e ágeis e que ele provavelmente poderia submetê-la com um beijo com extrema facilidade.

Aproveitando-se de sua vantagem, ela deslizou sua língua entre os dentes e explorou a boca de Paul tão lentamente quanto sua impaciência permitisse. O corpo dele permaneceu inerte, e seus braços

ainda estavam imóveis ao lado do corpo, mas ele soltou um pequeno grunhido de entrega que veio das profundezas de sua garganta.

*Sim!*, pensou Cláudia, beijando mais insistentemente, e de forma tão intensa que sua própria mandíbula começou a doer, e empurrando Paul para trás contra as almofadas surradas da velha espreguiçadeira. Ela nunca sentira tal senso de controle em sua vida – nem mesmo quando ela e Gerald tinham feito seus joguinhos quase que inocentes na cama, e supostamente ela fazia o papel de “dominadora”. Mesmo que fosse por apenas este momento, isso sim era poder real. Paul podia ter a quantidade que quisesse de truques escondidos na manga, e não ser nada parecido com a pessoa perdida que a levara a pensar, mas agora, aqui, ela sabia – bem lá no fundo de seu ser – que aquele homem faria absolutamente tudo que ela o mandasse fazer. Herói ou vilão, ele estava aqui e tudo o que era preciso fazer era pegá-lo.

Afastando-se, ofegante, ela colou a boca ao ouvido dele e murmurou, deixando que o fogo que surgira dentro dela falasse.

– Eu vou lhe dar um propósito, Paul, um caminho enquanto estiver esperando ter a sua vida de volta – e beijou seu pescoço, sentindo um pulsar intenso, e lutou contra a vontade de mordê-lo como se fosse uma vampira recém-nascida. Afastando-se, segurou a cabeça de Paul com ambas as mãos e então aproximou-se novamente, olhando atentamente para o seu rosto e quase rindo quando os olhos azuis do homem lutavam para entrar em foco.

Não havia necessidade de dizer-lhe qual era o propósito, ou perguntar-lhe se ele queria persegui-lo. O fato de suas pupilas estarem enormes e negras e sua respiração, acelerada e irregular deu a resposta. Ela o beijou de novo e seus braços a envolveram.

– Toque-me, Paul – pediu Cláudia quando eles se separaram novamente, ambos ofegantes depois de um longo e complicado trocar de beijos e línguas. – Torne-se útil para mim antes que eu mude de ideia.

– Com prazer! – respondeu ele, com uma risada baixa e masculina, que fez com que suas entranhas se revirassem deliciosamente. – Oh, com muito prazer! – rosnou Paul, puxando para cima o top rosa de Cláudia, soltando-o do cós de sua roupa de ciclista. As mãos longas e elegantes dele eram o berço perfeito para seus seios doloridos de tesão.

– Sim! – gritou ela, articulando seu triunfo quando ele a apertou com o grau exato de contundência que seu corpo ansiava. Dedos e polegares poderosos rolavam seus mamilos para cima e para baixo, e, por

um segundo, entre as ondas de sensações que ameaçavam precipitar um clímax prematuro, ela imaginou que seu amante devia ser um escultor, pela forma como usava as mãos. Ou até mesmo um padeiro, pensou ela, rindo com prazer enquanto Paul massageava entusiasticamente seu corpo. Arqueando as costas, ela ofereceu seu seio para o tratamento, sentindo-o mergulhar avidamente para sugá-la e beijar seu ombro como resposta. A risada de Cláudia se tornou uma série de gemidos, expressões de uma paixão que a deixaram alarmada quando ele jogou longe a camiseta dela e aplicou a boca em sua pele nua com um vigor ainda maior.

Paul claramente não tinha escrúpulos em ser comparado a Nosferatu. Ele mordiscou o pescoço de Cláudia de uma vez, e a marca de seus dentes fortes e brancos era evidente e excitante. Enquanto ele a mordia, puxava os mamilos e trabalhava apertando-os.

Cláudia nunca tinha vivido uma experiência sexual tão dinâmica e desinibida. Em troca, e feroz por causa de seu próprio desejo, ela passou as unhas pelas costas tensas e rígidas do homem, e rasgou sua camisa. A camisa de Gerald, lembrou com algum distanciamento, e quando o fino algodão se rasgou, ela imaginou os aplausos do marido por conta da entrega total de seu desempenho.

Já muito perto do orgasmo, a dor excruciante entre suas pernas se tornou insuportável.

– Toque-me, é uma ordem! – falou ela, retirando a mão flexível de Paul do seu peito e arrastando-a enfaticamente para baixo de seu corpo. – Eu quero lá! – Ela enfiou os dedos dele entre suas pernas.

– Vamos logo com isso! Não quero saber de desculpas!

Agarrando firmemente sua vulva, Paul recuou um pouco e devolveu-lhe um olhar duro, quase que irritado. Então riu, seu rosto comprido, selvagem, seus lábios avermelhados de tanto beijar e morder Cláudia, e começou a massageá-la, no peito e na virilha, enquanto olhava, com pura malícia, diretamente nos olhos da mulher.

*Oh, o que foi que eu fiz?* , pensou Cláudia, ao mesmo tempo impotente e em êxtase, enquanto seu corpo disparava e ela lutava para manter o olhar de Paul. Ela estava em pleno orgasmo, estava aterrorizada, estava se afogando em um mar azul brilhante e incandescente. E, dentro de seu sexo, seus músculos tinham espasmos de prazer.

– Foda-se, Paul! Quem diabos é você? – gritou ela, ainda no clímax.

– Não sei, porra! – rosou ele, liberando seus órgãos genitais e depois a abraçando para trazê-la mais perto. – Porra, eu não sei! – ele repetiu, quase chorando, e balançando os dois corpos.

Cláudia acreditava nele – por enquanto. Parecia que seria a coisa mais fácil de fazer, enquanto caía em seus braços, com as partes mais íntimas de seu corpo ainda tremendo primorosamente.

Por um tempo, eles ficaram praticamente imóveis, embora o ar em torno deles parecesse vibrar em um silêncio atordoado e chocante. Paul estava respirando profundamente contra o corpo dela, mas Cláudia sentiu uma tensão nele, um turbilhão de emoções que ele estava tendo dificuldades para sufo-car. Por sua parte, ela se sentia anestesiada, mas em um estado maravilhado. Suas próprias ações, e reações, tiveram um forte impacto e a surpreenderam. Ela sentiu-se abalada, mas também satisfeita e impressionada. Quando a mão de Paul começou a se mover suavemente sobre suas costas, ela olhou por cima do ombro

dele, através do vidro, para o jardim além. Um pássaro voou sobre o gramado, e uma borboleta parecia segui-lo. Na luz do sol da tarde, a cena familiar nunca lhe pareceu mais bela.

No mesmo momento, os dois se separaram e estudaram-se mutuamente com uma ponta de tristeza.

– Sinto muito, eu...

– Olha, me desculpe, eu...

Os dois riram ao perceber que suas desculpas coincidiram. Dando um tapinha encorajador na coxa de Paul, Cláudia sugeriu que ele falasse primeiro.

– Eu sinto muito – reiterou, encolhendo os ombros e suspirando. – Fui muito rude, me deixei levar... Eu me comportei como um porco...

– *Você se comportou como um porco?* – Cláudia olhou para ele, tão doce e tentador, e sentindo que a fome tão avassaladora por ele, que tinha acabado de saciar, começava a se mostrar novamente.

Se o comportamento de alguém dentre eles fosse mais para o lado suíno, seria o dela. Fazia apenas alguns minutos desde que ela sentira um orgasmo e já estava com saudades de provar outro. – Eu acho que o meu comportamento é que foi ultrajante e grosseiro. Eu nunca disse nada assim antes. Você deve pensar que eu sou uma harpia!

– Eu acho que você é maravilhosa – disse Paul, suas feições calmas e simples, seu olhos impressionantes tão translúcidos como vidro azulado.

Essa não foi a primeira vez que Cláudia ouviu Paul a descrever como “maravilhosa”, mas apenas com Gerald ela havia sentido que essa descrição era feita de forma honesta e verdadeira.

Pelo menos, até agora.

Ela não conseguia enxergar nenhuma maledicência no olhar claro de Paul, nenhum indício de falsidade ou de exagero. Por algum motivo, ele realmente achava que Cláudia era maravilhosa. E

sentindo-se tão bem, tanto consigo mesma quanto com seu corpo, ela estava inclinada a concordar com ele.

Então ela simplesmente disse:

– Obrigada.

– O prazer é meu – respondeu Paul, olhando para sua própria virilha, e sorrindo. Ele estava extremamente ereto sob o tecido da calça creme.

– Claramente – disse ela, respondendo ao sorriso dele com um dos seus. Ele havia saciado as necessidades dela, mas a sua própria tumescência continuava sem ser atendida. Então, o prazer seria *dela* em corrigir essa falha. O sorriso de Cláudia se ampliou quando colocou a mão na virilha de Paul.

Debaixo do pano fino ele estava firme, forte e animado e, quando ela o apalpou suavemente, os olhos do rapaz se fecharam como se aquela leve pressão fosse demais para ele. Cláudia estava muito consciente de que sua percepção dele como sendo um anjo tinha ressurgido. Seu rosto pálido brilhava como o de uma imagem e seu cabelo suavemente ondulado era uma reminiscência de uma quantidade bem conhecida de imagens religiosas. Mesmo seu peito nu parecia ao mesmo tempo sagrado e profano. O que ela sentia por ele era tão perigoso que a assustou.

– Oh! – engasgou Paul, contorcendo-se um pouco e, por um segundo Cláudia ficou alarmada de que ela pudesse ter chegado a algumas conclusões de forma prematura. Mas a carne dele continuava dura, e seu sorriso permaneceu intacto.

– Por favor... Eu quero você – sussurrou ele, seus olhos piscando rapidamente, enquanto ele tentava sentar-se e chegar mais perto dela.

– Calma...

Liberando o pênis dele por um momento, Cláudia afastou suas mãos e em seguida puxou-o pelos ombros e na direção dela. Sem muita destreza, ela desabotoou os punhos de sua camisa branca

rasgada, então a puxou para baixo nos braços e por cima das mãos, como se estivesse tirando a roupa de um garotinho, mas só que com pressa. A camisa caiu atrás dele, num monte amassado, esquecida.

Os olhos de Paul se arregalaram quando as mãos de Cláudia foram para seu cinto, mas obedecendo às ordens não ditas em voz alta pela mulher, não procurou ajudá-la a despi-lo. Ele simplesmente levantou o traseiro quando ela disse “Levante!” e arrastou suas calças e a cueca para baixo, até o tornozelo.

*Que coisa adorável, adorável*, pensou Cláudia, enquanto ambos avaliavam seu pênis. Ele tinha saltado vigorosamente quando se viu livre da roupa e agora oscilava ligeiramente para lá e para cá acima de sua virilha escura, como se o peso de sua glândula avermelhada fosse demais para ele sustentar. Cláudia lambeu os lábios, inconscientemente se preparando para sugá-lo, mas o chamado de sua vagina voraz era imperioso demais. Confundindo-se com seus próprios botões, ela arrancou seus shorts e sua calcinha.

No segundo antes de tocar o pênis, ela sentiu seu suco escorrer e viu as manchas pegajosas na sua roupa de baixo, e logo estava afundando, montando aquela rigidez, seu suspirar ofegante enquanto descia seu corpo sobre ele.

– Oh, que delícia!

– Oh, que delícia!

Quando suas vozes brincaram de eco novamente, Cláudia riu de felicidade.

Paul também riu, e um movimento involuntário fez com que sua ereção se levantasse dentro dela. E Cláudia sentiu-se totalmente preenchida, divinamente empalada e quase desconfortável com a forma como a grandeza de Paul a esticava. Estirando sua vagina, ela assistiu enquanto ele tentava rasgar sua passagem.

– Oh! – gemeu Paul de novo, a pélvis saltando. – Você é maravilhosa! Um tesão de maravilhosa...

Eu... – e os dentes dele começaram a bater enquanto seu corpo saltava e martelava a mulher.

*Não, não sou... Eu sou uma harpia faminta, menino tolo!* , pensou Cláudia no último momento em que pensar era possível. Então, fazendo uso de sua rígida e intumescida macheza enquanto ainda existisse, ele quase saltou para cima e para baixo quando ela se juntou a Paul no orgasmo. A posição dos dois era tensa e difícil, com as pernas dobradas em ângulos estranhos, mas, em seu mundo de calor e pressão, Cláudia mal percebeu os rangidos e protestos em seus membros. Havia apenas uma luz viva e queimando que abrasava o interior de sua vagina com êxtase – e o anjo se contorcendo debaixo dela, em seu encaixe.

Isso foi um pouco antes de ela se mostrar capaz de desdobrar as pernas e erguer-se sobre ele. Seus joelhos se queixaram um pouco, e ela experimentou uma ligeira pontada num músculo da coxa, mas fora isso, Cláudia se sentia inundada de energia vital.

– Céus, olhe para mim – murmurou, vendo seu reflexo no vidro da janela, a alguns metros de onde estava. Seu cabelo estava desgrenhado, o rosto brilhava e ela estava nua da cintura para baixo, com sua recém-colocada camiseta toda marcada e amassada. Olhando para baixo, ela viu um fio de suor em suas coxas e em sua pálida barriga nua, e o brilho revelador de ainda mais umidade em seu púbis.

*Ai que horror*, ela pensou, mas de alguma forma, sua aparência desgrenhada e lasciva a acendeu ainda mais. Ela sentiu-se mais jovem, mais pronta, mais ousada. Beatrice Quine teria orgulho dela!

Mais do que orgulho, uma voz subversiva dentro dela anunciou: *Ela ia querer você, Cláudia. Com você desse jeito, a querida doutora iria cair sobre seus elegantes joelhos e iria beijar esse mesmo lugar onde Paul acabou de meter o pau!*

Era uma ideia ultrajante, mas o rosto no vidro sorriu a esse pensamento. Cláudia colocou a mão na boca, um pouco machucada pelo embate meio violento com Paul, e imaginou os lábios de Beatrice ali, beijando-a melhor. Ela sorriu ainda mais.

Um som a meio caminho entre um gemido e um suspiro de satisfação reorientou a sua atenção.

Paul estava caído em um ângulo, assim como ela o havia deixado, como se fosse um tritão encaixado, que tivesse sido devastado por uma princesa guerreira. Sua camisa era um trapo esmagado debaixo dele, e as calças e cuecas ainda estavam em torno de seus tornozelos, e ele parecia tão indecente como Cláudia se sentia, mas igualmente feliz.

*Nenhum dano, obviamente*, Cláudia refletiu, anulando a pequena suspeita que invadira sua mente.

Será que um homem sofrendo de um choque e de uma concussão realmente seria capaz de ter esse desempenho maravilhoso? Quem poderia dizer?

*E quem se importa?* , proclamou alegremente o eco de Beatrice Quine, e nesse momento, com sua boceta ainda cantando, Cláudia concordou com ela.

Paul gemeu novamente, sorrindo em algum tipo de semitorpor sonolento, e se espreguiçou ligeiramente, mexendo o traseiro contra a espreguiçadeira. Ele certamente devia estar muito consciente de seu rude estado de exibição, Cláudia estava convencida disso, mas ele parecia adorar ficar mostrando seu pênis. Não que ela se importasse de ficar admirando o órgão flácido, mas ainda fascinante, re-cordando a

sensação dele, inchado e desenfreado, rompendo profundamente o interior dela. Como se estivesse ouvindo seus pensamentos, aquele longo membro se agitou, como uma serpente sonolenta acordando.

– Puta! – murmurou Cláudia alegremente, pegando sua calcinha e seus shorts. Ela não tinha muita certeza sobre a quem estava se referindo – se a ela mesma ou a seu lindo amante exibicionista –, mas essa era uma coisa com a qual, tão satisfeita como estava, não iria se preocupar.

Logo que se arrumou e ficou de pé, calçando seus mocassins, duas sensações corporais díspares invadiram a sua consciência. Ela estava com uma sede absurda e tinha uma forte necessidade de urinar. Lançando um último e lascivo olhar ao seu Paul que ainda dormia, saiu do solário.

A bexiga esvaziada, e revigorada por uma rápida lavagem, uma calcinha limpa e uma rápida bor-rifada de perfume, Cláudia quase flutuou de volta descendo as escadas em direção à cozinha. Havia muito a ser dito sobre a utilidade de um homem mais novo – mesmo quando se fez a maior parte do trabalho sexual sozinha – e, quanto mais ela desfrutava de Paul, mais nova e mais jovem ela se sentia.

Beatrice estava completamente certa. O que importava se ele fosse um gigolô?

*Ele provavelmente vai querer chá*, pensou ela, olhando para o pote de porcelana e as xícaras arrumadas na bandeja. Cláudia estava levantando a chaleira para enchê-la quando percebeu que o que ela desejava mesmo era algo mais gelado.

– Bem, azar o seu, Paul sei-lá-o-quê! – proclamou desafiadoramente, e abriu a geladeira. – Por que eu deveria mimá-lo todas as vezes? Não é o suficiente para você possuir meu lindo corpo? – Rap-idinho, ela já estava dando os toques finais em um copo alto de San Clement, colocando gelo e fatias frescas de laranja e de limão.

– Achei que você gostaria de uma mudança, no lugar do chá – anunciou ela, empurrando a porta do solário bem aberta e entrando.

Mas, quando ela ergueu os olhos da bandeja, quase a deixou cair: os copos altos, o jarro Water-ford, os canudos. As portas que davam para o jardim estavam abertas em um mudo testamento, e tanto o sonolento Paul quanto sua roupa amarfanhada tinham ido embora.

## **CAPÍTULO OITO**

### **TERAPIA PROGRESSIVA**

Cláudia se viu tomada pelo pânico, com uma decepção tão amarga que mal podia absorver. Ela

sabia que isso poderia acontecer um dia, que ele poderia voar para longe tão repentinamente quanto tinha chegado, mas mesmo assim a realidade a rasgou profundamente. Ela se sentiu traída e ficou zangada demais, por ter sido usada de forma tão ridícula.

E então a razão voltou a se manifestar, trazendo preocupação e, junto com ela, um grave sentimento de culpa.

Mesmo o mais hediondo dos vilões não fugiria vestindo uma camisa rasgada e sem sapatos. O par de tênis que Paul usara mais cedo ainda estava ali, chutado meio de lado, debaixo da espreguiçadeira, e, se

ele tivesse procurado outro calçado, Cláudia o teria ouvido subir as escadas. O que significava que, se ele realmente tinha fugido, deveria ter sofrido algum tipo de recaída durante essa fuga e estava perdido e desorientado. Pousando a bandeja com uma pancada perigosa, ela disparou para o jardim.

Seu sentimento de alívio, no entanto, quando viu Paul na extremidade do gramado, agachado e estudando as plantas nos limites dos canteiros, foi tão forte que ela quase sentiu raiva de si mesma.

Era ridículo demais ter ficado tão apegada a ele dessa forma, e tão cedo, independentemente de como o corpo dele era lindo e quão maravilhosamente ele o usava. Era perigoso ficar assim obcecada; ela não podia construir sua vida ao redor desse homem.

– Você está bem? – perguntou Cláudia suavemente assim que se aproximou dele, determinada a não demonstrar como tinha ficado alarmada apenas alguns minutos atrás.

– Sim, obrigado, estou bem – respondeu Paul, endireitando-se e voltando-se para ela, seu sorriso iluminador, embora quase tímido. – E você? – aquela modéstia subitamente ganhando um tom mais travesso.

– Acho que estou bem. – Ela encontrou os olhos dele e ficou por alguns segundos, as mãos nos quadris, observando-o desafiadoramente. Não era antipatia o que sentia em relação a ele naquele mo-

mento, e as vibrações que recebia de Paul não eram exatamente desafiadoras também, mas havia uma espécie de conflito, e isso era deliciosamente excitante.

– Fiz um refresco para nós – disse ela, voltando para o solário, consciente de que ele a observava atentamente. – Mas não chá, porque imaginei que seria legal mudar um pouco. – Enquanto entrava, podia ouvir Paul vir atrás dela, suas passadas bastante silenciosas, já que os pés descalços beijavam a grama.

– Isso parece esplêndido! – exclamou ele ao parar ao lado da bandeja com o jarro da bebida, os copos e os pratinhos com aperitivos que ela havia acrescentado. O almoço parecia uma lembrança longínqua, e ela de repente tinha ficado com fome.

– Mas podemos beber ali? – perguntou Paul, apontando para a mesa e as cadeiras de ferro de jardim pintadas de branco e que ficavam na extremidade do gramado, no canto oposto àquele em que ele tinha se abaixado para admirar os canteiros. Como se ela já tivesse respondido, ele assumiu o comando da bandeja carregada.

– Claro – respondeu Cláudia, um pouco irritada com o fato de Paul de repente comandar as ações de novo. Para alguém que tinha sido abrigado por caridade, o rapaz tinha um talento notável para fazer as coisas de seu jeito.

Mas quando eles estavam sentados, e ela já se deliciava com a refrescante bebida gelada de frutas, Cláudia teve que admitir que os dois agora estavam no local certo para desfrutar do drinque. A tarde estava bem avançada a essa altura e, embora o sol ainda brilhasse, estava mais baixo e mais suave, e o clima bem mais ameno.

– Delicioso! – disse Paul, seus olhos fechando com prazer quando sorveu um pouco da bebida por meio de um dos canudinhos que Cláudia tinha colocado caprichosamente em seu copo. Os canudos eram

listrados e pareciam expressar seu humor de um repentino feriado fora de época.

Ela não fez nenhum comentário, mas observou-o por um tempo enquanto ele dava goles profundos e longos na bebida e, entre cada golada, levantava o rosto pálido e comprido na direção do sol que começava a se pôr. Ele parecia muito contente para um homem em sua situação, mas, apesar das implicações que isso podia ter, deixava Cláudia feliz. Ela decidiu não questionar o que havia observado, ao menos por ora.

– Eu vi um esquilo nas árvores enquanto você estava lá dentro – disse Paul, depois de um tempo.

Ele colocou o copo de lado, endireitou-se e fez um gesto em direção a uma das faias no final do jardim. – Ele desceu, ficou caminhando pela grama como se fosse o dono do lugar, e de repente deu um pulo e fugiu para aquela árvore.

– Sim, temos um monte deles. É a proximidade da floresta.

– Temos? – perguntou Paul, seus olhos azuis focando rapidamente seu rosto.

– Força de hábito – disse Cláudia, pousando o copo, se perguntando se deveria cobri-lo, mas sentindo-se preguiçosa demais para se incomodar com isso.

– Você pensa nele o tempo todo, não é? – perguntou Paul, pegando o copo de novo e mexendo com o canudo. – Você deve sentir falta de seu marido.

– Não... e sim – respondeu ela. – Quero dizer, não penso nele o tempo todo, não mais pelo menos

– *e ainda mais agora!*, pensou. – Mas eu sinto falta dele, sim. A gente tinha uma boa vida juntos. Ele era um pouco mais velho do que eu, mas isso não fazia qualquer diferença que importasse. Sabe o que eu quero dizer? – ela lançou um olhar de soslaio quando estendeu a mão e finalmente cobriu seu copo.

– Acredito que sim – respondeu ele suavemente, estendendo seu copo e esperando que fosse recarregado.

*Mas que bastardo arrogante!*, pensou Cláudia, embora ainda se sentisse compelida a cair na risada. *Ele acha que esse é o motivo pelo qual eu queria tanto transar com ele, porque eu estaria sentindo falta das noites regulares de sexo que tinha com Gerald.*

Os olhos dos dois se encontraram e ela inclinou o copo de Paul na direção dele.

– Para sua informação, senhor misterioso, eu não estava morrendo de frustração até a sua chegada.

Eu realmente não estava precisando... Precisando “disso”!

Paul ergueu as sobrancelhas, sorriu, e em seguida sorveu mais um pouco de sua bebida, seus lábios se mexendo franzidos quase que sugestivamente em torno do canudo.

– Ah, então foi só por mim que você fez isso – observou ele depois de um longo e pensativo gole.

– Foi uma espécie de terapia progressiva para a minha amnésia...

– Mas que diabinho insolente! – disse ela, debatendo-se interiormente para decidir se ele merecia ou não um copo da bebida na cara. Mas, no fundo, não era realmente culpa dele. Ela sabia que sua própria observação tinha começado isso.

– Sinto muito – disse Paul, pousando o copo e voltando-se em sua cadeira para olhar para ela. –

Estou sendo leviano e estúpido. E, realmente, nenhuma de nossas situações pode ser tratada de modo leviano. – Sua expressão tornou-se grave e, com isso, quase que poeticamente bonita. Cláudia sentiu um tremor interno. – Você deve ter estado muito solitária.

Embora ela o quisesse, sentiu que ele estava falando sério e ela sabia exatamente como Paul deveria estar sentindo. A solidão dele certamente devia ser diferente, mas o afetava tanto quanto a dela.

– Mas as coisas não têm sido assim tão ruins... Eu tenho minhas amigas e...

– Como a Melody e a Beatrice? – ele lançou-lhe um olhar que era superficialmente inocente e perfeitamente suave, mas, nas profundezas azuis dos olhos, algo mais se agitava.

Cláudia devolveu o olhar e, em seguida, olhou rapidamente ao redor. A tarde de verão idílica parecia ser exatamente a mesma, e os aromas inebriantes do jardim continuavam tão deliciosos como tinham sido alguns momentos atrás, mas ela sentiu outra mudança de cor no clima entre eles. O pêndulo estava balançando para o sexo de novo, como tinha inevitavelmente acontecido nas menos de 24

horas desde que ambos haviam se conhecido.

– Melody é realmente a única pessoa a quem posso chamar de amiga – respondeu, se perguntando onde aquela conversa poderia levar. – Eu a conheço há anos, desde que ela era apenas uma menina.

Nós nos tornamos muito próximas – Cláudia parou um pouco de falar, captando mais um lampejo de

interesse na expressão de Paul. – Quanto a Beatrice, eu mal a conheço. Realmente só falei com ela pela primeira vez durante o funeral de Gerald. Na verdade, ela era amiga dele, não minha.

– Oh, entendo.

Será mesmo que ele entendia? Cláudia achou que ele provavelmente entendia, sim. Ela decidiu ser um pouco mais provocativa. Dois poderiam jogar aquele jogo, e Cláudia teve um pressentimento súbito e agudo de para onde Paul estava conduzindo aquela conversa com a menção específica a Melody e Beatrice. Que demônio que ele era! Era como se estivesse lendo os pensamentos que ela vinha alimentando desde que aquela médica sensual tinha passado pela porta de entrada da casa pela primeira vez!

– Mas o que você achou da Beatrice? – perguntou Cláudia, tentando soar indiferente. – Você deve ter achado que ela tem um modo bem tranquilizador de cuidar dos pacientes.

– Ela me impressionou muito – foi a resposta evasiva de Paul. – O que você acha dela?

Cláudia tentou elaborar uma resposta igualmente não reveladora, mas, enquanto fazia isso, Paul deu mais um gole na bebida e, da superfície gelada do copo, uma gota de condensação caiu sobre a superfície lisa do peito descoberto. Hipnotizada, ela viu a pequena gotinha começar a escorrer lentamente sobre a sua barriga, na direção do cós. Em sua imaginação, a roupa dele desapareceu de repente, e a gota de água continuou seu progresso, até que chegou ao púbis.

– O mesmo que você. Você a resumiu perfeitamente. Ela é impressionante.

– É só isso?

– Ela demonstra ter compaixão. Experiente. Parece ser maravilhosa em seu trabalho, eu acho.

É só isso?

Ele não repetiu a pergunta, no entanto, Cláudia parecia estar ouvindo as palavras.

– Ela é linda. Muito sensual. Muito ousada. Ela tem um corpo fabuloso e deseja que todos saibam disso.  
– Ela viu o brilho nos olhos de Paul se acender. – Ela parece tão jovem, mas eu sei que ela é muito mais velha do que eu.

Paul riu levemente.

– Quantos anos você tem, afinal? – perguntou ele, com uma falta admirável daquele embaraço habitual cheio de idas e vindas que alguns homens demonstram ao tentar descobrir a idade de uma mulher madura.

Cláudia considerou a hipótese de mentir. Ela não tinha ideia da idade de Paul, mas estimou que ele devesse ser uns dez anos mais jovem do que ela, pelo menos.

– Quarenta e dois – respondeu, depois de uma pausa.

– Sério?

Sua surpresa pareceu verdadeira. Seria uma farsa? Ela esperou que ele fosse dizer alguma coisa sobre ela não parecer ter essa idade, mas Paul não disse nada.

*Você é muito inteligente para fazer isso, não é?* , pensou ela, observando-o beber de novo, a boca pousada de modo confortável em torno do canudo, sua garganta ondulante. Quaisquer protestos agora teriam sido uma atitude muito pouco sutil.

– Estou surpreso por você ter dito que a Beatrice não é sua amiga – disse ele, depois de engolir a bebida.  
– Me pareceu que vocês duas se conhecem muito bem, como se confiassem uma na outra. De fato, eu imaginei que vocês fossem muito próximas.

Os nervos de Cláudia se arrepiaram. Lá vinha ele de novo, sugerindo, fazendo insinuações... E como...

– Eu não sei sobre o que você está falando, Paul – e ela se virou para ele. – Você só nos viu juntas por alguns momentos – e uma vaga lembrança chegou a ela enquanto falava; algo que ela percebeu ter mal

registrado, ou talvez até mesmo suprimido. Uma sombra em movimento que ela havia notado pelo canto do olho, na porta, enquanto conversava com Beatrice Quine.

– Mas são precisos apenas alguns poucos momentos – disse ele, tão calmo quanto se poderia estar.

Pode até ter havido um minúsculo lampejo de derrota em sua expressão, mas Cláudia devia admitir que o autocontrole dele era admirável. Paul estava evidentemente blefando em cada uma de suas sugestões e insinuações, expressas claramente ou não, de que poderia ter escutado a conversa dela com Beatrice.

Ela decidiu pressionar e ver a mão que ele tinha, mas não sobre a questão de ter sido espionada.

– Quem sabe você esteja certo – disse ela, pegando seu copo de bebida, desenhando um rabisco sem sentido no lado do copo e, depois, colocando-o de volta sem ter dado um gole. – Eu me sinto próxima da médica, de certa forma. É um tipo de coisa instantânea. Uma atração imediata. Se ela fosse um homem, acho que seria quase que amor à primeira vista.

*Aí está! Tome isso! Não era isso que você queria?*, Cláudia o desafiou, silenciosamente.

– Amor? – ele assobiou baixinho. – É tanto assim?

– Bem, talvez não seja bem isso, mas...

– Afeição?

Ele ainda estava jogando. Ainda sentado ali, brincando com ela, tentando-a, fazendo dela ao mesmo tempo vítima e flerte num mesmo pacote de tirar o fôlego. Ela ficou observando enquanto Paul colocava o copo na bandeja e a olhava demoradamente. Por um instante, Cláudia o imaginou usando um par de óculos de sol invisível. Sua expressão estava camuflada de alguma forma, como se houvesse um véu sobre seus olhos de um azul intenso, não os escurecendo, mas tornando-os ilegíveis.

Subitamente, Cláudia começou a desejar que aquele jogo acabasse. Fazia menos de uma hora que ele tinha estado dentro dela, que ela estivera montando Paul na espreguiçadeira do solário, e, para seu grande espanto, ela já o desejava de novo. Entretanto, não parecia possuir o mesmo ímpeto de então.

De uma maneira que não conseguia entender, Paul havia assumido o controle de suas interações não ditas. Cabia a ele ditar as regras dessa vez; dependia dele como ia ser, se ele iria seduzir ou se iria comandar.

– Acho que a palavra que você está buscando é luxúria – disse Cláudia, sua voz quase um sussurrar. Odiando-se por sua própria fraqueza, ela esperava não ter ultrapassado a marca.

– Sim, eu esperava que fosse ela.

Quando Paul se levantou, erguendo seu corpo esguio da cadeira de jardim, Cláudia percebeu que estava com a respiração suspensa. Ela inspirou aliviada quando ele chegou mais perto e tomou a sua mão.

– Então, me conte sobre isso – disse ele, puxando-a para fora de sua própria cadeira e levando-a rapidamente em direção à porta, para dentro da casa. – Conte-me sobre essa coisa instantânea que você teve com a Beatrice...

E assim ela contou a ele.

Enquanto ele praticamente a arrastava escada acima, os dedos esguios apertados ao redor dos dedos dela, Cláudia lhe disse tudo sobre os pensamentos subversivos que os mamilos escuros de Beatrice haviam inspirado nela quando os viu pela primeira vez através da fina regata da doutora.

– Eles pareciam tão firmes... Tão tentadores – disse ela, quando Paul abriu a porta do quarto de hóspedes, o quarto dele, e a puxou para dentro. – Eram como pequenos frutos maduros. Eu queria chupá-los e mordê-los.

– Vá em frente! Conte-me mais! – ele pediu, levantando os braços dela acima da cabeça e quase a machucando para tirar a camiseta.

– Eu queria que ela tirasse toda a roupa, assim eu poderia ver como ela é pelada – e Cláudia riu-se. – E para ver se o cabelo dela é natural, ou se é tingido de vermelho – suspirou de prazer quando Paul suavemente acariciou seus próprios mamilos, tocando-os tão delicadamente como se eles fossem frutos preciosos também.

– Eu queria beijá-la inteira, queria sentir o cheiro dela, lambe o corpo dela todo – continuou, improvisando descontroladamente e sentindo-se ao mesmo tempo chocada e orgulhosa com isso, enquanto Paul continuava, libertando-a de seus sapatos, de seus shorts e de sua calcinha. Afastando-se um pouco, ele a observou nua sob a claridade do sol, que ainda brilhava forte enquanto se punha.

Por um breve momento, Cláudia quis se cobrir. Isso era mais revelador do que na noite anterior, ou na outra ocasião mais cedo naquele dia. Não havia a proteção das sombras, e nem uma peça de roupa parcial para aliviar seus medos e apaziguar sua modéstia. Paul agora podia vê-la inteirinha: cada curva, cada machucado, cada imperfeição. Cada característica física que a passagem dos anos tinha tratado de modo menos gentil, cada imperfeição que a sua própria perfeição havia deixado mais proeminente.

– Oh, querida! – gritou Paul cruamente, arrastando para o chão as próprias roupas. – Conte-me mais! – pediu, jogando de lado a roupa de cama e, em seguida, empurrando-a de forma descontrolada de costas sobre o colchão.

E então, Cláudia contou-lhe mais. Ela inventou histórias picantes de um gênero que nunca lhe passara pela cabeça antes, e contou a Paul do jeito que elas surgiam, atabalhoadas e aos trambolhões.

No momento em que terminaram, sua mente estava confusa, como à deriva. Mas sua carne estava satisfeita e seu espírito adormecido estava encharcado de felicidade.

– A única coisa que Beatrice não pôde lhe fornecer – murmurou Paul, preguiçosamente, quando Cláudia se agitou e as costas de sua mão roçaram seu pênis.

– Verdade – disse ela divertida com o fato de que até ele, seu especial e ilusório desconhecido, também era propenso às mesmas noções falocêntricas do mais comum dos homens. – Mas tenho certeza de que ela pode se equiparar a qualquer um dos homens e de muitas outras maneiras. Ela parece ser uma mulher que sabe tudo o que há para saber sobre sexo e erotismo.

– Sim, essa é a impressão que eu também tive – disse Paul, sua mão movendo-se lentamente, quase que

suavemente, pelo flanco de Cláudia, num gesto mais sociável do que erótico.

– Por que você está dizendo isso, ela tentou abordar você, é isso?

– Não. Infelizmente, não – respondeu Paul, esticando seu longo corpo. Ambos ainda estavam descobertos, mas a luz do sol se enfraquecera. Cláudia desejou poder vê-lo um pouco melhor. – Deve ser provavelmente antiético ou algo assim.

– Provavelmente – Cláudia sentou-se, virou-se para ele e tocou seu rosto para fazer com que o homem olhasse diretamente para ela. – Você teria concordado, se ela tivesse feito isso? – Os longos cílios negros de Paul vibraram timidamente. – Está tudo bem – disse ela, ao vê-lo corar. – Eu não vou dizer que não ficaria com ciúmes, mas não é como se a gente tivesse jurado fidelidade eterna um para o outro, não é mesmo? – Cláudia fez uma pausa, como se um conceito tivesse passado por sua mente e ela precisasse recuperar o fôlego. – Na verdade, você pode estar de fato cometendo adultério por estar comigo, sabia? E se você for casado?

– Sim, suponho que eu pudesse ser casado... – observou ele, franzindo a testa, e então virando o rosto para beijar a palma da mão de Cláudia. – Mas, se eu tiver uma esposa, não tenho absolutamente nenhuma lembrança dela. – Ele a beijou de novo, e de novo, seus lábios se movendo para saborear o interior de seu pulso. – Quanto a Beatrice... – disse ele, fazendo com que Cláudia sorrisse por causa da mudança flagrante de direção. – Todas aquelas coisas que me contou agora... Você realmente estava falando sério? Você transaria com ela, de verdade? Não quero dizer com isso que não ficaria com ciúme, se você o fizesse... – Paul ergueu os olhos, sorrindo contra a pele de seu antebraço. – Eu só quero que você me prometa que me deixaria assistir vocês duas!

– Seu degenerado! – repreendeu Cláudia com genuíno afeto. – Vocês homens são todos iguais, quando duas mulheres estão em pauta!

– Bem, pelo menos isso é algo sobre mim que é normal – disse Paul alegremente. Ele a beijou bem na curva do cotovelo, abrindo os lábios para colocar a sua língua contra a veia que havia ali. –

Você ainda não me contou sobre você e Beatrice. Se você realmente quis dizer isso, ou se era apenas uma pegadinha sexy para me deixar ligado.

– As duas coisas – disse ela, encolhendo-se um pouco quando ele ameaçou mordê-la. – Embora, por alguma razão inexplicável, até agora, nunca tenha considerado que outras mulheres pudessem ser sexualmente atraentes. Deve ter sido alguma coisa que você fez. – Ela o levantou levemente, agarrando-o pelo cabelo, e fez com que olhasse em seus olhos novamente. – Nunca tive uma fantasia com uma mulher até que conheci você.

Paul lhe lançou um olhar divertido de afronta.

– Você sabe o que eu quero dizer – disse ela, puxando-o para mais perto, para poder beijar seus lábios.

– E sobre Melody, o que tem a me dizer? – perguntou Paul quando eles se separaram e ele a puxou novamente para seus braços. – Você a consideraria também como sua amante? É evidente que ela adora você!

– O que você disse?

A ideia parecia absurda, quase obscena. Seus sentimentos em relação a Melody nunca tinham sido outra coisa senão puramente afetivos e de apoio. Ela via aquela jovem quase como se fosse uma filha, ou irmã caçula. O amor que uma demonstrava pela outra era puramente platônico. Nunca tinha ocorrido a Cláudia qualquer coisa que fosse diferente disso.

E, no entanto...

Melody era linda: mesmo agora, forçada como tinha sido a se moldar a um padrão imposto pelo marido. Aquele estilo pesado e artificial que ele preferia para sua esposa era totalmente errado para a delicadeza de seus traços, sua juventude e seus sonhos. Cláudia conseguia se lembrar de outra Melody. Uma linda e adorável menina, uma náiade com cabelo macio e escuro, ligeiramente ondulado, e um rosto tão requintado e perfeito que não tinha a necessidade de receber nenhuma maquiagem. Existia na época, e ainda hoje também, uma vulnerabilidade juvenil em Melody que falava fortemente a Cláudia, a adulta.

*Meu Deus!*, pensou de repente, olhando para Paul, que ainda estava à espera de uma resposta, seus olhos azuis enormes e perversos com a especulação. *É a mesma coisa que acontece com ele! O*

*mesmo brilho que me atrai. A mesma qualidade de desamparo combinado com força. Eles poderiam ser quase irmãos, e eu quero esses dois... Eu desejo a ambos!*

– Eu tenho razão, não é mesmo? Você deseja essa mulher – insistiu Paul, aproximando-se dela com uma ereção renovada e animada.

Cláudia se afastou, momentaneamente envergonhada. Aquilo tudo era muito embaraçoso, quase que aterrorizante, para ser lido assim tão facilmente – e, ainda assim, era algo que a excitava. E

também parecia algo estranhamente pertinente. Melody, também, tinha aquele dom especial de, por vezes, parecer ter conhecimento do que os outros estavam pensando, ou, ao menos, do que Cláudia estava pensando...

– De certa forma, tenho – ela admitiu –, embora isso nunca tenha me ocorrido até este momento.

Nós temos sido amigas e confidentes durante anos, apesar da diferença de idade. Mas nunca houve qualquer atração sexual entre nós antes.

– Talvez você simplesmente não tivesse reconhecido isso como tal – disse Paul, assumindo um ar de sagacidade que Cláudia achou extremamente sexy. – Embora, a julgar pela maneira como ela olha para você, a moça deve ter notado isso há muito tempo.

– Como é que, de repente, você se tornou um especialista em interações pessoais e relacionamentos? – exigiu saber Cláudia, estendendo a mão para baixo a fim de pegá-lo.

Paul gemeu baixinho e moveu seu quadril para empurrar sua carne contra a mão dela.

– Eu não sei! – disse, entre dentes, ainda se contorcendo. – Instinto ou algo assim. Eu pareço conhecer todos os tipos de coisas, mas nenhum daqueles fatos que seriam mais úteis para mim, realmente.

Tipo qual é o meu nome. Quem sou eu. De onde eu venho.

Cláudia fez menção de puxar sua mão de volta. O momento podia ter passado, agora.

Mas Paul não ia permitir que ela o soltasse. Ele envolveu seus dedos ao redor da mão dela e continuou a balançar.

– E vou lhe dizer outra coisa, também – disse ele, o rosto se contorcendo enquanto seu prazer claramente aumentava e seu pau parecia se expandir dentro da mão de Cláudia. – A Melody é infeliz...

Muito infeliz. Se você fizer amor com ela, poderá distraí-la de seus problemas.

– Como diabos você sabe disso? – perguntou Cláudia, ainda acariciando-o e ao mesmo tempo se perguntando como diabos esse homem poderia continuar uma conversa analítica – e sobre outra pessoa! – ao mesmo tempo que estava sendo estimulado e a caminho de um orgasmo. Mesmo ela estava tendo dificuldade em se concentrar no pênis duro de Paul e na natureza insatisfatória do casamento de Melody. Um ou outro mereceria toda a sua atenção.

– Eu apenas sei! – suspirou ele. – Eu posso ver... nos olhos dela.

O que era verdade, embora o fato de Paul ter observado isso em apenas alguns minutos de apresentação fosse algo realmente notável, quase incrível. A profundidade de sua percepção era admirável, especialmente para alguém como ele, em meio a seu próprio trauma. Havia muita coisa sobre esse homem, e cada momento acabava revelando mais.

Mas não consigo continuar com isso, não agora, pensou Cláudia de repente. Seu corpo estava gritantemente vivo e aceso. Ela estava molhada e inchada, e pronta para seu amante. Haveria outras oportunidades, mais tarde, para discutir Melody.

– Podemos falar de Mel mais tarde? – disse ela suavemente, rolando de costas, liberando o pênis e usando as duas mãos para guiá-lo em sua direção.

– Sim.. Sim, claro – disse Paul, com a voz um pouco vacilante enquanto se posicionava entre as pernas dela. Ela sentiu a cabeça sedosa de seu sexo contra ela, procurando, vasculhando com precisão, como uma chave à procura de uma fechadura que vinha sendo aberta por ela havia anos. – Desculpe, eu estou com você agora – Paul rodou seu quadril e empurrou, e o “com” se tornou “em” num longo e profundo deslizar. – Este é o momento errado para discutir outra mulher!

– Eu te perdoo – ofegou Cláudia, envolvendo os braços e as pernas em torno dele.

Demorou bastante tempo até que um deles voltasse a dizer uma palavra.

O som do telefone tirou Cláudia de seu sono, e ela levou vários minutos para se lembrar exatamente de onde estava.

Olhando em torno, viu os objetos familiares de seu próprio quarto, marrom e creme, e ficou se perguntando por alguns momentos por que diabos não estava em outro lugar. Não parecia natural, de alguma forma, estar aqui em sua própria cama, cercada por rendas pálidas e tecidos finos e as peças da coleção acumulada em seu casamento com Gerald. Um ambiente mais simples seria muito mais aquilo

que ela esperava ver, especificamente aquele do quarto de hóspedes, com a sua decoração e mobiliário azul muito mais simples. E sua cama aconchegante, atualmente ocupada por Paul.

O telefone continuava a protestar, e, amaldiçoando-se por não ter ligado a secretária eletrônica, Cláudia estendeu a mão para a extensão da cabeceira e então murmurou:

– Sim?

– Olá? Cláudia? É Beatrice! – disse a médica, com a voz tão brilhante e nítida como a linda manhã lá fora. – Espero não ter atrapalhado alguma coisa... – ela não estava rindo, mas seu tom de voz dava a entender que ela bem que gostaria.

– Não, nem um pouco. É só que eu acho que dormi um pouco demais – disse Cláudia, sentando-se e esfregando com a mão livre o rosto e, em seguida, o cabelo. *Que horas são agora?*, perguntou-se.

O sol já estava alto no céu azul de verão.

Beatrice deixou escapar um “Humm” bem ressonante do outro lado, que parecia querer dizer “Sei, faz de conta que acredito” e então continuou:

– Bem, isso provavelmente vai lhe fazer muito bem!

– Se você está dizendo... – respondeu Cláudia, e então, percebendo como tinha sido grosseira, completou: – Desculpe, eu acho que ainda estou meio dopada... E então, tem alguma notícia sobre os exames de Paul?

– Sim! Excelentes notícias! – disse Beatrice. – Eu consegui um encaixe para esta tarde, se for conveniente para vocês dois, é claro...

– Ah, sim, isso é ótimo. Foi muito gentil de sua parte ter tido todo esse trabalho – disse Cláudia, o tempo todo desejando – e sentindo-se culpada por causa disso – que ela e Paul pudessem ficar daquele jeito que estavam agora por mais algum tempo. Era só uma questão de tempo para que ele tivesse sua memória de volta e então a deixasse.

– Imagine, trabalho nenhum. Fico contente em poder ajudar – assegurou Beatrice, e Cláudia teve a sensação de que a mulher realmente estava sendo sincera. À parte toda a ousadia dela e sua diabólica reputação sexual, a doutora Beatrice Quine era muito atenciosa e verdadeiramente amável.

Os exames estavam marcados para as duas e meia da tarde no Hospital Ainsley Trust Private, que Cláudia nunca tinha visitado, mas sobre o qual várias pessoas que ela conhecia tinham tecido os maiores elogios. Ela sabia mais ou menos onde ficava e, com as instruções adicionais fornecidas pela médica, não tinha dúvidas de que poderia encontrá-lo facilmente. O médico que iria atender Paul estaria esperando por eles na recepção do hospital às duas e quinze.

– E diga a Paul que ele não precisa se preocupar – exortou a médica, seu tom de voz suave e tranquilizador. – David Colville é um médico brilhante. Ele é o melhor em sua área, mas duvido que vá encontrar alguma coisa ameaçadora. Estou convencida de que tudo é apenas uma questão de tempo.

*Tempo*, pensou Cláudia, depois que Beatrice desligou o telefone. *Essa pequena questão de tempo.*

*Quanto dele eu tenho? Não deve ser muita coisa, então não posso desperdiçar nenhum segundo.*

Mas será que ela havia desperdiçado, na noite passada? Quem sabe? Ela e Paul não tinham dormido juntos principalmente porque, no momento em que tinham acabado de fazer amor, tomado banho e em seguida compartilhado uma rápida refeição juntos, ambos vestidos em roupões de banho, tornou-se aparente que ele estava exausto. Seus olhos pareciam pesados e um pouco desfocados, e uma vez ou duas ele havia sufocado envergonhadamente um bocejo. Paul não fez nenhuma objeção quando ela o arrastou para a cama, e não fez nenhuma exigência para que Cláudia se juntasse a ele.

Isso tinha sido ao mesmo tempo um grande alívio e uma pequena decepção.

*Mas a gente podia pelo menos ter dormido juntos*, ela pensou, checando as horas e deixando escapar um suspiro de desânimo. Se eles queriam chegar a tempo para a consulta marcada, era bom que se mexessem um pouco desde já.

Decidindo ficar pronta primeiro, e depois concentrar seus esforços em Paul, ela rapidamente escolheu algumas roupas, e então fez uma toalete rápida mas cuidadosa, com a aguda consciência de que gostaria muito de causar uma boa impressão a Beatrice, assim como de se apresentar em seu melhor – e mais jovem! – para seu amante.

Cláudia não conseguia deixar de pensar que devia mesmo ter passado a noite com ele. Um corpo quente em sua cama era algo de que sentia muita falta desde o falecimento de Gerald. Era algo que a confortava. Era algo que lhe dava segurança, quando um pesadelo ocasional a acordava em pânico.

Apenas para aquele contentamento puro, instintivo.

*Mas não teria parado aí, certo?*, ela se perguntou, depositando o pente e a escova na bancada da pia, depois de ter arrumado seu curto e jeitoso cabelo em seu mais lisonjeiro penteado. Passou a estudar suas mãos como se nunca as tivesse visto antes. Essas mãos ficavam vorazes e incontroláveis quando colocadas na proximidade do corpo de Paul e, se ela tivesse compartilhado da cama com ele, teria se pego tocando o corpo dele à noite. Ele teria sido acordado, Cláudia lhe teria feito algumas exigências, persuadindo-o a satisfazê-la quando ele gostaria apenas de ter desfrutado de um sono ininterrupto.

*Foi bem melhor ter deixado Paul sozinho*, pensou, arrependendo-se de seu egoísmo ao acordar, estudando seu reflexo no espelho vitoriano que tinha sido um dos muitos pródigos presentes de casamento de Gerald.

*Nada mal!*, concluiu. Ela estava gostando do vestido creme e azul-marinho cheio de botões que tinha vestido depois de uma boa dose de reflexão sobre o que usar. Era um vestido sem mangas, de comprimento médio e bem simples, mas o acesso implícito da longa linha de botões quadrados parecia vagamente sugestivo. Não o suficiente para ser vulgar, mas apenas promissor. Sandálias de tiras –

não muito altas, mas bem desenhadas – apenas contribuía para a impressão de provocação.

*Sua idiota!*, disse a si mesma. *O que espera com isso? Você está indo para um hospital, como acompanhante de um amigo doente que está fazendo alguns exames, e não para um encontro secreto em um hotel, depois do almoço.*

Mas, mesmo assim, essa ideia aumentou a sua confiança, só de pensar que aquele encontro poderia vir a ser uma opção. Alisando a saia, ela deu uma piscadela para aquela imagem jovial.

## CAPÍTULO NOVE

### LEMBRANÇAS CLÁSSICAS

– Qual é o problema? –, perguntou Cláudia ansiosamente, quando se virou e constatou que Paul

havia parado no lugar. Ele estava preso ao chão, olhando fixamente para o carro – que ela havia estacionado para fora da garagem, enquanto esperava por ele –, com uma expressão de angústia, com ar meio perdido no rosto.

– O que houve Paul? – insistiu ela, colocando a mão em seu braço ao ver que ele ainda não se movia, não se mexia. Tinha que haver alguma coisa, algo muito errado ou talvez, podia ser algo muito certo. O velho e clássico Jaguar Mark II de Gerald sempre provocava suspiros de admiração e até mesmo de inveja, mas nunca havia atingido alguém a ponto de fazer a pessoa cair no absoluto silêncio.

– Paul!

Ela deu uma pequena sacudida quando o sentiu começar a tremer.

– Diga o que houve! Você está me assustando!

Quando ele se virou para ela, seus olhos estavam enormes.

– Eu sei que um dia tive um carro como este – disse ele, em apenas um fio de voz, enquanto se adiantava, inconscientemente livrando-se das mãos dela e apoiando os dedos na carroceria lisa e suave do Jaguar.

Ele não deve estar fingindo isso, pensou Cláudia, com seu coração se retorcendo ao ver aquele olhar estranho no rosto de seu companheiro. Ele vivia uma intensa luta interna, como se as memórias estivessem sendo fisicamente arrancadas de sua massa cinzenta. Ele estava lutando arduamente e nunca se mostrara mais bonito.

– Foi um desastre. Mas eu tenho certeza de que era este modelo, e desta cor.

Ele passou a mão pelo capô do carro como se o estivesse acariciando.

– Isso é bom. Você está se lembrando de algo. Pode ser muito importante – disse Cláudia, movendo-se para ficar ao lado dele, perto da porta do motorista. – Será que isso pode trazer de volta alguma coisa? Por associação?

Paul se afastou novamente, ainda deslizando a mão sobre a lataria; em seguida, passou a examinar o animal saltando, a insígnia do Jaguar, com a ponta dos dedos. Depois de um momento, ele caminhou até a porta do passageiro, abriu-a e inclinou-se para olhar dentro do carro. Quando ele se sentou, Cláudia abriu a sua própria porta, jogou a bolsa no banco de trás, e deslizou para o lado dele. Ela queria acalmá-lo, mas sabia que o momento era muito delicado. Ele estava franzindo a testa novamente enquanto olhava o painel de nogueira.

– Sim... Sim, isso mesmo – disse ele um tempo depois, ainda estudando os relógios, os indicadores e o rádio. – Mais ou menos como se... – virou-se para ela. – Mas é bem difícil. Longe, muito longe.

Tipo enlameado.

– Não force isso – pediu Cláudia, tocando-o novamente e percebendo que estava ficando muito difícil não tocá-lo. Eles estavam tão perto, no carro; isso fez seu sangue correr mais rápido nas veias.

– Seja paciente.

*Ah sim, Cláudia, tente!* Ela tirou a mão, quase como se tivesse se queimado ao toque.

– Olhe, se você se sentir um pouco agitado, podemos cancelar isto. Eu tenho certeza de que Beatrice e esse especialista, ou seja o que for, tenho certeza de que eles irão compreender.

– Não, está tudo bem – disse Paul, em resposta, voltando-se para ela com seu rosto repentinamente calmo, meio beatífico. – Eu me sinto bem, acho que estou começando a me lembrar um pouco mais das coisas... É... É... Uma espécie de desobstrução, de alguma forma. – Ele franziu a testa novamente, mas de uma forma pesarosa, até um pouco divertida. – Mas, seja o que for, não sinto que seja algo muito recente. Parece mais como se fosse a... A lembrança de uma recordação antiga, entende o que eu quero dizer? – disse ele com seu sorriso angelical, de menino – e Cláudia agarrou o volante rapidamente para se conter.

– Sim, eu suponho que eu saiba sim – disse ela, sem noção real do que estava falando. – Quer dizer... Mais ou menos.

O espaço fechado com o perfume de couro dos bancos do carro estava provocando um efeito selvagem e alarmante sobre ela, como se estivesse concentrando a magia de Paul em uma aura que contivesse o impacto de um poderoso conhaque. Ela estava enganada ao pensar que pudesse se concentrar na direção.

– É melhor sairmos daqui – disse ela rapidamente, quando Paul parecia não estar fazendo qualquer movimento para prender o cinto de segurança. Ele estava sentado a seu lado, olhando ao redor no interior do carro, como se fosse para reorientar-se um pouco sobre o seu passado, pelo menos daquilo que ele agora podia se lembrar. Ele tocou o painel, o assento de couro a seu lado, até mesmo a alavanca do câmbio belamente moldada, e então simplesmente aquietou-se, obviamente mantendo sua atenção ali dentro.

Teria sido muito mais fácil se concentrar e ser objetiva sobre a jornada e os acontecimentos que os aguardavam mais à frente se ele não parecesse tão maravilhoso, refletiu Cláudia, sentindo-se per-

plexa. Da seleção de roupas de Gerald que ela havia colocado à sua disposição, Paul parecia ter escolhido deliberadamente a roupa mais deslumbrante e mais lisonjeira para ele: um blazer de verão bege e confortável, que seu falecido marido tinha usado apenas uma vez, protestando que aquela roupa era jovem demais para ele usar, combinando com uma camisa de seda branca sem gola e um par de sapatos de couro bege. Com seu cabelo selvagem, os olhos intensos e a tez pálida, ele parecia bastante moderno, quase um messias estiloso. Cláudia sentiu vergonha por sentir-se tão fraca e irresponsável com sua beleza; ela queria ir para a cama com ele imediatamente e deixar o hospital para depois!

– Paul! – exigiu Cláudia, e em seguida, entrou em ação quando ele olhou para ela com um olhar vago.

Esticando-se até Paul, ela puxou o cinto de segurança e passou-o cruzado sobre o peito dele, seus dedos tremendo e fazendo-a se atrapalhar com a fivela. Suas mãos estavam muito perto da deliciosa virilha de Paul para que ela se sentisse confortável.

– Desculpe-me – disse Paul, quando ela ligou o carro e, com uma suavidade e competência que a surpreendeu, saiu da entrada de carros da casa indo em direção a Oxford e seus arredores.

– Eu estava a quilômetros de distância – ele continuou, ainda olhando em volta e examinando o interior do carro. – Eu acho...

– Você está conseguindo se lembrar de mais coisas?

– Sim. Mas são detalhes específicos. Principalmente com relação a este carro... Ou a meu carro...

E coisas que aconteceram relacionadas a ele – Sem pedir permissão, ele abriu o porta-luvas, como se estivesse procurando por pistas dentro dele. Os mapas dobrados que ele continha, no entanto, não pareciam revelar nada. – Este carro está muito bem conservado – disse ele, depois sorriu melancolicamente como se alguma lembrança terna tivesse acabado de chegar. – O carro de que eu me lembro é, ou era, comparado a este, uma verdadeira sucata.

– Você provavelmente teve esse carro quando era bem jovem, então. Quando você não tinha dinheiro, talvez? Parece lógico.

– Eu acho que sim – disse Paul, fechando os olhos e dedilhando a testa logo abaixo do machucado, que já estava sarando.

Dirigindo o carro ao longo de um trecho de estrada aberta agora, com o trânsito livre tanto na frente quanto atrás deles, Cláudia permitiu-se imaginá-lo mais jovem. Muito mais jovem do que era agora, no final da adolescência, talvez, ou nos seus 20 anos. Seria possível que ele fosse ainda mais bonito? Ou será que a adição de apenas alguns anos teria lhe dado mais distinção? De qualquer forma, ela sabia que ele devia ter sido um garoto sensacional, quando mais novo.

Contra a sua vontade, ela imaginou o jovem Paul com uma mulher. Uma garota. Ela seria bonita e sem falhas, novinha; magra como um chicote, mas sexy, com uma massa indomada de selvagens cachos escuros. Na cama, ela estaria agarrada a Paul, seu corpo perfeito respondendo ao dele com toda a força e a pura energia vital de sua juventude. E ele meteria nela, gritando com prazer, fazendo-a arquear uma vez e outra vez mais em cópulas extenuantes, daquela maneira que só os muitos jovens têm resistência para fazer.

– Cláudia! Você está indo um pouco rápido demais!

A voz de Paul, não muito forte, mas de forma audível e preocupada, fez estilhaçar a imagem de membros ágeis e fortes se agarrando e tremendo. Experimentando o choque de um medo visceral, Cláudia se concentrou e desacelerou o carro.

– Desculpe – disse ela, prestando mais atenção no que estava fazendo. – Eu estava tentando ganhar tempo. Eu pensei que poderíamos encontrar algum lugar para fazer uma refeição, um lanche. Conheço um lugar agradável, não muito longe do hospital. Achei que, se a gente comesse alguma coisa, iria distrair

sua mente dos exames...

Tinha sido um pensamento vago no fundo de sua mente, mas agora parecia extremamente sensível. Comer algo e com um bom café, talvez? Qualquer coisa para manter os excessos de sua imaginação em cheque.

Paul emitiu um pequeno som, depois de ponderar, e disse:

– Sim. Por que não? Acho que é uma grande ideia. – Paul parou por um momento de falar, e ela o viu alisar os dedos ao longo da costura lateral da calça. – E, nunca se sabe, podemos encontrar alguém que me conheça.

*E isso não pode ser interessante?*, disse a subversiva voz de Cláudia, abraçando as suspeitas. Com o passar do tempo, ela fora ficando com mais e mais certeza de que tudo o que ele vinha dizendo sobre si mesmo era verdade, mas, até dois dias atrás, ela sempre tinha se mantido uma pessoa cautelosa e um resíduo dessa cautela ainda permanecia.

Eles seguiram em frente, por um tempo, em silêncio, Cláudia aplicando o máximo de atenção à estrada e à direção do poderoso carro clássico, que ela amava quase tanto quanto Gerald tinha amado.

Paul estava aparentemente perdido em pensamentos, ou tentando recuperar suas memórias errantes, com o cenho franzido, um braço sobre a barriga e a outra mão pressionado pensativamente o queixo.

O curioso local chamado Mogander Arms era outro clássico, um velho pub do interior que, apesar de sua reputação crescente e cada vez mais na moda relacionada à boa comida, tinha conseguido manter um pouco das características que o haviam tornado tão popular. Dirigindo-se para o estacionamento, Cláudia sentiu uma onda de tranquilidade com a perspectiva do ambiente agradável e reconfortante do pub e – apesar dos alarmes e transtornos que estavam atacando tanto sua paz de espírito como a sua libido – percebeu que estava faminta. Tendo provado muitas vezes aquele homem a seu lado, obviamente ajudara a queimar um grande número de calorias.

– Vamos nos sentar aqui – disse ela, levando Paul para uma mesa com dois lugares, no anexo da parte traseira da sala de jantar principal.

Havia um vento forte soprando lá fora, mas aqui, no abrigo do edifício, mas perto das portas francesas que davam para o jardim, eles tinham o melhor dos dois mundos: podiam comer ao ar livre e ainda protegidos contra os elementos da natureza.

Ambos escolheram o mesmo prato principal – uma leve combinação de massa com legumes cozidos e molho branco –, e expressaram seu pedido quase que simultaneamente, rindo de uma forma que liberou a tensão que havia sido maliciosamente construída entre eles. Cláudia teria gostado de ter pedido uma garrafa de vinho – ela teria gostado muito mesmo –, mas em vez disso pediu água mineral, para os dois. Ela tinha que dirigir e Paul estava indo fazer exames de saúde. Depois de dois dias

de loucura, Cláudia achou melhor deixar que sua boa e velha sensatez tomasse a frente. Era incrível como isso agora parecia tão peculiar.

Olhando ao redor do salão, Cláudia rapidamente se conscientizou de que estavam sob escrutínio.

Um trio de jovens mulheres em uma mesa próxima – talvez tivessem 20 e poucos anos – envolvidas em algum tipo de celebração, lançava olhares furtivos para ela e Paul de vez em quando. Era óbvio que estavam especulando sobre os dois.

*Deem uma boa olhada, meninas,* ela se sentiu dizendo enquanto tomou um gole de água, e se esforçou para não deixar que suas observadoras soubessem que ela estava ciente delas. *Ele é lindo, não é? ,* desafiou. *Ele é um deus, ele é jovem, e é meu! Bem, pelo menos por enquanto...*

Paul ainda estava imerso em pensamentos, com o rosto muito tranquilo, mas bastante sério. De repente, ele olhou para cima e sorriu, seus olhos azuis dançando.

– O que foi? Do que mais você lembrou? – insistiu Cláudia, chegando a tocar a mão dele com ênfase.

Paul torceu os dedos para pegar a mão dela, depois levantou sua outra mão e cobriu a boca por um momento, como se tivesse um segredo que parecia ser muito perverso, mas que ele desejava contar sem demora. Ela quase podia ouvir as respirações na mesa próxima.

– Paul! Pelo amor de Deus, diga-me! Isto tem a ver com o carro?

– De alguma forma, sim – respondeu ele, descobrindo o rosto, mas ainda estava sorridente, parecia eufórico, muito divertido e quase incrédulo. – Mas é muito absurdo. Eu mal posso creditá-lo a mim mesmo, mas de alguma forma eu sei que é verdade absoluta. Não me pergunte como eu sei.

– Paul!

– Você pode ficar meio chocada.

– Eu estou lhe avisando!

– Você pode ficar aborrecida...

– Deixe que eu mesma julgue isso. E agora fale! Imediatamente!

– Tudo bem – disse ele, levando a mão dela aos lábios, dando-lhe um beijo e em seguida soltando-a. Ela podia sentir os olhos das três meninas quase que queimando a sua pele. – Mas isso é muito estranho. É como encontrar o carretel de um filme. Lembro-me desse, como poderia explicar, lembro-me desse episódio com total clareza. Mas, nada mais antes, nada depois dele. Muito peculiar.

Cláudia se deteve, evitando pressioná-lo de novo e esperou quase explodindo de curiosidade enquanto tomava água mineral.

Então ele começou a falar, com uma voz profunda, suave e intimista.

– Eu saí de férias com o carro. Estava com uma amiga. Deve ter sido há um bom tempo, porque nós dois éramos bastante jovens. E nós estávamos quebrados, sem um tostão – ele hesitou por um tempo mostrando seus olhos azuis cheios de devaneios. – O Jaguar era tão frágil, e acho que foi um tipo de milagre ele ter conseguido nos levar para qualquer lugar. E no chalé, aquilo era mais um case-bre... Mas isso não importa... – um olhar sonhador mostrou que ele sentia saudades ao lembrar. Isso tocou Cláudia

profundamente, porque foi a primeira vez que ela tinha visto algo parecido acontecer com Paul. – Nós estávamos tão aliviados por sair da cidade que estávamos praticamente histéricos.

Perguntas ferviam na garganta de Cláudia, desesperada para deixar que escapassem e pudessem sair pelos seus lábios, mas ela se segurou, já antecipando o que viria, e bem mais do que um pouco enciumada.

– O tempo estava horrível e, na primeira noite, houve uma tempestade violenta – disse ele, dando um significativo sorriso para Cláudia, como a sublinhar a natureza portentosa dessas *tempestades* e a sua influência em sua vida. – Nós dois estávamos com medo, especialmente porque alguém no pub local tinha nos dito que havia um louco homicida à solta na região naquela noite. Nós ficamos em quartos separados. Nunca houve nada entre nós até então. – *Aí vem*, pensou Cláudia, desejando uma vez mais ter pedido vinho. – Contudo, quando a tempestade atingiu seu pico, Vivian veio rastejando para o meu quarto e se enfiou na cama comigo.

Cláudia não se conteve, não conseguiu segurar-se. Tinha que ser justo uma “Vivienne”, não é?

– Como era ela? Suponho que muito bonita – disse Cláudia.

– Mais impressionante do que bonita, eu diria – disse Paul, com a voz algo indistinta. Quando Cláudia olhou para ele mais de perto, notou que ele estava lutando arduamente para não rir. – Ele tinha mais de um metro e noventa, seu cabelo já estava começando a rarear, e ele era o homem mais fino que já vi. Mas, sim, você poderia dizer que Vivian tinha um bom aspecto.

– Um homem?

– Sim, um homem – disse Paul, encolhendo-se um pouco. – Vivian e não Vivienne – ele enunciou cada um dos nomes de forma a distinguir bem os dois. – Eu avisei que você poderia ficar chocada.

Alcançando o seu copo com água e bebendo quase sem pensar, Cláudia fez uma nova e rápida avaliação de sua atitude e sua forma de pensar no que dizia respeito a Paul e as “ligações” dele no passado. Ela estava chocada? Sentia-se repelida? Ou estava realmente com ciúme, mesmo agora que sabia que Vivian era um nome masculino?

As respostas eram: não realmente; nem um pouco; um pouco, mas não tanto, não sei bem...

– Uau! – ela murmurou logo em seguida, tentando parecer indiferente quando a garçonete se aproximou da mesa.

Paul pareceu estar se divertindo enquanto a comida era servida. Era evidente que a garçonete, uma mulher rechonchuda claramente do lado maltratado dos 50, mas não completamente chateada por causa disso, tinha sido atraída por ele, e uma espécie de encenação foi feita com os guardanapos, talheres e travessas, e exortações de que ele deveria encher seu prato com um pouco mais de macarrão.

Apesar de sua impaciência, Cláudia não pôde deixar de sorrir também, e, enquanto a garçonete ia embora, lançou-lhe um olhar cúmplice. Cláudia sentiu vontade de dizer: *Não se preocupe, minha querida, eu cuido dele!*

Após as primeiras garfadas da refeição e comentários de que estava excelente, Cláudia fixou Paul com

um olhar bem firme.

– Certo. Você e Vivian. Vamos ouvir o que você tem a dizer – disse ela secamente, fazendo um gesto bem firme com o seu garfo.

Paul olhou rapidamente à sua volta, mas as três meninas ávidas tinham acabado de sair – talvez relutantemente? – e não havia outros clientes sentados por perto.

– Onde eu estava? – perguntou ele refinadamente, como se eles estivessem discutindo sobre o tempo ou outra inocuidade social.

– Você estava na cama com seu amigo. Pare de prevaricar!

– Isso é exatamente o que eu disse a mim mesmo na ocasião – murmurou Paul, levando um pouco de macarrão à boca e mastigando pensativamente. – Eu sabia o que eu queria, e o que ele queria – embora eu ache que nenhum de nós soubesse disso até aquela noite –, mas existe uma grande diferença entre saber e fazer.

Cláudia sentiu vontade de largar o garfo em cima da mesa e esticar os braços para sacudir Paul, obrigando-o a contar a ela aquilo que se sentia quase que frenética para ouvir. E, como se ele sentisse os desejos dela, Paul seguiu adiante sem mais demora.

– Tudo o que ele vestia era uma fina camiseta de algodão e, apesar de estar bastante escuro, eu tinha visto o seu pau quando ele subiu na cama. Eu percebi que provavelmente ele queria que eu o visse e fosse por isso que estava sem cuecas. De qualquer forma, a trovoada estourou de novo naquele momento e uma coisa levou à outra – disse Paul, fazendo uma pausa e depois sorrindo. – Até que estávamos um nos braços do outro, nos abraçando. E nós dois tivemos a ereção para acabar com todas as ereções.

Sem conseguir evitar, Cláudia se viu imaginando os dois. Paul, tão fabuloso e vulnerável como estava agora, mas um pouco mais jovem. E o misterioso Vivian, que ela parecia ver como a imagem de um ator que ela admirava bastante em filmes e na televisão: um indivíduo alto, barra-pesada e meio esquisitão. Como Paul havia descrito, ele era extremamente magro e seu cabelo preto já estava ligeiramente desbastado.

Ela imaginou seus magros membros masculinos se entrelaçando, ambos inseguros quanto às carí-

cias, mesmo que seus pênis estivessem urgentemente erguidos e com tesão um pelo outro. *Será que se beijaram na boca?*, ela perguntou a si mesma e, quase como se ele tivesse ouvido seus pensamentos, Paul respondeu à sua pergunta.

– A coisa mais estranha é que, a princípio, eu estava beijando um homem na boca – disse ele, correndo o dedo em seu lábio inferior como se ainda pudesse sentir a pressão da boca de Vivian ali.

– Sua língua parecia enorme, como a de um animal esfomeado. Desde o início, eu não tinha certeza se estava gostando ou não, mas depois eu estava beijando-o de volta e empurrando minha língua em sua boca. – Paul juntou os dedos diante dele por um momento, em seguida pegou o garfo de novo e imediatamente deixou-o de lado. – Eu achava que era mais erótico, por dizer assim, beijá-lo do que senti-lo mexer os quadris e esfregar o pau contra o meu.

Cláudia estava em transe. Era quase como se estivesse sentada na ponta da mesma cama com eles, como um duende invisível e *voyeur*, desfrutando do prazer tentador dos dois rapazes com o mesmo temor e surpresa que eles estavam sentindo. Ela queria bombardeá-lo com perguntas, mas tanto a sua memória quanto a ilusão eram muito frágeis.

– Ele parecia muito frio – disse Paul, empurrando a comida ao redor do prato e claramente demonstrando que tinha se esquecido desse tipo de apetite, levando em consideração apetites de outro tipo. –

Ele devia estar me cercado havia séculos, procurando coragem suficiente para chegar mais. Isso me fez sentir uma espécie de carinho por ele. Vivian estava mais assustado do que eu. Assim que a coisa toda começou, parecia certa para mim. E parecia que eu sabia exatamente o que fazer.

*Da mesma forma como fez comigo*, pensou Cláudia, sentindo sua intimidade úmida e aquele mesmo tremor familiar. No momento em que Paul se comprometia a fazer amor, ele parecia achar fácil assumir isso e tomar o controle. Na cama, ou no seu equivalente, aquele era um habitat natural para ele, e o sexo, uma realização inata. Ele era uma maravilha, um fenômeno. Ela sentiu que o ven-erava e então agradeceu à força que o trouxera para ela.

– Eu acariciava suas pernas e suas costas, para aquecê-lo primeiro, e depois finalmente ele pareceu ficar impaciente e frenético e me implorou, quase como se fosse uma criança, para que eu tocasse o seu pau. Tive a impressão de que se eu não comesse logo, o cara saltaria da cama e correria para longe – disse Paul.

Perdido nas lembranças, ele parou por um momento, arrumou o macarrão em seu prato, comeu um pouco e tomou um gole de água. Cláudia teve a impressão de que ele também gostaria que estivessem bebendo vinho, ou pelo menos uma de suas amadas xícaras de chá.

– Foi estranho tocar um pênis que não fosse o meu próprio – disse finalmente –, mas não desagradável – o homem olhou para ela e com seus olhos espirituosos e um toque de cor iluminando as maçãs de seu rosto. – Oh não, não foi desagradável de maneira nenhuma.

– E como foi? – perguntou Cláudia e em seguida, quase instantaneamente, bateu a mão em seus lábios, profundamente alarmada pelo fato de que tinha feito tal pergunta. Ela sentiu suas bochechas rosadas e inflamadas ficarem muito mais vermelhas do que as de Paul.

– Como o resto dele – respondeu Paul, com uma risada. – Fino, mas pelo menos comprido. Fácil de envolver – ele levantou uma mão, o polegar e o indicador fazendo um “O” –, mas precisando de uma bela punheta para gozar ao máximo.

Cláudia engasgou e riu. Teve que tomar um longo gole de água mineral para conter-se.

– Você é perverso – disse ela, colocando o copo na mesa e balançando a cabeça. Havia um toque de bravata, de desafio nele agora que a fez lembrar muito vividamente de Beatrice, uma espécie de alegria pela vida e pelo sexo, e que os tornava tão escandalosamente atraentes.

– Mas isso aconteceu de verdade! – protestou ele, pegando uma garfada de macarrão, saboreando-a bem e em seguida limpando a boca com o guardanapo. – Eu posso muito claramente lembrar que isso fez meu

pulso ficar doendo. Foi ótimo que ele gozou rapidamente ou com certeza eu teria terminado a noite com câibra.

– Oh, coitadinho, que peninha... – disse ela, fingindo simpatia de brincadeira.

– Sim! É verdade. Ele lá, gozando a caminho do paraíso e jorrando sem parar... E eu largado seco e com uma ereção animal – Paul disse isso a ela com se estivesse num bate-papo quase casual, mas com um breve olhar para baixo, avaliando o objeto de sua preocupação.

*Você está de pau duro agora também, não é, seu bastardo sexy*, pensou Cláudia, imaginando que a “ereção animal” estaria agora desalinhando as calças dele. Uma grande riqueza de cenas assaltou sua mente, mas uma em especial foi retida para entretê-la.

O velho clichê, tão familiar e que sempre surge em romances e filmes picantes: homem fica excitado; mulher deixa cair o guardanapo; o homem tem quase que uma apoplexia tentando parecer imperturbável e pede a sobremesa, enquanto a mulher manipula seu pênis com seus lábios e a língua.

*Ah, sim!*, pensou Cláudia, a boca se enchendo de água com a ilusão do sabor da masculinidade de seu amante e de sua fresca emissão. Ela já havia tocado seu pênis, tratado dele meticulosa e demoradamente, e sentido-o entrando profundamente dentro de seu corpo, mas até agora ela não havia se divertido ao chupá-lo. Isso era uma delícia que ainda a aguardava mais à frente – juntamente com muitas outras, esperava alegremente.

– Oh querido, que terrível – disse ela comicamente, sentindo-se excitada com a situação, tanto naquele momento como agora. – E o que fez sobre isso?

– Bem, primeiro esperei até que Vivian recuperasse o fôlego. Eu acho que a enormidade do que tinha acontecido o tinha deixado sem ação. Mas, quando ele parou de soluçar e de dizer que me amava, eu meio que o lembrei de que os procedimentos ainda não haviam terminado.

– Como?

– Encorajando-o a se virar e, em seguida, me permitindo massagear meu corpo contra sua bunda.

Entre as suas coxas, Cláudia sentiu o pulsar profundo e cru do agudo desejo. *Oh, céus, será que Paul realmente tinha fodido o tal de Vivian?* A ideia foi tão intensa, tão atraente, tão deliciosa e tão poderosa que ela sabia que se apertasse sua vulva agora ela provavelmente gozaria tão rapidamente quanto um trem expresso e gritaria sem parar.

E ela ainda tinha que saber o que havia acontecido.

– Eu não fiz isso – disse Paul calmamente e, por um horrível momento, Cláudia estava convencida de que havia feito a pergunta em voz alta em uma área pública de um restaurante que, apesar de estar pouco ocupado, não estava inteiramente vazio de comensais. Ela sentiu o queixo cair e a língua cravar no céu da sua boca.

– O que aconteceu? – perguntou ele, a testa enrugada enquanto olhava para ela, obviamente perplexo por sua incapacidade de falar.

– Eu... – começou ela, ainda mentalmente com dificuldades.

– Está tudo bem – disse ele, num tom tranquilizador. – Você realmente não perguntou nada, mas eu podia ver que estava morrendo de vontade de fazer isso – Ele olhou da direita para a esquerda e disse: – Não se preocupe, os nossos pequenos segredos sujos ainda estão a salvo dos curiosos.

– Eu não sei do que você está falando! – retrucou Cláudia. Como ele poderia realmente ser tão perspicaz, com uma mente que estava temporariamente desestruturada?

– Mas você quer saber, não quer?

– Sim! Tudo bem! Concordo! Diga-me o que aconteceu – pediu ela, consciente de que deveria deixá-lo novamente no controle.

– Bem, eu sei que não comi o Vivian... – Sua voz se esgotou, e ele franziu ligeiramente a testa novamente. Será que a clareza de sua recordação estava se desvanecendo? Ou aquilo faria parte de uma encenação, para fazer com que essa história contada aos trancos, da rendição de Vivian, parecesse menos suspeita vindo de uma pessoa que supostamente estava sofrendo de amnésia?

– Nós não estávamos... você sabe... “preparados” para ir até o fim. É bastante difícil, em alguns aspectos, agir simultaneamente de um modo espontâneo e também atencioso – disse Paul.

– Eu suponho que seja – observou Cláudia, sentindo um arrepio de deliciosa repulsa subir por suas costas. Com alguma dificuldade, ela anulou uma cadeia tentadora de conjecturas. Imagens de preservativos e lubrificantes; sexo selvagem e suado, transa e gemido. Coisa forte para ser imaginada enquanto eles deveriam estar almoçando.

– O que nós fizemos foi o equivalente mais próximo – disse Paul, com uma expressão que, para Cláudia, pareceu deliberadamente tímida.

– Como assim?

– Eu pressionei meu corpo contra a bunda dele, e balancei meu pau para a frente e para trás entre suas coxas – Seu rosto magro ficou sério e contemplativo. – O que é tão bom quanto, de certa forma, se você está quente e próximo do outro.

*Sim, eu acho que pode ser*, refletiu Cláudia, desejando esse mesmo calor e a mesma proximidade enquanto observava a comida que mal tocara. Oh, como seria bom estar lá na cama com Paul, agora, deitados como namorados apaixonados, sua ereção bem dura entre suas coxas. Ela não se importaria muito que ele não estivesse dentro dela – desde que ele esticasse a mão e acariciasse seu clitóris.

A cena imaginada era gentil agora, mas ainda assim Cláudia tinha perdido o apetite. Ela não queria mais aquela massa imaculadamente preparada, com o seu molho intenso e aromático; ela queria era Paul, seu corpo maravilhoso, e seu pênis, forte e jovem. Esse encontro pós-almoço que havia imaginado, anteriormente, à toa tornou-se uma tentação súbita, quase dolorosa. Ela se perguntou se o Mogander Arms teria um quarto vago. Eles poderiam dizer que um deles estava passando mal e precisava se deitar. Isso não estaria um milhão de quilômetros de distância longe da verdade.

Ela imaginou estar com Paul em alguma daquelas grandes camas antigas, com travesseiro de pena de

ganso, lençóis bem engomados e um colchão macio. Primeiro, eles iriam se foder rápida e apaixonadamente, para saciar seu desejo antes de se acalmarem para se preparar para viver uma longa tarde de verão fazendo amor sem pressa. Enquanto ele contasse mais de suas histórias de intimidades com Vivian, Cláudia deixaria que ele enfiasse seu pau não apenas entre suas pernas, mas por todo o corpo, onde quer que o levasse sua fantasia. Em cima da barriga, sobre os seios, no pescoço e no rosto. Ela quase podia vê-lo ajoelhado sobre ela, seu pau desenfreado em sua mão, enquanto ele trabalhava com golpes rápidos, ágeis e, em seguida, gritando, ungiendo-a com seu sêmen...

Um olhar para o rosto de Paul disse a ela que ele estava tendo o mesmo sonho, ou um muito parecido com aquele. Suas feições suaves estavam coradas, e ele também quase não tinha provado sua massa. Sua postura era estranha, como se estivesse sentado com algum desconforto.

– Paul. Eu estava pensando se – começou a falar Cláudia, vendo a luz familiar do fogo em seus olhos, e ele quase pulou de sua cadeira, como se estivesse apenas esperando a menor palavra dela. Ela sorriu para ele, sabendo que realmente não teria que dizer muito mais.

Mas, quando Cláudia estendeu a mão para pegar sua bolsa, que pairava no encosto sobre sua cadeira, a hora que marcava seu relógio chamou sua atenção.

1h45.

Já era 1h45 da tarde, e eles ainda tinham vários quilômetros para percorrer antes de chegarem ao hospital, e a Beatrice.

– Já é tarde, não é? – disse Paul suavemente, dobrando o guardanapo e colocando-o metódica-mente ao lado do prato.

Cláudia tocou a pulseira do seu relógio por um momento, desejando que não ter colocado aquela maldita coisa no braço, para que eles pudessem ter se esquecido do horário e entrado naquele quarto sem se preocupar.

– Receio que sim – disse ela com um encolher de ombros, e em seguida colocou a bolsa no colo e pegou seu cartão de crédito.

Mas, quando pegou o poderoso pedaço de plástico, Cláudia se viu sorrindo.

*Vai haver outro momento, disse ela a si mesma, observando enquanto a garçonete conferia seu Mastercard, um outro no hotel. Eu farei isso para você. Não se preocupe, teremos nossa tarde roubada.*

## **CAPÍTULO DEZ**

### **LEMBRANÇA MORTA, LEMBRANÇA VIVA**

–Então, eles se lembram de mais alguma coisa? – perguntou Beatrice, quando elas se sentaram

na obscenamente luxuosa sala de espera do Hospital Ainsley Private.

*Eu devia dizer a ela, pensou Cláudia, reprimindo um sorriso. Alguém como Beatrice iria realmente gostar de ouvir a respeito de Paul e Vivian, e ela não iria considerar tal acontecimento anormal.*

Por alguns segundos, Cláudia ficou avaliando se deveria descrever o que Paul lhe contara, mas quase tão rapidamente quanto, ela decidiu que o melhor a fazer seria engavetar a ideia. Ela não tinha o direito de espalhar por aí as lembranças particulares do passado de Paul.

– Apenas pequenos fragmentos – respondeu Cláudia diplomaticamente. – Coisas acidentais.

Coisas do cotidiano, gostos e desgostos. Nada sobre a sua identidade ou sua história de vida.

– Isso ainda vai vir – disse Beatrice tranquilizadora, sua natureza sensível claramente reafirmando sua presença quando pegou a mão de Cláudia. – Não se preocupe. As memórias de pequenas coisas são um bom sinal. Isso mostra que o mecanismo real de memória continua funcional.

Paul estava realizando seus exames e testes. O médico tinha feito a Cláudia algumas perguntas informais sobre Paul antes de levá-lo para fazer a bateria de testes, mas isso deixara claro que a presença dela não seria necessária.

Cláudia não sabia se ficava infeliz ou aliviada com isso. Ela se sentia responsável por Paul, e ficava preocupada com ele, mas, tudo dito e feito, o fato é que ela não era sua mãe, sua esposa ou sua irmã, nem alguém com quem ele tivesse qualquer tipo de relação próxima. Só ela e ele – e Beatrice, e Melody provavelmente! – mantinham algum conhecimento do grau de intimidade que os dois estavam compartilhando. Para todos os efeitos, ela mal conhecia o rapaz, e era apenas alguém que o havia levado até os médicos como um ato de solidariedade.

– Eu odeio dizer isso, mas você já pensou em ir à polícia, para o caso de haver um registro de pessoa desaparecida relacionado a esse rapaz?

A pergunta repentina de Beatrice não era exatamente inesperada. O espectro de sua própria atitude egocêntrica continuava se elevando diante de Cláudia e apontando seu dedo acusador. Denunciar o ocorrido à polícia era a coisa lógica e gritantemente óbvia a fazer, e ainda assim ela não conseguia se obrigar a fazê-lo. E como o próprio Paul não tinha mencionado a ideia, além do fato de que tinha sido ativamente relutante em até mesmo se consultar com um médico, Cláudia sentia haver ainda menos vontade de fazer qualquer coisa “oficial”. Beatrice tinha lhe garantido que tudo o que pudesse acontecer no Ainsley seria tão confidencial como algo fora dos registros, mas Cláudia começou a supor que, mais cedo ou mais tarde, a presença de Paul em sua casa viria a chamar a atenção de alguém que não fizesse parte de seu diminuto círculo de amigos.

– Sim – disse, finalmente –, sim, eu tenho pensado sobre isso. Bastante na verdade... – Ela puxou o tecido de seu vestido creme e depois o alisou novamente, sentindo-se nervosa. – E eu sei que deveria falar com a polícia, pelo bem dele. – Cláudia ergueu o olhar, buscando compreensão e quase certa de que iria encontrá-la, e encontrou os cálidos olhos verdes de Beatrice. – Mas só daqui um ou dois dias, eu... Eu... – e teve que admitir a verdade. – Eu queria mantê-lo para mim por mais um pouco de tempo! Eu me sinto tão bem com ele por perto. Sinto-me viva novamente. Eu me importo com ele e acho que o mereço! – Ela lançou um sorriso um tanto irônico para Beatrice, e sentiu-se encorajada pelo olhar de total compreensão, e afirmação, que viu no belo rosto da médica. – Quando se lembrar de quem é, Paul vai ter uma vida para a qual voltar. E haverá uma mulher nessa vida, uma esposa ou uma namorada, e ele não vai me querer mais. Eu quero ficar com ele por mais um pouco de tempo, enquanto sou a única mulher com quem ele pode contar!

Quase sem perceber, Cláudia estava presa nos braços de Beatrice, e a médica a estava embalando, meio para consolá-la e meio para incentivá-la.

– Bravo – gritou Beatrice, recuando um pouco, mas prendendo Cláudia pelos ombros. Ela parecia animada e de repente bastante jovem. – Você sabe que é exatamente isso o que eu faria, não é? Eu não sonharia em fazer outra coisa. – Ela sorriu “diabolicamente”, pensou Cláudia. – Conheço um batalhão de pessoas que não consideraria isso que você está fazendo como a coisa certa ou mesmo a coisa moral a se fazer. Mas eu mesma... – ela soltou Cláudia e, em seguida, bateu no peito com a mão espalmada, para dar ênfase – ... Acho que é a única coisa a fazer. Não só por você, mas pelo Paul também. Ele precisa de carinho agora, de alguém que cuide dele, e de um incentivo ao ego também. –

E Beatrice lançou um olhar astuto que dizia tudo. – E é certamente isso que você está oferecendo ao rapaz – a médica se inclinou mais perto de novo, como se fosse falar de forma confidencial, mesmo sendo as duas as únicas pessoas na sala de espera. – Com você, ele pode sentir-se como um homem, em vez de apenas um menino perdido preso em um atoleiro de burocracia!

– Se é você quem está dizendo... – disse Cláudia, aliviada por um lado e perturbada por outro. Ser abraçada por Beatrice daquele jeito despertou novas questões que os últimos dias haviam levantado.

Mesmo em seu traje de trabalho mais “sóbrio”, uma calça cinza risca de giz sobreposta pelo tradicional – e, para Cláudia, muito sugestivo – jaleco branco, a médica era uma figura cativante e subversivamente desejável. O fato de estar usando óculos de aros finos e ter os cabelos arrumados em um sério, mas elaborado coque, só pareceu aumentar a potência de seu fascínio. Por um segundo fugaz, Cláudia

parecia ver as compensações que se apresentavam; maneiras de aliviar seu sofrimento quando Paul se lembrasse de quem era e fosse embora.

– Pois estou dizendo, sim – retrucou Beatrice alegremente, com um brilho nos olhos. – E essa é a minha opinião como médica e como mulher.

Cláudia não sabia o que dizer em seguida, mas o trinado de um telefone acabou adiando qualquer esforço. Ela sentiu um súbito arrepio de medo, sabendo que seria alguma notícia sobre os exames de Paul.

– Sim? – disse Beatrice ao atender ao telefone. – Certo, entendi... Estaremos com você em breve.

– O som do receptor sendo colocado no apoio foi desanimadoramente definitivo.

Cláudia sentia-se incapaz de falar agora. Um profundo pressentimento a envolveu, uma ansiedade que fez toda aquela conversa sobre usar o sexo como terapia parecer irrelevante.

– Vamos lá – disse Beatrice gentilmente, tomando-a pela mão novamente e exortando-a a

acompanhá-la. – David quer nos ver – Ela estendeu a mão e acariciou o rosto de Cláudia. – Não parece assim tão trágico. Não vai ser uma coisa para se preocupar!

E, graças a Deus, Beatrice tinha razão em quase tudo, pensou Cláudia quando ela e Paul cruzavam por Rosewell em meio à paz suave do entardecer de verão. Todos aqueles testes e exames, incluindo a imagem feita por ressonância magnética do cérebro, mostraram que não havia uma lesão física dis-

cernível. A única coisa com que se preocupar agora, se estava tudo bem, era com o fato de ele ainda não conseguir se lembrar de nada.

Como ele estava tranquilo naquele momento, e olhando para fora da janela, Cláudia deu alguns rápidos olhares para ele.

*Bem, se você está fingindo, garoto, você o fez muito bem, porque pareceu convincente a todo mundo.* O médico, Colville, tinha claramente examinado Paul de cima a baixo e, presumivelmente, um homem com experiência e qualificações teria sido capaz de detectar um falso caso de amnésia com muito mais facilidade do que ela mesma faria. Apesar de todos os resultados inconclusos, parecia que o problema de Paul era realmente genuíno, e a prescrição de Colville, assim como a de Beatrice, era “dar um tempo”. Havia sido marcada outra consulta no Ainsley na próxima semana, quando novos exames e testes seriam realizados, mas por ora tudo o que eles recomendaram foi esperar e observar, enquanto Paul descansava e levava as coisas com mais calma.

Seria bastante interessante, pensou Cláudia, incapaz de conter um sorriso, saber se o gentil e muito cavalheiresco senhor Colville iria avaliar o que tinha acontecido entre ela e Paul nos últimos dois dias como sendo “levar as coisas com calma”.

Mas será que toda aquela atividade estava agora cobrando seu preço? Ela se perguntou, olhando para Paul novamente e vendo uma expressão profundamente pensativa em seu rosto, ainda tão pálido...

– Você está bem? – perguntou, depois de ter contornado a rotatória e se dirigir para os arredores da vila.  
– Você não está preocupado com os resultados dos exames, não é? Colville disse que está tudo bem. É apenas uma questão de tempo antes de você começar a se lembrar de mais e mais coisas.

– Não são os exames médicos, não mesmo – respondeu Paul. Cláudia tinha os olhos na pista, mas sentiu-o virar-se para ela. Ela quase sentia o calor de seu sorriso, que fazia acelerar sua pulsação. – Eu estava pensando sobre as coisas que consegui lembrar hoje... Por que diabos eu consegui me lembrar de fazer amor com Vivian, mas nada mais? – Paul bateu o dedo no estofamento ao lado dele. – Você não acha que isso significa que eu sou gay, não é?

Cláudia queria rir, mas conteve-se. Ele parecia tão sério, mas isso não se tratava de um assunto que pudesse ser motivo de riso.

– Bem, você não pode ser um... Como posso dizer isso? Você não é, obviamente, um homossexual

“dedicado”, por assim dizer, ou não gostaria de fazer amor comigo, não é? – Cláudia fez uma pausa, e depois continuou, decidindo correr o risco. – A menos, claro, que você tenha descoberto uma maneira de fingir...?

– Não. De jeito nenhum – disse ele, um pouco bruscamente. – O que eu sinto por você é real. A resposta é real. Como você pode duvidar disso?

*Ah, não, eu o irritei!*, pensou Cláudia, sentindo uma pontada de infelicidade.

– Eu não duvido – respondeu ela com firmeza. – Sinto muito, eu só estava sendo estúpida... Esta é uma situação muito estranha a que estamos vivendo... Você deve estar muito confuso, e não posso deixar de pensar que estou tirando vantagem de você.

– Nunca! – gritou ele, sua voz cheia de uma paixão repentina. – Eu não sei o que teria acontecido comigo se não tivesse encontrado você. Devo-lhe tudo – Paul riu suavemente, e Cláudia sentiu seus nervos retesados relaxarem um pouco. – Eu simplesmente não posso acreditar na minha sorte. Tenho certeza de que nem todo cara sofrendo de amnésia é acolhido por uma mulher que, além de tudo, é inteligente, bonita e, como se não bastasse, tem uma fabulosa trepada.

– Bem, obrigada – disse Cláudia, emocionada mais do que queria admitir pelo epíteto “tem uma fabulosa trepada”. – Mas então você não acha que isso afasta de uma vez por todas aquelas ideias de que você poderia ser gay? Se você consegue reconhecer uma “tem fabulosa trepada”, então deve ter tido pelo menos alguma experiência de fazer amor com mulheres.

– É verdade – disse ele, pensativo. – Mas não me lembro de nenhuma mulher em particular. Tenho apenas uma lembrança instintiva do ato, e os sentimentos, e o desejo e a necessidade delas... Mas sem detalhes.

Quando tento evocar os rostos e os corpos, os únicos rosto e corpo que eu vejo são os seus.

Comovida ao extremo agora, Cláudia se concentrou na direção. Ela estava com um pouco de medo daquele jovem sentado a seu lado. Ele era notável e o que ela sentia por Paul podia muito bem ser demasiado, especialmente assim tão cedo. Quando se aproximaram do cemitério de Rosewell, ela teve uma súbita necessidade de uma influência familiar, estabilizadora.

– Você se importa se a gente parar aqui? – perguntou ela, diminuindo a velocidade do Jaguar e conduzindo-o para um pequeno estacionamento ao lado. – Eu... Faz algum tempo que não venho até aqui, e acho que preciso disso.

– Você precisa ficar sozinha? – perguntou Paul enquanto ela saía do carro. Ele colocou a mão levemente no braço de Cláudia.

– Não, acho que não – respondeu ela. – Na verdade, eu gostaria de sua companhia. Nós não vamos ficar muito tempo. Eu só quero estabelecer uma comunicação com alguém, se podemos dizer assim..

Paul simplesmente assentiu com a cabeça, e deslizou para fora do carro do mesmo modo que Cláudia.

*Você entende, não é, Gerry?* , ela perguntou em silêncio enquanto observava a simples inscrição no granito negro polido. *Gerald Christopher Marwood. Amado esposo de Cláudia. Descanse em paz.*

*Eu não te amo menos*, disse-lhe, e então, de repente, sentiu-se melhor, parecendo ver novamente o rosto e o sorriso dos quais sentia tanta falta. O sorriso encorajador e divertido de Gerald, que lhe havia aparecido quando fez amor com Paul pela primeira vez. Uma leve brisa fresca, precursora da noite, a fez estremecer, mas por dentro ela estava quente e tranquila.

– Você está bem? – perguntou Paul, parado ao lado. Ela o sentiu hesitar por um instante, então percebeu seu braço forte passar em torno dela.

– Tudo bem – respondeu Cláudia, inclinando-se contra ele, fazendo seu corpo falar tanto quanto sua voz. – Eu acho que ele aprovaria você. Gerry gostava de aventuras. Ele foi fiel enquanto nós fomos casados, tenho certeza, mas ele teve alguns momentos selvagens antes de nos conhecermos.

Ele costumava me contar sobre isso às vezes – ela fez uma pausa, e deu a Paul um olhar por baixo dos cílios – e tenho quase certeza de que ele e Beatrice Quine tiveram um caso uma vez.

– E agora ela está atrás de você – disse Paul.

– Se você acha isso... – observou Cláudia, quase certa do que ele acabara de dizer.

– Acho, sim – proclamou ele, cheio de segurança masculina. – Eu só vi vocês duas juntas por um tempo relativamente curto, mas é óbvio que ela está desesperadamente com tesão por você!

– Você está louco! – disse Cláudia, rindo.

– Não. Louco não – retrucou, sorrindo para ela. – Um pouco confuso temporariamente, isso sim.

Mas ainda totalmente no comando de meus poderes de percepção. Especialmente de meus poderes de

percepção sexual. – Ele a puxou para mais perto, ainda não permitindo que seus órgãos genitais se pressionassem contra ela, notou Cláudia, mas familiarizando-se com ela de alguma forma, com o seu crescente sentimento de interesse.

*Será que eu devia estar sentindo isso justo aqui, entre todos os lugares que existem?* , Cláudia perguntou a si mesma, tendo que segurar o desejo de estender a mão e tocá-lo. Ela experimentou não culpa exatamente, mas uma forte impressão de uma antiquada maldade – algo que ela também sabia que Gerald teria entusiasticamente aprovado.

– Vamos para casa? – sugeriu ela, roçando-o com mais concentração, apenas para ser recompensada pela provocante ereção desejosa de Paul.

– Poderíamos –, disse ele, em voz baixa e sedosa –, mas, se Gerald era a favor de aventuras, ele não iria gostar se você vivesse um monte delas?

– Não aqui, não é? – ofegou Cláudia, meio indignada, meio tentada.

Ela estava ciente do estranho e quase alquímico vínculo entre a presença da morte e o desejo sexual, mas ela não tinha coragem de realizar uma façanha adolescente que podia ser encarada como um sacrilégio. Uma parte dela queria, mas a maior parte sabia que isso era algo que ela já era muito

velha para fazer. E, de qualquer maneira, mesmo que o cemitério estivesse deserto agora, ainda estava bastante claro e qualquer pessoa poderia passar por ali.

Como se estivesse ouvindo as suas deliberações, Paul apontou para a extremidade daquele espaço bem regado e com um gramado bem cuidado, onde um portão interrompia a parede de pedra.

– Se atravessarmos aquele portão, onde vamos dar?

– No campo, um bosque e o rio – respondeu Cláudia, sentindo um leve tremor de antecipação aquecendo-a.

– O mesmo rio que passa no fundo de seu jardim?

– Sim, o Little Ber.

– Vamos dar uma caminhada – disse Paul, agarrando a mão de Cláudia e convidando-a a acompanhá-lo. – Vai ser uma noite linda, e seria uma pena desperdiçá-la.

– Pensei que tinha dito que não estava louco – disse Cláudia rindo, enquanto passavam pelo portão e se viam em um caminho barrento logo depois.

Tanto as sandálias dela quanto os leves sapatos de Paul ficaram instantaneamente endurecidos pelo barro. Como resposta, ele a puxou atrás de uma árvore e a beijou, com as mãos vasculhando lascivamente seu corpo, mesmo que eles não estivessem completamente fora de vista. Ela tentou resistir, mas isso só fez com que ele a apalpasse com ainda mais intensidade. Quando ela sentiu que o rapaz estava abrindo os botões dianteiros de seu vestido, perto da barra, Cláudia sacudiu-se para se afastar e tentou fechá-los novamente.

– Paul, por favor, alguém pode nos ver!

Ele a ignorou, plantou seus lábios nos dela, e enfiou a mão por baixo de sua desordenada saia com mais determinação. Enquanto sua língua dominava a boca da mulher, ele tocou sua calcinha, empurrando o tecido fino da costura por entre os lábios.

Apesar da ameaça de serem descobertos e da perspectiva de se espalharem mais fofocas sobre ela na cidade do que jamais ocorrera a Beatrice, Cláudia se descobriu respondendo a Paul imediatamente.

As membranas suaves que ele estava acariciando através da estreita faixa de algodão e seda tinham sido fortemente intumescidas no ápice de uma batida do coração e agora começavam a escorrer. E, para piorar as coisas, ela percebeu que precisava urinar. O agudo abalo de sensações confusas a fez saltar e se contorcer.

– Por favor, não! – implorou Cláudia, torcendo a cabeça para um lado, mas incapaz de impedir que ele continuasse a tocá-la.

– Por que não? – ele perguntou, e em seguida, beijou seu pescoço de forma particularmente selvagem, no que ele era bom. Entre suas pernas, Paul não perdeu o ritmo.

– Porque estamos à vista de qualquer um. E eu preciso fazer xixi! – soluçou. – Oh, por favor, Paul! Por favor, pare!

– Então vamos sair de vista – disse ele, com a voz firme, mas não cruel. Ele segurou sua vulva leve e rapidamente, e em seguida, retirou a mão. – Por aqui – insistiu ele, levando-a ainda mais para baixo, pelo caminho que levava aos bosques, aos campos e ao rio.

*Descendo o alegre caminho para a lama e a desgraça*, pensou Cláudia, meio correndo, em delicioso desconforto, atrás dele. O solo batido ainda se agarrava em pedaços à sua estreita e delicada sandália, mas ela não dava a mínima para isso, percebeu. E também não estava nem um pouco inco-modada pelo fato de que a barra da elegante calça de verão de Gerald estar ficando também tão suja de lama enquanto Paul caminhava, esquecido de tudo.

Contornando o bosque, os dois lutaram para passar por um estreito caminho entre um arbusto cheio de amoras, e Cláudia sentiu quando os galhos salientes se enroscavam em seu vestido e o puxavam, e depois por uma vala, até chegarem a um campo vazio que beirava o rio Ber.

– Mas, Paul! – ofegou Cláudia quando ele a puxou para perto uma vez mais, e começou a beijar seu rosto, seu pescoço e a passar a mão em seu traseiro.

– Eu quero você – retrucou ele, como se não a tivesse ouvido.

A voz dele era crua, intencional, e um pouco insensível. O foco dirigido somente a seu desejo era irracionalmente agitado. Contra todas as suas inclinações naturais, Cláudia sentiu um forte desejo de ser tomada e usada, ignorando suas necessidades e seu estado de desconforto.

*Sou eu quem está ficando louca*, pensou ela, moendo sua pélvis contra Paul, mesmo que isso a atormentasse.

– Pensei que você precisasse fazer xixi... – disse ele, não soltando a mulher e pressionando seu corpo mais ainda contra o dela.

– Eu acho que preciso mais de você – suspirou ela, sabendo que isso era verdade enquanto liberava algumas sensações perversas. Sua bexiga cheia apenas exacerbou seu prazer acumulado.

Paul não falou nada, mas em vez disso a empurrou para o chão áspero, cheio de lodo, afundando desajeitadamente a seu lado quando fez isso. Ajoelhados frente a frente, eles se beijaram de novo, bocas abertas e úmidas contra o rosto um do outro, enquanto suas roupas de cor clara e as canelas nuas de Cláudia ficavam rapidamente sujas de terra.

*Você é maravilhoso!* , pensou ela delirantemente, quando seu amante abriu os botões superiores de seu vestido, puxou para baixo o sutiã de seda, e soltou seus seios para que pudesse pegá-los com as mãos em cúpula e beijá-los e acariciá-los. Depois de um momento, ela experimentou a sensação de terra arenosa entre sua pele e os dedos dele, e em seguida, olhou para baixo e viu a sua carne rosada manchada com faixas de lama.

De alguma forma, a presença da sujeira no corpo dela se mostrava tão excitante quanto os carinhos que lhe eram feitos.

– Oh, céus... – gritou Cláudia, jogando a cabeça para trás e arqueando os ombros.

Ela sentiu o beliscar dos dentes de Paul em seu pescoço, que depois viajaram por seus seios, infligindo-lhe pequenas mordidas. Por mais louco que isso pudesse parecer, aquelas manchas de terra e lama o excitavam tanto quanto a ela.

Mas, enquanto os dois se mexiam e se provocavam, a bexiga de Cláudia a atormentava, como se clamasse por uma pressão que era tanto desejada quanto temida.

– Foda-me agora, Paul! – ela gemia, enquanto ele chupava a pontinha dura de seus peitos, e levava sua própria mão até o meio de suas pernas. – Foda-me agora! – ordenou de novo, empurrando seus quadris para baixo por causa da dor infernal.

– Diga por favor! – sussurrou ele, e em seguida, trabalhou sua mandíbula para rolar o mamilo entre os dentes. – Diga por favor! – repetiu em voz baixa, com uma risadinha perversa – Ou eu não farei isso e você terá que se virar sozinha...

A ideia de se masturbar para ele, aqui na lama e no meio da grama, com seu vestido e seu corpo imundos, era tão picante que ela quase teve um orgasmo instantâneo. Ela se imaginou ficando de cócoras, com os joelhos afastados, esfregando a si mesma e deixando a sua água escapar simultaneamente, e sentiu o pulsar do corpo em uma empatia perigosa.

– Diga por favor... – rosnou Paul, uma mão ainda em seu peito, enquanto a outra era curvada levemente em volta de sua garganta.

– Por favor! Ah, por favor! – ela engasgou.

Paul jamais a machucaria, Cláudia sabia disso com a mesma certeza que podia saber qualquer coisa sobre ele, mas aquela pantomima de coerção era algo realmente muito delicioso. No sulco entre suas

pernas, seu sexo pulsava involuntariamente, e Cláudia sentiu uma pequena gotinha de urina molhar sua calcinha.

– Oh, por favor! – ela implorou novamente, descendo a mão cegamente, no automático, para apertar a virilha de Paul.

Por alguns segundos, ele permitiu que Cláudia a segurasse e amassasse um pouco, mas logo sacudiu-se e agarrou-lhe as mãos.

– Vire-se – disse ele, sua voz abrupta, mas soando estranhamente jovem, como se fosse um rapazinho tentando ser homem com sua namorada pela primeira vez. Ele apertou os dedos dela bem firme e depois os soltou.

– Ah, sim... Sim... – respirou Cláudia sofregamente, reconhecendo o pedido, por mais desajeitado que fosse, como sendo exatamente aquilo que ela desejava.

Levantando seu vestido, ela se arrastou para ficar mais longe de Paul, ainda de joelhos. Aqueles movimentos desajeitados sacudiram sua bexiga cheia e ela choramingou.

– É isso mesmo – ela o ouviu murmurar, e, enquanto puxava o vestido ainda mais para cima, juntando-o a meio do caminho, em torno de sua cintura, ela sentiu que Paul estava arrastando sua calcinha para baixo, da mesma forma brusca que ela. Prejudicada por seus próprios esforços, ela quase caiu de cara na grama, mas Paul a pegou, jogando um braço em volta de sua cintura, enquanto, com a outra mão, lutava com a calcinha.

*O que diabos estou fazendo?*, pensou Cláudia talvez pela vigésima vez desde que tinha aberto a porta para aquele estranho mal-arrumado e perdido. *Estou num campo, com meu traseiro levantado para o ar, à espera de ser atendida em meus desejos. E eu não me importo com isso!* Com o canto do olho, ela viu sua calcinha ser atirada em direção ao meio daquele campo, e riu de pura euforia histórica.

Começando a rir ele próprio, Paul pegou as nádegas de Cláudia e as apalpou energicamente, rodando os dedos naquelas firmes luas de carne como se fossem duas bolas de massa e ele um mestre padeiro no trabalho:

– Lindas! – disse ele, inclinando-se para beijá-las enquanto os dedos e os polegares se cavavam para dentro.

Ele estava quase a machucá-la, mas Cláudia queria mais. Ela ofereceu suas costas para ele, empurrando sua bunda mais fundo nas mãos de Paul.

– Você tem uma bunda sensacional, senhora Marwood – disse ele suavemente, movendo-se para a frente, a fim de esfregar a virilha ainda vestida contra o objeto de veneração.

Inclinando-se ainda mais para a frente, ele murmurou em seu ouvido uma sugestão lasciva e então a apertou ainda mais forte, como se estivesse forçando uma resposta de Cláudia.

– Oh Paul... Eu não sei... Eu não sei – ofegou Cláudiaela, horrorizada, mas ansiando também. Ela queria fazer aquilo que ele sugeriu, percebeu com surpresa, mas não aqui, no meio de toda essa lama, dessa pressa e desse constrangimento. – Aqui não.

– Em outro lugar, então? – perguntou Paul, sua voz como um sopro de fogo. – Em outro momento? De volta em casa. Você vai deixar?

– Sim!

– Você é um anjo também, senhora Marwood! – respondeu ele, o fogo se transformando em um júbilo instantâneo. Depois de um segundo, ela sentiu os lábios dele contra seu ânus. – Leve isso em conta – Ele a beijou novamente, depois recuou, com a respiração curta e irregular. – Enquanto isso, eu vou transar com você, aqui neste campo, até que comece a uivar! – Cláudia sentiu que ele estava recuando, e sentiu também que estava lidando com o obstáculo da própria roupa.

*Até que eu me molhe*, ela pensou, girando os quadris e sentindo o peso do líquido balançar fortemente contra a raiz de seu clitóris. *Posso fazer isso? Posso assumir isso?*, ela se perguntou, balan-

çando a pélvis experimentalmente, então resfolegando à dura sensação que isso criou. Um filete de urina serpenteava o seu caminho até a coxa.

*Que escolha eu tenho?*, disse a si mesma, sentindo-se quase presunçosa na beira daquilo mesmo que ela própria havia começado. Pelo canto do olho, viu peças de roupa masculina voando para o campo ali perto: primeiro os sapatos, em seguida a calça e a cueca, e nada mais.

*Como será que estamos nos parecendo?*, pensou Cláudia, rindo interiormente quando o pênis de Paul cutucou seu sexo, como se estivesse batendo à porta para entrar. Ela estava nua da cintura para baixo, o vestido aberto, o sutiã de lado no peito e os seios se balançando livremente enquanto se agachava sobre a grama enlameada à espera de ser usada; e Paul perfeitamente bem-vestido acima da cintura, e excitado, e nu abaixo dela. Eles eram um par de libertinos rústicos nas garras de uma paixão poderosa, o verniz sofisticado do início do dia era apenas uma coisa que ficara no passado.

– Do que você está rindo? – exigiu saber Paul, empurrando firmemente contra a entrada de sua vagina. Ele tentou parecer feroz, mas Cláudia podia ouvi-lo rindo novamente. Especialmente quando o corpo dela cedeu, e ele deslizou para dentro, curvando-se sobre ela. – Sua atrevida! O que é tão engraçado assim? Vou lhe dar algo para rir!

Cláudia de fato estava rindo, mas aquilo era em parte um grito, também. Sem perder mais tempo, Paul se lançou em uma série de estocadas rasas e rápidas, que, embora ela sentisse como uma tentativa de consideração, só pioraram as coisas para sua bexiga sitiada e cheia. Cada estocada daquela era um raio de prazer-dor prateado; e cada estocada a levava para mais perto do seu clímax. Ela ria cada vez mais alto à medida que as sensações se ampliavam e ampliavam.

– Certo! Eu vou lhe mostrar, senhora Marwood! – gritou Paul, ajoelhando-se novamente, mas não recuando.

Ela sentiu o aperto da mão esquerda em seu quadril para que ele pudesse ter uma melhor penetração, e a mão direita passar para cima e para baixo. Com a confiança de uma pura autoridade, ele brincou com seu clitóris.

– Filho da puta! – gritou ela, com a voz e o uivo que ele havia previsto, ao mesmo tempo que um orgasmo

instantâneo empurrou o corpo de Cláudia para a frente como um vagalhão, e para seu intenso prazer, não conseguiu mais segurar sua água. – Filho da puta... – murmurou ela, enquanto a água jorrava e babava sobre ela, sobre a mão de Paul e inundava a terra lamacenta onde eles se ajoel-haram.

– Incrível – murmurou ele, massageando-a com seu próprio fluido, seu corpo se moldando ao corpo dela. Seu pênis ainda parecia uma vara de ferro aninhado dentro de Cláudia, e sua calorosa respiração e seus cachos rebeldes faziam cócegas no pescoço. – Mulher linda e incrível... – Ele parecia contente com o fato de tê-la provocado a fazer xixi.

Cláudia se achava sem fala. O poder de seu clímax e a excitação de uma completa liberação de tensão haviam-na deixado esgotada. Se Paul não a estivesse abraçando pela cintura, Cláudia teria caído de cara na grama, e ficado lá, ofegante, debaixo dele. Não parecia possível que ela conseguisse gozar novamente, mas, apenas com esse pensamento, sua vagina começou a ondular com a promessa.

– Ah, sim – murmurou Paul, em resposta.

Como se sua voz a tivesse fortalecido, Cláudia agitou-se de sua letargia úmida e brilhante e balançou o corpo contra o dele. Apoiando sua coluna, ela se empurrou para trás contra ele, espetando-se deliciosamente na proa de sua rigidez. Lá no fundo, atrás de seu clitóris, ela sentiu uma pressão em seu ponto G, e dessa vez, com a bexiga vazia, era só felicidade. Sem vontade própria, sua vagina apertou e ela gozou novamente.

Dessa vez ela se adiantou, levantando-se nos cotovelos, levando Paul para um passeio trepidante dentro dela. Cláudia não conseguiu fazê-lo uivar, mas seu grito irregular parecia feliz. Os braços dele se apertaram com mais firmeza quando ele chegou ao clímax.

– Nossa! Olha como estamos uma bagunça! – exclamou Cláudia, um pouco mais tarde.

Naquela névoa agradável que vem depois da intensidade do momento, eles haviam de alguma forma se reorganizado, e ela estava apoiando a cabeça no ombro dele. O que ela conseguia ver, olhando para baixo em seus corpos, era um emaranhado de carnes coradas e roupas de cor clara, e era muito difícil definir qual peça de roupa estava mais enlameada.

– Estamos mesmo... – disse ele, a voz preguiçosa e filosófica. – Mas nenhum de nós podia imaginar que acabaríamos rolando no campo quando nos vestimos esta manhã, não é?

– Verdade! – disse Cláudia, sentando-se e puxando sem entusiasmo seu corpete e seu vestido. –

Na verdade, eu diria que foi, provavelmente, a última coisa que eu teria predito.

– É uma pena cobrir tudo isso – observou Paul laconicamente, deixando sua mão deslizar sugestivamente sobre os seios cobertos de lama da mulher.

– Bem, eu normalmente não me incomodaria – respondeu Cláudia, afastando a mão de seu corpo e dando-lhe um beijo rápido. – Mas existem pessoas que poderiam ficar um pouquinho ofendidas se eu atravessasse o cemitério desse jeito. Elas são chatas, eu sei, mas é assim que são as coisas.

– Eu aposto que seu marido não se importaria.

– Eu tenho certeza de que ele não se importaria, mas homens com a amplitude de imaginação dele são raros e estão distantes daqui, no interior. – Ela se virou e piscou para Paul. – Com exceção da companhia ao meu lado, é claro.

Paul inclinou a cabeça graciosamente, para aceitar seu elogio.

– Por que nós não vamos para casa, então? Dessa forma, podemos fazer exatamente o que gostamos, e sem afrontar ninguém.

Com um salto, ele se levantou, aparentemente imperturbável pelo balanço de seu pênis nu, e então estendeu a mão e ajudou Cláudia a ficar de pé também.

Depois de vários minutos dedicados a abotoar e a fechar e a escovar e a alisar, eles não pareciam menos sujos, mas pelos menos os corpos estavam cobertos.

– Se encontrarmos alguém pelo caminho, nós fomos dar uma caminhada. Eu escorreguei na margem do rio. Você teve que se debater na margem e me ajudar a sair de lá. Certo? – disse Cláudia, enquanto cruzavam o portão em direção ao carro estacionado lá fora, do outro lado do cemitério.

– Ou você poderia dizer que eu escorreguei e você me ajudou a levantar – sugeriu Paul. – Tenho certeza de que a maioria das pessoas que a conhece sabe que você não é tão desajeitada assim para escorregar na margem do rio – acrescentou galantemente.

– Talvez sim. Talvez não – respondeu Cláudia, com um encolher de ombros e um sorriso –, mas, se nos apressarmos, poderemos chegar ao carro sem sermos notados.

A sorte estava com eles, ou talvez, Cláudia pensou, isso era resultado dos bons ofícios de Pan, ou Dionísio, ou algum deus local dos festejos sexuais. Seja como for, eles chegaram ao carro sem incidentes, e foram para casa sem serem notados, sob a luz daquele crepúsculo colorido de rosa. De vez em quando, um deles lançava um olhar para o outro e ria da roupa estragada e suja.

Foi só quando chegaram a Perry House, e Cláudia manobrou o carro para a garagem, que algo bem desagradável ocorreu.

Um carro pequeno, vermelho e bastante feminino, estava estacionado no cascalho em frente da casa, e já havia luz brilhando na sala de estar.

– Você tem visitas – disse Paul, e quando Cláudia olhou para ele viu que seu rosto pálido tinha uma expressão de alarme, embora quase dissimulado.

– Nós temos visitas – disse Cláudia, tocando seu rosto para tranquilizá-lo. – Esse carro é da Melody e eu tenho certeza de que ela vai ficar feliz em nos ver.

## **CAPÍTULO ONZE**

### **OUTRA CONVIDADA EM CASA**

– Você deixou? – perguntou Cláudia a Melody, enquanto ela enchi a conhaque e copoda

amiga.

– Bem, de certa forma, sim – respondeu a jovem com alguma cautela. – O problema é que ele realmente ainda não sabe.

– Oh Melody!

– Eu sei! Eu sei! Eu deveria ter enfrentado o homem, ter dito a ele com calma e tudo o mais, mas eu simplesmente não consegui fazer isso... Ele foi longe demais dessa vez. Ele fez algo que eu não posso perdoar...

– Ele machucou você?

Uma fúria explodia no peito de Cláudia. *Oh não, ele não tinha começado a bater nela agora, do mesmo jeito que a criticava em tudo que fazia e em todas as suas opiniões!*

– Não! Ah, não, não! – respondeu Melody rapidamente, com seu rosto bonito se iluminando –

Nada disso. Eu não consigo fazer nada direito, e ele me trata como uma imbecil, mas nunca me bateu ou qualquer coisa parecida – disse ela, colocando sua mão delicada e tranquilizadora no braço de Cláudia. Parecia muito pálida em relação ao profundo azul do tecido sob ela. Suas unhas estavam pintadas de pink. – Ele é um opressor psicológico e não um agressor físico.

– Mesmo isso já é muito ruim – comentou Cláudia, pensando em primeiro lugar quanto Melody deve ter amado o marido para aturar tanta insensibilidade e tanto desprezo. A jovem estava franzindo a testa agora, e Cláudia se perguntou o que Richard Truebridge teria feito a ela.

– O que foi? – perguntou ela. – O que ele fez?

Melody suspirou e ajustou as pontas de seu casual top de algodão como se ela ainda estivesse em seus elegantes e modernos terninhos. Foi estranho vê-la, esta noite, em jeans e camiseta, e Cláudia pensou quão bem ela ficava com essa vestimenta, trazia um ar de frescor jovial. Que pena que Richard a proibira de usá-los.

– Olha, eu vou contar para você – disse Melody seriamente, retirando a mão e trazendo de volta para si seu copo de conhaque. – Mas, será que... Nós podemos esperar um pouco? É desagradável.

Vai estragar as coisas. Eu me sinto tão aliviada por estar aqui, eu quero somente relaxar um pouco.

– Claro, sem problemas... Não há pressa – disse Cláudia, sorrindo, mas, de alguma forma, sentindo-se agitada por dentro. Era estranhamente estimulante poder imaginar Melody relaxando e se mostrando realmente como ela era, de certa maneira retornando ao frescor livre e juvenil, um modo despreocupado de encarar o mundo que ela exibia quando se conheceram, e ao mesmo tempo mantendo a postura madura de uma mulher adulta.

Melody deixou o conhaque de lado novamente e passou a mão nos cabelos, empurrando-os para trás, preocupada novamente.

– Se eu fosse para você a metade da amiga que você é para mim, eu teria ido para um hotel.

– Que diabos você está querendo dizer, Mel? – exigiu saber Cláudia.

– Eu não deveria estar aqui, para estragar as coisas entre você e Paul! – exclamou Melody. – Você precisa ficar sozinha com ele, e não tomando conta de mim. Ambos, cuidando de mim!

– Isso é besteira, Mel! – respondeu Cláudia, e sentiu-se aliviada quando Melody riu também.

Era verdade que ela e Paul tinham ficado muito surpresos quando entraram na casa e encontraram Melody sentada sozinha na sala de estar, com os lábios apertados. Ciente do estado repugnante de seu vestido, mas ainda assim relutante em deixar sua amiga num estado tão óbvio de preocupação, Cláudia se sentiu dividida entre compaixão e constrangimento. Ela tinha estado a ponto de esquecer suas fraquezas e sensibilidades, e esperado que Melody não fosse notar a terra e a grama, e até mesmo algumas manchas mais suspeitas em sua roupa, quando Paul sussurrou em seu ouvido discretamente.

– Vá tomar um banho rápido. Trarei uma xícara de chá para Melody, ou algo assim.

– Você faria isso? – murmurou Cláudia agradecida. – Isso seria brilhante. Dê-lhe um copo de conhaque por enquanto. Mais tarde, todos nós tomaremos uma xícara de chá.

Cláudia tomou uma ducha tão rápida como nunca havia feito antes, embora a lama que havia tomado conta de sua pele tivesse se agarrado de maneira muito persistente. Pela aparência que exibia, parecia que ela e Paul haviam se revolvido no barro como um casal de hipopótamos no cio, o que não estava muito longe da verdade, descontando-se as dimensões físicas.

Sua pressa no banho tinha sido motivada por uma preocupação genuína com Melody e muito disso devido a Paul. Ele se sentia bem na presença dela, e também se mostrara bastante à vontade com Beatrice no hospital; mas seria justo deixar duas pessoas emocionalmente desequilibradas, e que mal tiveram chance de trocar uma dúzia de palavras entre si, conversando amenidades em uma atmosfera carregada?

Porém, aparentemente Paul e Melody estavam conversando como se fossem amigos de longa data quando ela voltou para a sala de estar. Paul descrevia os milagres do procedimento da ressonância magnética e Melody, com intenso interesse acadêmico, e bastante tranquila em relação a todas as coisas relacionadas à medicina, estava ouvindo atentamente, seu rosto absorto, mas parecendo mais contente.

Quando completou seu relato, falando de suas provações e tribulações, ou da falta delas, no hospital, Paul pediu desculpas e deixou as duas mulheres conversarem.

– E você não está perturbando em nada a minha vida, Mel – continuou Cláudia, raciocinando junto com a jovem mulher. – Não mesmo, e de maneira nenhuma.

– Isso realmente não é verdade, Clau! – respondeu sorrindo Melody. – Ficou óbvio ontem que está acontecendo alguma coisa entre vocês dois... E agora? Bem... O que diabos vocês andaram fazendo para ficarem tão cobertos de terra? – Os olhos cinzentos de Melody se estreitaram, sugerindo que ela não iria admitir uma mentira. – E não me diga que estavam apenas caminhando. Ninguém consegue ficar naquele estado simplesmente dando um passeio pela natureza. E muito menos faria um passeio pelo campo com aquelas roupas...

– Mas é verdade. Nós saímos para uma caminhada. Eu escorreguei na margem do rio e Paul teve que me salvar.

– Cláudia!

– Ok! Tudo bem!

– Bem... E então?

– Nós saímos para uma caminhada, em uma das margens do rio, mas, sem querer, acabamos

fazendo outras coisas também.. Celebramos a glória da natureza de uma forma mais... direta, por assim dizer. A Canção da Terra e tudo mais... Você sabe.

– Uau!

Cláudia meio que esperava que Melody começasse a assobiar, mas a jovem mulher respondeu:

– Eu gostaria de ter estado lá para ver isso.

– Sério? – observou Cláudia, sentindo-se completamente fora de equilíbrio por um segundo, só de imaginar Melody assistindo Paul trepar com ela. A ideia inspirou uma onda preocupante de luxúria.

Melody corou, sua pele clara coloriu-se de um delicado tom da flor peônia.

– Eu não quis dizer isso – ela parou, parecendo ponderar. – Não, estou mentindo. Eu queria mesmo dizer isso! Eu não posso imaginar ver nada mais sedutor do que isso – seu rubor se intensificou como se estivesse tentando dar sentido a todos os impulsos e emoções conflitantes. – Eu espero que você não se importe com o fato de eu pensar esse tipo de coisa, eu... – continuou ela, franzindo a testa

–, quero dizer, se você achar que é ofensivo, eu posso calar a boca e esquecemos que eu disse isso.

Na óbvia confusão mental e emocional que sentia, ela cutucou o braço do sofá, como se estivesse tentando puxar um fio solto inexistente.

Cláudia teve um *insight*, um grande salto para algo que Beatrice já apontara o caminho.

*Mas como nunca vi isso antes?*, pensou, olhando para sua querida amiga Melody, a quem ela conhecia desde a adolescência. Elas sempre foram muito próximas e mais ainda recentemente, durante o tempo em que elas tinham precisado de conforto. Mas o conforto nunca tinha transcendido o domínio daquilo que era considerado normal e convencional. Às vezes, parecia quase um relacionamento entre mãe e filha, em outros momentos, tinha se parecido mais com um laço fraternal, apesar da diferença de idade.

Então, por que esse vínculo, de repente, começou a mudar? O que ela sentiu quando olhou para Melody não foi nada parecido ao que havia experimentado em relação à garota antes. Melody a excitava agora, da mesma maneira que Beatrice, apenas com um tesão mais forte, o que ela supunha ser devido à sua história compartilhada, uma contando os segredos para a outra.

Ela percebeu que Melody aguardava uma resposta.

– Não há necessidade de esquecer, Mel – disse ela. – Não acho que me importaria em perceber que estaria sendo espiada... Bem, pelo menos não por você. Eu não sei o que Paul sentiria em relação a isso, mas algo me diz que ele não se importaria também.

Melody sorriu, mordeu seu adorável lábio inferior rosa e parecia estar a ponto de digerir aquela resposta.

– Eu... – começou ela.

*Vamos! Vá em frente!*, implorou Cláudia em silêncio. Melody estava à beira de dar seu grande salto.

Mas a jovem não podia falar. Ela parecia incapaz de articular as emoções que estavam evidentes em seu rosto. *Você pode sentir isso, porém, não pode?*, pensou Cláudia, sabendo que ela estava tão absolutamente certa de sua suposição que poderia ter apostado sua vida nisso.

Houve um impasse. Ambas enfrentavam a mesma experiência pela primeira vez. Alguém teria que dar um empurrão. Ou um puxão. Uma delas teria que pegar a mão da outra e levá-la para o precipício.

– Mel – disse Cláudia suavemente, pegando a mão de sua companheira e levando-a até seus lábios para beijá-la. – Está tudo bem – ela sussurrou, abocanhando as linhas do destino que interligavam a palma macia da mão de Melody. – Eu me sinto da mesma maneira. Não se preocupe... Não há nada de errado com o que está acontecendo.

– Não, acho que não... – A voz de Melody estava um pouco instável; na verdade, todo o seu corpo tremia. Cláudia pôde sentir o tremor contra sua língua quando a beijou novamente.

– Oh, graças a Deus! Graças a Deus! – Melody gritou de repente, e Cláudia sentiu a mão da menina deslizando por seus cabelos. Por um momento, os dedos magros de Melody desarrumaram o cabelo curto de Cláudia, passando suavemente pelas mechas, então mudaram de rumo, e vieram segurar seu queixo, fazendo-a levantar o rosto para que pudessem olhar nos olhos uma da outra.

O próprio rosto de Melody estava quase luminoso.

– Nossa! – sussurrou uma vez, e depois uma vez mais –, você é tão linda, Clau. Eu só gostaria de saber o que fazer em relação a isso.

– Eu também gostaria de saber – disse Cláudia fervorosamente –, mas não se preocupe, eu acho que é algo que se pode descobrir à medida que avançamos.

Sem mais hesitação, ela beijou sua amiga nos lábios apaixonadamente, pela primeira vez.

Era como beijar um homem, embora inteiramente diferente. Os lábios de Melody eram macios e ela degustava o seu doce sabor, e a respiração levemente perfumada fazia Cláudia perceber que havia uma grande distinção entre os gêneros na forma como ela sentia uma boca. Os lábios de Melody tinham uma textura aveludada, quase de pelúcia, e o que havia além deles foi delirantemente cedendo

sem ser fraco e submisso. Ela aceitou o beijo, e por vários momentos sua boca se manteve suave e passiva sob a boca de Cláudia. Então, assim tão instantaneamente como o beijo tinha começado, Melody pareceu despertar de um sono e começou a beijar Cláudia de volta. Sua língua se parecia com um dardo

vivo e ardente, seus lábios se tornaram fortes e exigentes.

Por mais de dois minutos elas não se separaram, cada uma explorando a boca da outra com sua própria boca. Finalmente, elas quase caíram para trás, ambas ofegando com o esforço.

– Eu acho que desejava fazer isso há muito tempo – disse Cláudia, tomando a mão de Melody na dela novamente e apertando-a. – Eu não sabia que queria fazer isso, mas o desejo deve ter estado lá, escondido, por muitos anos.

– Eu poderia dizer o mesmo – disse Melody, esfregando o dedo sobre os lábios, onde Cláudia havia beijado, talvez procurando algum resíduo tangível do contato ardente que havia acontecido ali.

Depois de um segundo ou dois, ela levantou a mão diante do rosto e estudou as pontas dos dedos, ainda procurando, ao que parecia, os rastros de Cláudia. – Eu sempre tive uma queda por você, desde que a conheci, você nunca percebeu? – terminou ela, soando segura de si mesma e ainda assim um pouco confusa com o que as duas juntas estavam admitindo.

– Não, realmente não – disse Cláudia em meio ao silêncio, torcendo os dedos na barra do seu robe que, então por sua própria vontade, parecia querer afrouxar. – Devo ser tão cega como um morcego.

E então o seu robe ficou mais frouxo e, com um ligeiro movimento dos ombros, ela conseguiu abri-lo na frente, expondo parcialmente seus seios ao olhar ávido de Melody.

– Ou talvez achasse difícil acreditar que alguém poderia ter uma queda por mim.

Os dedos finos de Melody se contraíram, e Cláudia imaginou que eles estavam doendo de vontade de alcançar e tocar aquilo que estava sendo oferecido. Seu coração seguia martelando, e Cláudia pegou a mão da amiga e, em seguida, trouxe-a para seu seio nu e a segurou ali.

– Eu... Eu tinha... Ou devo dizer, eu tenho uma queda por você porque é inteligente, amável e generosa – e então Melody fez uma pausa e deu ao peito acomodado em seus dedos um aperto suave, quase hesitante. – E porque você é linda. A mais linda que eu já vi.

Cláudia queria negar essa afirmação, dizer algo depreciativo sobre si mesma, mas a sensação dos dedos de Melody contra sua pele desconcertava seus sentidos. Ela tentou aceitar os elogios de sua querida amiga com graça, mas foi difícil. No final, ela estabeleceu um compromisso.

– Obrigada – disse simplesmente –, mas você não acha que eu estou ficando um pouco velha, desgastada, com algumas rugas?

Ainda a acariciando, Melody parecia estar sofrendo seu próprio debate interno, mas disse:

– Tudo bem, você tem uma ou duas pequenas rugas, mas é do tipo bom. São sinais de caráter e sabedoria.

– Com essa lisonja, você irá chegar a todos os lugares – murmurou Cláudia, ciente da mão de Melody com cada célula nervosa de seu corpo. E com algumas mais do que com outras.

– Se eu estivesse usando calcinha, poderia jurar que você está usando palavras doces só para entrar nela.

As bochechas coradas de Melody tornaram-se ainda mais rosadas, como uma rosa cheia de sangue.

– Eu acho que, inconscientemente, é exatamente o que eu estou fazendo.

Elas se beijaram de novo, mais devagar dessa vez, e com circunspeção. A mão de Melody deslizou para baixo do corpo de Cláudia, abrindo caminho pelo território ainda inexplorado. Cláudia sentiu os dedos de sua amiga escovarem seus pelos pubianos, contornando o perímetro da mais terna e mais doce de todas as áreas do corpo.

– Qual é o próximo passo agora? – sussurrou Melody, com seus lábios explorando a linha do queixo de Cláudia, enquanto os dedos ainda pareciam esperar por permissão ou direção, ou até mesmo ambos. – Devo masturbar você? É isso que você gostaria?

Cláudia nunca tinha estado com uma mulher, a menos que considerasse a experiência do dia anterior, com Beatrice. *Será que há uma maneira particular de como proceder?*, pensou Cláudia, sorrindo por dentro. Um protocolo sobre quem faz o que para quem e quem deve receber o que em primeiro lugar?

– Sim, eu gostaria disso – respondeu ela, assumindo corajosamente o que ela sabia que desejava, independentemente de qualquer *modus operandi* que fosse estabelecido.

Deixando seu roupão totalmente aberto, ela separou suas coxas e, deixando-as bem abertas, sentiu-se grata pelo fato de sua frequência em fazer exercícios vinha deixando longe as celulites. Parecia ainda mais importante que ela estivesse tão perfeita quanto pudesse para Melody do que para Paul, por algum motivo, o que era irracional, uma vez que ela e a jovem tinham se visto em maiôs e biquínis com frequência suficiente. Ela não tinha dado a mínima para o que Melody pensava sobre seu corpo até agora.

Muito timidamente, Melody começou a explorar mais, descendo para aquela região tão íntima.

Cláudia não pôde deixar de gemer quando o dedo médio da garota pousou perfeitamente em seu clitóris.

– Sim! Oh, Mel, é justamente aí! – ronronou ela quando Melody começou a descrever uma ação em círculos, primeiramente devagar, e depois cada vez mais rápido.

As sensações familiares se acumularam a uma velocidade que Cláudia não teria pensado ser possível e, em poucos segundos, estava segurando os ombros de Melody e saltando de prazer. Jogando a cabeça para trás, ela gemeu alto quando o orgasmo a tomou e a sacudiu.

– Obrigada – suspirou ela, quando já podia pensar novamente. – Isso foi lindo, Mel. Bem no ponto certo. Não poderia ter sido melhor se eu tivesse lhe dado instruções – riu. E em seguida Melody também riu. Havia uma nota de alegre triunfo na risada da jovem.

– Agora é a sua vez – disse Cláudia para Melody, e quando estava a ponto de fazer algumas incursões na roupa que a jovem usava, o som de passos na escada e um arpejo de assobios seriamente desafinados interrompeu sua concentração.

– Homens! Sempre aparecem na hora errada! – assobiou Cláudia, quando Melody se atirou de volta no sofá, para longe dela, e a própria Cláudia lutou freneticamente para arrumar seu robe.

– Bem, pelo menos ele teve a educação de nos avisar – consolou Melody, em voz baixa, enquanto os

passos pesados e estranhamente morosos podiam ser ouvidos se aproximando através do saguão.

*Bem... Sim... Ele teve educação*, pensou Cláudia, que já tinha tomado nota da forma leve e atlética de Paul se movimentar. Se ele estava fazendo tanto barulho quando se aproximou da sala de jantar, não havia nenhuma dúvida do que pretendia. O que significava que ele estava sendo inquietantemente delicado e sensível em lhes permitir um tempo para terminarem sua análise do fim do casamento de Melody – ou ele, de algum modo, esperava que elas estivessem mesmo fazendo amor!

Cláudia teria tido um pouco de aflição quanto a esta última suposição, se todos esses pensamentos não tivessem sido afastados de sua mente quando ele apareceu na porta.

– Assim é melhor! – anunciou ele, esfregando a mão pelo cabelo ainda molhado. Ele estava vestido com decoro perfeito, em um par de jeans e um suéter azul-claro, mas ainda parecia tão impressionante e angelical como quando estava nu.

– Gostaria de uma dose de conhaque, Paul? – perguntou Cláudia, checando mais de uma vez, quando ficou de pé, se o roupão estava bem fechado. Os olhos cintilantes de Paul lhe diziam que ele também havia notado toda a ação, e seu pequeno sorriso parecia sugerir que ele sabia por que ela tinha feito isso.

– Sim – ele disse hesitante, e depois prosseguiu. – Eu gostaria muito de tomar alguma bebida, mas ainda estou um pouco em dúvida sobre os efeitos do álcool em meus tão perturbados neurônios.

– Que tal um conhaque com ginger ale? – sugeriu Melody, parecendo um pouco tímida. – Pouco conhaque, muito ginger ale. Tenho certeza de que não lhe fará mal nenhum.

– Parece ótimo! – disse Paul, aparentemente satisfeito com a sugestão.

Cláudia preparou todas as bebidas, mantendo doses pequenas e caprichando na diluição. A atmosfera na sala já era suficientemente volátil sem precisar que alguém ficasse bêbado.

– E então, como você está se sentindo agora? – perguntou Paul para Melody quando estavam sentados de novo, ele do lado direito da jovem e Cláudia à sua esquerda, no sofá.

Cláudia estava prestes a apontar que era estranho ele perguntar isso, pois eles já haviam tido uma conversa enquanto ela tomava banho, mas percebeu um lampejo de compreensão entre os dois companheiros. Sobre o que mais teriam falado em sua ausência, além da vaga lembrança de Paul em relação a seu acidente e sobre sua experiência no hospital? O sorriso minúsculo de Melody e o vislumbre de um aceno de cabeça pareciam sugerir um assunto inteiramente diferente. Quando a garota respondeu, com os olhos brilhantes e quentes, as suspeitas de Cláudia foram amplificadas ainda mais.

Ela teve visões de Melody confessando seus desejos lésbicos a Paul e pedindo seu conselho. E Cláudia sabia, sem sombra de dúvida, qual seria esse conselho. *Vá em frente, não precisa se segurar, ela está pronta.*

– Muito melhor – disse Melody. – Tudo está se tornando mais claro para mim agora. Eu diria que teria sido bom ter feito essas mudanças em minha vida muito mais cedo, mas não há vantagem nenhuma em olhar para trás. – Ela se ajustou no assento; costas retas, ar confiante, e empurrou os seios para a frente. Então, ergueu o copo. – Este brinde aqui é para o futuro, para tentar coisas novas, e conseguir o que eu

quero da vida!

– Amém! – disse Cláudia, sentindo-se um pouco abalada, mas excitada pelo brinde oferecido por Melody.

– Amém – acrescentou Paul suavemente, seus olhos encontrando os de Cláudia momentaneamente. Quase parecia, ela poderia até jurar, que ele piscara para ela.

– Preciso arrumar o outro quarto – disse ela, sentindo-se muito, muito nervosa. – Paul está usando aquele em que você normalmente fica... – explicou, consciente de que estava pisando em um campo minado. Quem dormiu onde, e com quem, de repente se transformou em um conjunto muito complexo de variáveis.

– Eu posso sair – proclamou Paul imediatamente. – Afinal, eu não tenho qualquer pertence para mover. Tudo o que possuo é o que eu trouxe quando cheguei. Minha jaqueta, meu colete e as calças estão na lavanderia e minha... hã... roupa íntima, presumo, está sendo lavada.

Melody riu, e Cláudia adorou o som, feliz e despreocupado. Talvez as coisas não tivessem que ser tão complexas, afinal. Talvez eles pudessem ir resolvendo as coisas à medida que acontecessem.

– Eu nem sonharia em desalojar você, Paul – disse a jovem, dando-lhe um sorriso meloso de flerte, o que era outra coisa que Cláudia não tinha visto em séculos. – Eu vou ficar no quarto amarelo menor, Clau. Tudo que eu preciso é de alguma roupa de cama, e vou ficar bem.

– Você tem certeza? – disseram Paul e Cláudia em uníssono, e então todos começaram a rir, como se os três se conhecessem havia décadas.

– Absoluta – respondeu Melody finalmente e, em seguida, ela fez uma pausa, como se estivesse recuperando o fôlego para tomar uma decisão. – Cláudia, há algo que preciso fazer. E é hoje à noite.

Eu vou precisar de alguma ajuda – disse a jovem, e, inclinando a cabeça para um lado, levantou a mão e passou os dedos por seus cabelos louros pálidos. – Você provavelmente vai pensar que eu estou sendo muito boba e impaciente, apressada, enfim... Mas...

Ela estendeu a mão para sua bolsa-sacola, que estava no chão ao lado do sofá:

– Eu preciso fazer isso o mais rápido possível. – Tirou da sacola uma caixa que Cláudia notou conter uma conhecida marca de coloração de cabelo, numa profunda tonalidade de castanho: – *Isto* foi ideia de Richard! – Melody tocou em seu cabelo novamente, então levantou a caixa de tinta com um floreio. – Este é o meu verdadeiro eu... Ou pelo menos o suficiente até que a minha cor natural volte aos cabelos. Vou precisar de uma mão para ter certeza de que estará uniforme... – disse ela, olhando e piscando para Cláudia, com seus olhos cinza de grandes dimensões.

– Claro! – disse Cláudia, sentindo-se estranhamente eufórica com o pensamento –, mas é melhor começar logo para que possa estar seco antes de ir para a cama.

Para seu embaraço, ela sentiu-se corar de novo – as conotações jubilosas, excitantes daquela última palavra, que normalmente soava inócua.

Paul levantou-se quando ela e Melody fizeram o mesmo:

– Enquanto você coordena a transformação, talvez eu pudesse preparar o jantar para nós – sugeriu ele.

Cláudia virou-se para ele, sentindo-se um pouco surpreendida:

– Você sabe cozinhar?

Ela o olhou ainda mais atentamente, tentando detectar qualquer indício de que ele pudesse ter se expressado mal, mas em seguida sentiu-se culpada por ainda ter traços de dúvida no rosto, e então continuou:

– Você se lembra de ter cozinhado antes?

Paul sorriu, claramente imperturbável:

– Não especificamente, mas eu gosto muito.

Cláudia percebeu que seu rosto deve ter registrado momentaneamente uma expressão alarmada.

– Não se preocupe! – disse ele, rindo num tom provocante. – Eu posso não estar ligando todos os neurônios no momento, mas estou muito confiante de que sou capaz de abrir um pacote de algo congelado e dominar as nuances mais sutis do micro-ondas... Isto é, se você não vê nenhum inconveniente em comer algo simples e “fácil de fazer”...

– Bem, eu estou morrendo de fome – disse Melody alegremente. – E poderia comer qualquer coisa! Até mesmo uma porção de torradas, se tudo parecer complicado demais. Contanto que eu seja capaz de me livrar dessa fome! – disse, tocando as madeixas loiras novamente com desdém.

Cláudia olhou interrogativamente para Paul. Será que ele realmente seria capaz de preparar uma refeição? Ela estava intrigada e achou a ideia vagamente sexy.

– Vá em frente então – disse ela, balançando a cabeça para ele. – Quem sabe, de repente você pode ser um *chef*!

Ele pareceu considerar a hipótese com cuidado.

– Eu até gosto da ideia, para ser honesto – disse ele, pensativo, enquanto todos eles marchavam para o corredor, e ele se dirigiu para a cozinha.

Já no topo da escada, Cláudia fez uma pausa, inclinou-se sobre o corrimão e gritou:

– Em caso de necessidade, há um extintor de incêndio pendurado do lado esquerdo do fogão.

Ela já podia ouvir Paul rindo e exclamando:

– Sua bruxa insolente!

No banheiro de Cláudia, ela e Melody ficaram frente a frente. Cláudia sentiu-se como uma menina tímida

em seu primeiro dia de escola e, sem a maquiagem e as roupas feitas sob medida, Melody se parecia muito com uma delas.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Cláudia, olhando para Melody com uma mistura de confusão e desejo. Paul tinha inadvertidamente quebrado o fluxo de eventos lá na sala de estar, embora ela suspeitasse que essa seria a última coisa que ele gostaria de fazer, e um pouco de sua confiança sexual havia se dissipado. Ela sabia que Melody queria um orgasmo agora, mas, de repente, voltar a fazer amor naquele momento iria parecer uma coisa calculada demais.

– Eu não sei – respondeu Melody.

O rosto da jovem, Cláudia suspeitava, era um espelho do seu próprio. Melody obviamente também se sentia deslocada.

*Agora cabe a você*, Cláudia disse a si mesma. *Deve agir como uma adulta aqui. Basta assumir o comando.*

– Talvez devêssemos fazer o seu cabelo primeiro – disse ela, dando um sorriso encorajador para Melody. – E então veremos o que acontece.

Melody devolveu o sorriso, seus olhos se encheram de alívio e de uma afeição que era quase ofuscante.

*Eu só espero poder fazê-la feliz, Mel*, pensou Cláudia, enquanto as duas se preparavam para realizar a tarefa, mas suas dúvidas sobre seu relacionamento logo desapareceram diante de suas dúvidas sobre a mudança radical na cor do cabelo da amiga.

– Você tem certeza sobre isso? – perguntou ela, misturando uma substância que parecia melado combinado com alcatrão e carvão. Mesmo usando suas mais velhas toalhas envoltas ao redor dos ombros de Melody, o material se espalhava por todos os lugares, em particular em sua camiseta clara e no jeans. – Não poderíamos ir para a cidade amanhã e deixar que o Perluigi fizesse isso? Ele vai enlouquecer de qualquer maneira, quando você for da próxima vez para cortar.

– Não... Por favor... Vamos tentar – disse Melody com firmeza. – Eu quero mudar o mais rápido possível.

– É claro – disse Cláudia, reconhecendo um reflexo de sua própria determinação um momento atrás, –, mas talvez você deva tirar a sua calça e a camiseta, senão vai estragar a sua roupa.

Melody deu-lhe um olhar muito raso e Cláudia começou a rir.

– Não é nada disso! É um pedido legítimo, eu juro! – exclamou com ênfase, o tempo todo sabendo quanto ela queria que sua amiga tirasse a roupa.

– Talvez você devesse tirar suas roupas também? – sugeriu Melody de maneira provocante, já abrindo o zíper de seu jeans.

– Mas isso é a única coisa que estou vestindo! – protestou Cláudia, embora o pensamento de estar nua para uma nova amante no espaço de dias fosse profundamente emocionante, e também profundamente assustador.

– Esse seu roupão é lindo, você não devia correr o risco de estragá-lo.

– Mas então me deixe pelo menos fazer um sarongue com uma delas – disse Cláudia, indicando a pilha de toalhas que ela havia juntado para a tarefa.

Melody riu, mas deu de ombros e acenou para as toalhas.

Afetando uma despreocupação que não sentia, Cláudia deixou o roupão descer até os tornozelos e pegou uma toalha, tomando cuidado para não parecer estar com pressa. Ela não olhou para Melody durante o processo, mas sentiu os olhos cinzentos da amiga percorrerem seu corpo com muita atenção.

*Ela viu você de biquíni e nua em vestiários, Cláudia*, ela se lembrou. Não havia muita diferença.

Mas havia uma diferença, um abismo imenso entre essas situações e este momento que estava vivendo. Nenhuma delas tinha olhado para a outra antes com cobiça. Coisa que Cláudia fez, vendo Melody em uma linda combinação de calcinha e sutiã com bordado inglês. Foi necessário um esforço enorme para voltar a se focar no processo de tingimento do cabelo.

Depois de muito rir e espirrar e ensaboar, e uma batalha constante contra manchas de tinta nos acessórios do banheiro, elas finalmente chegaram à fase final de enxague. Ao longo de todo o procedimento, tinha sido impossível que não se tocassem acidentalmente, e cada contato para Cláudia tinha

sido abrasador. Seu corpo inteiro estava um pandemônio. Se ela não abraçasse logo a amiga, ou se não fosse abraçada por Melody, ela sentiu que gritaria e explodiria em pedaços.

– Olha – disse ela firmemente –, nós duas estamos cobertas de respingos e de gotas dessa espuma marrom horrível. Por que nós não lavamos tudo isso debaixo do chuveiro?

Ela fez uma pausa, pegou Melody pelo braço e aplicou toda a riqueza de seus sentimentos em um aperto suave.

– Juntas – concluiu, muito delicadamente.

– E rapidamente – disse Melody, mordendo nervosamente os lábios, claramente impaciente. Enquanto ela falava, colocou a mão para pegar uma gota da tintura que estava correndo por seu pescoço em direção aos seios.

Era agora ou nunca. Tinha que ser agora. Cláudia estava quase sem fôlego com a impaciência, mas também consciente de que existia uma dívida de prazer para com Melody. A jovem a havia tocado primorosamente e a levava ao orgasmo com uma habilidade sáfica que só poderia ser puro instinto, e agora era a vez dela própria ir corajosamente por esse caminho. E o estranho foi que, de repente, ela sabia que ia ser, oh, tão fácil!

Desenrolando sua toalha, ela chamou sua companheira para o chuveiro.

## **CAPÍTULO DOZE**

### **CRIANDO UM DESCONHECIDO**

Enxaguar a tintura era como lavar outra Melody. E outra Cláudia.

Ou talvez fosse apenas a lavagem de um determinado conjunto de inibições, aquelas mesmas inibições que já haviam sido desestabilizadas por Beatrice. A bela médica tinha aberto as comportas, mas eram Melody e Cláudia que estavam, agora, nessa correnteza apaixonada.

– Incline a cabeça para trás e me deixe esfregar e tirar a espuma – instruiu Cláudia, aliviada por ter alguma coisa com que se concentrar em primeiro lugar. Ficar de pé atrás de Melody era um pouco mais fácil no momento, talvez, porque seus seios jovens e empinados e o triângulo escuro no meio das pernas estavam escondidos. Não que a visão de suas costas não tivesse seus atrativos: os ombros delicados, as curvas para dentro e para fora de sua cintura pequena e os quadris perfeitamente definidos; a linda forma de pêssego maduro de sua bunda. Cláudia estava tentada a traçar essa silhueta feminina com as pontas dos dedos em vez de ficar com a tarefa que tinha designado para si mesma, que era erradicar o excesso de tintura dos cabelos. Restringindo seus impulsos, ela começou a trabalhar.

Usando seus dedos e polegares, e uma ação firme, mas suave, ela ajudou a água a fazer o seu trabalho no cabelo de Melody. As madeixas foram gradualmente ganhando uma cor mais leve, livres do excesso de tintura. Depois de cerca de cinco minutos de lavagem contínua, o fluxo de água correu mais límpido.

– É isso –, ela baixou as mãos para os ombros de Melody e deu um beijo na parte de trás do pescoço, com o pretexto de cheirar o perfume da tintura. – Foi tudo embora. Não ficou nem mesmo o cheiro... – Seu aperto deslizou do alto dos braços de Melody para a curva de seus cotovelos, e quando ela estava prestes a se movimentar mais para baixo, a jovem fez um suave som de impaciência. Conduzindo as mãos de Cláudia nas dela, Melody colocou-as diretamente em seus próprios seios.

–Você é tão adorável, Mel – disse Cláudia, reforçando a voz para ser ouvida claramente sob aquela torrente de água que caía sobre os dois corpos entrelaçados. – Eu sempre achei isso. Mesmo

quando eu era incapaz de pensar em fazer qualquer coisa quanto a isso. – Rodando os quadris, ela começou a massagear as nádegas da jovem com seu púbis.

Melody falou mais calmamente, mas com uma clareza que ainda era audível acima do chuveiro.

– E eu sempre quis você –, disse ela, um pouco incerta no início, mas logo ganhando mais impulso. – No começo, pensei que eu estivesse doente, ou que estivesse ficando maluca. Depois percebi que não havia problema ter esse tipo de sentimento, mas continuava chateada porque achava que você não sentia a mesma coisa. E estava convencida de que você ficaria desgostosa comigo se descobrisse!

– Nunca! – disse Cláudia, flexionando os dedos na carne atrevida que ela estava acariciando agora. Seus próprios seios, pressionados contra a sedosa pele molhada das costas de Melody, tinham resistido ao tempo esplendidamente, mas não possuíam mais muito daquele impulso ascendente, daquela arrogância juvenil. – Eu poderia ter ficado surpresa, admito, mas eu sei que logo me acostu-maria com a ideia.

– Nossa! Por que eu fui tão boba? – repreendeu-se Melody. Sua cabeça pendeu. – Eu deveria ter dito a você! Nós poderíamos ter ficado juntas mais cedo.

Cláudia absteve-se de mencionar que ela havia sido casada, mas Melody então – obviamente –

lembrou-se do fato ela mesma.

– O que diabos estou falando? – exclamou, e sua voz normalmente harmoniosa exibiu algumas falhas. – Vocês estavam casados. Como eu poderia ter esperado que você fosse infiel ao Gerald? Você o amava! – Ela afastou as mãos de Cláudia. – E agora eu estou esperando que você seja infiel a Paul por mim.. Ele disse que estaria tudo bem, mas claro que poderia estar apenas sendo gentil, não poderia?

*Ahá! Eu sabia!* Cláudia não fez nenhuma exclamação em voz alta, mas a confirmação de suas suspeitas anteriores era inebriante.

– Deve ter sido uma conversa fascinante a que você compartilhou com ele enquanto eu estava tomando banho... – observou ela, enquanto se inclinava um pouco para pegar o macio lóbulo da orelha de Melody entre os dentes. Ela mordiscou muito levemente e a jovem engasgou.

– Eu... Sinto muito, nunca desejei falar desse jeito sobre você, eu... É que apenas saiu, assim de repente. Eu não sei o que deu em mim. Paul é tão bom ouvinte. Ele pareceu entender.

– Oh, ele entendeu sim... – disse Cláudia, deslocando-se com mais força agora contra Melody, sentindo pequenas agulhadas quando apertou sua vulva aberta contra a resistência arredondada da bunda de Melody. – Ele entende coisas que eu jamais teria sonhado. O que lhe falta de memória, ele mais do que compensa em imaginação. – Cláudia sentiu o clitóris pular por conta da delícia do atrito, e de suas próprias lembranças de Paul, que estavam bem intactas. – Foi ele o primeiro a colocar a ideia de “nós”, você e eu, na minha mente.

– Mas...

– Melody, Melody, Melody... Não se preocupe – acalmou Cláudia, tentando pensar na garota que estava em seus braços em vez de pensar no pequeno nó de carne entre suas próprias carnes, que tremia e pulsava. – Desde que Paul chegou, eu me abri para um monte de ideias novas. Novos horizontes.

Isso pode parecer um pouco banal, eu sei, mas posso enxergar mais formas de ficar junto do que com apenas um homem. Ou uma mulher...

Ela fez uma pausa, porque sentiu necessidade. Um orgasmo quase espontâneo cresceu através de seu sexo e de seu ventre, desafiando a umidade que fervilhava abaixo e em torno deles. Ela engasgou e seus joelhos dobraram, mas ela não caiu. Mesmo através de seu êxtase, sentiu Melody enrijecer a coluna e preparar seu corpo.

– Como eu estava dizendo – continuou, quando já podia falar novamente –, se você está feliz com isso, eu estou feliz com isso... E acho que Paul também. – Ela parou de falar e começou a rir, porque Melody estava rindo também.

– Você é sensacional, Clau, sabe disso, não é? – a jovem disse através de sua alegria. – Eu nunca percebi que era possível ter um orgasmo e, em seguida, retomar a conversa, assim, simplesmente. –

Ela pareceu pensar um momento, depois falou de novo, soando como se estivesse se corrigindo. – Eu não sabia que era possível ter um orgasmo tão... facilmente... Eu não tive tantos assim com Richard.

– O erro foi dele, não seu, querida – disse Cláudia automaticamente, sem saber como ela sabia disso,

mas sabendo, e isso era tudo. A intuição lhe disse que, quando as coisas corresse bem, Melody iria subir velozmente até o topo.

*E eu vou fazer a coisa certa para você neste exato momento, minha querida,* Cláudia silenciosamente disse à jovem, que tremia contra seu corpo. Com um murmúrio de apaziguamento, ela deslizou sua mão para baixo, passando pela barriga de Melody.

Os pelos que Cláudia encontrou eram macios e de uma textura muito fina, e bastante diferentes de seus próprios pelos pubianos. Foi uma surpresa para ela que pudesse existir tanta variedade, e isso fez com que sua imaginação se abrisse para a diversidade e as possibilidades de mulheres que poderia existir. Seria tão emocionante com cada nova amante – a mesmice básica para ela mesma, em termos de anatomia, era apenas uma paisagem que poderia incluir uma vastidão de idiosincrasias.

*Como seria Beatrice lá embaixo? Será que sua região púbica seria tão tempestuosa e vermelha como os cabelos em sua cabeça? Seria abundante, rala, ou mesmo aparada?*

Mas Beatrice não estava ali agora, Cláudia lembrou a si mesma, e Melody sim. Com outro murmúrio tranquilizador, ela se aventurou além, mergulhando através dos pelos macios e molhados em busca do tesouro.

Melody gemeu e começou a contorcer sua parte inferior, e mais uma vez Cláudia encontrou a sua individualidade. Aquela jovem e esbelta mulher tinha suas partes genitais gostosas e bem desen-volvidas. O clitóris de Melody era maior do que seu próprio, percebeu Cláudia, e os lábios internos esponjosos eram mais longos e mais gordos. Seu sexo escorregadio era uma flor desabrochando e at-raiu seus dedos para explorá-lo.

Usando a ponta sensível de seu dedo médio, Cláudia começou a viagem pela vulva de sua amante; passando pelos lábios de Melody, subindo e descendo pela entrada vaginal, pelo períneo e pelo ânus e voltando novamente para a joia inchada no centro do prazer.

Mas Melody estava tensa. Cláudia intuiu que a jovem estava desfrutando daquilo, sentindo todas as sensações deliciosas que ela deveria sentir, entretanto ainda existia um obstáculo persistente em sua psique.

– O que foi, Mel? – perguntou ela, deixando sua mão imóvel. – Nós podemos parar se você não estiver gostando. Não quero forçá-la ou aborrecê-la.

– Você não está me aborrecendo – disse Melody, o suspiro que ela exalou mal e mal sendo ouvido debaixo do chuveiro. – Não é você, sou eu.. Eu gosto do que você está fazendo. Eu amo isso! – Ela colocou a mão sobre a de Cláudia para dar ênfase. – Mas não se sinta obrigada a fazer isso se eu lhe causo repulsa. – Sua voz vacilou, e Cláudia achou que ela estava chorando, acrescentando lágrimas salgadas àquela água que lhe escorria pelo rosto.

Cláudia deu um abraço na jovem, um forte abraço de urso, ainda mantendo contato com sua boceta suculenta e tentadora.

– Mas do que você está falando, querida? – perguntou. – Imagina se eu teria repulsa, eu tenho é tesão! – fazendo o seu melhor para movimentar seus quadris em um ritmo compatível ao de seus dedos, ela só

rezou para que suas palavras e ações transmitissem sua emoção. – Você me excita tanto quanto qualquer homem já o fez!

– Você está falando sério? Não está só falando por falar?

– Por que eu faria isso? Nós sempre fomos honestas uma com a outra antes. Por que eu iria mentir agora?

– Eu... Eu... Não sei – Melody estava ainda insegura. Ou, pelo menos, sua mente e sua voz estavam. Seu corpo, porém, estava encontrando seu próprio caminho. Seus quadris estavam começando a acompanhar o ritmo de Cláudia. – É que tem a ver com o que Richard me disse uma vez. Algo sobre mim. Você sabe, eu “lá embaixo”.

*Aquele desgraçado!*, Cláudia queria berrar. Ela fazia uma ideia do tipo de coisa que Richard Truebridge poderia ter dito, o tipo de observação insensível que viria da boca de um homem de mente fechada, de um sujeito que gostava de pensar que sabia de tudo sobre sexo, mas realmente não sabia nada. Ela teria gostado de castigar-lhe furiosamente por ferir Melody em um nível tão íntimo, mas ela se absteve de deixar escapar sua raiva em termos muito provavelmente profanos e depreciativos.

Afinal, provavelmente havia uma parte de Melody que ainda o amava.

– O que ele disse? – perguntou Cláudia tão suavemente quanto pôde, ainda acariciando a carne que era o centro da discussão.

– Que eu era... que eu era muito grande. Muito grosseira – disse Melody, em uma série de suspiros ofegantes. A distração oferecida por Cláudia estava obviamente dando certo, porque a jovem não parecia muito focada em seu aparente problema.

– Você é linda – disse Cláudia, enfatizando o que sentia.

A sensação do sexo de Melody contra seus dedos estava evocando todos os tipos de vontades dentro dela. Vontade de fazer coisas, e de ter coisas feitas para ela. Ela queria acariciar, acariciar e acariciar a garota; queria entender tudo sobre a sua forma íntima e sua textura. Seus prós e contras.

Seus fluidos. Sua resiliência. Suas respostas. Ela queria saber e acompanhar como seria o orgasmo de outra mulher; queria experimentar os minutos apaixonados da dança das exuberantes membranas de Melody. Queria sentir aquele clitóris rechonchudo pular, queria ouvir Melody clamar com cada impulso.

Amante de sexo oral desde sempre, Cláudia soube agora que teria que lambe sua amiga em breve; a fim de colocá-la no ápice para receber todos os procedimentos deliciosos que ela mesma sempre tinha achado tão gostosos. O morder, o mexer com a língua, o chupar. Aquela longa e poderosa chupada que fazia suas pernas se dobrarem, o estômago dar voltas e sua garganta e cordas vocais ejetarem um grito selvagem.

Num estranho aparte, de repente ela imaginou outra coisa para procurar. O sabor e a textura de Paul em sua boca, seu pau e sua essência sedosa e salgada.

*Mais tarde, sua vagabunda*, disse a si mesma, rindo por dentro e saboreando o banquete suntuoso que havia montado em sua casa, para deleite próprio. Uma festa com dois amantes, dois estranhos, um que ela

tinha encontrado e que, de uma forma mística, estava quase que criando para si mesma. Ela estava transformando Melody de amiga em amante, assim como certamente tinha criado uma morena a partir de uma loira.

– Eu amo sua vagina, Melody – disse ela, seus dedos tremulantes reforçando suas palavras. – Não sei muito bem com que comparar, mas para mim parece uma flor, linda e succulenta. Perfeita para tocar e acariciar, para brincar e desfrutar. – Usando todo o seu corpo como um guia, ela mudou a posição de Melody, de modo que as nádegas da jovem estavam agora pressionadas contra sua coxa, abertas sobre ela para esticar seu ânus. Era um de seus mais intensos prazeres sentir os dedos em sua vagina ao mesmo tempo que seu ânus era estimulado. Ela estava absolutamente certa de que isso iria funcionar superbem para Melody, do mesmo modo.

– E isso – disse, empurrando para a frente com a perna para aumentar a pressão enquanto prendia o clitóris de Melody entre o indicador e o polegar – é simplesmente fantástico. Lindo. Como uma pérola, uma cereja rechonchuda. Não consigo ficar longe dele. – Cláudia rolou o minúsculo órgão entre seus dedos e Melody riu e gemeu ao mesmo tempo. – Agora que começamos, eu não vou ser capaz de desistir, você sabe – continuou ela, falando perto do pescoço da jovem amante. – Sempre que estivermos juntas, estarei desejando você... Estarei morrendo de vontade de enfiar minha mão entre suas pernas e brincar com sua bocetinha. – Melody riu e depois engoliu em seco. Sua pélvis começou a oscilar. Cláudia a segurou.

– Pense nisso –, disse ela, apertando levemente e sentindo a carne dela contra seus dedos tremer e pulsar. Melody deixou escapar um ruído sufocado. – Podemos estar fazendo compras no shopping e eu terei que levá-la ao banheiro feminino em algum lugar e masturbar você! Porque eu não consigo parar de pensar em quão quente e úmido e tentador é o lugar que você tem entre suas pernas. Isso vai ser a única coisa em minha mente. Sua boceta. Nós vamos olhar as roupas na loja, e estarei imaginando como ela é inchada... Como seus lábios são carnudos e sensuais... Como seu clitóris é rígido; como ele é gostoso, como ele reage quando faço isso! – Cláudia apertou e Melody gemeu, sua vulva pulsando.

*Que estranho*, pensou Cláudia, *nunca imaginei que iria experimentar o meu próprio orgasmo a partir do exterior*. Totalmente do lado de fora. Como isso é maravilhoso também. Como isso é enriquecedor e, ao mesmo tempo, como é frustrante. O ato de estimular Melody teve um efeito recíproco no próprio corpo de Cláudia, invocando a necessidade, mas não fornecendo a solução. O sexo parecia ter um quilômetro de largura, congestionado e desconfortável.

Mas, no momento, ela precisava se concentrar em sua companheira. Melody estava praticamente caindo em seus braços, ofegante e murmurando. Cláudia poderia jurar que ouviu as palavras “eu te amo” sendo sussurradas sob a respiração de Melody, mas era difícil ter certeza debaixo do fluxo de água do chuveiro.

– Está tudo bem, Mel? – perguntou Cláudia cautelosamente, continuando a apoiar a jovem, enquanto a sentia tentar levantar-se e se recompor.

Melody conseguiu se libertar do abraço de Cláudia, erguendo o rosto para a água que caía do chuveiro por um momento e alisando para trás seu cabelo recém-modificado; então ela se virou, seu rosto estava brilhante e radiante.

– Oh, Clau, eu estou mais do que bem! – gritou a jovem, jogando os braços em torno do pescoço de Cláudia e quase fazendo com que as duas escorregassem. – Eu me sinto incrível, graças a você!

Fazia meses que não gozava desse jeito! Anos! Nunca, jamais, gozei assim! Oh, obrigada, obrigada, obrigada! – ainda agradecendo, ela beijou Cláudia nos lábios.

Foi um beijo longo, um beijo bagunçado, e isso alimentou o fogo que já vinha assolando Cláudia havia bastante tempo. Ela queria Melody; queria desesperadamente fazer algo que ajudaria a liberar uma pressão crescente. Sua vagina doía. Ela estava mais molhada do que o chuveiro jamais poderia deixá-la. Ela teria que gozar, e depressa, antes que começasse a gritar.

– Eu me pergunto se sou uma lésbica de verdade e nunca estive realmente a fim de homens, mas apenas pensei que estivesse – refletiu Melody, rompendo o beijo e descansando a cabeça de cabelos escuros no ombro de Cláudia.

– Eu não sei, meu amor – disse Cláudia, enrijecendo-se com a necessidade de se controlar.

Os sentimentos de Melody no momento eram bastante delicados.

– Você ainda consegue se ver numa cama com um homem? Você pode imaginar que está sendo tocada por um homem e ficar excitada?

*Eu posso*, pensou Cláudia, enquanto Melody parecia estar refletindo sobre essas questões. *Se Paul estivesse aqui agora, eu ia desejá-lo tanto quanto desejo você, Mel.* Cláudia imaginou estar curvada debaixo do chuveiro e levando cruamente por trás, do mesmo modo como levou no início do dia, no prado, às margens do rio.

Mas, e se ele quisesse mais? Se ele quisesse fazer algo diferente? E se ele insistisse em que ela deveria cumprir sua promessa e permitir que ele a sodomizasse?

O corpo inteiro de Cláudia tremeu com o poder daquela visão, com uma sensação de rendição que pareceu derreter seu estômago e fez seu sexo e seu ânus formigar. Como ela queria isso agora! Todo o seu ser queria estar com Paul naquele momento, para que ela pudesse curvar-se diante dele, mantendo

suas nádegas bem abertas para que ele pudesse possuir seu orifício infernal. Incapaz de controlar-se, ela gemeu por entre os cabelos lisos e escuros de Melody.

Agora, era a vez de Melody fazer perguntas solícitas:

– O que foi, Clau? – murmurou a jovem, acariciando a parte de trás da cabeça de Cláudia. –

Aconteceu alguma coisa?

– Não – disse Cláudia, recompondo-se e se afastando um pouco de Melody para que elas pudessem se olhar nos olhos. – São apenas alguns pensamentos...

– Que pensamentos? – perguntou Melody, com os olhos cinza brilhantes e maliciosos. –

Pensamentos sobre mim?

O coração de Cláudia afundou no peito. Ela pensou novamente no frágil e abalado estado emocional da

amiga. Como ela poderia responder, dizendo que estivera fantasiando sobre Paul? Mas, novamente, mentiras e enganos tinham a tendência de serem mais prejudiciais.

– Quando eu disse para você começar a pensar em homens, eu não consegui evitar. Comecei a pensar sobre eles também. Ou devo dizer, eu comecei a pensar em um homem em particular.

Melody riu.

– Eu não preciso dar um milhão de palpites para descobrir quem é... – disse ela, puxando de novo Cláudia para mais perto. – E se isso te faz sentir melhor... Bem... Eu estava pensando sobre o mesmo homem.

– E você está querendo fazer amor com ele? – perguntou Cláudia lentamente, deslizando sua barriga molhada contra Melody. Será que ela ia sentir ciúme, se perguntou, se a resposta fosse “sim”?

Melody parecia ter adquirido os mesmos poderes de ler a mente que o homem sobre quem estavam falando supostamente possuía, porque ela disse:

– Eu iria magoar você se dissesse que eu realmente o desejo? Eu faria qualquer outra coisa só para não lhe aborrecer, Clau, e você sabe disso. Se você preferir que eu não o... hã, deseje... Então, tudo bem, irei colocá-lo completamente fora de minha mente, eu prometo.

– Você não tem que fazer isso, sua boba! – disse Cláudia, sem sequer ter que pensar.

Ela sabia que poderia permitir que os pensamentos e as fantasias mergulhassem em seu coração, vendo imagens de Paul e Melody juntos sem quase sentir a dor do ciúme. O único problema é que essas visões aumentavam sua excitação para um estado de tumescência que já era um tormento difícil de suportar.

– Eu quero que você pense em Paul! – disse Cláudia, sorrindo para Melody, e ao mesmo tempo pressionando seu púbis contra o da amiga. – Na verdade, eu quero que você faça muito mais do que pensar nele – dizendo isso, deu-lhe uma piscadela lenta e lasciva. – Com a libido dele do jeito que está, haverá dele mais do que o suficiente para nós duas. Podemos até irmos os três juntos para a cama, se você quiser. Tenho certeza de que nosso amigo “desconhecido” não vai se incomodar com isso.

– Desconhecido?

– Esse é uma espécie de apelido secreto que eu tenho usado para me referir a ele... Em meus pensamentos – admitiu Cláudia, e no instante seguinte, ela se lançou para a frente e beijou Melody com ardor.

– E esses pensamentos são os mesmos que você teve alguns minutos atrás? – perguntou Melody ofegante, logo que Cláudia finalmente deu uma pausa no beijo.

Cláudia assentiu.

– Uauuuu! – rugiu a jovem. – Eu nunca fiz nada tão selvagem assim antes, mas não consigo imaginar nada mais delicioso do que fazer amor com você e com Paul ao mesmo tempo. Seria perfeito! –

Ela sufocou o rosto de Cláudia com uma dúzia de beijos imprecisos.

– Bem, então – disse Cláudia, colocando suas mãos em concha na bunda de Melody e acariciando-a toda –, teremos que garantir que todos nós tenhamos a oportunidade de... er... experimentar esse momento perfeito, certo?

– Mal posso esperar – cantarolou Melody, acariciando as nádegas de Cláudia em troca. – Eu não consigo entender o que está acontecendo comigo, Clau – a jovem continuou, sua voz exultante, mas sonhadora, enquanto deslizava seu corpo impecável contra a forma que Cláudia sabia que não era tão imaculada. – Antes de hoje, eu costumava pensar que até mesmo coisas como sexo oral seriam um pouco ousadas. E agora, olha para mim!

– Você é maravilhosa, Mel. Sua sensualidade estava apenas esperando para florescer. – Cláudia estava ofegante com o desejo agora, ela não conseguia pensar direito. A ideia de liberação, de deixar sair aquela explosiva pressão do orgasmo, parecia chegar a ela através do éter como se fosse um cometa. Ela abraçou sua bonita e jovem amiga, tentando comunicar sua necessidade através do contato de sua pele molhada.

– Mel – continuou ela, com voz rouca – sobre sexo oral. Como você se sente sobre isso agora?

Será que ainda parece ousado? – Ela colocou as mãos nos ombros de Melody, em seguida, deu-lhe uma pressão para baixo quase infinitesimal. Ao mesmo tempo, ela deixou os olhos agitarem-se para baixo por apenas um instante.

A revelação ocorreu imediatamente nos olhos de Melody, e ela riu, baixo e de forma quase demoníaca.

– Essa ideia ainda me parece ousada – disse ela, e Cláudia sentiu um beijo rápido sendo pressionado fervorosamente na cavidade onde seu pescoço se encontrava com o ombro –, mas, de algum jeito, é justamente de ousadia que preciso hoje.

Então, com o máximo de graça, Melody afundou-se lentamente de joelhos.

– Estou imaginando coisas, ou isso é cheiro de frango?

Cláudia deixou cair sobre os ombros a toalha que estava usando para secar os cabelos e inspirou o ar, em resposta à observação de Melody.

– Você está certa. Estou sentindo esse cheiro também. Paul deve estar ficando ambicioso e decidiu cozinhar o pacote de peito e coxas que eu tinha na geladeira.

Melody riu, e Cláudia sorriu carinhosamente a esse som doce e despreocupado. Era bom ouvir e ver sua amiga tão feliz, mesmo que fosse um pouco espantoso estar olhando para uma garota morena agora.

– Peitos e coxas de frango... – destacou Cláudia, se levantando e caminhando até onde Melody estava sentada, escovando seu novo e escuro cabelo castanho-avermelhado. – Parece muito bom –

disse ela, inclinando-se e dando um beijo entre aquelas ondas brilhantes –, mas já fazia muito tempo desde a última vez que vi você de cabelo escuro e ondulado. Vai demorar um pouco para que eu me acostume com essa nova Melody. Hoje, você é uma pessoa tão estranha para mim quanto Paul.

Cláudia esfregou o queixo levemente contra o topo da cabeça de Melody e, em seguida, deixou que sua

mão descesse pelo ombro de sua companheira e parasse sobre o seio, apertando muito suavemente aquela esfera de carne macia através do tecido fino da camisa bordô de gaze que ela estava usando.

– Nem tão estranha assim – disse Melody, esticando o corpo com aquela carícia como se fosse uma gata contente.

– Não, de fato não é – respondeu Cláudia, experimentando o despertar de uma leve agitação, embora Melody a tivesse satisfeito lindamente apenas algum tempo atrás. Ela ainda podia sentir a suavidade daqueles lindos lábios rosa quando sua amiga a beijou e mordiscou delicadamente entre as pernas. – É só que... Bem... Há toda uma nova dimensão para você agora. Nós ainda somos amigas, mas é como se eu tivesse ganhado um bônus extra que nunca esperei receber – ela esfregou o mamilo de Melody e sentiu-o ficar intumescido e ereto novamente num segundo.

Melody pousou o pente, girou no banco, e puxou a boca de Cláudia para mais perto, empurrando-a com a língua para obter acesso imediato. As duas se torceram um pouco, corpos e bocas, mãos e cabelos, e então, relutantemente e depois de obter algum prazer, Cláudia se afastou.

– Mas e o jantar? – perguntou ela, dando tapinhas no nariz de Melody. – O pobre Paul se matando sobre o fogão quente enquanto, nós ficamos aqui nos divertindo. O mínimo que podemos fazer é aparecer lá e comer o que ele preparou.

– Eu prefiro comer você – disse Melody, passando a língua nos lábios graficamente e fazendo Cláudia pensar que iria desmaiar com a lembrança de suas brincadeiras no chuveiro.

A jovem tinha provado ser tão hábil em fazer cunilíngua, tanto que as duas acabaram encharcadas quando finalmente saíram trêmulas do box, quanto Cláudia estava ansiosa por receber, mas depois.

– Talvez mais tarde – disse Cláudia, em uma tentativa ocasional de aplacar sua última amante.

Ela imaginou que deveria estar se preocupando agora com as possibilidades de trocas que poderiam acontecer entre os três: Melody, Paul e ela mesma. Mas não sabia por onde começar. Aquilo era uma loteria, realmente, a partir de agora. Uma aventura de companheirismo, de causalidade e de car-nalidade. Havia três pessoas no jogo e era apenas o caso de permitir que as fichas caíssem exatamente do jeito que fosse. E ela tinha uma forte premonição de que os outros dois estavam se sentindo da mesma forma que ela.

– Sim, talvez – disse Melody suavemente, como se confirmando os pensamentos de Cláudia. –

De qualquer maneira, estou com fome... – Ela sorriu de novo, a alegria iluminando seu rosto bonito e tornando-o excepcional. – Realmente com fome, eu quero dizer. E o que quer que Paul esteja fazendo com esse frango, o aroma é fabuloso!

– Eu concordo! – disse Cláudia, dando um último olhar no espelho para certificar-se de sua aparência. – Vamos comer!

– Você está maravilhosa! – disse Melody, sua voz quente. – Não há necessidade de se preocupar com isso.

Cláudia estava mesmo se sentindo maravilhosa e, embora às vezes ela pensasse que estava su-

perestimando sua própria crença de que parecia muito mais jovem do que uma mulher na casa dos quarenta e tantos anos, hoje ela estava convencida de que não tinha idade. Seu cabelo, seus olhos e seu rosto brilhavam com um ar de satisfação, e até mesmo seu corpo parecia ter um brilho manhoso e discreto, que destacava o que ela estava vestindo.

– Você acha que estou bem assim? – perguntou, ainda precisando de um pouco de segurança. Alisou o algodão fúcsia de suas calças capri para que assentassem melhor em torno de suas coxas e, em seguida, dobrou a bainha de seu top combinando.

– Fabulosa! – anunciou Melody. – E eu acho que não estou nada mal também, o que você acha?

– Você sabe muito bem o que eu penso, sua madame vaidosa! – disse Cláudia, dando uma volta para pegar a bunda de Melody e lhe dar um pequeno aperto.

A jovem estava usando shortinhos de brim bem curtos e uma camisa de gaze, bem justos e que pareciam convidar para passar a mão. Cláudia se perguntou se seriam também um convite para as mãos de Paul. Se ela achava que não conseguiria passar a noite sem dar uns dois ou três beliscões na bunda de Melody, pensou que seria bastante improvável que Paul fosse capaz de resistir.

– Vamos lá – disse ela, levando Melody pela mão –, vamos descer até a cozinha e nos juntar ao Paul antes que eu me veja obrigada a rasgar suas roupas e levá-la para a cama!

– Nossa! – exclamou Paul, deixando a panela que segurava suspensa sobre o fogão cair com um barulhão. Felizmente para ele, nada foi derramado.

Cláudia sorriu, animada com o fato de não sentir muito ciúme pela maneira como ele estava olhando para Melody. *Eu tive uma grande participação nesse milagre*, disse a si mesma em silêncio. A maneira como ele a está admirando é tanto um voto de louvor para mim quanto para ela.

– Que trabalho incrível você fez – disse ele, abandonando o fogão e se encaminhando para elas.

Ele pegou na mão delas e Cláudia soube, uma vez mais, que seus instintos estavam certos. – Você trabalhou maravilhosamente bem – ele sorriu para Melody e depois para Cláudia. – É como ver a mesma pessoa, mas alguém completamente diferente.

*Ele fala como se nos conhecesse há anos*, pensou Cláudia assombrada. *Tem autoridade, mas eu não sei bem como ou por quê. Eu só sei que o que ele diz parece estar absolutamente certo.*

Isso a deixou perplexa, mas quando olhou de um rosto suave e belo para o outro, deu-se conta de um enigma ainda maior. Agora que Melody tinha cabelos escuros, ganhara uma estranha semelhança com Paul. Não era uma semelhança em um sentido tão amplo assim – as características dele eram muito masculinas, e as dela, muito femininas –, mas havia uma nuance do mesmo intrigante mistério sobre ambos; uma atração sexual que era tão forte em alguns momentos assim como era delicada e

sutil em outros. E o fato de ter os dois em sua casa, e ambos querendo tanto ficar com ela, fez seu coração bater, sua cabeça girar e seu corpo formigar.

Isso poderia ser definido como um *embarras de riqueza*, pensou ela, uma superabundância desconcertante, olhando de um para o outro e se perguntando se eles tinham conhecimento de sua

semelhança ilusória. Ela viu que Melody sorria timidamente para Paul, e algo fraco, ainda assim intrigante, cintilou em seus olhos, e ela teve a sensação de que ele teria se dado conta daquela estranha afinidade. Paul retribuiu o sorriso de Melody e, em seguida, virou o rosto e lançou um sorriso igualmente quente a Cláudia.

– Você parece ter um talento especial para isso, senhora Marwood – disse ele suavemente, dando-lhe um beijo na bochecha, enquanto ainda estava segurando a mão de Melody. – Você é uma transformadora. Você nos mudou para melhor.

Paul olhou-a nos olhos, fez uma pergunta em silêncio, e Cláudia lhe deu a resposta em silêncio, também. Sem um momento de hesitação, ele beijou Melody suavemente.

Nenhum deles falou nada por um segundo ou dois, mas, surpreendentemente, a atmosfera no recinto não parecia estranha. Paul tinha avaliado a situação sem esforço e definido o clima.

Cláudia se perguntou que diabo iria acontecer em seguida, mas, talvez fortuitamente, veio o som do frango sendo grelhado na panela.

– Agh! O dever me chama – disse Paul, apertando as mãos das duas brevemente, mas ferozmente, e então voltando sua atenção para seus esforços culinários. – Talvez vocês duas, senhoras, pudessem cuidar das bebidas enquanto eu termino aqui? – sugeriu, falando por cima do ombro, enquanto habilmente cutucava e virava a carne.

*Mas olha só!*, pensou Cláudia. *Qualquer um poderia pensar que você mora aqui, rapaz!*

– Mas é claro – disse ela secamente, suprimindo seu riso divertido. – Acho que a gente devia trazer alguma coisa especial da adega. Esta parece ser uma ocasião de fato única.

*E põe única nisso*, ela acrescentou silenciosamente, conduzindo Melody na direção das escadas da adega.

## **CAPÍTULO TREZE**

### **SEGREDOS E MENTIRAS – E ESTRELAS**

Depois de um aligeira, erótica e atrapalhada troca de apalpadelas, e um monted de risadinhas, tendo

já escolhido uma boa garrafa de Chardonnay australiano, Cláudia e Melody voltaram para a cozinha.

– Uau! Que mesa esplêndida! – exclamou a jovem, admirando a obra de Paul assim que entrou.

Cláudia teve que concordar. Ele tinha montado a mesa na cozinha com os talheres de uso diário, usado uma toalha e enfeitado com um par de castiçais de terracota que Cláudia sempre gostou de usar para iluminar as refeições noturnas na cozinha. Os guardanapos, que combinavam com o tecido da toalha, tinham sido dobrados numa imitação bem passável de flores.

– Bem, por esta prova evidente, você é ou um *maître d’hotel* em restaurante de alto nível, ou um decorador de interiores – comentou Cláudia. – Qual deles você acha que é?

– Eu ainda aposto em *chef* – respondeu ele com ânimo mais leve –, mas isso nós veremos depois.

Agora, eu gostaria de sentar e servir o primeiro prato.

– Uau! Há mais de um? – perguntou Melody, deslizando para uma cadeira. Pareceu natural para Cláudia que ela e a jovem deveriam sentar-se frente a frente, com Paul na cabeceira da mesa.

A entrada oferecida por ele foi um crostini aromático e uma vez mais Cláudia ficou muito impressionada. Ela reconheceu todos os ingredientes, dos mais simples aos mais requintados itens, recolhidos em sua despensa bem abastecida, mas de alguma forma Paul tinha acrescentado um toque inspirado a cada um deles. O que foi um milagre, realmente, porque o fato de ele ter preparado tudo isso superava em muito a experiência da maioria dos homens que ela conhecia. Ela podia ver que Melody estava tão impressionada quanto ela com as inesperadas habilidades de Paul. Era pouco provável que Richard Truebridge soubesse onde ficava a cozinha de sua casa, embora agora, pensou Cláudia com alguma satisfação, ele seria obrigado a descobrir!

O prato seguinte era um simples frango grelhado, mas servido com uma salada cheia de imaginação e cor. Além das folhas mistas que ela esperava, Cláudia viu e experimentou rodela de tomate seco, ervas colhidas das floreiras que estavam em sua janela e queijo parmesão raspado em grossas lascas, para não mencionar os croutons ele mesmo devia ter feito, porque ela não tinha na despensa.

– Excelente! – disse ela, garfando o último pedaço, saboreando com prazer. – Onde diabos você aprendeu a cozinhar assim? – disse ela e então, de repente, percebendo o que havia dito, se desculpou.

– Desculpe, provavelmente você não lembra, não é?

Em seguida levantou a garrafa, encheu os copos com um vinho especialmente escolhido para amalgamar os sabores da salada e do frango.

– Acredito que não... – disse Paul, franzindo sua testa por um momento. – E eu tentei... Esperava que algo pudesse vir até mim enquanto trabalhava, mas isso não aconteceu. Posso lembrar o que fazer de modo instintivo, mas não tenho a mínima ideia de onde foi que adquiri esse conhecimento.

– Não se preocupe com isso – disse Melody alegremente. – O principal é que o resultado final desta refeição é excelente, está deliciosa e eu tenho certeza de que tudo vai voltar à sua mente bem antes do que se espera. Tenho certeza!

– Obrigado – disse Paul, sorrindo e estendendo a mão para dar um tapinha na mão de Melody. –

Eu espero que você esteja certa – continuou ele ao enviar um olhar de desculpas. – Eu sinto muito, mas não há sobremesa... O meu banco de memória culinária pareceu falhar onde a receita do pudim estava armazenada.

– Eu acho que não conseguiria comer mais nada – disse Cláudia. – Você nos faz sentir orgulhosas, Paul. Estou tentada a ser egoísta, desejando que a sua memória não volte tão cedo. Então você poderia ficar por aqui e ser meu cozinheiro – disse ela, sentindo um calor subindo pela garganta e chegando até as bochechas e que não tinha nada a ver com boa comida e vinho. – Entre outras coisas.

Melody riu e Paul achou graça o suficiente para corar um pouco também.

– E então, como estamos? – disse Cláudia, olhando de um para o outro, e sentindo-se grata pela suave qualidade do vinho. Ela ainda não se sentia alegre demais por causa dele, mas aquele Chardonnay delicioso tinha suavizado em muito a estranheza da situação. Sua emoção predominante foi a antecipação, não a ansiedade.

– Vamos sair para o pátio e observar as estrelas por um tempo – disse ela, levantando-se da cadeira e apanhando seu copo.

Com os outros seguindo o seu exemplo, ela estava prestes a liderar o caminho para fora da casa quando percebeu que o bloco de anotações que ela sempre tinha à mão para anotar lembretes de receitas e os títulos das músicas que ouvia no rádio enquanto cozinhava estava aberto na bancada, e que a página de cima estava preenchida com coisas escritas numa caligrafia desconhecida. Quando ela o pegou e começou a ler, primeiro ficou tocada e, depois, profundamente confusa.

No topo da folha havia uma lista de ingredientes de culinária, obviamente os que Paul tinha usado, e que agora precisavam de substituição. Mas, na metade da folha, o lápis parecia fazer uma parada e um salto, como se Paul tivesse sido atingido por algum tipo de revelação em meio aos pensamentos, e tivesse compreendido o novo conceito e corrido para anotá-lo antes que escapasse de sua memória.

A única coisa com a qual Cláudia podia comparar aqueles rabiscos rápidos e quase taquigráficos era com seus muitos esquecidos estudos de álgebra no ensino médio. E, tendo sido melhor em ciências humanas do que em exatas, os fragmentos que ela conseguiria decifrar significariam nada para ela – eram apenas um emaranhado de letras e números; sinais de adição e de números inteiros; raízes quadradas cheias de números e de letras e de várias potências; a coisa toda tinha uma aparência de algo inacabado, mas Cláudia realmente não estava certa disso. Ela teria entendido melhor uma tabuleta de hieróglifos.

– Paul... O que é isso? – perguntou ela enquanto entregava o bloco para ele.

– *Brainstorming*, uma inspiração – respondeu ele, parecendo desconfortável. Seu rosto era como um muro intransponível, de repente, e ela não tinha certeza se ele estava com medo ou ressentido.

– De quê? – insistiu ela, com os seus próprios medos e dúvidas subindo à superfície. O que ele estava fazendo?

– Eu não sei – disse ele, tomando o bloco dela e estudando o seu próprio trabalho. – Foi como a culinária. Veio a mim, surgindo de repente do nada, e parecia importante colocar no papel antes que fosse embora de novo. Não tenho a mínima ideia do que seja, mas me pareceu natural enquanto eu escrevia, e na hora eu realmente me senti como se soubesse o que estava fazendo. Mas agora não faz sentido!

– Ufa! – disse Melody, olhando por cima do ombro de Cláudia. – Você, obviamente, é um homem muito, muito inteligente... Em alguma coisa.

Cláudia se absteve de comentar. Ela não queria pensar sobre as possíveis ramificações daqueles símbolos misteriosos, e por um momento ela sentiu ressentimento também. Ela não queria ser lembrada da natureza essencialmente provisória da presença de Paul em sua casa.

– Vamos! – disse ela rapidamente. – As estrelas estão nos esperando.

A influência dos céus foi pacífica; e ou eles ou o vinho ou a juventude e a beleza dos dois companheiros de Cláudia conseguiram banir suas dúvidas em um espaço muito curto de tempo. Era uma noite clara, com apenas a mais estreita das luas crescentes, e os resíduos de uma diferente disciplina científica voltaram para ela enquanto olhava para a escuridão aveludada ao redor dos cintilantes pontinhos de luz. Eles estavam tão longe, esses fenômenos astrais que eram tão grandes e majestosos como o sol do meio-dia, na realidade, e em muitos casos muito maiores. Outro exemplo de algo encantador, ainda que secreto e misterioso.

Jogando a cabeça para trás, Paul levantou a mão, os dedos pálidos e afilados pareciam chegar até as distantes estrelas.

– Ursa Maior – disse ele, sua voz muito clara e perturbadoramente professoral na calma noturna.

– A constelação mais conhecida de todas – Cláudia olhou para ele e o viu com os olhos estreitados, como se estivesse buscando enxergar uma daquelas fontes de luz mais de perto. – E as estrelas são...

Alkaid, Mizar, Alioth, Delta Ursa Majoris, Phecda, Merak, Dubhe...

– Paul – disse Cláudia baixinho –, de onde vem tudo isso que você está dizendo?

– Eu conheço. Eu simplesmente sei – disse ele, parecendo cheio de admiração –, mas tenho certeza de que não sabia disso na noite passada.

– Sua memória deve estar voltando – disse Melody.

Cláudia sentiu quando a jovem deslizou seu braço para o braço livre de Paul, e quase riu de sua própria pequena estocada de ciúme. Ela não poderia pegar o outro braço de Paul porque ele estava apontando para as estrelas.

– Talvez você tenha razão – disse ele, depois de ter falado sobre mais uma ou outra constelação.

– Sim, sim! Deve ser isso mesmo – Melody estava ficando mais animada com o tema. – Primeiro foram as receitas, depois a matemática, tão complicada, e agora o nome das estrelas. Sua vida está voltando aos poucos para você. Eu tenho certeza disso!

– É certamente um bom sinal que você esteja começando a se lembrar das coisas – disse Cláudia, mantendo sua voz circunspecta.

Na escuridão, ela sentiu quando ele se virou para olhar para ela bruscamente, e quase podia ouvir seu pensamento: *Você ainda não acredita em mim, não é?* Ele baixou o braço, e ela podia sentir seu escrutínio se intensificar, como se a estivesse desafiando a se agarrar a ele como Melody estava fazendo. Ela resistiu.

– Sim, é mesmo – disse ele sem alterar a voz –, mas acho que tive sorte por vir parar no lugar onde parei. E com a companhia, também.

– Eu não fiz nada de especial – disse Cláudia, sentindo, enquanto falava, que sua resposta tinha sido apenas argumentativa. Ela tinha feito algo especial, sim. Quantas mulheres, ao encontrar um estranho com amnésia total, o levariam para sua casa e para sua cama também?

Paul não respondeu, mas, quando ela arriscou um olhar malicioso para ele, a luz vinda da casa revelou diversão nos contornos dramáticos e cheios de sombras do rosto de Paul. Ele continuou em silêncio por alguns momentos, olhando para ela, e em seguida falou novamente:

– Duvido que eu tivesse me recuperado por mim mesmo tão rapidamente assim, se tivesse ido parar em um albergue, numa delegacia de polícia ou num hospital qualquer. Isso é o que acontece com a maioria das pessoas que passam por uma situação como a minha.

– Se você tivesse ido à polícia, eles provavelmente já teriam encontrado a sua identidade – assin-alou Cláudia.

– Isso é verdade – disse Paul –, mas então eu teria sido lançado para a minha vida anterior sem estar preparado. Eu pensei já ter explicado isso para você.

Ao sentir que um vórtice de antagonismo estava sendo construído, Melody de repente entrou na conversa:

– Ela é sempre assim, Paul. Cláudia é a mais amável das pessoas, mas tem uma resistência patológica para receber os agradecimentos por toda essa bondade.

– Oh, por favor – murmurou Cláudia. – Eu acho que vou vomitar.

No entanto, ela se sentia gratificada.

– Então, talvez, ela ainda precise ser preparada para aceitar agradecimentos – disse Paul, sua voz de repente acesa com algo que fez o fundo do estômago de Cláudia se agitar. Ela tinha ouvido o rapaz falar nesse tom sedoso antes. – Ela merece uma recompensa pelos serviços prestados a nossas almas

perdidas, não é, Melody? Eu acho que é justo, e podemos nos certificar de que ela receba isso. O que você acha?

O que ele estava fazendo?

Cláudia sabia que dificilmente teria que fazer essa pergunta, seu coração e seus instintos já sabiam onde ele estava indo. Mas será que Melody estava pronta para isso? Ela estaria entendendo as implicações sugeridas por Paul?

– Eu concordo. Ah, como eu concordo – ronronou Melody, deslizando em torno deles de forma que ela e Paul rodeassem Cláudia.

É claro que ela *sabe o que ele sugeriu*, pensou Cláudia, lembrando a estranha empatia que Melody demonstrava ao sentir seus próprios medos e esperanças. A indignidade moral de Richard Truebridge era o único ponto cego que Cláudia detectava na jovem mulher.

– Obrigada, Clau – Melody sussurrou, pressionando os lábios no ombro de Cláudia. – Obrigada por ter me acolhido também. Eu estaria perdida se não tivesse sido capaz de chegar até você.

*Oh céus!* pensou Cláudia, sentindo a boca de Paul contra o outro ombro, o contato tão coordenado como se ele e Melody tivessem ensaiado antes. Enquanto ele a beijava, suas longas mãos chegaram até a

cintura de Cláudia, tomando conta, e então a virando para encarar Melody.

À luz das estrelas, a jovem era um enigma desconhecido com seu cabelo escuro e encantador.

– Cláudia, Cláudia, Cláudia – sussurrou ela, colocando as mãos macias em cada um dos lados do rosto de Cláudia e trazendo-o para bem próximo do seu, para beijá-la intensamente, como deveria ser. À medida que suas bocas se encontravam, Cláudia sentiu os lábios de Paul pressionados na parte inferior da sua nuca.

– Oh, por favor – murmurou Cláudia quando sua boca foi liberada.

Ela não tinha certeza se poderia lidar com aquilo. Qualquer um dos dois, separadamente, tinha o poder de jogar com seus sentidos; não havia como saber o que eles poderiam alcançar se atuassem juntos. Ela estremeceu delicadamente quando Melody ofegou contra o seu ouvido.

– Não tenha medo – sussurrou a garota, totalmente confiante agora, como se a presença de Paul a tivesse fortalecido de alguma forma.

– Não, não tenha medo – disse ele, com a boca muito perto do ouvido de Cláudia. – Vamos cuidar de você neste momento. Retribuir, de alguma forma, tudo o que você nos deu.

– Eu não quero a sua gratidão! – protestou Cláudia debilmente, sentindo cada fibra do seu sexo e do seu corpo contradizê-la. Ela queria o que eles estavam fazendo. Ela queria muito, porque estava extasiada com a maneira como eles expressavam isso.

– Então, sinta o prazer simplesmente, porque é isso que nós queremos lhe dar – disse Paul, com mais ênfase dessa vez. Ele e Melody estavam criando sua própria dinâmica e Cláudia sabia que não conseguiria resistir, mesmo que ela se mostrasse tola o suficiente para querer fazer isso.

Arrebatada demais para ser capaz de retrucar, Cláudia respondeu relaxando suas costas contra Paul. Ela sentiu a ereção dele contra a sua bunda, procurando seu calor através de suas calças de algodão fino, mas ela sabia que esse interlúdio não iria satisfazer ao homem agora; e nem a Melody,

mesmo que os mamilos duros e doces da jovem estivessem se esfregando contra os de Cláudia, enquanto os dois torsos se moviam juntos em uma dança lenta e suave.

Graciosas mãos, as de Paul, deslizaram para frente de suas coxas e definiram um ritmo irresistível de carícias, enquanto um segundo par encontrava seu caminho entre o corpo de Paul e o de Cláudia, curvando-se delicadamente para acolher a forma arredondada de suas nádegas. Nenhum deles tocou o espaço entre as suas pernas, mas algo disse a Cláudia que isso tinha sido deliberado. Eles estavam apenas no início do processo.

Sua boca estava possuída, os lábios de Melody se tornando vorazes, e em suas costas Paul se inclinava e a beijava também, devastando o espaço de carne macia entre seu pescoço e o ombro com um entusiasmo que Cláudia percebeu vagamente que iria deixar uma marca. Ela tentou objetar, mas a língua de Melody a tinha subjogado e a mantido em silêncio.

Como ela estava entre ambos, eles faziam sua pélvis balançar para a frente e para trás, num trabalho de equipe que a mantinha se movendo e com tesão. Cláudia estava desesperada para participar, para ser tão

ativa e tão assertiva quanto eles estavam sendo, mas continuava com os braços pendurados languidamente ao lado do corpo. Ela parecia fora de controle, mas ao mesmo tempo estranhamente dominante. Havia uma parte dela que parecia estar flutuando acima de tudo, observando a cena e subliminarmente começando a dirigir a ação.

*Vocês são o que eu quero, você dois*, ela pensou, em um sonho, visualizando sua carne nua sendo tocada e sentindo, em resposta, alguém soltar suas calças capri. Como ambos os pares de mãos se moviam, ela não sabia quem era. As mesmas mãos, ou talvez outro par, baixou a calça de algodão até os joelhos, e depois puxou para baixo a calcinha fio-dental. Em seguida, eles a imprensaram mais uma vez, acentuando sua nudez com a sensação de seus corpos ainda vestidos. As mãos finas, mas flexíveis de Melody seguraram firmemente as nádegas nuas de Cláudia; ao mesmo tempo, Paul se aproximou e segurou o monte púbico. A boca de Cláudia ainda estava deliciosamente fechada pela língua de Melody.

Cláudia abriu os olhos. De perto, ela podia ver as luzes e matizes do rosto familiar, ainda que desconhecido, de Melody, e seus cílios exuberantes e escuros. Mas quando ela se concentrou sobre o ombro da garota e olhou para cima, foi capaz mais uma vez de ver as estrelas. Elas estavam distantes de sua compreensão, e tão desconhecidas, mas não tão estranhas, de certa forma, do que o que estava acontecendo, aqui, em terra firme. Quando os dedos de Paul dividiram seus lábios, ela quase engasgou.

A sensação dele acariciando sua vulva foi como voltar de alguma forma para o lar. Ele foi concebido para lidar com ela, assim; o seu dedo estava onde deveria estar, movendo-se em uma cadência que lhe convinha exatamente. E o fato de que Melody estava pressionando sua parte inferior ao mesmo tempo só aumentou o requinte da experiência. Depois de um momento, ela grunhiu ferozmente, num clímax intenso.

– Vocês dois! – sussurrou ela amorosamente, voltando a seus sentidos e percebendo que os dois estavam suportando o seu peso entre eles. – Vocês não têm respeito pelos mais velhos? – Rebolando um pouco para se ver livre daqueles agarrões, Cláudia estendeu a mão para puxar a calcinha e a calça

de algodão, e em seguida se surpreendeu quando Melody se ajoelhou, beijou o triângulo de pelos pubianos de Cláudia, depois ergueu-se novamente e ajeitou a roupa de Cláudia.

– E então, está melhor assim, sua tia velha? – perguntou a jovem espirituosamente, fechando o último botão.

Cláudia estreitou os olhos e sorriu. Então, sem dar aviso, ela agarrou Melody e beijou-a profundamente na boca, dessa vez fazendo a garota abrir caminho para sua língua.

– Tia velha? – perguntou, empurrando a boca ofegante e machucada de Melody para longe dela.

– Sinto muito – disse a jovem alegremente, esfregando os dedos em seus lábios –, eu quis dizer velha em sabedoria, e não em espírito ou beleza.

– Eu deveria saber... – respondeu Cláudia, sentindo a atenção de Paul atrás dela. Ela pensou que ele poderia agarrá-la de novo, então se virou rapidamente para ele. – Vamos levar isso para dentro –

disse ela, mais como uma ordem do que como um pedido. – Eu quero mais de vocês. – Então olhou de um para o outro, novamente encantada pela semelhança rara e intangível entre eles. – Os dois, vamos! – Agora no controle, ela sorriu e foi embora, absolutamente certa de que eles iriam segui-la sem questionar.

No corredor, sua fachada de equilíbrio vacilou no momento em que o telefone vibrou ao lado dela e a fez saltar. Ela estava a ponto de atender, mas em seguida mudou de ideia e preferiu deixar que a secretária eletrônica cuidasse disso.

Ela ficou ainda mais surpresa ao ouvir a voz suave e brilhante de Tristan Van Dissell, um dos parceiros de negócios do seu falecido marido, que mantinha interesses sexuais por ela, se fosse para acreditar em Melody.

– Olá Cláudia, é Tris. Eu vou ficar surpreso se não estiver em casa, portanto, se você estiver por aí, atenda a chamada, por favor.

Ele parecia confiante – mais confiante do que a maioria das pessoas demonstra em uma secretária eletrônica –, mas, no fundo, Cláudia havia detectado um traço de dúvida, uma insegurança nele mesmo e em seu propósito. Ela supôs que os acontecimentos dos últimos dias deviam tê-la sensibilizado de alguma forma, porque tinha certeza de que nunca teria captado uma nuance tão sutil se isso tivesse ocorrido há duas semanas.

– Eu pensei em ligar para você faz algum tempo – continuou Tristan. – Mas não quis apressar as coisas. Há alguns negócios que precisamos discutir, e Richard me incumbiu de cuidar disso, felizmente... Mas eu gostaria que fosse uma coisa social para nós também. Achei que poderíamos desfrutar de um bom jantar em algum lugar, tomarmos alguma coisa, tratarmos de negócios e depois deixar isso de lado e, então, passarmos a nos conhecer um pouco melhor. Eu não acho que seja cedo demais, você acha? – Ele parou e emitiu um pequeno som, parecido com uma tosse, o que traiu seu nervosismo. –

De qualquer forma, Cláudia, por favor, pense sobre isso. Você tem o meu número. Tchau!

– Eu não disse? – falou Melody, mas algo meio azedo em seu tom fez com que Cláudia olhasse mais atentamente para sua amiga.

– Sim, você me alertou, mas há algo mais, não é mesmo? – disse Cláudia; Melody estava mordendo os lábios. A fugitiva preocupada assumira o lugar da confiante e tentadora mulher que havia atuado sob as estrelas.

– Ele e Richard estão aprontando alguma coisa – disse Melody firmemente. – Eles estão tentando enganá-la de alguma forma. Eu os ouvi falar sobre isso ao telefone... Acho que o plano é Tristan enrolar você, talvez seduzi-la com um pouco de romance, algo assim.

– Algo assim? – disseram em coro Cláudia e Paul. Ela teria rido, mas Melody parecia muito séria.

– Eu não sei dos detalhes exatamente – a jovem continuou, mostrando estar cada vez mais desconfortável a cada segundo –, e eu sei que Tristan realmente tem uma queda por você, mas os dois estão preparando algo entre eles. – Sua cabeça se ergueu e ela de repente pareceu mais fortalecida. – E eu posso provar isso, eu acho. Ou pelo menos alguém que entenda de matemática e contabilidade pode.

Havia alguns discos e documentos no escritório de Richard, e eu fiz cópias e trouxe-os comigo. Ele acha que eu sou uma idiota cabeça de vento, mas ele vai ver como são as coisas de verdade se a gente conseguir desmascarar o que ele e Tris estão tramando. – Melody agora estava desafiadora, e um pouco de sua nova personalidade tinha renascido. Um pouco, não... Muito, na verdade. – Eu poderia matá-lo

apenas por conspirar para prejudicar você, Clau – disse ela, seu belo rosto definido em linhas de determinação e paixão. Cláudia sentiu seu corpo se agitar e se aquecer.

– Você vai ligar para ele? – perguntou Paul com voz neutra, embora Cláudia, ao se virar para responder, tenha visto algo em sua linguagem corporal que sugeriu tensão.

Será que ele estava com ciúme de outro homem? Paul certamente não ficara incomodado por ela se envolver com uma pessoa do mesmo sexo, mas até aquele notável “estranho” poderia estar propenso à mentalidade profundamente enraizada do homem das cavernas que assombrava mesmo o melhor dos homens.

– Não esta noite – disse Cláudia, e depois estendeu as mãos e colocou-as no peito de Paul e sobre os seios firmes de Melody. – Vamos deixar que ele esfrie seu entusiasmo. E que fique um pouco ansioso. Nós temos um tipo mais importante de negócios para cuidar, lembram-se?

– É claro – disse Paul, piscando com seus cílios espessos por um segundo.

Melody não disse nada, mas sua carne tremeu sob os dedos de Cláudia.

– Vamos! – pediu Cláudia, mais uma vez levando-os para o destino que todos ansiavam: seu quarto. – Amanhã de manhã, vamos bolar um plano. Nós vamos trabalhar juntos.

Mas, ao que parece, alguns minutos mais tarde Paul e Melody já estavam trabalhando juntos.

Tendo pedido licença por um momento para ir ao banheiro, Cláudia voltou para o quarto e encontrou os dois sorrindo com cumplicidade. E, quando avançou para a cama, ela viu o aceno de Paul, como a dar um sinal a Melody. Em resposta, a jovem se aproximou de Cláudia com um leve e enigmático sorriso no rosto.

– O que vocês dois estão aprontando? – quis saber Cláudia quando Melody chegou até ela e deslizou seus braços ao redor de seu corpo. Cláudia não estava realmente preocupada com o que os seus dois amantes poderiam fazer com ela, mas parecia que a forma adequada seria resistir, pelo menos um pouco.

Melody não fez o favor de dar uma resposta a Cláudia, mas simplesmente a beijou lasciva e poderosamente, usando sua língua novamente como tinha feito no jardim. Em algum lugar no fundo, ela ouviu um murmúrio de aprovação de Paul.

Com a boca deliciosamente aberta e as mãos de Melody mais uma vez prendendo a sua bunda, Cláudia de repente sentiu que estava sendo empurrada e meio que puxada para trás, em direção à sua própria cama. Paul estava guiando e Melody vinha empurrando. Quando a parte de trás de seus joelhos atingiu o colchão, Cláudia desabou.

– Tire a roupa, Cláudia – instruiu Paul calmamente enquanto Melody recuava um pouco.

Algo selvagem bateu no fundo do estômago de Cláudia. Ela sentiu um fluxo imediato de umidade tomar conta de seu sexo e soube que isso era uma reação instintiva à dominância não forçada e discreta de Paul. Em seu próprio meio, qualquer que fosse ele, Cláudia tinha certeza de que ele era um mestre, uma força poderosa, uma pessoa de decisão e autoridade; ele poderia não saber quem ou o que era essa pessoa ainda, mas as características primordiais tinham sido restauradas em sua personalidade. Ele estava

acostumado a ser olhado de baixo para cima, e esperava que se fizesse isso.

Sem falar, ela alcançou as costas e desabotoou a blusa simples de algodão que usava, seu pescoço e suas orelhas corando com a mesma cor ardente do tecido do sutiã que usava por baixo e que agora fora revelado. A cor cereja praticamente gritava que ela estava esperando experimentar sexo nessa noite. O sutiã era bastante apertado, e quando ela o soltou, os seios se derramaram para a frente como dois frutos maduros. De pé ao lado dela, Melody tirou a roupa de suas mãos, e sem uma palavra, estendeu a mão e acariciou seus mamilos.

Cláudia sentiu-se pressionada com uma tensão erótica intensa. Ela não ousava olhar para seus dois companheiros, mas tinha plena consciência de que ambos estavam observando cada detalhe de cada movimento que ela fazia. Soltando suas calças capri, primeiro ela atirou longe suas sandálias e então deslizou as calças para baixo, descobrindo a calcinha fio-dental que já havia baixado uma vez naquela noite, um pequeno pedaço de pano cereja que combinava com o sutiã atrevido. Ela estava muito consciente, quando a despiu, que a calcinha estava muito molhada.

– Deite-se agora – exortou Paul, chegando mais perto e inclinando-se sobre ela enquanto Cláudia obedecia. Seus olhos azuis brilharam com a excitação. – Coloque os braços para trás. Segure a grade da cama. Agora abra as suas pernas.

Cláudia teve uma boa noção do que estava por vir, especialmente quando sentiu que Melody mexia debaixo do travesseiro e, em seguida, a viu pegar um punhado de lenços de seda. Ela reconheceu todos os seus melhores lenços, comprados para combinar com seus trajes mais formais.

– Eu... Não tenho muita certeza disso... – disse ela, achando que ambos ainda esperavam um protesto simbólico.

– Nem nós – disse Melody, começando a arranjar os lenços –, mas, de minha parte, estou me divertindo muito à medida que avançamos.

*E quanto a você, desconhecido?*, perguntou Cláudia em silêncio, enquanto suas mãos estavam sendo amarradas com uma eficiência que sugeria que Melody possuía um talento natural para essas

coisas que ambas desconheciam. Paul olhava fixamente, apenas seus olhos cintilantes traindo a substância de sua paixão.

E se ele já estivesse acostumado com jogos desse tipo? Amarrar e insultar as pessoas para o seu prazer, e o prazer delas? Algo em seu jeito calmo sugeriu que tal atividade já lhe era familiar.

*Eu vou lhe devolver isso, você vai ver*, pensou Cláudia quase sonhadora enquanto suas pernas eram abertas ainda mais e então amarradas na grade ao pé da cama, não lhe dando nenhuma oportunidade de disfarçar quanto sua vulva estava molhada. Ela sentiu como se milhares de pares de olhos estivessem olhando para os sucos brilhantes que tinham se reunido – e estavam em perigo de transbordamento – em sua superaquecida ranhura. Parecia difícil de acreditar que havia apenas duas pessoas no quarto, além de ela mesma.

Fechando os olhos, ela se deliciava com a sensação de estar presa. Deu-lhe um estranho tipo de autonomia, de alguma forma. Isso a liberava de qualquer tipo de responsabilidade e do ônus de manter as

rédeas sobre suas próprias reações. Amarrada assim, ficava livre para se debater e gritar e berrar.

Como se Cláudia tivesse manifestado esse pensamento em voz alta, Paul olhou para ela, seus belos olhos se estreitaram. Dando passadas leves e rápidas, ele atravessou o quarto e foi até onde estava Melody, sussurrando depois em seus ouvidos. Seu rosto se iluminou com um sorriso diabólico perfeito, e ela olhou para Cláudia e riu.

– Paul, essa é uma ideia perfeitamente vergonhosa. Eu amo isso! – disse ela, ainda olhando para Cláudia, os olhos cheios de promessas ímpias.

– Bem, então mãos à obra com isso! – disse Paul rapidamente, passando a mão pelas coxas macias de Melody a partir de onde elas surgiam de seus shorts minúsculos.

– Encantada – disse ela, seus dedos delicados instantaneamente começando o trabalho de baixar o zíper dos shorts.

*Ei, o que ela está fazendo*, pensou Cláudia, em um pânico de antecipação sedutora. Várias sugestões sublimes e rudes vieram à mente e ela realmente não sabia qual delas preferia, ou mais temia.

Num piscar de olhos, os shorts jeans de Melody estavam no chão, e ela estava saindo de sua calcinha de cetim preto com a graça das longas pernas de uma supermodelo. Deixando-se ficar seminua, ela entregou a calcinha para Paul.

– Perfeito – disse ele de forma sucinta, e, de onde ela estava deitada, Cláudia pôde ver que a calcinha de Melody estava tão molhada de excitação quanto a dela.

Ao ver como ele compactava a delicada peça de roupa em um pacote muito pequeno, ocorreu-lhe exatamente a forma como ele iria usar isso, e, embora o pensamento a chocasse, ela sentiu uma nova explosão de desejo que estava muito perto do doloroso.

– Abra – disse Paul, acariciando seu rosto com a mão livre, mantendo a calcinha perfumada perto de sua boca. – Não tenha medo – sussurrou em seu ouvido. – É apenas parte do jogo. Se você realmente não gostar, eu posso tirar.

*Como ele me entende completamente*, pensou Cláudia, assombrada com a forma como ele cuidadosamente inseria a calcinha de Melody em sua boca. Ele sabe que eu quero aventuras, mas que isso tudo é novo para mim.

O gosto da boceta de Melody era salgado, quase marinho, mas ainda tinha uma qualidade estranhamente nova, como de mel. Ela era como um vinho de uma primeira safra; soberbamente complexo e persistente na boca. Seu aroma agitou a necessidade na própria carne de Cláudia.

*Eu o quero, ou eu a quero, tanto, tanto!*, chorou em silencioso êxtase. E não posso dizer isso a eles. Não posso instruir, não posso comandar. Devo esperar até que eles se dignem a conceder-me o prazer.

Ela começou a se mexer nas tiras que a prendiam, na verdade seu confinamento era tão estimulante como uma hora de íntimas carícias. Seu sexo pulsava e escorria, e ela podia sentir que estava se tornando irremediavelmente inchada e desconfortável; ela não queria se mover. Ela não queria revelar o grau extremo de sua necessidade a seus companheiros, mas não parecia haver nenhuma maneira de conter suas

contorções enérgicas.

– Paciência, minha doce Cláudia, paciência – murmurou Paul, deitado ao lado dela e liberando seu pênis inchado da braguilha da calça jeans. Ela quase desmaiou com luxúria frustrada quando ele pressionou a ponta de seu pau molhado contra sua coxa. – Você logo vai se sentir melhor – disse ele, esfregando seu membro para lá e para cá na superfície nua e sensível de sua pele. Seu fluido parecia queimar como fogo líquido.

– Ah, sim, minha querida – disse Melody, chegando mais perto e levantando a bainha de sua camiseta e atando-a firmemente em sua cintura. Com a parte inferior de seu corpo inteiramente nua, ela se apoiou no flanco de Cláudia, do lado oposto ao de Paul, e por um momento nada fez exceto chupar lenta e lascivamente seu dedo médio. – Logo vamos todos nos sentir melhor – continuou Melody, deslizando o dígito molhado por entre os lábios, e em seguida colocando-o com extrema precisão e delicadeza na encantadora fenda que se aninhava entre suas pernas.

*E quanto a mim?* , Cláudia desejou gritar com eles. Paul estava se deliciando com seu próprio prazer egoísta ao transar com sua coxa e Melody estava descaradamente se masturbando. E, enquanto isso, sua própria boceta estava doendo, esticada e chorando.

*Por favor! E quanto a mim?* Ela se enfureceu em silêncio quando primeiro um e depois o outro chegou ao clímax. *E quanto a mim? E quanto a mim! E quanto a mim?*

Mas, quando ela fechou os olhos e jogou a cabeça de lado, e seus quadris e coxas se contorceram com a frustração, ela sentiu os mesmos amantes sem coração começando a acalmá-la. Uma mão acariciou o peito e outra acariciou sua barriga, e depois de um segundo, um dedo encontrou seu clitóris...

Uivando dentro de sua mente, Cláudia teve o primeiro de uma série de orgasmos.

## **CAPÍTULO CATORZE**

### **TRISTAN EM APUROS**

*E me pergunte se você pode imaginar como eu passei a noite passada!* Era isso que pensava

Cláudia, examinando o seu bonito acompanhante no jantar.

Tristan Van Dissell era tão sedutor quanto Paul, à sua maneira, mas de alguma forma ela preferia agora os amantes de cabelos escuros do que aqueles louros, como ela mesma. Estudando cuidadosamente as madeixas loiras e arrumadas de Tristan enquanto ele examinava a carta de vinhos, como se sua vida dependesse disso, ela não conseguia deixar de ver a juba selvagem e encaracolada de Paul, mais negra com o suor enquanto ele a levava novamente ao orgasmo. Ou o cabelo de Melody, outra vez morena e em doce desordem enquanto a garota se agachava entre suas coxas e lambia sua vagina.

Oh, aquela tinha sido uma noite muito louca, e Cláudia ainda podia sentir pontadas em seus membros devido à luta para conseguir uma esmagadora onda de prazer. O fato de que seus dois amantes, especialmente Melody, pudessem ser capazes de realizar tantas coisas diabólicas veio como um choque para Cláudia, mas ela tinha aprendido, enquanto estava amarrada à cama, que era bobagem prejudicar alguém quando se tratava dos excessos da carne. Só de pensar sobre o que eles tinham feito quase a fez

gozar bem ali.

– Você está gostando? – perguntou Tristan alegremente, depois de pedir um vinho raro, suspeitou Cláudia, apenas para impressioná-la. – Eu sabia que você ia gostar daqui. Tem certa atitude, não acha?

Estou convencido de que é uma valiosa adição às nossas propriedades.

– Nossas propriedades? – perguntou Cláudia.

Ela lançou a Tristan um olhar longo e medido e pensou quanto ele devia estar com medo dela. Ele estava tramando alguma coisa, embora não percebesse que ela estava ciente disso, e seus nervos o estavam fazendo balbuciar e estragar sua suavidade habitual. Cláudia percebeu que, em circunstâncias normais, ele teria sido o epítome do habitante cosmopolita, neste cenário que ele mesmo havia sug-

erido, um restaurante anexo a um grande hotel que tinha recebido várias estrelas no *Guia Michelin*.

Era um estabelecimento que o próprio Gerald muitas vezes tinha manifestado interesse em comprar.

– Você sabe o que quero dizer – disse ele, estendendo a mão para colocá-la sobre a dela. – Vivo preocupado em manter o sucesso contínuo das empresas de Gerald, e eu me sinto tão próximo de você que tenho a tendência de ficar um pouco possessivo.

– E Richard também se sente possessivo? – disse ela, tornando-se consciente de que a palma da mão de Tristan estava quente, e que ele estava suando um pouco. O pobre rapaz realmente estava em apuros.

– Er... Sim, acho que sim – ele hesitou, brincando com seu copo de vinho. – Mas não exatamente da mesma forma que eu. – Fazendo uma pausa, ele pareceu tomar um fôlego profundo e metafórico para retomar um pouco de seu equilíbrio. Ele ofereceu a Cláudia um sorriso largo e juvenil. – Eu gosto de pensar que meu interesse é um pouco mais pessoal do que o dele.

– E ele é casado, é claro – observou Cláudia, estreitando os olhos para ele.

Ela se perguntou se Tristan diria alguma coisa sobre a ausência de Melody do lar conjugal dos Truebridge. Ele deve saber disso, decidiu, uma vez que ele e Richard tiveram de coordenar seus esforços.

Essa investida repentina parecia ter confundido Tristan novamente, e, no silêncio que se seguiu, Cláudia tomou um gole do vinho e considerou as 24 horas precedentes.

Após os extremos orgiásticos de sua noite juntos, agora ela confiava completamente tanto em Paul quanto em Melody. E, com o seu desconhecido, essa confiança transcendeu até mesmo a possibilidade de que ele não seja o que parece ser, e que ele possa estar escondendo sua verdadeira identidade.

Um sentimento profundo, quase primal, disse a Cláudia que mesmo que Paul, inicialmente, tivesse a intenção de enganá-la, ele não estava mais se inclinando nessa direção. Cláudia estava convencida de que ele estava de fato preocupado com o seu bem-estar.

E não apenas o bem-estar sexual dela. Ele parecia estar preocupado com os interesses financeiros dela, também.

*Você acha que pode me enganar com seus movimentos sorrateiros, não é, Tristan?* , perguntou ela silenciosamente àquele malandro que estava sentado à sua frente. *Você e Richard pensam que, porque não sou exatamente um gênio financeiro quando o assunto é dinheiro, vocês podem esconder o que quiserem em um balanço extremamente complexo.*

*Bem, pode pensar!*

Respondendo a Tristan com um receptivo sorriso do tipo *Estou adorando cada momento*, para mantê-lo inteiramente por fora, Cláudia pensou novamente na descoberta, feita naquela mesma manhã, da quase que milagrosa facilidade de Paul para lidar com números.

– Isso é muito difícil para mim... Acho – tinha dito seu amante, pensativo, estudando os documentos furtados do escritório do marido de Melody e as cópias impressas que tinham acabado de fazer de documentos armazenados no agora pouco usado computador de Gerald –, tenho a sensação de que esses cálculos financeiros não são realmente o meu ponto forte.

No entanto, enquanto ela e Melody lutavam para decifrar os dados no computador, concluindo que era praticamente impossível fazer isso, muito menos descobrir qualquer anomalia habilmente in-corporada ali, Paul trabalhou em silêncio e em furiosa velocidade, usando apenas um bloco de notas, um lápis e seu cérebro.

De tempos em tempos, durante os seus trabalhos, ela lançava olhares para ele, fascinada por sua completa absorção no que estava fazendo. Cláudia nunca tinha visto um rosto tão calmo e composto; na verdade, ele parecia mais sereno enquanto se debruçava sobre os papéis de seu falecido marido, e agora sobre sua situação financeira, do que jamais esteve em outros momentos. Seu rosto tinha uma expressão relaxada e quase pós-orgástica, que ela avaliou como sendo absolutamente desejável.

*Será que ele é um daqueles homens que fazem contas na cabeça para evitar gozar cedo demais?* , pensou Cláudia alegremente. Havia uma certa malícia em imaginar aquela mente brilhante operando em algum alto nível enquanto o corpo que a abrigava se contorcia e pulava em um encontro sexual frenético.

No mesmo instante em que ela pensou isso, Paul olhou para cima de repente e sorriu conscientemente para ela. Será que ele tinha lido sua mente, como muitas vezes parecia fazer? Não pareceu que fosse isso.

– Eu encontrei algo – disse ele, folheando várias páginas através de seu bloco. – Para falar a verdade, encontrei algumas coisas. – Aqui. Aqui e aqui – apontou ele ao se juntar a Cláudia e Melody no computador, comparando o que viu lá com o que ele havia descoberto.

Não que ela tivesse compreendido totalmente o que tinha sido feito, ou como, Cláudia percebia agora, voltando para o presente e para o apreensivo Tristan. Mas Paul tinha prometido documentar as fraudes para ela de uma forma que pudessem ser apresentadas a um auditor financeiro independente.

Ela agora possuía uma arma poderosa disponível, se escolhesse empregá-la. No mínimo, a reputação comercial de Richard Truebridge e Tristan Van Dissell seria aniquilada, e, caso ela insistisse no assunto, os dois poderiam muito bem ser obrigados a enfrentar graves acusações.

– Sobre as novas aquisições propostas... – começou Tristan, fazendo Cláudia sorrir com sua seriedade.

Ele estava, para sua sorte, inconsciente da iminente catástrofe que pairava sobre sua cabeça, ou do domínio que ela logo teria sobre ele, caso decidisse lhe dar uma segunda chance. Dos dois, Richard Truebridge era o venal, o instinto lhe dizia que Tristan era simplesmente uma pessoa desinformada.

– Não vamos falar de negócios hoje, Tris – disse Cláudia, interrompendo-o quando ele parecia prestes a lançar-se em outro complicado papo para detalhar suas propostas. – Faz bastante tempo que não saio para jantar, e eu quero me divertir. Eu quero um pouco de diversão! – declarou. – Nós dois sabemos que Gerald não queria que eu me tornasse uma velha viúva obcecada por sua causa.

*Isso foi um pouco exagerado*, disse Cláudia a si mesma, saboreando a chama da esperança nos olhos castanhos de Tristan. Mas que diabos! Então as observações de Melody sobre o interesse de Tristan nela eram obviamente verdadeiras. O fato de que ele a desejava foi escrito claramente no leve rubor de suas maçãs do rosto. E ele provavelmente estava duro dentro de sua cueca. Ela lhe deu um sorriso lento e sedutor por conta desse pensamento.

– Você tem razão, Cláudia, claro que tem – respondeu ele, impressionando-a ao retomar sua atitude possessiva. – O que você acha de esquecermos o vinho e eu pedir champanhe? Poderíamos fazer um brinde, então, à diversão... E, talvez, a uma relação não empresarial?

– E o que você me diz de esquecermos o jantar de uma vez e ver se este hotel tem um quarto vago que seja decente?

O queixo de Tristan caiu e ele ficou olhando para ela de boca aberta, exibindo seus dentes brancos e nivelados. Ele, obviamente, não esperava que ela estivesse dois passos à frente dele.

– Bem... Eu... Na verdade – começou ele, sua gagueira estudantil soando estranhamente atraente.

– Eu tomei a liberdade de reservar uma suíte para nós – um rubor brilhante subiu até a linha de seus cabelos dourados. Cláudia quase podia saborear o desgosto que ele sentiu ao se mostrar tão deselegante assim diante dela. – Er... Só para que pudéssemos conversar em particular, se necessário... – ele insistiu, e ela se perguntou se ele realmente achava que ela fosse acreditar numa desculpa tão brega assim.

Ela lhe deu um olhar com as sobrancelhas arqueadas, como se dissesse: “Que pitoresco”, e então se levantou de sua cadeira, sem nenhum aviso, e pegou sua bolsa.

Por um momento, os olhos de Tristan pareceram arregalar de horror. Claramente, ele estava com medo de que tivesse dado um fora e que Cláudia pudesse ter ficado afrontada por sua suposição de que ela queria ir para a cama com ele. Cláudia estendeu a tortura, mantendo seu rosto perfeitamente impassível, não demonstrando nem calor e nem desagrado, simplesmente ficou ali, alisando a saia em um gesto que não dava nenhuma indicação se ela iria embora ou ficaria.

Tristan levantou-se também. Ele parecia prestes a dizer algo, mas mudou de ideia rapidamente.

Cláudia riu por dentro. Ela havia conseguido fazer com que ele regredisse para a infância. Ela manteve essa pausa por um pouco mais de tempo, e em seguida, virou-se, olhando por cima do ombro para ele.

– Bem, se vamos mesmo adquirir este hotel, Tristan, parece uma boa ideia verificar as acomodações.

Sem dizer mais nada, Cláudia atravessou o restaurante, sentindo um grau satisfatório de interesse de outros clientes, principalmente os do sexo masculino. Ela não tinha dúvida de que Tristan a estava seguindo, acompanhando seus passos como um filhotinho devotado, mas que tinha acabado de ser castigado por uma travessura.

No lobby, também, o radar feminino de Cláudia discretamente captou olhares de admiração. Ela teve prazer em recebê-los, porque fizera um esforço deliberado para deslumbrar nessa noite; usando cada fragmento de sua habilidade com roupas e estilo e maquiagem para criar uma imagem que pegaria Tristan de surpresa.

Um pretinho básico. Essa descrição era inadequada para uma roupa que poderia causar tal impacto. Cláudia tinha pagado mais por esse pretinho básico do que muitas mulheres gastam em roupas durante um ano, mas o talhe superior e o estilo que ele possuía bem valiam o custo absurdo. Elegantemente confortável no corpete, as mangas descobriam apenas o suficiente do ombro para mostrar sedução sem ser ostensivo, e a saia ligeiramente alargada na base era galanteadora sem ser em-

baraçosamente juvenil. Com um comprimento perfeitamente aferido na altura dos joelhos, e usado com sapatos de salto fino de camurça preta que eram altos, mas não exagerados, o traje a fazia parecer encantadora a cada centímetro. Um colar de diamantes de uma volta, presente de Gerald, era a nota superior que dava o brilho final ao seu fascínio.

E ela viu uma evidência inequívoca da precisão de sua avaliação nos olhos de Paul, que tinham se mostrado quase selvagens de desejo quando ela o havia deixado. Cláudia não achava que ele estivesse com ciúme, ou pelo menos fora o que Paul garantira, mas ela não tinha dúvida de que ele teria gostado de transar com ela enquanto estivesse usando aquele vestido.

Pensar em Paul enquanto subia com Tristan no elevador forrado de espelhos forçou-a a deixar escapar um pequeno sorriso de satisfação. A existência de seu desconhecido foi só uma coisa a mais para confundir Tristan.

Ela deliberadamente convidara Tristan para entrar quando ele chegou para buscá-la, e também

deliberadamente garantia que Paul estivesse visivelmente em evidência durante todo o tempo, vadiando no sofá, descalço e com um copo de vinho à mão, escutando uma sonata de Schubert, como se vivesse na casa havia anos. Tinha ficado óbvio, então, e continuava óbvio agora, que Tristan estava quase estourando para saber quem era aquele desconhecido na casa de Cláudia, mas, para mantê-lo inseguro nesse assunto, Cláudia não tinha dado nenhuma explicação. Quando eles se aproximaram da suíte, ela quase podia ouvir suas perguntas interiores.

Ela também ficara imaginando se Tristan suspeitava que Melody estivesse com ela também. Era improvável que Tristan não soubesse que a esposa de Richard Truebridge o tinha deixado, mas Cláudia sentiu que seria mais prudente manter o paradeiro de Melody em segredo. A garota ficara fechada em seu quarto durante a breve visita de Tristan.

A suíte era suntuosa, como era de se esperar, quase clichê em sua ambientação provocativa. Embora estivesse saboreando completamente sua atmosfera inegavelmente sensual, Cláudia teve de rir do fato de seu acompanhante ser tão óbvio.

Tristan pareceu alarmado.

– Tem alguma coisa errada? – disse ele, servindo o champanhe que tinha acabado de chegar e derramando um pouco na polida bandeja de prata.

– Bem, não é exatamente sutil, não é? – Cláudia recebeu a taça dele e tomou com completo prazer um gole do delicioso vinho seco. – Se a ideia é que fôssemos *conversar* – e ela enfatizou a palavra fortemente – , eu teria pensado em uma suíte com uma sala de reuniões, ou pelo menos uma sala de estar. Teria sido melhor.

Tristan engoliu seu vinho e moveu-se rapidamente para ela.

– Eu acho que nós dois queremos muito mais do que conversar. – Tentando recuperar o terreno, ele passou os braços em volta de Cláudia, mas, ainda segurando a taça, ela conseguiu se esgueirar dele.

*Um cordeirinho*, disse ela a si mesma, servindo-se de mais champanhe em sua taça e lançando a Tristan o que ela esperava ser o seu mais enigmático olhar.

Qualquer fachada de autoconfiança que Tristan havia construído para si mesmo agora começara a desmoronar. Ele parecia nervoso, o rosto ruborizado e perdido.

– Mas o que está acontecendo? – perguntou Tristan. – É ele? O cara com o cabelo desalinhado?

Aquele com os pés em cima de seu sofá, bebendo o vinho de Gerald?

– Meu vinho – disse Cláudia suavemente. – E a presença de Paul em minha casa não tem relevância para a minha presença aqui.

– Mas quem é ele? Não pode ser alguém que você conheceu através de Gerald.

Tristan estava se movendo em direção a ela novamente, mas ainda estava inseguro e hesitante.

Um olhar de frustração começou a se formar em seu rosto encantador.

– Não, Paul é um amigo mais recente. Alguém que eu conheci há pouco tempo, que precisava de um lugar para ficar. Eu tenho muito espaço. Levei-o para minha casa. Fim da história.

Foi uma explicação absurdamente simples, mas ela não tinha a intenção de elucidar mais nada além disso. Cláudia também estava começando a se sentir frustrada – mas não exatamente da mesma forma que Tristan.

– Mas...

– Se você não parar de meter o nariz em assuntos que não lhe dizem respeito, irei embora imediatamente.  
– Ela fez com que sua voz soasse aguda e peremptória, mesmo sabendo que isso era uma jogada de risco. Tristan poderia não estar tão obcecado por ela como Melody afirmara.

Mas sua jogada surtiu efeito. Tristan baixou a cabeça e pareceu arrependido.

– Sinto muito, realmente isso não é da minha conta.

Dentro de seu corpete, Cláudia sentiu os mamilos formigarem e endurecerem.

– Não, não é – retrucou, escolhendo com cuidado o tom certo, apesar de seu corpo estar quase cantando agora e sua vagina estar ficando cada vez mais úmida. – Acredito que você e eu temos outros negócios a tratar. Certo?

Ela o olhou no mesmo nível, de pé em seus sapatos estilo “foda-me”. *Eu sou uma deusa, pensou, no pleno esplendor de minha privilegiada maturidade.*

Tristan engoliu em seco, seu rosto e sua linguagem corporal exibindo medo e florescente excitação em medidas iguais. Em sua virilha havia uma protuberância claramente perceptível.

– Mas, eu pensei...

– Pensou o quê? – perguntou Cláudia, fazendo com que fosse sua vez de se aproximar do homem.

Tristan, ereto, mas apavorado, recuou.

– Eu não sei – murmurou ele. – Eu não sei.

– E eu suponho que você também não saiba exatamente como Richard Truebridge está planejando me fraudar, certo?

Ainda recuando, Tristan caiu deselegantemente sobre a cama, com o rosto exibindo uma imagem ferida de culpa e desejo. Ele abriu a boca, Cláudia presumiu, para proferir uma espécie de negação, mas logo a fechou. Ela percebeu que, no fundo, ele não queria enganá-la e que nunca realmente pre-tendera isso. A verdade era que Truebridge parecia ter um talento especial para enganar as pessoas que deveriam ter pensado melhor antes de manter relações com ele.

– É impossível negar – disse Cláudia mais suavemente, sentando-se ao lado dele. – Eu tenho uma análise do último relatório de números e projeções. – Ela estendeu a mão, tocou sua bochecha quente, e arrastou as unhas levemente para baixo. – Eu acho que nós dois sabemos que poderíamos parar a coisa toda agora

mesmo, e deixar todo mundo escapar ileso... – Ela pegou seu lábio inferior com o dedo mindinho e apertou. Um músculo saltou e sofreu um espasmo abaixo do queixo. – Ou poder-

íamos prosseguir, e as consequências seriam terríveis. – Aquela ameaça agradou Cláudia quando ela percebeu que poderia trabalhar em vários níveis.

– Sinto muito – disse Tristan, seus dedos apertados e fechados na mão.

Para a diversão de Cláudia, ela pôde ver a expansão do pênis dentro das calças. Aquele estado de perigo parecia apenas disparar ainda mais a sua excitação. E ela também ficou impressionada com o fato de ele não negar nada.

– O que posso fazer para compensar isso? – perguntou ele, parecendo agora mais recomposto depois que sua fraude tinha sido descoberta. – Farei tudo o que quiser, se você me perdoar. – Ele endireitou o corpo e pareceu se recompor ainda mais. – Olhe, deixe-me trabalhar exclusivamente para você. Apenas com um salário nominal. Deixe-me provar que eu posso ser de alguma utilidade para você. Que posso ser fiel...

– Bem, não acho que o salário precise ser tão nominal – respondeu ela, depois de um longo hiato durante o qual ficou olhando nos olhos dele de maneira implacável. – Mas eu tenho outras expectativas em relação a você, Triss.

– Pode ser qualquer coisa, basta me dizer! – Ele estava sorrindo de novo, movendo-se em sua direção.

Cláudia estendeu a mão e apertou-a contra o peito dele, fazendo-o manter sua distância. Sua clareza mental aumentando, ela continuou a sustentar o olhar:

– E eu preciso dizer? – perguntou ela, olhando por trás dos cílios baixos por apenas um instante.

Para crédito de Tristan, ele pareceu entendê-la. Ele ficou parado onde estava, esperando receber as novas instruções.

– Abra as calças e coloque seu pinto para fora – instruiu Cláudia muito calmamente. – Gostaria de ver se isso vai compensar o meu tempo.

Com os olhos baixos, Tristan imediatamente desafivelou o fino cinto imitando couro de lagarto e depois teve pouco trabalho para baixar as calças. Abrindo facilmente sua cueca boxer, ele expôs a Cláudia uma ereção prodigiosamente rígida.

*Ah, sim, isso vai me servir muito bem*, pensou Cláudia, ligeiramente surpresa pela natureza desapaixonada de seu próprio pensamento. Este seria o pênis que ela desfrutaria quando Paul fosse embora, como ele certamente faria assim que sua história passada viesse a ser restaurada em sua mente.

Cláudia ainda iria precisar de um homem para satisfazer os fogos internos que o desconhecido havia atizado nela; um homem que lhe fosse cômodo e atraente, que estaria sempre disponível para ela não apenas por causa de suas obrigações, mas também porque realmente a desejava.

*Eu não sou apenas uma lésbica*, pensou Cláudia, observando uma gota de esperma na ponta do pau de Tristan. *Eu tenho Melody, e talvez Beatrice, também, com quem me divertir, mas elas não são o suficiente, eu sei disso.*

Uma das coisas que elas não poderiam lhe proporcionar estava ali, a poucos centímetros de seu alcance. Ela podia lidar com ele agora, se quisesse; deliciar-se com o brinquedo que sua perfídia tinha mais ou menos colocado à sua disposição. Mas, para o momento, ela escolheu não fazer isso. Havia mais caminhos tortuosos para comprometê-lo com Cláudia, e que ela poderia usar.

– Masturbe-se para que eu assista, Tristan – disse ela, mantendo sua voz aveludada. Ele era sua criatura agora, não havia necessidade de gritar com ele. – Mostre-me o que você faz quando está sozinho. Quando está pensando em uma mulher que você deseja, mas com quem não pode estar.

Ela colocou a mão sobre a coxa de Tristan, perto de seu pênis nu e de sua própria mão trêmula, esperando que ele pudesse ler sua implicação tácita. Aquela mulher dos sonhos podia muito bem ser ela!

Tristan olhou para Cláudia, como um último apelo por seu respeito próprio, mas ela sacudiu a cabeça levemente. Ele flexionou os dedos e, em seguida, colocou-os em sua carne.

Não é bem o selvagem elegante que Paul é, pensou Cláudia, observando o punho de Tristan fazendo movimentos curtos e enérgicos. Ela se perguntou se ele estava tentando fazer aquilo o mais rapidamente possível, a fim de passar vergonha o mínimo possível, e ela fez um pequeno som de desaprovação com a língua.

– Você não está competindo contra ninguém, Tris – lembrou a ele friamente. – Faça um esforço e tente ser mais... “artístico”, se puder...

Tristan passou a língua nos lábios, como se fosse um menino concentrando-se ferozmente, e o ritmo de sua fricção tornou-se menos frenético. Mudando ligeiramente de lugar na cama, ele ajustou a posição de suas bolas, presumivelmente, e em seguida fechou os olhos como se com isso pudesse tornar seus esforços um pouco mais zen...

– Assim é melhor – estimulou Cláudia, começando a se encantar por ele. Ela sempre teve suas suspeitas de que Tristan tinha lá suas possibilidades.

– Deite-se – ela insistiu, empurrando os ombros dele enquanto o jovem continuava a manipular sua masculinidade. – Assim – disse Cláudia, enquanto ele se acomodava de costas. Suas pernas finas e longas, em seu belo terno de alfaiate, já estavam bem esticadas.

– Melhor! – elogiou Cláudia. – Muito melhor!

Ele estava lidando com seu pênis de uma maneira bem mais delicada agora, segurando a glândula entre o indicador e o polegar e massageando mais do que empurrando e puxando. A precisão do movimento destacou suas excelentes dimensões.

– Muito, muito melhor – disse ela, molhando a ponta de um dedo e tocando a longa e tensa extensão. Tristan engasgou e arreganhou os dentes, mas não vacilou.

*Bom trabalho!*, elogiou Cláudia silenciosamente, deslizando o dedo levemente para cima e para baixo sobre ele, e em seguida deixando-o escorregar, bem lá embaixo, para buscar suas bolas. Mais

uma vez, Tristan puxou o fôlego e pareceu prestes a protestar, mas manteve a linha, ainda circulando seu dedo polegar na cabeça do pênis. Cláudia agarrou seus testículos e ele sussurrou: – Oh!

*Tudo isso agora é meu, está sob meu comando*, pensou Cláudia, quase rindo em voz alta por conta de seu capricho. Por um erro de julgamento, Tristan tinha lhe dado o domínio de seus órgãos genitais.

Ela se viu sonhando que tivesse ordenado que ele vestisse algum tipo de arreio, e que esse arreio fosse usado sempre, para lembrar Tristan de sua própria estupidez e para que tivesse sempre em mente a quem ele agora devia obediência total.

Quando ela tocou seu períneo, ele se contraiu na cama, sua mão subindo com seu pau enquanto os quadris sacudiam. Seu pênis estava muito vermelho, dolorosamente duro e desenfreadamente dilatado. Ela sentiu que a qualquer momento ele estava susceptível a ejacular. Ao retirar sua mão, Cláudia falou com ele com firmeza.

– Agora, chega. Deite-se, com as mãos ao lado do corpo.

– Mas...

Ela o sufocou com um beijo rápido, fogo, pressionando sua virilha ao quadril do rapaz, meio torcida sobre ele. Era o momento de ele se manter firme ali enquanto a mulher seguia em frente.

Afastando-se um pouco, ela sussurrou:

– Feche os olhos – e seus surpreendentemente longos cílios negros piscaram.

Lançando-se sobre a cama, a uma certa distância, Cláudia se deitou e abriu suas pernas sob o suave tecido de sua anágua, que eram de rede para dar um pouco de volume à saia levemente juvenil.

Então, umedecendo o mesmo dedo que tinha percorrido o comprimento de Tristan, ela estendeu a mão para dentro de sua calcinha e encontrou seu clitóris.

– O que você está fazendo? – resmungou Tristan, parecendo desesperado.

– Silêncio! Não é de seu interesse – respondeu Cláudia, fazendo o seu melhor para manter a voz equilibrada mesmo enquanto delicadamente pressionava o centro de seu prazer. Virando-se de lado, ela viu uma expressão de extrema tensão e excitação no rosto de Tristan, e foi tanto isso quanto seus dedos que fizeram com que ela gozasse.

Apertando a mandíbula contra seus gritos e fechando as pernas em torno de sua mão, Cláudia lutou com todos os músculos para não reagir às ondas de excitação. Ela queria, em cada fibra de seu corpo, liberar tudo e deleitar-se com as sensações maravilhosas, mas fazer isso seria revelar muita coisa a Tristan. Em vez disso, ela preferiu conter a felicidade dentro de si.

Levou o que pareceu uma eternidade para Cláudia poder recuperar seu equilíbrio, e, mesmo quando ela se sentou, ainda sentiu os tremores do clímax. A expressão no rosto de Tristan estava ainda mais tensa, quase que um olhar de agonia, e ela teve um pressentimento de que ele estava plenamente consciente daquilo que tinha acontecido. Seu pênis se mostrava ainda mais duro do que antes, como se isso fosse possível.

*Mas isso é só o começo, meu menino*, pensou ela com carinho quando deslizou para seus pés, ao lado da

cama, e jogou sua calcinha para longe.

Durante a hora seguinte e mais um pouco, Cláudia garantiu que Tristan Van Dissell fosse tanto para o céu quanto para o inferno. Enquanto ele lutava para ficar imóvel, sem a assistência dos lenços

que ela tinha apreciado tanto em suas relações com Paul e Melody, Cláudia fez uso daquele belo corpo masculino muito descaradamente.

– Se você gozar antes de eu permitir, Tristan, posso começar imediatamente um processo legal contra você – brincou ela, de cócoras sobre ele, o pênis alojado profundamente dentro dela. Uma lá-

grima rolou pelo rosto dele enquanto os músculos internos da mulher o apertavam.

Mas ele a impressionou. À sua maneira, Tristan tinha excelentes qualificações como amante. Ele era forte, era bonito, cuidava bem de seu corpo e, embora sem a mística selvagem e a óbvia inteligência de seu enjeitado Paul, agora que ele estava completamente dominado, Tristan fez tudo o que era humanamente possível em seus esforços para acalmá-la. O seu grau de autocontrole sexual era prodigioso, e, apesar de ela atormentá-lo, ele conseguiu não chegar ao clímax antes que Cláudia ordenasse, o que foi um pequeno milagre se considerarmos a ferocidade com que ela o montou.

E mesmo quando ele já estava exaurido, ainda se mostrava mais do que disposto, com lábios e língua, a chupá-la e lambê-la até o clímax, novamente e novamente. Cláudia não conseguira pensar em nenhuma forma mais pura de expressar a superioridade natural da mulher do que sentar em cima do rosto em êxtase de um homem doce e jovem.

Quando ela estava pronta para deixá-lo, ela o torceu como uma roupa bem usada numa máquina de lavar. Ele ficou deitado na cama, com as mãos nos quadris, desprovido de toda a força, enquanto ela apresentava as suas instruções finais – aspectos práticos que pareciam banais após a loucura que tinha acabado de compartilhar.

– Se você pode fazer tudo isso por mim, Tris... Bem, certamente vamos ter de jantar de novo.

Seu gemido foi abafado, com uma expressão de cansaço, mas ela não tinha a menor dúvida de que ele tinha ouvido e entendido. Seguindo as ordens de Cláudia, ele iria obstruir os planos de Richard Truebridge.

Cláudia sentiu vontade de rir enquanto ia para casa de táxi. O que poderia ter sido um problema terrível e um terrível insulto à memória de seu falecido marido, fora contido antes mesmo de ter realmente começado. E não só isso, ela tinha adquirido ainda mais um para sua série de jovens amantes.

*Você ficaria orgulhoso de mim, Gerald, meu amor*, ela murmurou, arranjando-se no banco do táxi, tentando manter a espessura de suas saias debaixo dela, porque, quando vira sua calcinha pela última vez, ela estava envolta ao redor do pênis em riste de Tristan.

E a mais doce cereja no topo desse bolo delicioso foi o fato de, por mais inacreditável que pudesse parecer, ela não sentir o menor traço de culpa – por conta de ninguém.

Cláudia se perguntou se teria se sentido assim se ainda estivesse casada com Gerald, mas nenhuma situação semelhante tinha aparecido. Todas as suas principais mudanças internas tinham acontecido com

o advento de Paul em sua vida. Ele tinha ativado a mulher de alguma forma; Cláudia se vira aberta para novos eventos, possibilidades e pessoas de uma forma que ela duvidava que o próprio Paul compreendesse.

Sim, ela pensou, sentindo um tremor de desejo renascer, apesar de tudo o que ela tinha acabado de fazer Tristan passar. Seu belo desconhecido tinha muita coisa para esclarecer, e ela só esperava que, quando Paul fosse embora, aquele poder que a transformara não fosse embora com ele.

## CAPÍTULO QUINZE

### CONVITES

– Beatrice Quine telefonou. Ela quer que você e Paul compareçam a uma festa fantasia... Ela

acha que isso pode ajudá-lo a se lembrar de quem ele é.

Num primeiro momento, Cláudia não conseguia pensar em uma coisa tão menos apropriada do que isso para ajudar Paul a recuperar a memória. Um baile de máscaras regado a bebidas seria cansativo e confuso, a última coisa de que ele precisava durante a recuperação.

Mas, novamente, ele não usava uma roupa extravagante quando apareceu na porta de sua casa?

Talvez esse baile de Beatrice pudesse funcionar como um gatilho? Empurrá-lo para trás, para antes de seu trauma, para a última vez que tinha vestido seu traje eduardiano? Talvez ela estivesse subestimando a sabedoria profissional de Beatrice Quine, refletiu Cláudia com um sorriso.

– Ela ligou agora? – disse Cláudia, observando Melody, que parecia ter esperado por ela e estava encantadora num roupão de cetim creme listrado. – E o que Paul disse sobre a ideia?

– Bem, pouca coisa, na verdade – respondeu Melody, torcendo uma mecha de seu cabelo escuro entre os dedos, o rosto um retrato clássico de evasão.

Cláudia se perguntou o que estava acontecendo no momento do telefonema, e descobriu que, assim como ela não se sentia culpada por sua própria conduta naquela noite, também não se sentia ciumenta com o que quer que Paul e Melody pudessem ter feito juntos. Afinal, ela sussurrou-lhe, antes de sair: “Seja gentil com Melody”.

Decidida a não pressionar muito sobre o tema, ela perguntou:

– E onde está Paul agora, falando nisso?

– Ele ficou muito sonolento de repente – respondeu Melody, ainda bastante vaga. – Paul diz que isso costuma acontecer com ele. Foi para a cama há cerca de uma hora. Ele não conseguia manter os olhos abertos – agora era o robe de seda que foi puxado e torcido.

Cláudia sentiu seu coração se contorcer com compaixão. Melody tinha sofrido muito com o porco de seu marido para ser consumida agora pela culpa e pelo remorso. Especialmente quando Cláudia mesma se sentia sem vontade de culpar ninguém.

– Está tudo bem, garota – disse ela, tocando suavemente o rosto de sua amiga-amante. – Eu não me importo nem um pouco. Eu também banquei uma menina má com Tristan, portanto, você não tem nada a censurar quanto ao que fez ou deixou de fazer.

O sorriso brilhante de Melody demonstrou seu alívio. Ela deu um suspiro, e seus doces seios arredondados se mexeram de modo intrigante sob a seda de seu robe. Cláudia quase suspirou, sentindo uma fisgada renovada de interesse. Foi bastante alarmante sentir desejo novamente, e tão rapidamente; fazia menos de uma hora desde que ela havia saído de sua orgia com Tristan.

– Foi muito má? – perguntou Melody.

– Oh, absolutamente terrível! Abominável! – respondeu Cláudia com um floreio. – Vou te contar tudo o que aconteceu quando eu sair destes trajes – e indicou seu vestido de noite e seus saltos altos e meias. – E daí você pode me dizer o que fez com Paul.

– Hum... O que ele fez comigo, na verdade... – disse Melody, mantendo a voz baixa, enquanto seguia Cláudia ao subir as escadas.

*Ela está olhando debaixo do meu vestido?*, se perguntou Cláudia, quando chegou ao patamar superior. Deve ser um grande espetáculo, com meias rendadas, ligas – e sem calcinha.

– Mmm... Excelente – murmurou Cláudia, virando-se para dar a Melody seu sorriso mais conspiratório.

O rosto de Melody estava corado, e parecia bem provável que ela estivesse mesmo olhando.

Uma vez no quarto, Cláudia tirou os sapatos de salto alto. Eles eram surpreendentemente confortáveis e tinham exercido certo poder sobre o pobre do Tristan, mas passar várias horas neles certamente era o suficiente. Era delicioso sentir o tapete sob os dedos dos pés, e, para obter o máximo disso, Cláudia rapidamente arrancou suas meias de seda, notando um desfiado enorme nelas que a fez sorrir. Será que Tristan tinha estragado suas meias com os dentes? Isso era algo que o rapaz iria se arrepender muito de ter feito quando se encontrassem da próxima vez.

– Você poderia abrir o zíper, por favor? – pediu, apesar de saber que seu vestido era muito fácil de tirar. Ela estava de repente com muita vontade de sentir as mãos de Melody em seu corpo.

Lentamente, oh tão lentamente, a jovem deslizou o zíper, em seguida, pegou o vestido assim que ele escorregou para baixo, seu tecido deslizando suavemente no corpete de cetim preto que Cláudia usava por baixo para criar uma silhueta elegante e esbelta. Antes de o vestido alcançar seus pés, Cláudia sentiu lábios macios acariciando seu ombro nu.

– Você é tão linda, Clau – murmurou Melody, com a respiração quente. – Eu sempre pensei isso de você. Eu só não sei bem por que não percebi quanto esse sentimento era forte.

– Obrigada! – disse Cláudia, da forma mais simples, desfrutando do contato sedutor da boca de sua jovem amante. Quando Melody se afastou, Cláudia saiu do vestido e deixou-o ser levado e colocado em uma cadeira.

A jovem riu.

– Oh Clau, onde raios você deixou a sua calcinha?

Cláudia riu também.

– Envolvida ao redor do pau de Tristan Van Dissell... Pelo menos, foi lá que a vi pela última vez.

– Você é mesmo uma garota má, não é? – disse Melody com um suspiro feliz.

Cláudia assentiu com a cabeça, profundamente consciente da nudez de seu púbis. Ela gostava do sabor picante de ter metade de seu corpo coberto e a outra parte completamente nua, mas ela também estava consciente da constrição que aquele corpete exercia.

– Venha, menina, seja útil! Solte isso para mim também – disse ela rapidamente.

– Eu gostaria que você continuasse nele. Fica tão linda assim, do jeito que está vestida.

– Talvez eu faça isso – disse Cláudia, encolhendo os ombros – Contudo, acho que é um pouco demais para o meu velho corpo indisciplinado depois de todas essas horas.

– Você tem um corpo perfeito – disse Melody, obedientemente aplicando-se a abrir os ganchos e ilhoses.

Cláudia quase podia sentir o olhar de sua amiga queimando suas nádegas nuas, que se mostravam por debaixo da barra do corpete. Por um momento, o desejo quase lhe provocou tonturas, especialmente quando Melody manipulava os ganchos mais baixos e ficou de joelhos, com o rosto a poucos centímetros de Cláudia. Quando o corpete foi aberto e caiu, Melody roçou sua bochecha contra as nádegas de Cláudia, fazendo um gesto fugaz tanto afetivo como sexual.

– E você cheira a sexo – continuou Melody, levantando-se de novo, deslizando as mãos ao redor da cintura de Cláudia e para baixo, ao longo de seu ventre.

Cláudia pegou as mãos de Melody e trouxe-as para junto das suas.

– Isso mesmo. É por isso que preciso me lavar ou tomar uma ducha antes que isso vá mais longe.

Melody fez um pequeno som de impaciência que parecia indicar que ela não se importava muito com isso, mas, por mais satisfatório que seu encontro com Tristan tivesse sido, Cláudia se importava com o fato de que ele mantinha o seu cheiro e a sua aura sobre ela. Melody era muito nova para ser manchada dessa maneira.

– E primeiro – disse Cláudia firmemente, girando e tocando seus dedos no próprio rosto, e na maquiagem que tinha resistido surpreendentemente bem – eu preciso me livrar disto. Fazia muito tempo que não usava essa pintura de guerra, e estou começando a me sentir como se estivesse com uma máscara.

– Deixe-me ajudá-la – disse Melody, indo até a penteadeira e voltando com demaquilante, algodão e uma caixa de lenços de papel. Colocando tudo isso na cama, pegou a mão de Cláudia e a forçou a sentar-se a seu lado.

– Eu não preciso de um robe, de uma roupa? – sugeriu Cláudia, prestes a concordar.

– Você está com frio?

– Nem um pouco.

– Bem, e então?

– Tudo bem! – disse Cláudia, penteando com seus dedos os cabelos e os puxando para trás.

Havia algo extremamente íntimo em ter o seu rosto limpo e cuidado por outra pessoa, uma proximidade especial, mais do que apenas sexual, e que ficava mais destacada por seu estado: vulnerável e nua. As ações de Melody eram muito suaves e leves enquanto aplicava a loção.

– Você ia me contar sobre Tristan – lembrou Melody, seus dedos fazendo círculos pequenos ao longo de sua mandíbula. – Você acha que o assustou o suficiente? Eu gostaria de pensar que todos os planos e esquemas de Richard terão terminado daqui em diante.

A sensação de estar sendo massageada, porém castamente, era sublime, e Cláudia estava tentada a ronronar em vez de responder.

– Bem, eu não sei bem se o assustei – disse ela, levantando os ombros em apreço. – Mas acho que é altamente improvável que venha a ter qualquer problema com ele envolvendo finanças a partir de agora – respondeu ela, sorrindo lentamente, e os dedos de Melody massagearam os músculos do seu rosto. – Ou envolvendo qualquer assunto, realmente.

– Eu disse que ele adorava você – disse Melody presunçosamente, começando a passar a emulsão cremosa no rosto de Cláudia.

– Bem, eu não sei como ele se sentia antes de hoje à noite – disse Cláudia, quando o lenço de papel deslizou delicadamente sobre sua pele –, mas acho que é bastante seguro dizer que ele gosta mais de mim agora.

– Então, o que foi que você fez que o colocou em seu lugar? – perguntou Melody, claramente interessada em ouvir.

Cláudia refletiu sobre a hipótese de editar um pouco seu relato, mas logo decidiu que Melody merecia mais. Mesmo que ela nunca houvesse falado de forma tão livre e explícita antes em sua vida, exceto às vezes com o marido Gerald, Cláudia delineou para a amiga sua mais recente aventura erótica, em todos os detalhes.

– Nossa! Você é incrível – disse Melody, quando Cláudia terminou.

A jovem estava respirando pesadamente e as pupilas de seus olhos estavam dilatadas; se não tivesse ficado excitada antes, ela certamente o estava agora. Cláudia não conseguia imaginar uma visão mais agradável. Os mamilos duros de Melody estavam pressionados contra a seda pálida de seu robe, e ela estava se mexendo desconfortavelmente onde estava sentada sobre a colcha.

*Mas eu pareço menos que uma devassa?* , pensou Cláudia, olhando para os picos rígidos de seus próprios seios e o brilho delicado de suor que se espalhava como um verniz através de sua pele.

– Agora é a sua vez – disse ela, estendendo-se na cama e se deitando confortavelmente contra os travesseiros. – Diga-me o que aconteceu com você e Paul. É justo – continuou, dando um tapinha no colchão ao lado dela e Melody tirou seu roupão e deslocou-se para o lugar indicado.

E então, dando um suspiro de entrega, a jovem mulher começou a falar.

– Tudo começou quando eu estava ao telefone com Beatrice – disse Melody, querendo ajuda para parar de tremer e que pudesse assim contar sua história com todo aquele tempero picante que Cláudia usara ao contar sua aventura com Tristan. Cláudia tinha feito tudo para ela: acolhera-a em sua casa, ajudara-a a restaurar a confiança em si mesma, compartilhara seu amante... Que foi o primeiro desde a viuvez de Cláudia! Ela merecia tudo de melhor, ela merecia franqueza sem censura.

– Bem, eu suponho que você sabe como Beatrice Quine gosta de bater papo e de esticar o assunto... – Melody sentiu que Cláudia assentira com a cabeça a seu lado. – Esse telefonema se transformou numa longa conversa. Ela perguntou todos os tipos de coisa sobre mim e sobre o que aconteceu...

Com Richard. E eu achei muito bom falar com ela. Uma pessoa muito receptiva, que lhe deixa confortável. Muito parecida com você.

Ela deixou a mão cair timidamente na coxa de Cláudia e foi recompensada por um pequeno som encorajador quando ela gentilmente a apertou.

– De qualquer forma, os minutos foram passando e passando, e eu estava encostada na parede ao lado do telefone do corredor, absorta na conversa, quando de repente ele estava atrás de mim e deslizando seus braços a minha volta. Senti seus lábios na minha nuca, então... Então seus dedos acariciando meus seios através do meu top.

Em uma casa onde a excitação tornou-se um modo de vida, sentir Paul fazendo amor com ela enquanto a garota estava ao telefone tinha sido mais um tijolo colocado no edifício crescente de prazer.

Enquanto Beatrice perguntava solicitamente sobre os planos futuros de Melody, o desconhecido de Cláudia brincava de bagunçar os sentidos da garota.

Enrolando a camiseta para cima, Paul expôs totalmente os seios nus de Melody, que não estava usando sutiã, e em seguida se aproximou sorratamente pela frente dela para vê-los, dando a cada mamilo um pequeno peteleco, para fazê-los saltar.

– Errr... Desculpe-me, eu não entendi esta parte – disse ela, quando a travessura de Paul quase a tinha feito engasgar ao telefone. – Oh, sim. Eu vou fazer isso – continuou ela, respondendo a uma pergunta de Beatrice sobre os advogados, e ao mesmo tempo observando Paul mergulhar sobre ela e tomar a ponta de um seio em sua boca.

A sucção que ele criou com seus lábios macios foi uma sensação sobre a qual ela não poderia manter o controle. Enquanto Beatrice explicava amigavelmente a respeito da importância de se ter um bom advogado, Melody viu-se retorcendo contra a parede, tornando as coisas piores – e muito, muito melhores –, criando uma resistência para a sua própria carne com seus movimentos. Paul não mordeu a mama, mas ele chupou mais forte, como se determinado a manter contato. Com uma mão colada na bunda e a outra se fechando sobre a esfera macia de carne que ele estava mamando, Paul não iria permitir

qualquer interrupção de seus esforços.

– Oh, por favor – murmurou Melody, quase fora de si, então veio bruscamente de volta para os seus sentidos quando Beatrice perguntou se ela estava bem.

– Não, eu estou bem.. Eu estou bem sim! – insistiu Melody, abrindo as pernas, porque o que estava acontecendo com seus seios estava fazendo sua vulva inchar e pulsar. – Eu estava apenas dizendo... Hum... Sim, por favor, me dê o nome desse sujeito que você conhece. Eu sei que Cláudia tem um bom advogado, mas não tenho certeza se ele é especialista em divórcio.

Quando Paul fechou as duas mãos sobre ambos os seios e empurrou o rosto quente no meio deles, ocorreu a Melody que Beatrice Quine, entre todas as pessoas, a mais desavergonhada dos habitantes de Rosewell under Berfield, certamente deveria ter uma vaga ideia de que alguma coisa devia estar acontecendo com a garota. Melody sabia que ela estava ofegante, e que Beatrice, no outro extremo da

linha, devia com certeza ser capaz de ouvi-la, mas era quase impossível controlar sua própria respiração. A única coisa a fazer naquela altura era descobrir uma maneira educada de encerrar a conversa e desligar o telefone, de forma que Paul tivesse o caminho livre para fazer o que quisesse. Mas, exatamente naquele instante, a boa doutora resolveu iniciar outra conversa, lançando-se para um novo rumo, embora relacionado.

*Cadela! Puta! Ela sabe!*, pensou Melody, imaginando histericamente se exatamente a mesma coisa teria acontecido se Cláudia tivesse atendido ao telefone. Houve uma estranha luz nos olhos de sua amiga quando ela mencionou a médica famosa e bonita. O que tinha ocorrido entre eles, quando Beatrice visitou Paul para examiná-lo?

– E há alguém novo em sua vida? – perguntou a médica, e Melody quase gritou, porque no mesmo momento Paul abandonou seus seios, virou-lhe a saia para cima e, em seguida, com um movimento rápido e chocante, arrastou sua calcinha para os tornozelos.

– Eu... Eu... Não tenho certeza... Talvez algo passageiro, rápido... – disse Melody trêmula, surpresa consigo mesma, porque ela estava saindo de sua calcinha como se fosse uma menina dócil sendo despida por uma idosa e benevolente babá. Seus olhos se arregalaram quando ela olhou e viu que Paul estava enrolando e prendendo sua macia saia de algodão na sua cintura.

Beatrice expressou gentilmente sua dúvida e Melody tentou elucidar sem citar Paul – o que era difícil, dado que o inominável estava de joelhos, lambendo e mordiscando a pele macia na parte interna de suas coxas.

– É um pouco complicado – disse francamente Melody, sentindo o movimento da boca saqueadora penetrando mais e mais fundo.

– Tudo bem, não precisa dizer mais nada – retrucou Beatrice, sua voz cheia de empatia e malícia.

Os joelhos de Melody tremiam, mas ela ainda tinha suficiente juízo sobre si mesma para ter certeza de que a médica estava instintivamente a par de sua situação. E não apenas isso. Melody teve a nítida impressão de que Beatrice também havia adivinhado o que estava acontecendo até mesmo durante o

tempo em que elas conversavam.

Mas, mesmo assim, a médica ainda parecia querer manter o bate-papo e lançou adiante, e ainda com mais entusiasmo, outro tópico. Enquanto isso, quase desmaiando vertiginosamente com antecipação e com espasmos precursores da sensação, Melody agarrou-se ao telefone e à parede ao lado dela para apoiar-se. Paul estava beijando a sua virilha tão macia exatamente agora.

– Você sabe, eu realmente gostaria de conhecer mais mulheres aqui na vila – disse Beatrice despreocupadamente. – Eu já me sinto muito mais próxima de Cláudia, mas realmente gostaria de ser sua amiga também, Melody. Você gostaria disso?

– O quê? Oh! Ah, sim, claro! – engasgou Melody, sentindo os dedos hábeis escavando os pelos de sua área pubiana e abrindo os pegajosos lábios inchados então protegidos por eles. – Oh sim, Beatrice, claro, eu realmente gostaria disso... – prosseguiu a jovem, tomando posse de cada última gota restante de seu autocontrole enquanto o devaneio erótico começava a ameaçá-la, vindo lá de baixo.

– Que maravilha – exclamou Beatrice.

*É sim!*, pensou Melody freneticamente, enquanto Paul brincava com a ponta de seu clitóris usando a língua. Ela nunca tinha experimentado um ataque de prazer tão preciso assim; nem mesmo seus próprios dedos falavam a linguagem do sexo tão bem.

Incapaz de ficar de pé por mais tempo, Melody deslizou lentamente e muito desajeitadamente no chão; ainda assim, apesar de todas as dificuldades e se debatendo, Paul de alguma forma conseguiu acompanhá-la. Era como se ele estivesse ligado a ela como uma bizarra forma de suporte à vida.

*Se ele parar de chupar, eu vou parar de respirar*, Melody pensou, e então riu, impotente, quando percebeu a aproximação do clímax. Ele estava rolando em sua direção agora como um tufão nos trópicos, e quando chegasse, ela não iria sobreviver a seu impacto. Pelo menos não sem antes revelar o seu segredo.

– Você está bem? – havia um humor dissimulado na voz suave que fez a pergunta, mas o inquisidor não era mais a pessoa que ela estava pensando. Melody piscou para longe sua lembrança da boca de Paul, e de Beatrice ao telefone, e veio à tona, como se estivesse dormindo, para encontrar o rosto de Cláudia.

– Melody? – persistiu Cláudia, e, mesmo que não houvesse preocupação no rosto de sua amiga, Melody viu os traços inconfundíveis de desejo nele também.

– Sim, eu estou bem. Eu me sinto ótima graças a Paul. E a Beatrice, eu suponho – sorriu ela timidamente, e timidamente colocou a mão na cintura de Cláudia –, e graças a você. Principalmente a você – disse ela enquanto sentia a pele quente sob seus dedos flexionados e trêmulos.

– Bom – respondeu Cláudia, entrando em sintonia com seu movimento, e em seguida, começou a avançar sobre ela, puxando o corpo de Melody para si. – Mas você pode me contar tudo sobre o resto do seu telefonema – ela puxou com mais determinação, e Melody foi arrastada para cima dela – mais tarde.

*Muito mais tarde*, pensou Melody, começando a beijá-la.

Muito mais tarde, na verdade, uma boa quantidade de dias mais tarde, Cláudia não tinha conseguido

convencer Melody de acompanhá-la à festa de Beatrice com Paul. Havia muito pouca coisa que ela e Paul não tivessem convencido Melody a fazer – e, de fato muito pouco que Melody não tivesse convencido ela e Paul a fazerem –, mas quanto à socialização, a jovem foi inflexível.

– Não há nada que eu possa dizer que vai mudar sua posição – disse Cláudia a Paul enquanto estava de roupa eduardiana do rapaz que estava recém-lavada e passada em cima da cama. Ela estava supervisionando os preparativos dele, assim como os seus próprios preparativos, apenas para o caso de ele, como Melody fizera, decidir se esquivar de ir à festa. Porque, embora Paul reconhecesse a importância disso, seu entusiasmo era ambivalente.

– Eu estou começando a desejar fazer você mudar de ideia – disse ele de onde estava sentado diante do espelho, olhando pensativamente para o nada. Ele estava tentando trazer um pouco de ordem aos cabelos recém-lavados e não conseguia fazer isso muito bem, mesmo com a pomada ridicularmente cara que Cláudia tinha comprado para ele no dia anterior.

Cláudia alisou uma ruga imaginária na gravata de cetim cinza.

– Se você está infeliz com a ideia, vou telefonar para Beatrice e dizer a ela que não iremos. Ela vai entender – disse Cláudia, enquanto olhava para ele e o via correr os dedos finos através de seu cabelo selvagem na tentativa de domá-lo. Qualquer pensamento de que ele pudesse ficar magoado com alguma coisa a fazia se retorcer de horror por dentro.

– Não preste atenção em mim – disse Paul, dando uma arrumação final a uma onda que escondia os últimos vestígios de sua esfoladura na testa; ele se virou para Cláudia e lhe deu seu sorriso mági-co. – Eu estou me comportando como um bebê, Clau. Quero me lembrar das coisas, realmente quero isso, mas há uma parte egoísta de mim que não deseja que nada disso volte... – o sorriso se aqueceu e aquela sombra de preocupação tornou-se um emaranhado de desejo. – Isso significaria que eu posso ficar aqui com você indefinidamente.

Cláudia deixou cair a gravata e quase correu para ele. Ela se sentia incapaz de falar; o que ele tinha acabado de dizer representou um profundo desejo que ela tinha tentado não articular nem para si mesma, por medo de querer demais. Mas ela não podia conter a maneira como seu corpo respondeu, tanto para ele quanto para a maneira como ele disse “Clau” pela primeira vez, com um tom de puro afeto.

Ele estava com uma aparência extraordinária nessa noite, e isso antes mesmo de vestir seu traje todo elegante. Enquanto completava sua arrumação, Paul vestia um roupão que era um dos favoritos de Cláudia, e que pertencera a Gerald. Era da cor de um Cabernet Sauvignon, comprido e luxuoso, com um colarinho largo e acolchoado e uma faixa decorada. Seu falecido marido sempre chamara esse robe de “o roupão de Sherlock Homes”, e, sendo usado agora por Paul, pareceu dar a ele um charme de “jovem professor aloprado”, que se coadunava bem com suas misteriosas habilidades matemáticas.

O problema com o adorável robe no momento era que estava cobrindo a carne muito mais adorável que estava por baixo.

Quando ela chegou mais perto, ele girou no banco para encará-la, e, instintivamente, Cláudia caiu e se ajoelhou diante dele.

– Oh, Paul – foi tudo o que ela conseguiu dizer, escondendo o rosto contra o tecido do robe e inalando a

fragrância masculina do corpo que estava envolto por ele.

Um carro chegaria em instantes para levar a ambos ao baile de máscaras de Beatrice, mas, do fundo do coração, Cláudia de repente desejou que o tempo parasse ali, agora. Que Paul, com todo o seu misterioso e arcano conhecimento ainda trancado dentro de si, pudesse de verdade parar o relógio e manter os dois amantes no quarto, juntos para sempre. Olhando para ele, ela quase acreditava que o homem poderia fazê-lo. Seus olhos eram de um azul ardente, como o do céu de uma tarde de verão; no entanto, tudo sobre ele, exceto a sua luxúria, era insondável.

Sem parar para pensar, ela abriu as abas do pesado robe e o desnudou, descobrindo para sua alegria que ele ainda não tinha vestido nada nem mesmo uma das cuecas de grife que ela e Melody tinham escolhido em uma de suas incursões autoindulgentes para fazer compras. O enorme pênis de Paul estava incontido, e muito animado. Ergueu-se do ninho de cabelos em sua virilha, quase saltando em sua determinada ânsia de ser tocado. Ainda nesta manhã, ela tinha visto Melody tomar esse órgão fabuloso em sua boca e sugá-lo, e, desde então, Cláudia percebeu agora, ela queria fazer o mesmo.

No momento, a bela jovem estava ocupada demais limpando os sapatos cheios de lama de Paul – que tinham sido, de alguma forma, entre tudo o mais, esquecidos – de maneira que agora Cláudia teve a chance de realizar seu desejo.

Lentamente, ela moveu o rosto para ele, e em seguida, deixou a ponta de seu pau escovar sua bochecha. Ela sentiu uma mancha de umidade sendo desenhada ao longo de sua pele e sorriu interiormente, pensando que eles estavam adicionando ainda mais uma pequena tarefa à sua lista e que deveria ser completada antes que saíssem para a festa. Talvez Melody, especialista em tantas coisas, pudesse ajudá-la a refazer a maquiagem?

Paul fez um som baixo, quase rosnando em sua garganta, e bateu sua glândula inchada contra os lábios vermelhos e ansiosos, à espera. Ela os abriu apenas um pouco, e usou a boca para efetuar uma pequena carícia, rolando e deslizando a ponta do pau contra seus dentes.

– Nossa, Cláudia! – sussurrou ele, levantando seus quadris do assento.

Ela sentiu que ele se preparava para obter o máximo dela: uma mão apoiada no banco, para sustentação, e a outra na nuca dela, para dirigir melhor suas ações.

*E o meu cabelo agora, também,* pensou sonhadora, enquanto se preocupava com a possibilidade de que seus dedos arrancassem seu couro cabeludo. Quando as unhas de Paul cavaram mais fundo, numa inadvertida crueldade, ela cravou sua língua contra o olho do pênis.

– Oh! Oh, Oh! – resmungou Paul, enquanto ela brincava e o atormentava, dobrando uma mão em torno de seu eixo e buscando as suas bolas com a outra.

*Fique firme, rapaz, não vá rápido demais com isso!*, pensou Cláudia, dando-lhe uma leve chupada e então começando a lambe-lo novamente, muito delicadamente, aquele olho do pênis. Mesmo assim, ela deixou um dedo encontrar o ânus dele.

Cláudia pôde sentir Paul balançando a cabeça agora; ele estava no êxtase e muito perto de gozar.

E, embora ela o desejasse profundamente, sentiu uma estranha vontade de sacrificar seu próprio prazer no altar de Paul. Seria um presente para ele, a sua própria frustração, o seu próprio desconforto, durante toda a noite que ainda viria pela frente. Cada pontada e cada espasmo de sua vulva, carente e inchada de tesão, iria lembrar-lhe da beleza deste momento. Sentindo-se como se estivesse realizando um sacrifício, ela enfiou o dedo explorador no corpo dele.

Paul gritou um palavrão sujo quando o orgasmo veio, mas em uma voz que transformou tudo no mais doce dos louvores. Toda a sua pelve se lançou para a frente e se levantou, enquanto seu tributo jorrou dentro dela, e ao mesmo tempo que ele baixava novamente, o corpo de Cláudia começou a tremer com soluços. Deixando o pênis escapar de sua boca, ela abraçou seus quadris.

– Está tudo bem, querido – murmurou ela, suas narinas preenchidas com o cheiro pungente de sêmen fresco e jovem. – Está tudo bem – disse ela de novo, e ele se inclinou curvado sobre ela, segurando o rosto de Cláudia contra o seu pênis e sua barriga lisa.

Parecia ser a vez de Paul ser incapaz de falar agora, mas o fervor áspero do seu abraço disse tudo o que precisava ser dito. Segurando, e sendo abraçada, Cláudia não queria saber de festas, de intrigas e de revelações. O momento em si era suficiente para ela, e mesmo o seu desejo parecia estranhamente silenciado agora. O simples contato era sua necessidade humana mais premente.

– Cláudia – murmurou Paul, desembaraçando-se dela. Quando Cláudia olhou para seu rosto, ele era o retrato perfeito da saciedade e da confusão. – Eu-eu quero fazer alguma coisa... Algo para você

– disse ele, seu comportamento inesperadamente tímido quando acenou vagamente na direção da virilha de Cláudia, de sua feminilidade.

– Não há tempo e não há necessidade – respondeu ela suavemente.

Então, ela se levantou e se pôs diante dele, sabendo que estava magnífica naquela longa saia princesa, que era o alicerce de sua própria fantasia, e que fora arranjada às pressas por uma conhecida de Beatrice, para um jantar eduardiano. O tecido era de um branco puro, e tanto a barra quanto o profundo decote do corpete tinham sido bordados com uma inebriante espuma de renda. Ele era tão lindo que Cláudia foi quase tentada a ir à festa assim, sem a veste que fluía sobre ele... Somente a absoluta transparência do tecido – um de crepe chinês – a impediu de fazer isso. Como ela estava sem nada por baixo, ele revelava mais do que escondia.

– Eu vou ter o meu momento mais tarde – disse ela, levantando-se para afofar seu cabelo.

– Mas eu quero ver você gozar – disse Paul, de maneira quase petulante.

Ele se levantou, aparentemente alheio ao fato de que seu robe estava aberto e seu pênis, balan-

çando, e esmagou-o contra ela. Cláudia tentou lutar, mas foi inútil; as mãos de Paul já estavam sobre ela em todos os lugares, cutucando e agarrando através do tecido fino e escorregadio da saia. Foi apenas uma batida na porta que reduziu suas incursões estimulantes.

– Está tudo bem, Mel, pode entrar! – gritou Cláudia, girando o corpo e indo para longe dele.

Mas para Paul ela expressou, por mímica, um apressado “A noite é uma criança!”.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

### UM BAILE DE MÁSCARA

–Você está pronto? – perguntou Cláudia quando o carro estacionou.

– Nunca estarei pronto para isso... – respondeu Paul, o rosto comprido fantasmagórico.

Ele olhou para fora através do vidro escurecido, a própria imagem do nervosismo e da apreensão. O amante insistente de apenas uma hora atrás havia desaparecido.

– Não se preocupe – disse Cláudia, quando o motorista abriu a porta para ela e estendeu a mão para ajudá-la a sair da limusine Bentley que Beatrice tinha enviado para apanhá-los. – Nós não temos que ficar durante muito tempo. E, lembre-se, é um baile de máscaras, e você sempre terá alguma coisa por trás da qual se esconder, caso precisar.

– Tem razão – disse Paul ao se colocar ao lado dela.

Quando Cláudia se virou para ele, ele ajeitou o casaco e puxou o colete para baixo, um ato que lembrou a ela quanto era lisonjeiro aquele conjunto com o qual ele estava vestido na primeira vez que o viu. A arrojada e bem cortada jaqueta de veludo preto voltou como nova da lavanderia, e o colarinho da camisa branca, com a pesada gravata de seda cinza, parecia enquadrar um rosto que tinha vindo de outra época. Ele estava ainda mais dândi e eduardiano do que nunca, com pelo menos uma parte de sua identidade restaurada. E, com alguma sorte, esta noite iria restaurar um pouco mais para ele.

– Estou agindo como um idiota – continuou ele, autodepreciativo. – Eu deveria estar agradecendo à minha estrela da sorte por estar saindo numa noite de verão perfeita como esta – e Paul fez um gesto para o céu, que estava apenas começando a escurecer em um crepúsculo azul-escuro –, ao lado de uma mulher maravilhosa como você.

Sem aviso, ele a puxou e beijou o vão profundo de seu decote que revelava o sutiã frisado. Cláudia ficou tão surpresa que deixou cair a bolsa e o leque que Beatrice tinha, tão cuidadosamente, mandado com o vestido.

– Você está fabulosa – rosnou Paul quase silenciosamente contra a pele dela –, e eu quero fazer você gozar agora mais do que nunca!

Os joelhos de Cláudia enfraqueceram quando os lábios dele se aninharam na parte superior de um dos seios. Seu amante ousado estava de volta, banindo para longe o nervosismo provocado pela am-nésia de alguns minutos atrás, e ela queria cantar de alívio e de novo desejo. Ela teve uma sensação úmida, que se ampliava no meio de suas pernas.

– É isso aí! – gritou uma voz admirada logo atrás dela, e, quando Paul levantou o rosto, Cláudia rapidamente se virou.

Uma mulher jovem e bonita, numa fantasia de mulher-gato, vinha descendo as escadas para cumprimentá-los; ela usava uma elaborada máscara de dominó bordada, e um par de falsas orelhas felinas aninhadas

em seu cabelo preto curto e encaracolado. Estava acompanhada, um passo atrás, por um homem alto, musculoso, mas com ar inteligente e vestido como fuzileiro das Guerras Peninsulares.

– Olá, sou Alexa, e fui encarregada de receber os convidados. – De uma bolsa de veludo que pendia de seu cinto, ela tirou o que parecia ser uma agenda de bolso ou algo assim. – Posso checar seus nomes? Não queremos penetras, vocês entendem, não? – Seu guarda-costas olhava firmemente, obviamente usando os músculos para manter longe as pessoas vetadas.

Pegando seu leque e sua bolsa, que Paul tinha graciosamente recuperado para ela, Cláudia se sentiu de repente um pouco agitada. Ela não tinha previsto ter que fornecer um nome para Paul.

– É claro – disse ela, tão calma quanto foi capaz, e dando um sorriso forçado de confiança para a mulher-gato. – Eu sou Cláudia Marwood, e eu fui convidada pela doutora Beatrice Quine. E este é meu amigo Paul. – Em pânico, ela olhou em volta, viu seu companheiro encolher os ombros e então notou um grupo de árvores esguias que se alinhavam ao longo do caminho de cascalho que tinham acabado de percorrer. – Beech. Paul Beech. [1](#)

Paul sorriu, e foi a vez dela de dar de ombros.

– Ah, claro, Cláudia e Paul – disse Alexa alegremente. – Bea me pediu para cuidar especialmente de vocês. Por favor, venham por aqui. – Ela apontou para o interior iluminado da casa, e seu companheiro sisudo deu um passo atrás para deixá-los passar. – Tudo bem, Drew – disse a garota, dando-lhe um aceno de cabeça.

Uma vez dentro de um salão imponente, que tinha linhas gêmeas de altos pilares de mármore e espelhos do piso ao teto em todas as paredes, Alexa entregou a Cláudia e Paul máscaras de um monte variado colocado sobre uma mesa lateral polida. Parecia haver uma para cada possível traje; a de Cláudia era de cetim branco, enfeitada com penas felpudas, enquanto a de Paul era mais austera, em veludo cinza.

– Beatrice está por aqui em algum lugar. Você vai encontrá-la logo – disse Alexa, enquanto mais convidados começaram a aparecer. – Ela é Salomé, e você a conhece... Pode-se dizer que ela está quase vestindo uma fantasia.

Cláudia realmente não conhecia tão bem assim sua anfitriã Beatrice, mas tinha certeza de que ela faria uma Salomé excepcional. Assim como o moreno e alto Drew aparentemente também tinha certeza. Ele sorriu maliciosamente enquanto os levava até o bar e bufê.

– Bem, aqui estamos –, disse Cláudia, pegando o braço de Paul, estendido galantemente para ela, depois de ambos arrumarem seus penteados e a delicada coroa de flores nos cabelos de Cláudia, para acomodar suas máscaras. – Será que nada disso faz os sinos começarem a tocar?

Caminhando a passos medidos, ambos se dirigiram a um grande salão onde as bebidas e os aperitivos estavam sendo servidos em grande e dispendiosa abundância, e enquanto faziam isso, Paul olhou em volta atentamente.

– Não, sinto muito... Ainda... – respondeu ele, franzindo a testa um pouco acima da máscara – ...

não posso dizer que me lembro de alguma vez ter estado em uma festa a fantasia. – Ele se virou para

Cláudia e lhe lançou um olhar resignado. – Mas também não consigo me lembrar muito do que eu faço quando não estou em festas a fantasia...

– Calma, vai ter sua vez – disse ela, apertando seu braço.

Paul inclinou-se para ela e sussurrou:

– Assim como terá a sua, senhora Marwood. Se eu tiver uma mínima chance. – Sua carranca tinha desaparecido e seus olhos eram quentes e perversos.

– Mas que ultraje, senhor Beech! – respondeu ela, batendo-lhe com o leque e fingindo indignação.

– Sugere as coisas mais vergonhosas, às vezes. – Com os olhos, Cláudia lhe disse que ela mal podia esperar.

Embora eles não conhecessem ninguém naquela festa, foi surpreendentemente fácil circular pelo salão. As máscaras eram um grande nivelador, elas fizeram com que todo mundo fosse um desconhecido.

– Eu acho que devem estar dançando no outro salão – observou Cláudia, enquanto ambos davam golinhos no vinho bastante leve que estava sendo servido junto com outras bebidas, que eram bem mais fortes.

Paul inclinou a cabeça um pouco para o lado e depois balançou-a assim que percebeu o som daquilo que parecera a Cláudia a música de uma orquestra.

– Bem, já vou lhe avisando que não sou um Fred Astaire – disse ele, encolhendo os ombros.

– Oh, não sei, não – replicou Cláudia, dando outro gole no vinho. – Você se move muito levemente, e de forma muito graciosa para um homem – e ela se aproximou dele. – E nós dois sabemos que você tem um fabuloso senso de ritmo.

– Agora é a senhora quem está sendo pouco graciosa, senhora Marwood – murmurou ele maliciosamente, brindando-a com sua bebida.

Cláudia lançou-lhe um olhar à moda antiga, embora suspeitasse que a máscara iria amenizar o seu efeito.

– Vamos comer alguma coisa? – sugeriu ela, apontando para a fartura quase romana do bufê.

– Sim, essa é uma excelente ideia – concordou Paul, abandonando seu copo de vinho e tomando o de Cláudia da mão dela. – Você precisa aumentar suas forças para suportar o que farei com você mais tarde. – Levando-a pelo braço, Paul caminhou até a mesa.

Todos os pratos estavam soberbamente apresentados, e sem dúvida deviam ser tão saborosos ao paladar quanto eram agradáveis aos olhos, mas, de repente, o apetite de Cláudia tinha diminuído de-

pois da última observação de Paul. Seu estômago estava revirando com a expectativa e ela sentia uma leve pressão na pélvis, e sua fome era mais por ele do que pelo caviar e os demais canapés. Mas, para manter as aparências, ela pegou uma ou duas iguarias.

Enquanto comia – muito consciente da presença de Paul a seu lado, comendo tão pouco quanto ela –,

Cláudia esquadrinhou com interesse os foliões reunidos, tentando localizar Beatrice.

Havia muitos figurinos maravilhosos: alguns incrivelmente elaborados e obviamente alugados em lojas especializadas e outros possivelmente caseiros, mas preparados com impressionante engenhosidade e talento. Ela viu Robin Hoods e rajás, bravos índios e astronautas, mas, para seu alívio, não viu nenhuma fantasia que pudesse se assemelhar à dela ou à de Paul. Mordiscando um ovo de codorna, ela se virou para ele para contar-lhe isso.

Cláudia levou um susto ao descobrir que ele a observava de perto, sua atenção firmemente focada em sua boca. Seu apetite morrendo, ela engoliu rapidamente e colocou o prato de lado.

– E o que você está olhando? – exigiu saber, embora instintivamente soubesse o que estava se passando na mente do rapaz. Ele estava pensando na outra finalidade para a qual ela havia usado recentemente seus lábios.

– Você foi excelente – disse ele em voz baixa, e em seguida abandonou seu próprio prato, pegou as mãos de Cláudia e começou a levá-la para um lado onde uma porta francesa se abria para um pá-

tio longo e largo. – Eu nunca recebi um boquete tão maravilhoso quanto aquele – soprou Paul no ouvido dela enquanto saíam para a noite que chegava e para o ambiente mais silencioso do parque e dos jardins. Havia alguns convidados caminhando por ali, mas bem menos do que aqueles que tinham ficado lá dentro festejando.

– Ah, quer dizer que você se lembra de seu pau ter sido chupado, então? – perguntou ela, também em voz baixa, sentindo a mesma emoção em usar linguagem grosseira quanto sentia em ouvi-la saindo dos lábios de Paul.

– Não detalhes específicos – ronronou ele, sua mão se fixando no quadril de Cláudia enquanto ele a conduzia a uma balaustrada que dava para algumas plantas podadas em formatos decorativos e, mais além, um labirinto de arbustos –, mas vou me lembrar de ter estado dentro de sua boca, querida Cláudia, até o dia em que eu morrer. – Ele a apertou através do tecido fino do vestido, e o contato de seus dedos estava cheio de promessas. – Na verdade, eu estou determinando que isso será a última coisa em que vou pensar em meu leito de morte.

– Que mórbido –, protestou Cláudia, tentando disfarçar o fato de que sua reivindicação tão selvagem a havia deixado de certa forma comovida.

– Não, é bom senso, na verdade. Eu não sei se acredito em vida após a morte, mas pelo menos meus últimos pensamentos serão celestiais.

Sua mão premente escorregou e segurou as nádegas de Cláudia, a ponta dos dedos encaixando-se perfeitamente no vinco entre elas.

– Cláudia, eu quero ver o seu rosto enquanto eu lhe proporciono um orgasmo – disse Paul em voz baixa, enquanto apalpava sua bunda –, e preciso ver isso logo, ou eu juro que vou enlouquecer.

A cabeça de Cláudia começou a flutuar com uma antecipação deliciosa. Ela queria que Paul visse seu clímax porque desejava que ele fizesse isso acontecer. Entre suas coxas, sua vulva tremeu, gritando por

ele. Um gemido de necessidade e prazer escapou de seus lábios.

– Venha, vamos descer até lá – disse ele com voz rouca, dando-lhe um último e rude apertão, e então praticamente arrastando a mulher ao longo do pátio até uma escada. No final dela, estava o primeiro de uma série de caminhos de cascalho desenhados através do estranho zoológico esculpido em árvores baixas e que levavam até a entrada do labirinto.

Em poucos segundos, eles já estavam esmagando o cascalho, passando por pássaros gigantes, an-imaís heráldicos e formas abstratas. Paul a estava puxando ao longo do caminho quase rápido demais a ponto de ela correr o risco de tropeçar e, apesar de Cláudia odiar pensar que aquele cascalho todo poderia estar fazendo com o salto de seus sapatos forrados de cetim, no fundo realmente percebeu que isso não era tão importante. Tudo o que importava era o imperativo do desejo.

Lâmpadas ornamentadas iluminavam o acesso ao labirinto, para permitir que fosse desfrutado à noite, e, depois de algumas voltas, eles encontraram um banco de pedras em uma passagem sem saída isolada e escura. O rosto de Paul estava fechado e tenso enquanto ele lutava com as saias de Cláudia, e apesar de suas mãos estarem tremendo, ele tinha conseguido erguê-las até a cintura em segundos.

– Ajoelhe-se no banco – ordenou, seu tom de voz geralmente leve agora soava profundo e irregular. – Eu quero ver sua bunda, Cláudia, quero tocar o seu sexo.

Deixando cair a bolsa e o leque, Cláudia virou-se e subiu no banco. Com apenas um par de ceroulas de algodão entre ela e Paul, Cláudia sentiu-se fraca e vulnerável. E mais do que isso, de repente ela se lembrou de certas promessas e ameaças que haviam sido trocadas naquele gramado às margens do rio. Um acordo que ainda não havia sido honrado.

Este não era o local adequado e nem o momento certo para realizar tal ato, refletiu ela, à espera de que Paul baixasse a volumosa roupa de baixo que vinha com seu traje de época. As circunstâncias não poderiam ter sido menos apropriadas.

E ainda assim ela queria. Ela se sentia como a heroína de algum romance do passado, à espera de que seu amo e senhor viesse fazer uso dela, exercendo seu direito divino de que cometer um estupro, não importando quão humilhante e desconfortável ele fosse.

– E você sabe o que eu quero, não sabe? – murmurou ela, baixando a voz quando ouviu o som de outros convidados que passavam perto, mas em um caminho diferente no labirinto.

– É claro – murmurou Paul contra sua nuca, a ponta do dedo escovando o ânus dela através do tecido fino, quase seda, de seus calções. – Então, vamos cuidar disso, certo?

Cláudia sentiu um arrepio de desejo e do destino passando por ela. A voz de Paul era baixa, soando apenas nos ouvidos dela, mas ainda assim era forte, ressoando com uma nota de dominância real. Ele já conseguira ganhar o controle não apenas sobre Cláudia, mas também sobre si mesmo. Suas mãos pareciam hábeis e transmitiam segurança quando puxaram as ceroulas da mulher.

– Incline as costas e abra suas pernas – disse ele, ainda calmo e consciente dos companheiros fo-liões por perto. – Antes de comê-la, eu quero ver tudo o que você tem.

Dificultada pela massa volumosa de roupas e pelas ceroulas ao redor de seus joelhos, Cláudia ainda assim conseguiu obedecer ao comando de Paul, arrastando as pernas para os lados e se colocando em uma posição desajeitada e deselegante.

– Lindo! – disse ele, passando as mãos abertas sobre as coxas e as nádegas, e em seguida, pressionando-a um pouco para baixo. Ajustando sua posição, Cláudia sentiu correr seu suco pelas meias de seda.

– Nossa! Como eu quero você –, ele gemeu, pressionando sua virilha ainda vestida contra a fenda entre as coxas, como se achasse que ela deveria se familiarizar com aquilo que ela já conhecia, e então se afastou e começou a atacar sua braguilha abotoada. Cláudia estava morrendo de vontade de ajudar com a roupa, como faria uma serva de verdade, mas ela sabia que deveria ficar muito quieta e esperar.

Mas não teve que esperar muito tempo. Em poucos segundos, ela sentiu a mão dele entre suas coxas, testando sua umidade e prontidão. Sua suave risada só confirmou o que ela já suspeitava; que sua vagina era uma fonte de desejo, uma fonte de umidade que transbordava ainda mais na agitação.

Ela quase teve vergonha de como sua vulva estava molhada.

– Isso é bom, minha querida senhora Marwood – disse ele, brincando de meter os dedos em seu suco e induzindo as sensações mais tentadoras. – Um pouco disso – ele pegou um pouco daquele fluido viscoso e passou-o no períneo de Cláudia, subindo em direção, mas não alcançando o alvo – vai tornar as coisas mais confortáveis para nós dois.

*Você não precisa ser tão explícito assim, seu cachorro*, pensou Cláudia, experimentando indignação e alegria ao mesmo tempo. Não parecia possível que ela conseguisse adorar esse lado tão rude e implacável de Paul, mas era verdade. Ele fazia com que ela desejasse se humilhar, oferecer sua bunda, convidá-lo para se enfiar nela profundamente. O desejo era tão forte que passou por cima das inibições.

– Vamos logo com isso, então! – sussurrou a mulher, quase não conseguindo mais resistir à tentação de usar palavrões. – Chega de me provocar com palavras. – Ela se lançou ainda mais para trás, afastando mais as ancas apesar do volume de toda aquela roupa presa na cintura e nos tornozelos.

– Mas, claro, se você não estiver a fim... – ela deixou o desafio no ar, enquanto lhe oferecia tudo.

– Sua vaca! – rosnou ele com carinho, e então apoiou as mãos grosseiramente em sua bunda, afastando as duas partes, uma para cada lado, como se inspecionasse um animal. – Vou mostrar quem não está a fim! – Seus polegares cavaram fundo nas nádegas dela. – Eu ia ser bom para você, senhora Marwood. Muito bom. Eu ia brincar com você primeiro, até fazer com se sentisse um ou dois orgasmos, mas agora acho que vou ter que comer isso – ele deslizou um dedo para dentro e passou-o levemente através de seu ânus dilatado. – Imediatamente. E para o inferno com as sutilezas!

– Foda-se! – respondeu Cláudia, mas mesmo enquanto falava, seu sexo começou a se contorcer em um orgasmo forte e espontâneo. – Oh, seu filho da puta, Paul! Foda-se!

– Ah, não, foda-se você, Cláudia!

As palavras eram pouco mais que um sussurro, urgente e excitante, mas Cláudia as ouvia com uma estranha clareza. Seus sentidos pareciam estar funcionando em um nível elevado, num pulsar

quase maquinal, enquanto suas ancas eram iluminadas com um prazer palpitante. Paul nem mesmo a havia tocado ainda, muito menos a tomado, e a mulher já era uma escrava ofegante de felicidade.

E então ele começou a lubrificar Cláudia, espalhando tanto no ânus dela quanto em seu próprio pênis aquele suco abundante que ela produzia, para o deleite chocado da mulher, e também a própria saliva. Aquele ato primitivo fez com que Cláudia gozasse mais uma vez.

Naquele longo momento antes que o ataque começasse, os sentidos dela se elevaram ainda mais, tornaram-se ainda mais difusos e levaram uma parte de sua consciência com eles. Ela viu Paul como todos os outros convidados deveriam vê-lo: um jovem, mas distinto estranho em sua bonita roupa antiga. O epítome de sensibilidade e da gentileza, num refinamento eduardiano, e ainda com um toque exótico por conta de sua máscara de veludo cinza. Ele parecia um asceta, um anjo inoxidável, in-tocavelmente puro.

*Se eles soubessem*, pensou ela, e então engasgou e quase sufocou quando a cabeça do pênis intrometeu-se com fome na abertura de suas nádegas. Ela sentiu quando Paul as apertou, esticou e abriu-as de novo, e então sua glândula estava se enfiando dentro dela, firme e determinada.

As sensações eram precárias e provocantes ao mesmo tempo, e Cláudia fechou a mente para certas consequências possíveis e tentou concentrar-se na voluptuosidade da experiência. E o tempo todo ela imaginou Paul como o seu herói intocado. Um ser celestial contemplativo que nunca sequer olharia para uma mulher com desejo, muito menos com a vontade de a sodomizar ao luar, que rapidamente se aproximava.

Pareceu levar uma eternidade para que ele entrasse totalmente nela, e Cláudia teve a intuição de que Paul era tão novo no processo quanto ela. De uma maneira complicada, então, ele era tão puro como ela havia imaginado. Os dois eram um par de virgens – ambos envolvidos em uma incursão assustadora por uma terra escura.

E, ainda assim, apesar dos perigos, a sua intromissão foi suave. Cláudia nunca tinha se sentido tão próxima dele, de sua mente, como agora, quando seu pênis tinha violado seu ânus. Embora não soubesse seu nome, ela o conhecia. Ela sabia que ele era especial; sabia que era brilhante, sabia que ele não era como nenhum outro homem que ela já houvesse conhecido – nem mesmo como o marido que ela tanto amava e de quem sentia tanta falta, ainda agora.

Então, ela ia gozar, e contra toda a lógica ela viu o bloco de notas em sua mente e suas figuras elaboradas...

Cláudia não tinha certeza se havia gritado, mas ela ouviu Paul gemer baixinho enquanto se contorcia e se deitava contra ela. Dentro de seu corpo, ela sentiu a carne saciada do rapaz diminuir.

– Oh, Clau, isso foi, oh, mulher, isso foi além das palavras – disse ele em seu ouvido depois de alguns momentos, ainda apertando-a enquanto deslizava seu pênis para fora dela. – Você é uma amante e tanto, senhora Marwood. Você foi incrível.

– Eu diria que ambos foram muito incríveis – entoou uma voz calma, mas familiar, que veio de algum lugar bem perto deles.

– Beatrice!

– Doutora Quine!

Beatrice Quine estava sorrindo de orelha a orelha, e seus olhos ávidos esquadrihavam todos os lugares, absorvendo cada um dos condenáveis detalhes.

Enquanto tropeçava para longe do banco, Cláudia sentiu suas meias se rasgarem em frangalhos, quando puxou suas ceroulas para cima num desajeitado movimento. A seu lado, Paul conseguia se arrumar com um pouco mais de graça.

Era difícil olhar nos olhos daquela que os havia descoberto, mas Cláudia estava ciente de que deveria fazer isso. Ela viu os traços do rosto de Beatrice formarem uma expressão de profunda admiração.

– Há quanto tempo você estava por aqui, Beatrice? – perguntou Cláudia, esperando que a máscara pudesse ocultar um pouco do rubor que lhe subia às faces. – Você não podia ter tossido ou dado algum sinal para nos alertar?

– O quê? E perder provavelmente a cena mais erótica desta festa? – respondeu Beatrice, nem um pouco arrependida. A médica não parecia demonstrar nenhum sinal de constrangimento ou de inibição, o que, tendo em conta sua fantasia, fez Cláudia a admirar ainda mais.

A Salomé de Beatrice consistia de um pouco mais do que um punhado – provavelmente eram sete

– de véus de chiffon relativamente pequenos, em tons de castanho e laranja, que complementavam maravilhosamente a cor de seu cabelo, que hoje ela usava solto e na altura dos ombros. As madeixas cobriam mais o seu corpo do que os véus, e sua máscara era de papel machê, mas pintada e laqueada como se tivesse sido moldada a ouro.

– Sua fantasia é deslumbrante, doutora Quine – comentou Paul com um impressionante grau de sangue frio. Cláudia resistiu ao impulso de se virar e dar-lhe um olhar do tipo “O que é que você está fazendo?”.

– Você realmente acha isso? – Beatrice rodopiou, mostrando-lhes seu traseiro por um segundo, em vez de seus seios e do triângulo púbico exuberante. Quando ela os encarou novamente, deu a Paul uma piscadela malandra. – Então, por que não mostra seu apreço por ela da mesma maneira que fez com Cláudia?

– Eu... Acho que não estou muito... er... pronto para isso agora, doutora Quine –, disse ele, parecendo um pouco mais enfraquecido, e, quando Cláudia se virou, ela viu que o rosto dele estava ruborizado nos espaços que se viam sob a máscara.

– Não importa – retrucou Beatrice. – Você merece uma breve pausa depois de seu brilhante desempenho de agora a pouco. – Ela parou de falar e Cláudia ficou imaginando quantos detalhes a boa doutora tinha visto. – Uma sodomia entre os arbustos – continuou Beatrice soltando uma risada, confirmando os piores temores de Cláudia quando ela apontou para as sebes altas que os circundavam.

Como se estivesse sentindo seu desconforto, os dedos de Paul de repente se fecharam em torno de sua mão, e apertaram. A boca do homem se curvou em um sorriso um pouco resignado. Sorrindo de volta para ele, Cláudia imediatamente se sentiu melhor e mais forte.

– Você tem o hábito de assistir a esse tipo de coisa, Beatrice? – perguntou ela. Sua própria suavidade a impressionou; e duplamente, considerando as sensações precárias que a enervavam através de suas partes baixas. – Você tem mais alguma armadilha preparada? Outros encontros mais que você

deseja espionar pelos recantos? – Dizendo isso, Cláudia agitou sua mão, abrangendo o restante do labirinto.

– Oh, tenho certeza de que há mais por aí... Muitos mais –, respondeu Beatrice, com um sorriso lento e provocante. – Mas, para o lugar onde estamos indo, não há necessidade de espionar nada – e ela fez um gesto gracioso, convidando-os.

– E para onde vamos? – perguntou Cláudia, não resistindo à tentação de seguir Beatrice, mesmo quando a médica tomou um rumo que logicamente levaria mais profundamente para dentro do labirinto. Ainda segurando a mão dela, Paul, por sua vez, seguiu Cláudia.

– Para a festa – disse Beatrice por cima do ombro, um tanto enigmaticamente.

– Eu pensei que já estávamos na festa – disse Paul.

– Oh não, não na *verdadeira* festa – continuou a médica, movendo-se ao longo da trilha rapidamente em suas sandálias de couro. – Tudo isso é apenas para mostrar, para ser honesta. – Ela acenou com desdém para a massa de pessoas que ainda estavam se apertando dentro e em volta da linda casa, consumindo grandes quantidades de comida e vinhos finos, conversando sobre assuntos que eles achavam que eram importantes e dançando ao som de uma boa orquestra e com bom repertório. –

Sacha gosta de ter essas pessoas por lá, completamente surdas e cegas, e alheias aos principais eventos da noite.

– Quem é Sacha? – Beatrice mencionara um “amigo” que tinha organizado o evento, mas foi a primeira vez que ela deu um nome a essa entidade desconhecida e Cláudia ficou imediatamente intrigada.

– Sacha D’Aronville –, respondeu a médica. Havia uma emoção tangível no jeito que ela falou o nome. – Ou conde D’Aronville, se formos ser mais formais.

– E devemos ser? Formais, quero dizer... – cutucou Paul.

Cláudia podia ouvir outras vozes que não a sua, agora, e respingos de água. Havia claramente uma piscina além da alta sebe.

– Depende do humor de Sacha – respondeu Beatrice, começando a se apressar, como se ela estivesse impaciente para chegar a seu nobre francês. – As coisas estavam decididamente informais quando saí, mas ele tem uma tendência a ser volátil. Frio, mas volátil.

Cláudia estava mais fascinada do que nunca.

E, quando as vozes estavam tão altas que parecia impossível que eles já não estivessem no meio das pessoas, Cláudia e Paul seguiram Beatrice por uma série de reviravoltas complicadas e finalmente chegaram ao que só podia ser descrito como uma Shangri-lá no centro de uma floresta. Duas piscinas

– uma era bem funda, outra bem rasiinha – estavam separadas por uma fonte ornamental explicitamente erótica, na forma de ninfas e sátiros copulando.

Todas as pessoas em torno da piscina estavam copulando também. Alguns dos convidados estavam envolvidos em outras atividades: algumas francamente obscenas, e outras muito provavelmente doloridas e outras mais, que eram nada menos do que incompreensíveis.

Cláudia engasgou, mas por trás dela Paul riu baixinho.

– É uma orgia romana, senhora Marwood – disse ele, apertando a mão dela novamente. – Que pena que não estamos vestidos para a época apropriada...

– Mas parece que isso não tem importância – comentou Cláudia, observando as fantasias e a falta delas enquanto seguiam Beatrice diretamente para o coração da Saturnália, em direção a uma estrutura que parecia uma vila romana clássica, e que era claramente uma luxuosa acomodação, uma casa que dava para a piscina.

Havia mais comida e bebida à disposição, de um nível ainda melhor do que as que estavam sendo servidas na falsa festa. Uma peça de cordas, delicada mas complexa e que Cláudia reconheceu em parte, estava tocando tranquilamente ao fundo, mas, em uma série de mesas um pouco afastadas do bufê, havia um conjunto de itens com os quais ela definitivamente não estava familiarizada. Bem, a maioria deles era nova para ela, especialmente aqueles fabricados em couro, borracha e aço.

– Deixe-me apresentar-lhe o nosso anfitrião – disse Beatrice, puxando-os daquela enorme variedade de brinquedos sexuais, instrumentos de punição e roupas peculiares e que pareciam desconfortáveis. – A não ser, é claro, que vocês preferam uma bebida ou uma chance de se refrescarem primeiro? – Beatrice sorriu cortesmente.

A tentação de um banho, ou, pelo menos, de uma lavagem após os rigores de ter sido sodomizada era quase irresistível para Cláudia, mas, mesmo assim, ela estava curiosa sobre o conde Sacha. Ela lançou um olhar para Paul e ele acenou com a cabeça como se adivinhasse a decisão.

– Bem, eu sugiro uma bebida com nosso anfitrião primeiro, e depois a gente vai se refrescar – sugeriu, erguendo as sobrancelhas. – Mas é claro que eu estou à sua disposição, senhora Marwood. – Sua boca se curvou em um pequeno sorriso que fez Cláudia tremer de novo.

Por um momento, ela desejou que eles estivessem em casa, em seu banheiro, com uma garrafa de vinho branco gelado, mas logo reconheceu que haveria tempo para isso amanhã.

Ela fixou os olhos sobre ele.

– Isso me parece uma excelente ideia – disse ela, suspeitando que ele iria gostar de sua ambiguidade deliberada. Ela virou-se para Beatrice. – Nós adoraríamos conhecer nosso anfitrião, e eu certamente iria gostar de uma taça de vinho.

– Mas é claro – disse Beatrice, pegando dois copos de vinho da bandeja de um garçom que estava passando. – Experimente este, me parece que é de um dos vinhedos de Sacha.

A médica não pareceu afetada pelo fato de o jovem que estava distribuindo bebidas estar nu, a não ser

por sua máscara e um cinto de correias que pareciam sustentar seu pênis contra sua barriga. Será que a equipe que servia nas festas do conde era sempre reprimida? Isso de fato poderia ser bastante apropriado se o restante dos convidados fosse sempre tão atirado como Beatrice Quine...

– Por aqui – disse ela, entregando a cada um uma taça de vinho e depois se dirigindo a um grupo próximo de pessoas.

Segurando a mão livre de Paul com uma mão e seu copo com a outra, Cláudia percebeu que, em algum momento durante aquela noite, ela havia perdido contato com sua bolsa e seu leque. E também lhe ocorreu que isso não lhe importava a mínima.

– Nosso anfitrião – murmurou Beatrice quando eles se aproximaram de um quadro vivo que estava se desenrolando em um sofá ao lado da piscina, entre uma mulher nua e um homem mais velho e mais distinto.

Ficou imediatamente aparente quem o conde D’Aronville estava retratando, seja a partir de sua fantasia, França do século XVIII, seja pelo que ele estava fazendo. Ele espancava sonoramente a infeliz moça em seu colo. Parecia que um aristocrata gaulês estava inclinado a recriar o espírito do outro gaulês. Donatien Alphonse François, marquês de Sade, estava vivo e bem e, aparentemente, no momento morava em Oxfordshire.

E Cláudia descobriu que, apesar de seu severo e descompromissado comportamento, ela achou Sacha D’Aronville instantaneamente atraente. Ele era exatamente o tipo dela – seu rosto impassível e mascarado mostrava sua força e seu corpo ágil transparecia debaixo dos calções escuros e do colete de cetim. Ele não usava peruca, como ela teria imaginado, mas seu farto cabelo prateado estava penteado para trás em um vago estilo leonino.

*Ele é como Paul em seu jeito mais recolhido e mundano*, pensou Cláudia, na medida em que se aproximavam, e viu que o conde estava totalmente focado e quase completamente à parte da movimentação em torno dele. A concentração de D’Aronville no que estava fazendo, e na garota em suas mãos, lembrou a Cláudia seu hóspede, no dia em que ele havia trabalhado em seus cálculos. Era estranho como tal neutralidade poderia despertar.

Mas, assim que ela considerava o conde D’Aronville como estando distante, ele levantou os olhos de sua tarefa e lhe deu um sorriso calculado, mas extremamente convidativo.

– Madame Marwood –, disse ele, mostrando seus dentes brancos e nivelados, enquanto a mão e o braço continuavam seu incansável trabalho. – É um grande prazer conhecê-la. Eu teria me levantado, mas, como pode ver, há muito ainda a ser feito com Alexa. – Em vez de um aperto de mão, ele balançou a cabeça prateada.

Até onde sabia, Cláudia nunca tinha encontrado D’Aronville antes, mas ela assumiu que fora Beatrice quem alimentara o conde de informações sobre ela.

– Monsieur le Comte – disse ela, tão graciosamente quanto foi capaz, dada a distração provocada pela mulher nua deitada entre eles. – Permita-me lhe apresentar meu amigo, senhor Paul Beech... Que está hospedado comigo por um tempo.

Os dois homens se cumprimentaram. A linguagem corporal deles era mista, pelo que Cláudia foi capaz de notar. D’Aronville parecia um pouco cauteloso, embora fosse difícil saber se esta era sua atitude normal. Paul, por outro lado, estava quase que palpavelmente na defensiva, quase como se tivesse percebido o interesse de Cláudia pelo ilustre francês. Ele também estava bastante interessado e excitado com Alexa e sua bunda se contorcendo, que estava agora brilhando como uma cereja.

D’Aronville percebeu isso.

– Por favor, meu amigo, aproveite o show – disse ele amigavelmente, não diminuindo a chuva de palmadas constantes. – Você gostaria, quem sabe, de assumir quando meu braço se cansar? Uma mão nova às vezes pode fazer toda a diferença.

*Diferença para o quê?*, pensou Cláudia, sentindo uma resposta para a situação da menina dentro de seu próprio corpo. Ela havia considerado Alexa bonita e animada quando a conhecera, vestida em seu traje de gata na porta, mas agora, vendo-a nua e com as nádegas sendo agredidas e sua vagina brilhando, percebeu que a mulher de cabelos escuros era uma atração que não podia ser desprezada.

Era difícil descobrir o que preferia: ser Alexa ou a pessoa a castigá-la. Cláudia sentiu uma forte vontade de bater na menina e, ainda assim, a ideia de ter a sua própria bunda espancada daquele jeito encheu sua vulva com uma necessidade quente e ansiosa. Ela virou-se para Paul, de repente desejando que fosse possível para eles sair de cena e ir para algum lugar onde ele a pusesse sobre os joelhos e batesse em seu traseiro nu, e descobriu que ele também estava potencialmente afetado por aquilo que viu. Seu rosto pálido e fino estava mascarado não apenas por veludo cinza, mas por um olhar de pura luxúria. Ela quase podia ver seus dedos longos contorcendo-se para começar o trabalho.

Como ela se sentiria, Cláudia se perguntava, se seu companheiro aceitasse a sugestão de D’Aronville? Ela iria deixá-lo espancar Alexa? Ou ela seria ousada, correria o risco e passaria a viver a vida que, suspeitava agora, seu falecido marido havia abandonado por sua causa?

Ela teria coragem de desnudar suas próprias nádegas e oferecê-las às mãos fortes de Paul?

1 *Beech*, em inglês, significa “faia”. (N.T.)

## **CAPÍTULO DEZESSETE**

### **SATURNO E DEPOIS**

No final, pelo menos, seu castigo tinha sido um assunto privado e muito menos cansativo – suspeitava Cláudia – do que o de Alexa.

Cláudia agitou-se contra o ombro de Paul e ele tomou-lhe a mão. Ambos estavam deslizando de volta para casa no mesmo carro luxuoso que viera apanhá-los mais cedo, e, quando ela voltou a pensar sobre os eventos daquela noite, ainda estava atônita.

Tinha sido uma valiosa lição observar Alexa sendo espancada, ainda que aquele desempenho virtuoso tivesse sido apenas uma introdução. A bela morena fora apenas a primeira das muitas vítimas desejosas e multiorgásmicas do conde D’Aronville. E de novo e de novo, Cláudia se vira tentada a se juntar a eles.

Depois de assistir Alexa *et al* receberem a doce bênção do prazer de retirar a picada de seu “re-médio”, Cláudia e Paul foram escoltados para longe por Beatrice, como prometido, e conduzidos para um lugar onde eles pudessem se refrescar.

A vila dentro do labirinto era puramente uma construção para recreações, uma casa de verão ben-feita e admirável, mas que certamente não sofria com a falta de instalações. Além de uma enorme área para se trocar e se banhar, na qual uma animada extensão das festividades que se desenrolavam lá fora acontecia, havia também uma série de pequenas e mais íntimas suítes, que foram obviamente projetadas para acomodar um único casal.

Foi em uma dessas suítes que Beatrice os introduziu, antes de ir embora quase que imediatamente e dando uma ampla piscadela e com a expressão “Divirtam-se! Ou o que quiserem!”.

– Você acha que isso significava que ela poderia me espancar? – perguntou Paul, tirando o casaco de veludo e depois passando a mão na pilha de espessas toalhas que haviam sido fornecidas para o seu uso.

– Provavelmente – respondeu Cláudia, retratando a imagem em sua mente e achando que era muito de seu gosto. Agora não parecia haver nada mais que pudesse fazer, que tivesse sido feito a ela ou que pudesse ver que não exercesse um efeito sensual em seu corpo. Cláudia ficou se perguntando vagamente se não existiria um afrodisíaco qualquer que tivesse sido misturado nas bebidas que estavam sendo servidas. E concluindo que isso seria muito possível, e até provável, ela serviu a ambos uma taça de vinho, de uma garrafa que acabara de encontrar resfriando em um balde de gelo.

– Na verdade, *muito* provavelmente – ela emendou, saboreando o que o seu paladar informou que era um ótimo Semillon Chardonnay. – Você acha que iria gostar?

Desfazendo o nó da gravata, Paul pareceu ponderar a questão.

– Eu acho que poderia gostar, sim – disse ele cautelosamente –, mas, para ser honesto, diria que meu primeiro impulso seria o de administrar um castigo a alguém – seus olhos azuis brilharam mais quentes por trás da máscara que ainda estava usando, e isso fez com que Cláudia se lembrasse de uma diferença essencial que ela havia notado entre seu querido desconhecido e o elegante conde D’Aronville.

Os olhos do francês eram azuis também, mas tão pálidos que quase pareciam lascas de gelo. O instinto lhe disse que esses olhos refletiam uma natureza fria. Pelo menos Paul tinha um coração que era fundamentalmente caloroso e amoroso, apesar do mistério sem solução de seu passado.

O banho que os dois compartilharam fora um dos mais bem-vindos que Cláudia já havia tomado em sua vida. Depois da cópula animalésca e perturbada que ambos mantiveram no labirinto, ela se sentira suja e decididamente “usada”, mesmo que não tivesse existido virtualmente nenhuma evidência visível desse sentimento para qualquer observador. A espuma perfumada na banheira de mármore *king size* era luxuosa além da medida, e, usando uma deliciosa esponja macia, Paul havia lavado cada curva e cada cavidade de seu corpo antes de recostar-se à banheira, totalmente relaxado, permitindo que ela executasse a mesma tarefa para ele.

Mais tarde, deitada na cama luxuosa e ricamente almofadada, Cláudia ficou cochilando inteiramente nua enquanto Paul se levantou e foi dar uma volta ao redor.

– Televisão! – disse ele de repente, chamando sua atenção para um pequeno aparelho que estava ao lado, sobre uma mesa. – Eu não vi mais TV desde que – ele fez uma pausa, franziu o cenho e empurrou a mão distraidamente pelo cabelo. – É um clichê, eu sei, mas é verdade. Eu não vi mais televisão desde sei lá quando... – Paul disse isso ainda sentado no sofá, sorrindo de maneira cativante sobre o ombro.

A ideia de assistir a programas de televisão fez Cláudia tremer, e ficou claro para ela por que não se incomodara com a bendita caixa durante os últimos dias. A programação de TV incluía noticiários, e estes poderiam conter alguns tópicos sobre pessoas desaparecidas. *Você, sua velha bruxa egoísta*, disse Cláudia sobre si mesma, sentindo-se horrorizada com seu plano secreto... Com uma sensação de fatalismo, ela viu quando Paul ligou o aparelho.

O programa que estava sendo apresentado a deixou perplexa. Parecia ser um drama, mas não havia diálogos e nem qualquer tipo de narração. E não era apenas isso, a iluminação do estúdio era extremamente peculiar – quase amadora – e o conteúdo do programa era algo que ela não imaginava

que nem mesmo a mente mais liberal ousaria exibir. E isso incluía transmissões via satélite do continente.

Em um quarto que não parecia ser muito diferente daquele que ambos estavam ocupando no momento, um homem nu estava deitado em uma cama, preso pela cabeça e pelos pés, enquanto duas mulheres rondavam em torno dele, levando tiras de couro nas mãos. De vez em quando elas o chicoteavam na bunda.

Demorou não mais do que um momento para que a ficha caísse, e, quando isso aconteceu, Paul riu alto e olhou para Cláudia.

– Essa é uma TV de circuito fechado – disse ele, erguendo as sobrancelhas e depois voltando sua atenção para a tela. – E aquela não é a nossa boa amiga Beatrice? – acrescentou, apontando para uma das mulheres enquanto ela chegava mais perto do ângulo de visão da câmera.

Ela estava usando agora o que parecia ser uma roupa de couro, com recortes estratégicos no peito e na virilha, mas mesmo com uma máscara de veludo preto e com os magníficos cabelos puxados completamente para trás em uma trança, aquela figura proibitiva na imagem era claramente Beatrice Quine. E, assim que Cláudia reconheceu sua amiga, a médica olhou diretamente para a câmera.

Havia um vestígio de um sorriso naquele rosto mascarado? Havia a mera sugestão de um aceno de cabeça, como se ela soubesse que estava sendo observada?

– Venha aqui – disse Paul, apontando para que Cláudia viesse sentar-se ao lado dele. – Parece que isso será bem interessante.

Cláudia não tinha certeza sobre como Paul, ou qualquer outra pessoa que estivesse nessa reunião perversa, poderia definir alguma coisa como sendo “interessante”, mas subitamente ela se sentiu com um pouco de medo do que poderia assistir. O medo não era de que de repente ela pudesse não gostar, não, não era isso; ao contrário, seu temor era de que pudesse acabar gostando demais. No entanto, ela se acomodou diante da tela ao lado de Paul.

Estudando a cena mais de perto, Cláudia se viu concentrada no homem. O monitor estava trans-mitindo as imagens em cores, talvez em muitas cores, porque as listras através de suas nádegas eram uma profunda

ferida rosada. Beatrice e sua amiga desconhecida estavam espancando aquele homem incansavelmente, e, embora ele estivesse encapuzado e amordaçado, ainda deixava escapar sons de angústia.

Não havia nenhuma maneira de saber quem era aquele infeliz, ao menos pela simples observação, mas algum instinto disse a Cláudia que ele era D’Aronville. Ela não imaginava como poderia ter concluído isso, mas a ideia de que aquela criatura fria e orgulhosa pudesse estar sendo humilhada dessa forma era particularmente excitante e deliciosa. Mesmo desejando estar ela mesma naquele quarto com Beatrice e a outra mulher – quem seria ela, Alexa, talvez? –, Cláudia sentiu uma resposta forte e quente no fundo de seu estômago. Paul a havia satisfeito e ainda assim ela queria mais sexo. Beijos.

Carícias. Trepadas. Qualquer coisa. Ela não se importava com o que pudesse ser. Deslizando a mão até a coxa de Paul, ela segurou seu pênis.

Perdendo o interesse no monitor de televisão, Paul deu-lhe um olhar impassível, que teria sido digno de D’Aronville em sua mais elevada arrogância.

– Você vai ter que pagar – disse ele. Sua voz era tão suave e sem emoção como o rosto, mas a segurança intrínseca de Cláudia permaneceu com ela. Ela sabia que Paul estava tão loucamente excitado quanto ela – e sabia disso sem nem mesmo dar uma rápida espiada na virilha dele – e sabia também em qual moeda ele queria o seu pagamento.

*Posso?*, pensou ela, observando seu rosto, muito pálido, e seus frios olhos azuis. *Posso dar-lhe o que ele quer?*

*Oh, Cláudia, você alguma vez teve dúvidas de verdade?*, perguntou-se, retornando quase com choque para o presente, e para o carro. Paul estava ajustando sua posição ligeiramente, para sua maior comodidade, e ela sentiu o ombro sólido e musculoso dele quando se recostou nele. Não havia como ele trazer toda a sua força para apenas ampará-la...

A surra que ele lhe dera tinha sido um caso meio que planejado, embora tivesse machucado sua bunda bastante na hora. Mas mesmo a cada palmada, a cada tapa, Cláudia teve profunda consciência de que o que estava acontecendo era apenas um prelúdio – um início picante para um doce e succulento prato principal –, uma longa e extremamente exuberante cópula na qual Cláudia tinha montado em Paul até seu clímax enquanto ele apertava suas nádegas rosadas. Quando tudo acabou, ambos admitiram que tinham tido o suficiente.

– Eu fico imaginando quem estaria nos observando... – pensou Paul em voz alta, e Cláudia percebeu que ele estava revendo a noite exatamente como ela tinha feito. Para incentivá-lo, ela havia entre-cruzado seus dedos nos dele. – Certamente não era a Beatrice. Ou o nosso anfitrião, acho – continuou ele, trazendo-lhe a mão aos lábios e beijando-a brevemente. – Basta pensar nisso, senhora Marwood, esta noite tivemos algum perfeito estranho nos observando enquanto transávamos.

– Ou estranhos – acrescentou Cláudia, trazendo as duas mãos entrelaçadas para sua própria boca e beijando os nós dos dedos de Paul. Que eles dois haviam sido observados foi uma dedução lógica; na verdade, isso tinha ocorrido a ela subliminarmente naquele momento. Ela estava mesmo convencida de que havia se esforçado mais para impressionar seu público.

Prestes a escorregar para baixo no assento e egoisticamente se aninhar nos braços de Paul, deixando que

ele a apoiasse, Cláudia teve um vislumbre da paisagem que estava passando do lado de fora da janela.

*Veja, já estamos em Green Giles Lane!* Ela estivera tão relaxada durante a viagem, apesar daquela noite tão bizarra, que mal tinha notado a passagem do tempo. Isso era uma medida concreta de quanto se sentia à vontade na presença de Paul.

Os grandes portões que davam para a Perry House estavam abertos e, para sua surpresa, um carro escuro e desconhecido – um pequeno esportivo Renault Megane cupê – estava estacionado do lado de fora sobre o cascalho, brilhantemente iluminado pelo clarão do holofote de segurança.

– Quem diabos está aí?, murmurou enquanto saía da limusine, apoiada no braço de Paul e lutando com sua saia rebelde. Paul não respondeu, mas ela realmente não esperava que ele o fizesse. Como poderia? Ele não conseguia se lembrar nem de seu próprio nome, muito menos de quem poderia ser o dono de um carro desconhecido.

Depois que o motorista havia se despedido e aceito os agradecimentos de Cláudia por sua direção tão segura, ela voltou sua atenção para o Renault escuro.

– Bem, certamente não pertence a ninguém que eu conheça – murmurou, enquanto ambos se dirigiam para a porta de entrada da casa. – A menos que Melody tenha decidido comprar um carro novo e pedido que o entregassem aqui nesta noite.

Paul ainda estava em silêncio. Sentindo os cabelos na parte de trás do seu pescoço arrepiarem, Cláudia se virou para olhar para ele. Paul estava olhando para o Renault com uma expressão crua de medo em seus olhos azuis.

– Paul?

Sem resposta.

– Paul? Você conhece esse carro?

Ele engoliu em seco, como se sua boca estivesse ressecada, e então pareceu voltar para ela de algum lugar distante e difícil.

– Eu não sei – respondeu ele lentamente, com a voz um pouco rouca. – Eu – eu poderia... – Ele caminhava à frente dela, em seguida, caminhou ao redor do carro, estudando-o. – Acho que poderia ser meu... Não sei...

Uma dúzia de perguntas clamava na garganta de Cláudia, mas, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a porta da frente se abriu e Melody veio descendo os degraus fazendo caretas, segurando um robe de cetim bege em torno de si, que ela obviamente tinha arremessado sobre seu corpo na pressa e esquecido.

– Seria bom se você tivesse deixado um número de telefone ou qualquer coisa do tipo – gritou a jovem sem preâmbulos. – Aconteceu um monte de coisa aqui. Divulgaram algum tipo de notícia sobre Paul na televisão. No noticiário... E agora esta mulher chegou e exigiu vê-lo!

Melody estava claramente em uma espécie de estado de choque, mas mesmo assim Cláudia só conseguia pensar em Paul. Ela não ousava olhar para ele, mas conseguiu se controlar e, quando o fez, sentiu o

sangue congelar quando viu o rosto estupefato dele.

– Paul, o que houve? – perguntou ela, querendo pegar sua mão, mas tentando adivinhar por quanto mais tempo ela teria esse direito. – É o carro? Você está se lembrando de algo?

A boca de Paul se moveu um pouco, mas não emitiu nenhum som, e nesse instante, Cláudia soube que ele tinha finalmente recuperado o seu passado. Ou pelo menos parte dele.

– Paul – chamou novamente, colocando a mão em seu braço, que parecia estranhamente imóvel debaixo do veludo de seu casaco. – Vamos entrar e ver essa pessoa que você conhece?

E ainda assim ele continuou imóvel como uma estátua, seu rosto de marfim brilhando sob a intensa claridade do refletor. Cláudia sentiu uma faísca de alarme, temendo por um instante que ele houvesse caído em algum tipo de transe induzido pelo choque, e então ela voltou a respirar quando ele balançou a cabeça coberta de cabelos revoltos, como se para trazer ordem a um excesso de pensamentos.

– Sim... Sim... Claro... – disse ele bem lentamente – Mas, me dê um minuto... Eu preciso de um minuto para pensar – completou.

Sacudindo a cabeça, mas sem realmente se dar conta da presença de Cláudia, Paul caminhou até um dos bancos de pedra do jardim e sentou-se hesitante, como se fosse um homem velho, bem velho.

Dividida entre várias ações, mas ainda sabendo instintivamente que todas elas estavam erradas, Cláudia não se moveu até que Melody a agarrou e a puxou para um ponto um pouco distante dali.

– Foi no noticiário da noite que saiu uma notícia sobre ele... – reiterou a jovem, olhando rapidamente para Paul, que estava sentado imóvel no banco de pedra, como se ele próprio fosse uma extensão esculpida dele. – Eles mostraram uma foto dele todo arrumado naquelas roupas acadêmicas e com um barrete na cabeça... Parece que ele é um dos professores mais sábios do país, um doutor em matemática com esses trezentos graus de especialização, sei lá. E ele trabalha na Universidade de Cambridge. Eles ainda disseram que Paul é colega do Stephen Hawking!

Um gênio. Um homem raro, muito raro. Eu sabia disso mesmo antes que ele fizesse aqueles cálculos, pensou Cláudia, percebendo a figura ainda imóvel, encurvada no banco, as linhas nobres do rosto sulcadas de pensamentos profundos, e os cabelos despenteados da arquetípica imagem do professor excêntrico. Mas ele é tão jovem, pensou. Tão jovem para ser tão aclamado, tão especial e tão sério.

– E o que mais eles disseram? – perguntou ela, percebendo que tanto ela quanto Melody estavam tremendo naquela noite fria.

– Não muito mais. Só que ele estava desaparecido. Foi visto pela última vez numa noite em que acontecia uma grande festa a fantasia na universidade, e sua carteira e outros objetos pessoais foram encontrados.

Um pensamento súbito e cristalino ocorreu a Cláudia:

– Mas qual é o nome dele, então? – perguntou ela, quase com medo de ouvi-lo, como se fosse quebrar o feitiço de alguma maneira.

– Paul Bowman – respondeu Melody, soando um tanto fascinada por aquele nome, apesar de sua relativa

simplicidade. – Doutor Paul Bowman! – continuou ela, envernizando o título acadêmico com uma espécie de floreio.

– E essa mulher? – perguntou Cláudia estupidamente, tentando enfrentar o que ela já vinha temendo havia tempos, mas descobrindo que isso era terrivelmente difícil. Esta seria uma revelação que a afetaria muito mais do que o seu nome. – Quem é ela? E como ela veio parar aqui? E ainda no carro de Paul?

As características encantadoras do rosto de Melody assumiram uma expressão de relutância e Cláudia viu que os braços da amiga estavam tensos quando ela os fechou em torno de si por causa do frio.

– Eu... Er... Eu acho que ela tem algum tipo de envolvimento com Paul. Deve ser a namorada ou alguma coisa do tipo – Melody fez uma careta e se mostrou então inesperadamente vingativa. – E é tudo culpa de Richard que ela esteja aqui. E de Tristan. Tris deve ter dito a Richard que você tinha um hóspede em sua casa chamado Paul... Eles deviam estar juntos, chorando sobre o leite derramado ou algo assim, quando chegou a notícia sobre Paul. De qualquer maneira, Richard deve ter entrado

em contato com a emissora de TV ou a polícia... E eles contaram a essa mulher – que veio aqui para buscá-lo.

– E essa mulher? Ela tem um nome? – perguntou Cláudia, fazendo todos os esforços para manter seus medos imperceptíveis longe de sua voz.

– Felicity não sei do quê. Mas ela não vai contar quem ela é e qual seu tipo de relacionamento com Paul. – Era óbvio que os temores de Cláudia tinham transparecido, apesar de seus esforços, e Melody gentilmente estava trabalhando com cautela em torno deles.

– O que você disse a ela?

– Bem, eu admiti que havia alguém chamado Paul que estava ficando com você, mas eu disse que poderia não ser o Paul dela...

O Paul dela. Cláudia endireitou sua espinha, anulando o seu desejo de gritar e quebrar as coisas e dizer que a vida não era justa, porque ela só tinha ficado com seu desconhecido por um espaço de tempo tão curto...

– Você mencionou algo sobre a perda de memória? –, questionou Cláudia.

Melody pareceu um pouco perturbada com a pergunta.

– Sim. E ela pareceu ficar com uma impressão muito pouco elevada de você por ter arrastado Paul a uma festa quando ainda estava com amnésia. Eu disse a ela que isso fazia parte da terapia, mas de alguma forma não me parece que ela veja as coisas da mesma maneira. Eu não teria contado nada disso a ela se estivesse em meu juízo perfeito, mas isso só escapou porque eu estava tentando afastá-la da sua pista...

*Que grande bênção, Melody.* Ela entendeu perfeitamente a situação.

– Não se preocupe, Mel – replicou Cláudia, sentindo-se impressionada com o som calmo de sua voz, tão bem forjado. Por dentro, ela estava furiosa, de forma ilógica, contra o inevitável. – Isso devia ser o que Paul vinha rezando para que de fato acontecesse. Que alguém que o conheça aparecesse...

E então o levasse de volta para sua vida. – concluiu, sorrindo palidamente. – Ele não é um gatinho perdido, querida. Não podemos ficar com ele!

Melody devolveu a ela um olhar querendo dizer “Por que não?” e Cláudia encolheu os ombros.

Sua decepção – e de Melody também – se colocava pesadamente entre as duas mulheres em silêncio.

– Eu acho que seria bem melhor entrar agora antes que a gente fique doente. – O frio que cobria seus braços também cobria da mesma forma os de Melody. Paul certamente estava mais aquecido, em seu casaco e suas calças, supôs Cláudia, mas, quando se virou para olhar para ele, viu que o rapaz também estava tremendo.

*Eu deveria estar ajudando Paul, pensou ela, dirigindo-se pelo cascalho até a figura esbelta profundamente pensativa, sentada no banco de pedra. Se eu me preocupasse de verdade com ele, deveria estar recebendo muito bem isso que está acontecendo; afinal, é óbvio que é o melhor para Paul.*

– Paul, venha para dentro – disse, tocando em seu braço levemente e seu coração se contorceu dentro do peito quando ele se retraiu. – Está muito frio. – Cláudia hesitou por alguns instantes, mas depois seguiu adiante, imaginando se teria que ser mais cruel para ser gentil. – E você tem que en-

frentar as coisas em algum momento. – Ela queria perguntar a Paul o que ele havia se lembrado, mas infelizmente não conseguiu fazer isso.

– É claro – disse ele, levantando-se do banco como um autômato, mas curiosamente ainda mantendo uma grande parcela de seu encanto. – Sim, você está certa. Nós temos que entrar.

A palavra “nós” ofereceu um pingo de esperança irracional, mas mesmo assim não havia como adiar ainda mais o tão temido momento. Cláudia liderou o caminho para a casa e de lá para a sala de estar, com Paul em seus calcanhares e Melody em seu rastro.

Uma mulher de cabelos escuros e ainda jovem estava sentada no sofá, folheando rapidamente uma revista com uma expressão bastante inquieta no rosto, e, na fração de segundos antes que ela erguesse os olhos, Cláudia se perguntou por que, diabos, a visitante não saíra com Melody para ir cumprimentá-los. Será que ela estava tentando, de maneira sutil, controlar a situação?

– Olá. Eu sou Cláudia Marwood – disse Cláudia, reunindo coragem e abrindo o sorriso da anfitriã perfeita, a qual ela certamente não se sentia nesse momento.

A jovem mulher, que tinha um olhar firme e uma boca hipócrita, e estava vestindo uma imaculada [roupa Jaeger2](#) dos pés à cabeça, colocou-se de pé, mas ignorou a saudação proferida.

– Paul, meu querido! – gritou a jovem, quase empurrando Cláudia de lado na pressa de chegar a Paul. – Como você está se sentindo, meu amor? Você me conhece? Essa garota – dizendo isso, ela lançou um gesto vago na direção de Melody, que estava ao fundo – disse que você perdeu a memória! – E então ela pegou a mão dele e apertou-a fervorosamente, enquanto Cláudia observava tudo, sentindo-se impotente.

Paul parecia igualmente confuso, mas, mais uma vez, Cláudia viu o conhecimento e o reconhecimento surgindo em seus olhos.

– Sim – começou ele hesitante –, eu perdi a minha memória... Mas eu acho que ela deve estar voltando agora – disse ele, virando-se para Cláudia e dirigindo-lhe um olhar tão ferido que ela sentiu o seu coração revirar.

*Oh, meu pobre desconhecido*, pensou Cláudia, percebendo que ela não era a única a ter que passar por momentos difíceis pela frente. Porque recuperar o passado significaria uma perda para Paul, também.

– Meu querido Paul, você me reconhece? –, insistiu a jovem mulher, franzindo a testa. – Venha, sente-se – e então ela o guiou para o sofá de Cláudia e fez com que se sentasse. – Alguém poderia oferecer um pouco de chá? Tenho certeza de que tudo isso foi um choque terrível para ele.

– Eu vou preparar um – disse Melody, e Cláudia lançou-lhe um olhar de gratidão. Ela teria que permanecer ali, decidiu, e conseguir que essa desdenhosa recém-chegada a reconhecesse em sua própria casa!

– Paul! – a jovem olhou para o rosto de Paul como se ele fosse um veterano de guerra chocado e de olhos vazios. Para o horror de Cláudia, ela começou a estalar os dedos. – Paul, responda-me!

Nas dobras de seu vestido, Cláudia cerrou os punhos, querendo fazer muito mais do que estalar os dedos.

– Felicity? – disse Paul timidamente. – Você é a Felicity, não é?

– Oh! Graças a Deus! Você se lembra! – A jovem mulher suspirou e seu rosto suave assumiu linhas de determinação. – Não se preocupe, meu querido, tudo vai ficar bem logo que a gente sair daqui.

– Levantando-se, ela o pegou pelo ombro.

Aquilo foi o suficiente. Cláudia deu um passo adiante e falou:

– Talvez Paul gostasse de tomar uma xícara de chá antes de ir embora? Eu tenho certeza de que Melody não vai demorar muito.

– E o que você sabe sobre os gostos de Paul? –, exigiu saber a jovem, com os olhos de uma serpente venenosa fixos em Cláudia. – E quem diabos é você, afinal? E o que passava em sua cabeça, se é que alguma coisa se passa aí dentro, quando decidiu levar Paul a uma festa sabendo que ele está doente?

Cláudia empertigou-se em todo o seu porte, vendo com satisfação que era um pouco mais alta do que a outra, e extraindo uma sensação de força de seu vestido elegante e de sua bela aparência:

– Como eu disse antes, sou Cláudia Marwood, e ofereci a Paul um lugar para ficar, uma vez que ele parecia não ter um teto. – Ela considerou oferecer a mão em cumprimento, mas sabendo agora que poderia ser rejeitada, poupou-se desse embaraço. – Eu gostaria que me dissesse quem é você, por favor.

Os olhos da jovem se estreitaram e ela deu um sorriso fino e triunfante.

– Eu sou Felicity Neston – disse ela, e o sorriso ampliou, mas não se tornou mais agradável. – E sou a noiva de Paul.

Cláudia não conseguiu olhar para Paul, mas sentiu que os dolorosos olhos dele se fechavam.

2 Jaeger é uma marca de vestuário de alta qualidade do Reino Unido. A empresa, voltada ao varejo de moda masculina e feminina, foi fundada em 1884. (N.T.)

## CAPÍTULO DEZOITO

### REGENERAÇÃO

Paul fechando os olhos. Porque ela ainda continuava revivendo aquele leve movimento, mesmo

agora, tantas semanas mais tarde? O que ele estaria fechando para fora de si mesmo: seria ela ou seria o fato de que iria perdê-la?

– Não posso negar a minha vida inteira – disse Paul, em um dos poucos momentos em que Felicity não tinha estado cacarejando ao redor dele.

*Isso é verdade*, pensou Cláudia, esfregando os olhos e abandonando temporariamente a planilha que o sempre obediente Tristan havia preparado para ela. *E eu nunca esperei que você, doutor Paul Bowman, fizesse isso. Então, por que a tensão em seu rosto e alguma coisa na postura de seus ombros sugeria que, se tivesse uma oportunidade, seria exatamente isso que você faria? Que você teria a coragem de jogar fora toda a sua história passada para ficar comigo?*

Claro que era uma bobagem ficar especulando sobre essas possibilidades, disse Cláudia a si mesma enquanto tentava reorientar-se naqueles dados precisos que Tristan havia tão linda e perfeitamente organizado. Era uma bobagem, e totalmente desnecessário. Por favor, ela não tinha falta de amantes agora. Alguns mais jovens, e um deles um pouco mais velho que ela; e todos eles ou eram gratificadamente possuidores de impressionantes habilidades sexuais, ou estavam desejosos de experimentá-las. Cláudia tinha à disposição Tristan, sua amada Melody e até mesmo a ultrajante Beatrice, como sempre esperou que acontecesse.

Mas Melody e Beatrice eram mulheres, o que resultava em uma dinâmica completamente diferente. E, por mais divertida que fosse a devoção servil de Tristan a ela, o que acontecia por vezes, e sem levar em conta quanto ela realmente gostava de sua nova “assistente pessoal”, não era a mesma coisa. Nem ele, nem Melody e nem Beatrice poderiam preencher o espaço em seu coração e mente que Paul tinha ocupado, e que ainda de fato ocupava. Aquele era um espaço que havia sido especialmente adaptado para o desconhecido.

– Deixe-me em paz, doutor Bowman –, murmurou, ao admitir sua derrota e abandonar seu trabalho com a planilha. – Você tem a adorável Felicity e eu tenho todos os meus amigos e uma vida nova pela frente. Você era o máximo, mas eu realmente segui em frente... A fila anda...

E ela de fato tinha seguido em frente, e de muitas maneiras. Estava muito distante daquela di-letante Cláudia, de seus tempos de luto e de dor. Desde o advento de Paul, e depois, quando de sua partida, ela havia se tornado uma mulher regenerada. Mesmo que ainda não gerisse para valer os interesses de Gerald nos negócios, Cláudia agora mantinha uma mão pesada sobre eles, especialmente desde a demissão de Richard Truebridge. Ela havia descoberto que os embates cotidianos gerados pela atividade de vender e comprar eram extraordinariamente sensuais. Os números aos quais tinha se dedicado até um

momento atrás, as projeções para o novo hotel, haviam-na estimulado e Cláudia estava se sentindo aquecida, nervosa e inquieta. Era mesmo uma pena que Tristan estivesse em outro lugar, em uma reunião de rotina na cidade, no exercício de suas funções. Ela se encontraria com Melody mais tarde – ambas estavam trabalhando na decoração e na remodelação da nova casa da jovem – e Beatrice foi trabalhar – ou pelo menos foi isso que ela disse – em seu chique consultório em Londres.

– Oh, Deus, só espero que isso não seja os fogachos começando – murmurou Cláudia, deixando os estudos e o trabalho para trás. Sua camisa simples de algodão de repente estava grudada em seu corpo, e seus jeans, que a haviam abraçado confortavelmente, pareciam agora alguns centímetros mais apertados. Ela passou a mão na testa, jogando para trás sua curta e espessa franja, e percebeu que estava úmida.

Evidentemente, o clima não estava ajudando muito. Estava um dia opressivo e abafado, o dia mais quente em pelo menos uma semana, ou quase isso, mesmo que aquela maré de verão estivesse começando a virar.

*O jardim precisa de um banho tanto quanto eu*, pensou, pegando uma garrafa de San Pelegrino da geladeira, então ela percebeu que pelo menos o gramado iria submergir imediatamente. Houve um estrondo de trovão e gotas de chuva começaram a bater no caminho de pedras lá fora.

– Que ótimo, era o que faltava... Agora vem uma tempestade para eu me lembrar dele... – rosnou, dando um gole na garrafa de água e levando-a até a sala de estar, sem mesmo pegar um copo.

Manipulando seus discos, ela rejeitou categoricamente *Madame Butterfly* e colocou no aparelho de som *Réquiem*, de Fauré, esperando que lhe trouxesse algum tipo de consolo espiritual. Pelo menos essa era uma gravação que Cláudia não tinha ouvido durante a estada de Paul em Perry House, de forma que ela poderia ouvir sem grandes perturbações causadas pelas lembranças mais comoventes.

De início, a música pareceu ter o efeito desejado e, durante a execução do “Sanctus”, ela já estava se sentindo bastante tranquila. Mas, no momento em que as vozes etéreas e o solo de violino começaram a se entremecer em torno dela, seu encantamento foi destruído de uma forma que não poderia ter sido mais efetiva. Assim que a primeira rodada de “Hosanas” foi ouvida, houve um repique de batidas insistentes em sua porta da frente.

*Não! Não seja estúpida! É apenas uma coincidência*, disse ela a si mesma com firmeza, levantando-se do sofá e abrindo caminho pelo corredor para responder ao chamado. *E se você est-*

*ivesse ouvindo “One Fine Day”, aí sim teria sido possível acreditar que Paul fora conjurado. Mas você não estava fazendo isso. Você não o conjurou. E não é ele.*

Mas era ele, sim.

E, assim que Cláudia abriu a porta, o primeiro lampejo de luz iluminou aquele rosto que ela havia jurado a si mesma que não tinha necessidade de ver de novo para voltar a ser feliz.

O doutor Paul Bowman não estava vestido como se esperava que um augusto acadêmico se vestisse. Nem um pouco. Nada de paletó de tweed, nada de recortes de couro no cotovelo do paletó e nem pulôver cor de tijolo. O que era mais chocante ainda nessa sua chegada é que ele estava usando exatamente o mesmo casaco preto com o qual aparecera da primeira vez! Embora o casaco parecesse um pouco diferente

quando usado com jeans, tênis de corrida e uma camiseta com a estampa do rosto de Albert Einstein.

– Eu meio que desenvolvi um carinho especial por ele... – disse Paul, roçando os dedos pelo veludo da manga do casaco, mas sem oferecer nenhuma saudação particular ou explicação para a sua presença ali.

Cláudia não disse nada; não podia dizer nada. Ela simplesmente deu um passo atrás para deixá-lo entrar em sua casa. Sem mais comentários, ele a seguiu até a sala de estar.

Uma vez lá, ela se afastou dele para recuperar a garrafa de água mineral que estava pousada no chão, usando aquele momento de pausa para respirar e respirar e respirar. Aquilo, sem dúvida, era um comportamento ridículo, mas ela estava se sentindo tonta. Quando Cláudia se virou para ele novamente, Paul lhe deu um sorriso tímido e acanhado, e olhou rapidamente para a garrafa que segurava em suas mãos.

Cláudia seguiu o olhar.

– Eu acho que nós talvez precisemos de algo um pouco mais estimulante que isso... Eu, pelo menos, tenho certeza de que precisarei... – Cláudia se dirigiu até a bandeja de bebidas, pegou o de-cantador de uísque e acenou para Paul. – Um pouco disso? Ou chá ainda é sua bebida favorita?

– Não, está ótimo... Vou adorar um pouco de uísque, por favor, – disse ele, balançando o corpo de um pé para o outro, como se fosse um aluno aguardando seu castigo por conta de um mau comportamento escolar. – Aparentemente, os matemáticos têm uma fraqueza por algumas gotas de uísque.

– Isso é verdade? – ela arrastou dois pesados copos para a frente. – Gelo? Água? Soda?

– Assim como está, puro, obrigado – respondeu Paul, as palavras soando frágeis e deprimente-mente forçadas.

Como dois virgens em sua primeira dança, ambos sentaram-se novamente. Os meninos do Coro da Catedral de Salisbury começaram a cantar de novo.

– E então, como você está? Sua memória já voltou por inteiro? – perguntou Cláudia, depois de interiormente rejeitar uma seleção de perguntas, frenéticos pedidos desesperados e declarações ansiosas.

– Sim, quase completamente agora – disse ele, estudando o líquido âmbar que ele rodava lentamente dentro de seu copo. – São apenas algumas partes e alguns pedaços, só que muito mais coisas estão voltando para mim a cada dia que passa.

– E você já pode... Quero dizer... Trabalhar de novo? Ou seja, já pode voltar a fazer o que você fazia antes? Essa coisa dos grandes números e tudo?

Paul fez uma careta e, em seguida, tomou um enorme gole de uísque.

– Oh, eu posso fazer tudo, sim, mas ainda tenho alguns sérios problemas de concentração – ele desviou o olhar e parecia estar observando as luzes vermelhas que piscavam no equalizador gráfico do aparelho de som.

Cláudia bebeu um pouco de seu próprio uísque.

– E Felicity está cuidando bem de você?

Rangendo os dentes, Cláudia prometeu a si mesma que faria uma corrida mais do que cansativa ou duplicaria seus habituais exercícios mais tarde. Qualquer coisa para punir-se por ter se rendido a esse impulso patético de sentir ciúme de Paul. Só mesmo Deus poderia saber o que ela faria ou diria em seguida. Talvez ela rasgasse toda a sua roupa e pulasse completamente nua sobre ele... Isso seria bem provável. Ele certamente estava lindo o suficiente para merecer isso. Seu cabelo encaracolado estava mais comprido e ainda mais selvagem do que antes, e seus penetrantes olhos azuis pareciam mais azuis do que nunca.

– Felicity e eu nos separamos quando me lembrei por que saí da festa, e em seguida, sofri o acidente de carro, bati a cabeça e perdi a memória... – A voz de Paul estava mais natural agora, mais relaxada, e apresentava muito mais daquela inflexão suave, melodiosa, que ela rapidamente se habit-uara a ouvir quando eles faziam amor.

– E por quê?

– Porque ela escolheu justamente aquela noite para admitir que tivera um caso com outra pessoa enquanto eu estava trabalhando feito doido em um projeto.

– Mas que vaca! – disse Cláudia, deixando escapar o primeiro pensamento que surgiu em sua mente.

*Mas como aquela moça de boca mole pôde preferir outro homem no lugar de Paul? Será que não tinha ocorrido a ela que um homem especial como ele precisava de tolerância especial? Mesmo que você fosse obrigada a se submeter a algo como um celibato temporário?* Então ela começou a rir, pensando em Tristan, Melody e Beatrice.

– O que há de tão engraçado nisso? – perguntou Paul. Ele estava franzindo a testa, mas ela podia ver que estava morrendo de rir junto com ela.

– Nada, realmente. Certamente não é você. – Cláudia deixou correr o dedo pela borda de cristal do copo. – Na verdade, eu estava rindo de mim mesma. Por ser tão hipócrita. Aqui estou eu, tendo pensamentos maldosos sobre sua Felicity, quando eu mesma sou uma cadela tanto quanto ela, e talvez até de muitas outras maneiras.

– Ela não é mais a minha Felicity –, retrucou Paul, deixando que o sorriso que ele vinha suprimindo se libertasse de uma vez. Seu comprido rosto pareceu iluminar-se como o de um anjo. – E eu gosto quando você dá uma de vagabunda!

– Vou considerar isso como um elogio, entendido? – Cláudia olhou para ele por cima da borda de seu copo, tomou um último gole e, em seguida, depositou o copo na mesinha. – Por que você está aqui, Paul? Você quer minha ajuda com os seus problemas de concentração?

– Alguma coisa assim – disse ele, abandonando seu próprio copo, mas sem fazer o movimento que a mulher vinha esperando. – Eu vim aqui para duas coisas. Ou tirar você de meu sistema de uma vez por todas, ou para trazê-la de volta para a minha vida. E depende inteiramente de você qual dos dois caminhos será o escolhido.

– Essa não é uma responsabilidade muito pesada para ser depositada de repente sobre meus velhos ombros, doutor Bowman? – disse Cláudia, fechando os punhos no sofá, ao lado de suas coxas, para evitar pular dali e socar o ar com eles em triunfo.

– Não seja estúpida, Cláudia! – gritou Paul, aparentemente acabando de chegar a algum tipo de limite. Ele a agarrou pelos ombros e colocou o rosto bem diante do dela. – Você é mais jovem do que Felicity jamais foi em toda a vida dela! – Então, antes que ela pudesse comentar qualquer coisa, ele a estava beijando com tanta ânsia que Cláudia mal conseguia respirar.

– Essa é uma daquelas anomalias matemáticas que você passa a vida ponderando? – perguntou ela, recuperando o fôlego quando Paul libertou sua boca e começou a beijar sua garganta com entusiasmo, descendo em direção ao seu decote. Cláudia já podia senti-lo puxando os botões de sua camisa.

– Não, é simplesmente a verdade, porra! – respondeu ele, olhando-a de relance ferozmente e então abrindo a camisa enquanto alguns de seus botões ainda estavam fechados. Ela considerou que teve sorte de não estar usando sutiã hoje, caso contrário, tinha certeza de que ele o teria destruído também.

Enquanto Paul beijava seus seios, ela gemeu com a adorável sensação familiar – a sensação única de seus lábios rolando e chupando-lhe o mamilo – mas, mesmo enquanto seus quadris subiam reciprocamente, sua mente elevou-se de forma pura e límpida, acima das sensações.

– Paul, tem uma coisa... Oh! Oh! – Ela estava chegando ao orgasmo... Tão rápido... Só o desconhecido poderia fazer isso. – Há algo que eu tenho que dizer antes de... – As ondas de cálido prazer prenderam a sua respiração e estava muito difícil de falar, e muito mais difícil organizar seu mais convincente vocabulário. – Oh, seu degenerado, há algo que você precisa saber!

– E o que poderia ser? – retrucou Paul, e em seguida, estendeu sua língua para lambe o outro mamilo dolorido.

Ela foi forçada a agarrá-lo pelas orelhas para fazê-lo olhar para ela.

– Tudo bem, tudo bem! Estou ouvindo! – disse ele, dando-lhe seu sorriso perfeito, bonito, de menino perdido, e tornando quase impossível para Cláudia se concentrar. Reunindo toda a sua força de vontade, porém, ela se forçou a pensar e, para que pudesse concentrar a atenção de Paul, fechou sua camisa.

– Seja o que for que você tenha para me dizer, eu ainda quero você – continuou Paul agindo mais razoavelmente, os olhos fixos muito incisivamente sobre a proteção insubstancial que representava a camisa desabotoada. – Não podíamos fazer amor primeiro, e depois discutir o que você quiser?

Cláudia ficou muito tentada, especialmente quando ele enfiou um de seus longos dedos entre as abas da camisa e começou a trabalhar entre suas calças jeans e sua barriga, em busca do umbigo. E

não foi apenas isso. Havia algo muito sincero e afetivo na forma como ele usou a expressão “fazer amor” – a inflexão usada pelo desconhecido parecia sugerir literalidade. Amor, não apenas sexo.

– Mas o que eu tenho a dizer tem uma influência sobre o ato sexual – disse ela, sabendo que o mais leve vacilar em sua voz poderia trair que estava se rendendo. O dedo de Paul tinha encontrado o umbigo e agora ele o estava acariciando muito lentamente.

– Eu não duvido. – O dedo circulou, então fez uma incursão repentina correndo para cima. Com um movimento rápido e inteligente do pulso, tocou-lhe os seios novamente. – Por que a gente não faz um acordo? – sugeriu, fechando a mão sobre o seio mais uma vez, a leve sensação de aperto fazendo-a imaginar que tivesse sido esculpida por um mestre artesão de forma que se encaixasse em seus contornos. – Por que não me diz isso que eu preciso saber enquanto fazemos amor?

– Não acho que isso seja uma ideia muito boa – respondeu Cláudia, já lutando contra o desejo de suspirar, e de empurrar seu peito contra ele. – Pela minha experiência, seu jeito de fazer amor é perturbador demais para permitir um pensamento racional ao mesmo tempo. Nem todo mundo tem a capacidade cerebral elevada como a sua.

Ele pareceu estar de fato avaliando essa noção.

– Seu cérebro é ótimo – disse ele, com toda uma aparente seriedade, enquanto colocava a camisa dela de volta sobre os ombros. – Gosto dele tanto quanto gosto de seu corpo, acredite em mim.

– Ah, sim, como se tivéssemos longas conversas sobre equações e números compostos complexos e seja lá mais o que for a sua especialidade. – Cláudia tentou parecer divertida ao dizer isso, mas de alguma forma seus seios estavam roçando o veludo da jaqueta dele e o toque delicado daquela textura macia era quase insuportável. E, assim como os seios, ela também estava ficando emaranhada nas próprias mangas de sua camisa...

– Se eu fosse tão inteligente assim, jamais teria deixado que isso acontecesse! – gritou Paul, rasgando a camisa dela e lançando mais botões para longe. – Um verdadeiro gênio teria tido a simples atitude de desabotoar seus punhos antes de tentar tirar a camisa!

Cláudia riu e então tirou os sapatos de lona, livrando-se de outro obstáculo antes que Paul o encontrasse. Vendo isso, ele começou a rir também, mas isso não conseguiu distraí-lo de agarrar seus seios novamente.

– Bem, então o que é? – exigiu saber, sacudindo seus mamilos com um vigor travesso, usando os polegares.

– Tudo bem então. Lá vai – respondeu Cláudia rangendo os dentes, querendo gemer e se contorcer na frente dele.

Havia apenas uma maneira de equilibrar o placar, que no momento estava totalmente a favor dele.

Alcançando a calça jeans de Paul, ela abriu o zíper sem aviso.

– Você se separou de sua noiva e, obviamente, está procurando uma forma de iniciar um relacionamento comigo. É isso mesmo? – perguntou ela, pescando seu pênis para fora da cueca e segurando-o firmemente.

Paul puxou o fôlego rispidamente, disse “Sim!” e assentiu furiosamente. Para seu crédito, seus polegares ainda se moviam em um ritmo perfeito.

– E não há mais ninguém? Sem outra namorada ou admiradora? Nenhuma jovem aluna sua fã, e superinteligente, esperando nas sombras?

– Não! Claro que não! – Seu olhar de indignação foi um pouco prejudicado pelo longo e en-trecortado gemido de prazer que emitiu quando Cláudia manipulou a glândula entre seus dedos. – Eu quero você, Cláudia. Não há ninguém mais! – Suas mãos vacilaram em seus seios quando ela rolou o pênis com mais força, e então exerceu uma pressão logo abaixo da ponta para acalmar qualquer sinal intempestivo de orgasmo.

– E esse é o ponto, Paul – disse Cláudia, segurando seu pênis e ao mesmo tempo chamando a atenção dele de uma forma que nada mais o faria, exceto seu próprio trabalho, suspeitou. – Eu quero você, Paul. Mas não posso ser exclusivamente sua – ela fez uma pausa, avaliando aquela carne ro-busta e sensível presa entre seus dedos. – Isso vai parecer confuso para você. Irracional, talvez, mas antes de eu conhecê-lo, eu me sentia capaz de estabelecer o tipo de relacionamento que a maioria das pessoas tem, do tipo monogâmico. Mas agora, não acho que possa mais fazer isso. – Ainda acariciando levemente o pênis, Cláudia encontrou os olhos de Paul, que estavam cheios de luxúria, de prazer e, para sua alegria, com o início de compreensão. – Conhecer você me transformou. Eu me senti revivificada. Despertei de um estado anterior e percebi que, agora, preciso mais do que costumava precisar. Desculpe se isso soa para você como uma situação que não lhe seja de vitória, mas foi você quem acendeu a chama de um fogo grande demais dentro de mim e não tenho nenhuma intenção de apagá-lo. – Paul ainda estava com ela, ainda a compreendia, apesar de estar próximo demais de um ponto sem volta. A mente dele era incrível, e não era claramente apenas nos domínios acadêmicos. – Eu gosto de Melody. De Beatrice. De Tristan, até. Mantenho uma coisa com cada um deles. –

Cláudia desviou o olhar por um momento, ansiosa com o desejo por ele, e com a enormidade de outra realização mental. – Nada do mesmo nível que sinto por você, eu admito. Mas não posso afirmar que nenhuma dessas pessoas não seja importante em minha vida.

Tudo aquilo parecia sem sentido, e mais ainda por ter sido anunciado num momento como aquele.

Deixando que a declaração fosse absorvida, Cláudia se pôs a dar a Paul exatamente aquilo pelo que ele tinha vindo.

Beijando a ponta de seu pênis, ela o soltou por um momento e rapidamente tirou a calça jeans e a calcinha de uma só vez. E então, livre de todas as roupas, ela se posicionou na frente dele e pegou suas coxas, manipulando-as para a posição que ela queria. Quando ele foi colocado assim, com as pernas um pouco abertas, seu pau subindo magnífico e ereto, expondo a virilha e criando um contraste perfeito com o resto de seu corpo completamente vestido, ela montou sobre ele e afundou-se alegremente em sua carne.

O poder que Cláudia experimentou foi surpreendente; além de combinar, era um acessório para o contentamento e a doce sensação que experimentou em tê-lo dentro dela. Ela sentia-se forte por estar nua. Estavam em plena luz do dia e ela era uma mulher de seus 40 anos, e ainda assim seu corpo nu era um instrumento de dominação sutil. E não tão sutil, pensou, no momento em que estava começando a sentir o orgasmo chegando e vendo a resposta no olhar pasmado perto do clímax daquele amado e bonito homem, cuja vulnerabilidade, de alguma forma, a havia recriado.

– Eu tenho que trabalhar, Cláudia. Há coisas que eu devo realizar e que são importantes, e muito mais do que apenas a minha própria satisfação. Mas, diferente disso, em todas as outras áreas, qualquer coisa que você quiser eu quero também – proclamou Paul em voz baixa, muito mais tarde, enquanto ela estava

deitada sobre ele, saciada, suando e em repouso, com a mente preparada para aceitar qualquer coisa que pudesse acontecer. Ela se sentia enriquecida por tê-lo amado, mesmo que ele se afastasse pela segunda vez.

*Qualquer coisa que você quiser.*

O significado daquelas palavras finalmente foi filtrado dentro dela, e Cláudia sentou-se para encontrá-lo olhando para ela. Ela o questionou, em silêncio, com os olhos.

– O tempo que passamos juntos aqui, enquanto eu ainda estava sofrendo de amnésia, também me transformou – ele assentiu com a cabeça, como se estivesse trabalhando naquela teoria, depois sorriu como se essa teoria o tivesse obviamente agradado. – Eu gosto de seu novo mundo e posso lidar com a... com as variações. Pelo tempo em que você estiver aqui, no centro das coisas, para ser o meu centro.

Cláudia sentiu sua sensação de bem-estar dobrar, triplicar, quadruplicar...

– Bem, essa é a primeira vez que sou chamada de “centro”... – murmurou, estendendo a mão e tomando-o pela lapela do seu elegante casaco, agora bastante amarrotado. – Será que eu deveria me sentir lisonjeada?

– Claro que sim! – respondeu Paul, curvando-se em direção a ela e puxando-a contra ele, contra o veludo, contra o jeans, contra o rosto triste e envelhecido do brilhante Einstein. – Eu quero que você se sinta lisonjeada. Quero que se sinta feliz. Completamente fodida. Totalmente maluca. Exausta – fez uma pausa para beijar a mulher e, em seguida, afastou as mãos dela para que pudesse tirar o casaco. –

Agora, senhora Marwood, posso tirar a roupa para que possamos dar início a tudo isso?

– Com prazer, doutor Bowman. Mal posso esperar – disse ela, olhando para seus olhos azuis enquanto levantava o corpo para liberá-lo.

Ele era o desconhecido e Cláudia sabia que ele sempre iria surpreendê-la.

## **SUMÁRIO**

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Capítulo Um – O Homem no Rio](#)

[Capítulo Dois – Um Belo Dia](#)

[Capítulo Três – O Homem Sem Nome](#)

[Capítulo Quatro – O Hóspede](#)

[Capítulo Cinco – Ordens Médicas](#)

[Capítulo Seis – Cassis e Outras Intoxicações](#)

[Capítulo Sete – O Paciente e Seu Tratamento](#)

[Capítulo Oito – Terapia Progressiva](#)

[Capítulo Nove – Lembranças Clássicas](#)

[Capítulo Dez – Lembrança Morta, Lembrança Viva](#)

[Capítulo Onze – Outra Convidada em Casa](#)

[Capítulo Doze – Criando um Desconhecido](#)

[Capítulo Treze – Segredos e Mentiras – e Estrelas](#)

[Capítulo Catorze – Tristan em Apuros](#)

[Capítulo Quinze – Convites](#)

[Capítulo Dezesesseis – Um baile de Máscaras](#)

[Capítulo Dezessete – Saturno e Depois](#)

[Capítulo Dezoito – Regeneração](#)

Thank you for evaluating ePub to PDF Converter.

That is a trial version. Get full version in [http://www.epub-to-pdf.com/?pdf\\_out](http://www.epub-to-pdf.com/?pdf_out)

# Document Outline

- 
- 
- 
- [CAPÍTULO UM](#)
- [O HOMEM NO RIO](#)
  - [CAPÍTULO DOIS](#)
- [UM BELO DIA](#)
  - [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [O HOMEM SEM NOME](#)
  - [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [O HÓSPEDE](#)
  - [CAPÍTULO CINCO](#)
- [ORDENS MÉDICAS](#)
  - [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CASSIS E OUTRAS INTOXICAÇÕES](#)
  - [CAPÍTULO SETE](#)
- [O PACIENTE E SEU TRATAMENTO](#)
  - [CAPÍTULO OITO](#)
- [TERAPIA PROGRESSIVA](#)
  - [CAPÍTULO NOVE](#)
- [LEMBRANÇAS CLÁSSICAS](#)
  - [CAPÍTULO DEZ](#)
- [LEMBRANÇA MORTA, LEMBRANÇA VIVA](#)
  - [CAPÍTULO ONZE](#)
- [OUTRA CONVIDADA EM CASA](#)
  - [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CRIANDO UM DESCONHECIDO](#)
  - [CAPÍTULO TREZE](#)
- [SEGREDOS E MENTIRAS – E ESTRELAS](#)
  - [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [TRISTAN EM APUROS](#)
  - [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CONVITES](#)
  - [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [UM BAILE DE MÁSCARA](#)
  - [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [SATURNO E DEPOIS](#)
  - [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [REGENERAÇÃO](#)
- [SUMÁRIO](#)

# Table of Contents

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[O HOMEM NO RIO](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[UM BELO DIA](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[O HOMEM SEM NOME](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[O HÓSPEDE](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[ORDENS MÉDICAS](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CASSIS E OUTRAS INTOXICAÇÕES](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[O PACIENTE E SEU TRATAMENTO](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[TERAPIA PROGRESSIVA](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[LEMBRANÇAS CLÁSSICAS](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[LEMBRANÇA MORTA, LEMBRANÇA VIVA](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[OUTRA CONVIDADA EM CASA](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CRIANDO UM DESCONHECIDO](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[SEGREDOS E MENTIRAS – E ESTRELAS](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[TRISTAN EM APUROS](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

CONVITES

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSEIS

UM BAILE DE MÁSCARA

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZESSETE

SATURNO E DEPOIS

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZOITO

REGENERAÇÃO

SUMÁRIO